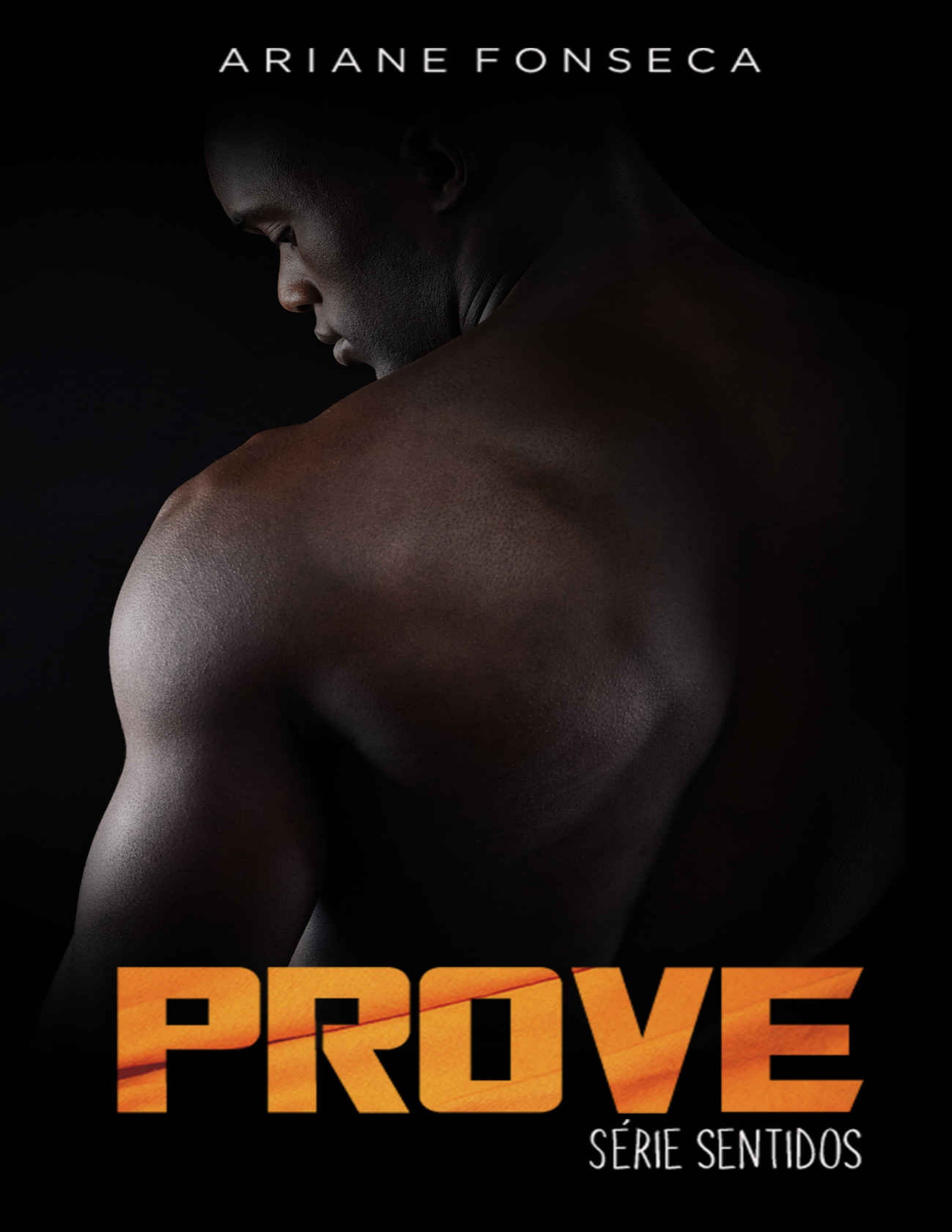


ARIANE FONSECA



PROVE

SÉRIE SENTIDOS



ARIANE FONSECA

PROVE

SÉRIE SENTIDOS

Copyright @2021 por Arianne Fonseca.

Capa e diagramação: Arianne Fonseca

Foto: Shutterstock

Revisão: Barbara Pinheiro

Análise crítica: Danielle Barreto

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte desta obra através de quaisquer meios sem o consentimento da autora.

A violação autoral é crime, previsto na lei nº 9.610/98, com aplicação legal pelo artigo 184 do Código Penal.

NOTA DA AUTORA

“Lugar de fala não é uma desculpa para se eximir da responsabilidade pela luta antirracista. [...] Uma pessoa negra pode não se sentir representada por uma pessoa branca, mas essa pessoa branca pode pensar criticamente sobre o que significa o racismo em nossa sociedade e como pode se responsabilizar para contribuir com a transformação necessária.”
(Djamila Ribeiro)

Desde 2018, quando tive a ideia para a Série Sentidos, eu queria abordar o preconceito racial em Prove. Quem já leu minhas obras, sabe que eu adoro explorar temas importantes e pouco falados. Com tudo que tem acontecido no mundo, o desejo e a responsabilidade de discutir racismo aumentaram ainda mais.

Mesmo que eu não tenha o lugar de fala, assim como fiz com os demais livros, dediquei-me muito a pesquisar sobre o assunto, inclusive, entrevistando nomes de referência a respeito do tema.

Um dos tópicos de estudo, por exemplo, foi com relação a forma certa de se referir: "negro, preto ou afrodescendente". Cheguei à conclusão que não há um consenso. É uma discussão complexa e, tendo em vista a vasta literatura utilizando negro, é esta palavra que também usarei no meu livro.

Espero que eu consiga passar a mensagem, que pensei com tanto carinho, da forma mais respeitosa possível sobre a luta que já permeia séculos.

Prove é uma pequena contribuição da minha parte para levar os leitores a refletirem para mudar essa realidade. Se uma pessoa absorver e agir, já estarei muito feliz.

Obrigada e boa leitura!

Dedico esta obra a todas as pessoas que tiveram suas vidas afetadas pelo ódio
e a ambição, mas não se renderam.

SUMÁRIO

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[CAPÍTULO 51](#)

[EPÍLOGO](#)

[BÔNUS 1](#)

[BÔNUS 2](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[CROSSOVER](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

Whatever happened
O que quer que tenha acontecido

to the values of humanity
com os valores da humanidade

Whatever happened
O que quer que tenha acontecido

to the fairness and equality
com a justiça e a igualdade

Instead of spreading love we're spreading animosity
Ao invés de espalhar amor, nós espalhamos hostilidade

[...]

Father, Father, Father, help us
Pai, Pai, Pai, nos ajude

Send some guidance from above
Envie alguma orientação dos céus

'Cause people got me, got me questioning
Porque as pessoas me fazem, me fazem questionar

Where is the love?
Onde está o amor?

Where is the love? (Black Eyed Peas)

PRÓLOGO

André



Vrum, vrum, vrum.

Movimento o carrinho de fórmula 1 no sofá, sem deixar de segurar minha bexiga amarela com a outra mão. Amei meu presente de aniversário! Com esse, minha coleção acaba de completar dez carrinhos. Dá para fazer uma corrida legal.

Eu tinha pedido um minigame igual do Paulinho lá da escola, mas papai explicou que é muito caro e que ainda não deu para comprar. Quem sabe no Natal, *né?* Vou torcer para arrumar um novo emprego logo, mamãe disse que ele está tentando muito dar um futuro melhor para nós.

Olho para baixo e sorrio para o papai. Eu sei que vai conseguir, ele é o meu herói! Recebo um sorriso de volta enquanto termina de amarrar meu tênis.

Vimos para a casa da vovó de manhã. Teve a macarronada com *carninha* que eu adoro no almoço e, à tarde, a mamãe fez um bolo de chocolate com aqueles negócios coloridos em cima para comemorar meus sete anos. Vovô Jeremias também encheu umas bexigas para colocar na parede e estourou pipoca na panela.

Hummm... estava uma delícia!

— Gostou do aniversário, filhão? — papai pergunta e se levanta, limpando a calça.

— Amei, obrigado papai!

— Ano que vem, se Deus quiser, vamos conseguir fazer a festinha com seus amigos, como você sempre quis.

— Oba! — Salto em um pulo do sofá, já querendo que chegue logo o próximo aniversário.

Será que demora muito? Um dia mamãe contou que é uma vez por ano. Parece que não é tão rápido. Será que tem como passar os dias mais depressa?

Sigo papai até a cozinha e vejo mamãe dando um abraço na vovó. Ela está com cara de brava, como faz quando eu apronto. Xiiii! Acho que a mamãe fez arte.

— Vou dar só uma passadinha, não chegaremos tarde em casa.

Vovó não responde para a mamãe, estica o braço e eu corro para seu colo. Abraço-a sem soltar meu carrinho nem minha bexiga. Ela deixa um beijo demorado na minha bochecha e passa a mão no meu cabelo. Despeço-me do vovô da mesma forma e saímos juntos até a varanda. O sol já está indo embora, começou a ficar escuro.

— Vai com Deus, *nha minino*. Te amo!

— Te amo, vovô. — Olho para a vovó e mando um beijo, a cara feia dá lugar a um lindo sorriso para mim. — Também amo a senhora.

Ele sempre me chama de “*nha minino*”. Significa “meu garoto” em crioulo, que é a língua nativa do seu povo. O bisavô dele veio lá da África para morar no Brasil.

A família do papai também veio desse lugar. Papai me mostrou no mapa e fica muito, muito longe. Segundo ele, ainda vamos viajar para conhecer pessoalmente o continente. Quase todo dia aprendo histórias novas sobre minhas origens, inclusive, a língua crioula. Já sei algumas palavras.

Mamãe explicou que eu nunca posso ter vergonha de quem sou e que devo repassar minhas raízes para meus filhos.

Seguimos em direção ao ponto de ônibus que fica na esquina. Não demora muito para ele chegar e a gente voltar para nosso bairro. Moramos na casa que era dos pais do papai. Infelizmente, não cheguei a conhecê-los. Viraram estrelinhas no céu.

Estranho descermos na praça, ao invés do lugar de sempre, mas estou tão entretido, brincando com meu carrinho, que nem faço perguntas. Há uma multidão de gente por todo lado. As pessoas estão falando alto, não dá para escutar nada do que mamãe diz.

Será que vai ter teatro de novo?

Sorrio, animado, e começo a observar para ver se encontro o palco. Semana passada aconteceu uma festinha aqui na praça e teve apresentação de fantoches. Foi muito legal! Ganhei até uma maçã do amor da barraquinha do senhor Zé Milico. Eu queria ficar até acabar, só que mamãe disse que é perigoso. Parece que alguns adultos bebem muito e podem arrumar briga.

Papai me pega no colo pela cintura e me coloca sentado em um banco. Fica parado ao meu lado, abraçando a mamãe. Os dois olham a multidão e eu continuo tentando encontrar onde está o palco.

De repente, tudo acontece muito rápido.

As pessoas começam a empurrar as outras e o falatório se transforma em gritaria. Alguém bate no meu braço e sem querer eu solto o balão que estava segurando. Olho para cima com os olhos marejados, acompanhando o amarelo se perder no céu escuro.

— André! André! Meu filho!

Viro a cabeça para a frente e mamãe já não está mais do meu lado. Nem ela nem o papai. Tento achá-los e só consigo ver a mão da mamãe para o alto. Ela está gritando meu nome e sendo empurrada para cada vez mais

longe.

Papai me ensinou que se acontecer alguma coisa, eu não devo sair do meu lugar enquanto não for seguro.

— Mamãe! — grito de volta, não conseguindo controlar o choro. — Papai!

Não o encontro em lugar nenhum. A gritaria ao redor aumenta, tem fumaça agora atrapalhando enxergar direito. Escuto barulho de tiro. Desta vez não está longe como costumo ouvir lá de casa.

Está perto, perto demais. Vovô sempre diz que tiro é perigoso. *Papai do céu, me ajuda, por favor!*

Assustado, me levanto no banco para tentar ver melhor. Mal estico meu corpo, alguém acaba me empurrando e, desequilibrado, caio de costas na grama. Sorte que é baixinho, não dói muito. Esfrego a mão na cabeça e noto que o carrinho não está mais comigo.

No mesmo instante que o enxergo, alguns centímetros à frente, uma menina passa correndo e o esmaga em vários pedaços. Choro ainda mais. Estou com medo, muito medo. Meu coração está acelerado no peito, parece que vai saltar para fora.

Sinto um gosto ruim de sangue na minha boca. Passo o dedo e vejo a mancha vermelha na pele. Quero sair correndo para a mamãe dar um beijinho e sarar, mas a voz suave do meu herói continua na minha cabeça, me lembrando que não devo fazer nada enquanto não for seguro.

Quero que ele tenha orgulho de mim, que saiba que eu aprendi direitinho o que me ensinou. Arrasto na grama e me apoio atrás do banco. Se não posso ir atrás deles, tenho que ajudá-los a me achar de novo.

— Mamãe! — grito, com toda a força dos meus pulmões. — Papai!

Continuo gritando e secando as lágrimas que não param de descer, até

perder a voz.

Até meu coração ficar fraco e não ter mais energia para bater tão rápido.

CAPÍTULO 1

André



É impressionante como o nosso cérebro é poderoso: uma simples escolha aciona uma enxurrada de emoções. Neste exato momento, sinto como se estivesse de novo com sete anos de idade, acuado atrás de um banco e gritando sem parar pelos meus pais.

Tenho consciência de que não deveria, porém, olho mais uma vez para a foto deles na tela. O sorriso despreocupado para mim, ainda moleque nos seus braços, me sufoca. Tenho tanta saudade!

Era para eu estar procurando os arquivos contábeis do ano passado, mas sem querer fui parar em outra pasta e essa imagem saltou na minha vista. Poderia não ter clicado nela, no entanto, entre o ideal e o real há uma diferença gigante.

Agora estou um turbilhão de lembranças, revivendo situações que têm a capacidade de me ferir, mesmo tantos anos depois. Não foi prudente digitalizar todas as fotografias de família e deixar uma cópia no computador da empresa. É gatilho garantido, fácil de me atingir.

Ainda não estou preparado para esse passo. Às vezes tenho a sensação de que me saboto para ver se poderia fazer alguma coisa diferente. E se eu tivesse ido atrás deles? E se tivesse visto antes como começou a confusão ao invés de ficar brincando com meu carrinho?

Talvez eles pudessem estar vivos...

“Você era apenas um garotinho, André. Não se culpe por isso.”

A voz suave de Alfredo, meu psicólogo, ecoa pelo meu cérebro. Não adianta muito. Medo, ansiedade e preocupação continuam a se misturar no meu peito, igual àquele dia. Passo o dedo na altura do nó da gravata, buscando inutilmente aliviar a pressão na garganta. O coração está acelerado, consigo até sentir o gosto metálico do sangue na minha boca.

Odeio quando isso acontece e, infelizmente, não é incomum. Já tive várias crises desde a infância. Segundo Alfredo, desenvolvi transtorno de estresse pós-traumático.

Faz apenas quatro anos que resolvi fazer terapia, talvez se tivesse começado antes, a essa altura já conseguiria lidar melhor com a perda. Meus avós são pessoas maravilhosas, mas são muito simples. Não tinham condições financeiras nem conhecimento necessário para entender a importância do tratamento adequado.

Para ser sincero, eu mesmo posterguei procurar ajuda na fase adulta por não querer mexer nas feridas e até por duvidar que fosse realmente ajudar.

Levanto da cadeira e esfrego o rosto com as duas mãos. Caminho em direção à janela de vidro da minha sala e abro um pouco para o ar fresco invadir o ambiente. A noite já tomou conta do céu, foco a atenção nas luzes acesas do prédio à frente. Inspiro e expiro fundo, buscando retomar a calma como Alfredo ensinou.

Repito duas, três... quantas vezes são necessárias para o coração voltar a bater no ritmo normal.

Quando o barulho do telefone reverbera pelo ambiente, nem sei ao certo se passaram segundos ou longos minutos que estou aqui parado. Volto para a mesa e pego o aparelho no quarto toque.

— Senhor André, o senhor Brown gostaria de vê-lo na sala dele, antes de ir embora.

— Estou indo, obrigado, Melissa.

Inspiro fundo mais uma vez e passo a mão no paletó antes de sair e seguir pelo corredor comprido até a sala do chefe. Os quadros na parede, o carpete no chão e as pessoas bem-arrumadas que passam ao meu lado são um contraste enorme com a realidade de onde vim. Quando eu olho para trás, é quase surreal acreditar que o garotinho assustado da favela de Heliópolis conseguiu chegar tão longe.

Com 31 anos, trabalho na rede de escolas de maior referência para o ensino de tecnologia no Brasil. Carter gosta de dizer que sou seu *CFO* (*Chief Financial Officer*), contudo, prefiro resumir afirmando ser o diretor de finanças.

A sede da Edutec fica no centro histórico de São Paulo. Há unidades espalhadas por todos os estados, seja pelas filiais ou pelo programa de franquias. Nossa gama de cursos profissionalizantes é bem ampla, com destaque para robótica, games e desenvolvimento de sistemas.

Entrei na empresa como estagiário, quando tinha 19 anos e, com minha dedicação e esforço, cheguei ao cargo mais alto da minha área. Tenho orgulho de dizer que concluí um mestrado e falo quatro línguas diferentes — português, inglês, espanhol e crioulo.

Não me lembro de muitas coisas sobre meu pai de antes daquele fatídico dia, mas algo que fica muito forte na minha mente são as suas conversas sobre o conhecimento ser a maior riqueza de um homem.

Nunca me esqueci disso.

— Boa noite, Carter — cumprimento-o, animado, assim que passo pela porta, no entanto, logo arqueio a sobancelha e fico sério. Ele está muito abatido, parece até que chorou. — Aconteceu alguma coisa?

O dono da Edutec me proibiu de chamá-lo de senhor Brown quando eu passei de assistente para analista e ficamos mais próximos. Ele é um homem inteligente e íntegro, sempre me deu oportunidades e me tratou com muito respeito. Devo muito a esse homem simpático de cabelos brancos que

veio dos Estados Unidos para o Brasil e consolidou seu nome no país.

— Temo não ter boas notícias — explica, com a voz fraca e eu me aproximo, me sentando na cadeira à sua frente.

Ele ficou fora a tarde inteira, falou que tinha reuniões para participar. Agora algo me diz que não eram compromissos de negócio.

— O que houve? — questiono, aflito.

— Estou com câncer de pulmão. — Arregalo os olhos e engulo em seco. O coração dispara. — Agressivo e avançado.

Silêncio.

O quê? Como assim?

Ficamos os dois olhando um para o outro, atônitos. Penso em várias coisas para dizer, mas nada parece o certo. Carter não gosta de falar da sua vida pessoal. Pelo tempo que o conheço, sei que assumir isso foi um grande passo. Realmente, deve estar muito ruim.

— Eu... eu... sinto muito — afirmo, sincero, notando a minha voz embargar e os olhos marejarem. — Tem algo que eu possa fazer?

Percebo pelas lágrimas se acumulando nos seus olhos e as mãos que não param de se mexer na mesa, que a notícia o pegou de surpresa. Já tinha reparado que andava passando mal direto, no entanto, jamais imaginaria um câncer de pulmão, mesmo o vendo fumar todos os dias.

— Vou me afastar da empresa para fazer o tratamento, tentar uma cirurgia... — Carter desvia o olhar para a parede e isso cria um bolo na minha garganta de novo. Nem se eu quisesse dizer algo, não conseguiria neste momento. — Tem uma coisa que você pode fazer, sim, eu quero que assuma como *CEO* na minha ausência.

Eu, diretor executivo? Acho que não consigo disfarçar meu choque,

pois logo Carter engata a mostrar seu ponto de vista.

— Eu sei que o esperado seria eu passar o cargo para alguém da minha família ou para o Benício, que é *COO*, porém, você é a pessoa que eu mais confio aqui dentro. É também o mais competente, André. — Passo a mão no rosto, ainda atordoado pela notícia da doença e esse pedido. — Meu filho Oliver é um mimado, que passa os dias torrando o meu dinheiro nos Estados Unidos. Não tem condição nenhuma de assumir essa responsabilidade agora. Preciso de você, meu amigo.

Amigo.

Pronto, é a palavra que me desarma. Nos tornamos mesmo bons amigos nesses anos que trabalho na Edutec. Sei que sou capaz, conheço essa empresa de cabo a rabo, no entanto, é impossível controlar a insegurança que desponta, assustado com a informação repentina.

Benício vai odiar a novidade, ele é aquele tipo de pessoa que tem o preconceito velado. Não fala nada descaradamente, mas vive soltando uma piadinha aqui e ali. Sei que se incomoda por ter um negro no alto escalão. Quando souber que ficarei como o chefe executivo, vai surtar.

Ainda mais que o *COO* (*Chief Operating Officer*) é quase que considerado um vice-presidente. Pela lógica, seria o indicado para o cargo temporário. Tenho certeza de que não vai aceitar tão fácil que outra pessoa seja escolhida, mesmo que a decisão não dependa em nada da opinião dele ou de qualquer outro.

O que Carter decidir, está decidido.

— Eu jamais seria capaz de virar as costas *pra* você neste momento, depois de tudo que fez por mim. — Preciso de todo meu autocontrole para não desabar na sua frente. As mãos estão suando, esfrego-as na calça social antes de esticá-las e pegar as suas por cima da mesa. Dou um aperto firme ali, que representa tudo que eu gostaria de falar. — Se você confia em mim a esse ponto, tudo que posso dizer é que darei o meu melhor.

— Eu tenho certeza disso, André. — Um sorriso fraco desponta no seu rosto. — Tudo que você conquistou aqui foi por mérito seu, ficarei em paz sabendo que é você que está cuidando do local que praticamente dediquei minha vida.

Assim como eu, Carter também é órfão. Os pais foram assassinados quando ele tinha 18 anos e deixaram uma herança generosa na sua conta. Estudioso e visionário, o homem criou a primeira escola com foco no ensino de tecnologia no seu país de origem, mas viu no Brasil um potencial maior a ser explorado e veio para cá com a cara e a coragem.

Em pouco tempo, estava nas colunas de jornais como empresário de sucesso. Seu filho, Oliver, nunca se interessou pelos negócios. De todos esses anos que estou aqui, só veio na sede uma vez. E nem cheguei a vê-lo pessoalmente, estava visitando uma das filiais da Bahia naquela semana.

Não sabemos muito sobre ele também. Só que foi fruto de um caso passageiro do Carter com uma modelo brasileira. Meu amigo foi pai aos 40 anos, nem sonhava mais com essa possibilidade.

— Tem mais uma coisa que gostaria de pedir — avisa, afastando-se do meu toque.

O semblante volta a ficar pesado, triste. Ajeito a postura na cadeira e o observo com atenção.

— Diga.

— Fiquei postergando, e agora pode ser tarde demais. Não sei se vou conseguir me recuperar dessa, André. — Balanço a cabeça, acenando de forma negativa.

— Nem começa, vai se recuperar, sim! O Carter que eu conheço não desiste fácil.

— Não é tão simples, não quero falar sobre isso — ele me corta, com sua mania habitual de se fechar. — Vou aproveitar o final de semana para ter

uma conversa séria com o Oliver. Chega de enrolar com esse menino. Com 25 anos, eu já tinha conquistado muita coisa. Explicarei minha situação e vou dizer que se quiser herdar esta empresa no futuro, vai precisar colocar a mão na massa. Quero *ele* aqui, segunda-feira cedo. Vou convocar uma reunião para anunciar sua nova posição e minha saída para o tratamento. Gostaria que ensinasse ao meu filho tudo que sabe, por favor. Sei que deveria ser uma função minha, mas...

— Eu ensino com todo prazer, não precisa explicar nada.

O alívio no seu rosto pela minha afirmativa não acalma o turbilhão no meu peito. Ainda estou tenso pela proposta e muito aflito com a possibilidade do meu amigo não se curar.

Não consigo imaginar esta empresa sem Carter. Não posso nem cogitar não o ter mais na minha vida, mesmo que seja tão discreto. Só de estar aqui e acreditar em mim, já significa muito.

Muito mais do que ele imagina.

Espero mesmo que tudo seja temporário.

Carter precisa ficar bem e, com sorte, Oliver vai levar a sério o trabalho e surpreender seu pai quando ele voltar.

CAPÍTULO 2

Gabriela



Termino de colocar a última coxinha dentro da mochila térmica e tampo os três compartimentos, com um pedaço de papelão embrulhado no alumínio, antes de fechar. Essa tática ajuda a evitar que elas balancem muito e venham para a frente durante minhas andanças pelo centro histórico de São Paulo.

Desde que comprei esta bolsa, geralmente usada para entrega delivery, consigo vender bem mais do que meu antigo suporte de isopor em uma única saída. O problema tem sido minhas costas. O negócio é grande e pesado para alguém tão miúda quanto eu. Preciso resolver logo meu cantinho fixo, já faz dez anos que estou nessa labuta diária de caminhadas para todo lado.

Não sou mais novinha e cheia de disposição. Os calos nos meus pés que o digam!

Coço os olhos, cansada pela rotina corrida que tenho levado, e meu cérebro me lembra que dormir também é algo importante. Engulo em seco, afastando a preocupação para longe, e alimento meu coração de esperança.

Logo, tudo isso vai passar.

Tiro a touca do cabelo e penduro em um prego que coloquei estrategicamente na lateral da pia. Confirmo se todas as louças estão no escorredor, porque odeio deixar bagunça, e diante da afirmativa, marchoo rapidamente para o banho. O que não é uma tarefa difícil, diga-se de passagem, porque eu moro em uma quitinete bem pequena. Pequena seria até um eufemismo. Tenho uma cozinha, uma sala conjugada, um quarto e um

banheiro modestos. Não gasto dinheiro além do necessário.

Arranco a roupa com cheiro de fritura, jogo no cesto e me lavo em menos de cinco minutos. O tempo que levo para me vestir e colocar um sapato é ainda menor. Não posso me atrasar! Sempre faço as coxinhas na hora de sair para manter a qualidade que meus clientes amam: quentinha, crocante e sequinha.

Arrumo meu rabo de cavalo, passo um batom qualquer e escolho uma das dezenas de brincos de bijuteria que tenho guardados em uma bolsinha. Acabei de tomar banho e o suor já escorre na minha testa por causa do ambiente apertado e abafado. Espanto as gotículas com os dedos e dou uma última olhada no espelho.

Passo no quarto e pego na cama a pochete que uso para guardar o dinheiro e, enquanto a amarro na cintura, retorno para a cozinha. Apanho a mochila térmica em cima da mesa e a ajeito nas costas, que logo reclamam. Por sorte, eu costumo vender as unidades que estão aí dentro no máximo em uma hora.

Assim que coloco o corpo para fora do meu apartamento, avisto Virginia chegando ao seu, com um monte de sacola do mercado. Ela é minha vizinha e melhor amiga. Nem parece que temos mais de 20 anos de diferença de idade.

— Meu Deus! Já são quatro horas da tarde? — questiona, alarmada ao me ver. — Senhor Jesus! Saí para o mercado não eram nem duas ainda.

Faço um turno no final da manhã e um no final da tarde, religiosamente nos mesmos horários sempre. Sorrio para a minha amiga e corro para deixar um beijo na sua bochecha rosada pelo sol que faz lá fora.

— Também, você para *pra* falar com Deus e o mundo, Gina. Parece até político.

— Não tenho culpa se sou uma boa ouvinte e o pessoal me adora — ela comenta, divertida, e abre a porta, deixando as sacolas no chão. Quando

me observa melhor, enrugando a testa e arqueando uma das sobrancelhas. — E essas olheiras aí, hein, Gabriele Santana? Está pegando pesado de novo, né?

Falar o nome inteiro nunca é um bom sinal. Dou de ombros, querendo evitar a conversa para não ficar atrasada, mas o rosto fechado da minha amiga anuncia que não deixará o assunto inacabado.

— Estou cobrindo as férias da Melissa na pizzaria do Neno este mês. Comecei quarta — confesso, preparando o psicológico para o sermão.

— De novo, Gabi? Mês passado já tinha feito isso na padaria da esquina, e no outro para o sushi bar do final da rua. — Não falei? É por isso que evitei de mencionar o fato antes. Sabia que não ia aprovar. Gina se aproxima e passa a mão no meu rosto. — Desse jeito você fica doente, amiga. Não pode trabalhar sete dias por semana, em três turnos.

Além da venda das coxinhas, de segunda a sexta, no final de semana atendo a um buffet com produção de salgados congelados de vários tipos. Tenho aceitado os turnos noturnos também, porque não vejo a hora de conseguir o dinheiro para o meu *food truck*.

— Você sabe que precisei usar uma boa quantia das economias que estava juntando desde os 20 anos durante o casamento e, com a separação, os gastos do aluguel, luz, água, compras... ficou tudo nas minhas costas. — Esfrego a mão na calça jeans, ansiosa. Este assunto não é o meu preferido, mesmo fazendo dois anos do divórcio. — Preciso recuperar mais rápido possível o valor, Gina, espero por muito tempo esse sonho acontecer.

Por mais que minha intenção seja começar com uma Kombi bem simples e de segunda mão, o investimento é alto. Com tudo equipado, não fica menos de R\$ 70 mil.

Gasto o mínimo possível e guardo o que posso na poupança. Nem lembro quando foi a última vez que comprei algo para mim ou me permiti um abuso. Pobre, se quiser as coisas, precisa aprender a abdicar e trabalhar muito por isso.

— Nenhuma novidade de empréstimo? — pergunta, esperançosa.

— Por não ter um emprego fixo, não consigo nos bancos mais confiáveis. — Ajeito a postura, sentindo o peso da mochila nas costas. — E olha que já choraminguei, viu?! Nessas empresas de crédito que cobram uma fortuna de juros não dá. Sem condições me comprometer dessa forma por tanto tempo.

— É verdade, não tem como mesmo.

— Segunda-feira de manhã eu tenho uma reunião com a dona daquele complexo de saúde chique que inaugurou lá perto da praça, sabe? — Gina balança a cabeça em concordância. — A gerente do buffet que eu presto serviço me indicou *pra* ela por causa dos salgados veganos. Parece que a mulher quer vender a linha fit na lanchonete do lugar e, se der certo, comercializar congelado para os clientes.

— E que horas você fará isso, Gabriele? — Quase dou risada da cara feia da minha amiga. Típico discurso de mãe.

A mãe que eu não tive. Balanço a cabeça, não querendo me perder neste pensamento.

— Gina, a gerente é minha amiga e repassou para a dona um valor bem acima do que costumo fazer. Ela disse que esse povo chique não dá atenção se achar que o preço é muito baixo, já fica de preconceito pensando ser inferior. — Passo a mão na alça da bolsa térmica, dando uma pequena folga para os ombros. Isso é bem desconfortável. — Se tudo der certo mesmo, mês que vem não pego mais o turno da noite e até paro de vender as coxinhas na rua no horário da manhã. Será uma demanda alta e com um retorno financeiro bem maior.

— Aí sim, eu vi vantagem! Deus vai abençoar que dará tudo certo. — Ela abre um sorriso carinhoso e dá um tapinha na minha bunda. — Agora vai trabalhar, Gabi, não aguento mais vê-la curvando o corpo por causa desse peso.

Sorrio e me despeço sem discutir. Estou mesmo começando a ficar atrasada. Tenho clientes fixos que esperam minhas coxinhas para o horário do lanche deles em seus serviços.

Abro a porta da escada e desço os degraus de três andares, tentando não focar no cheiro de cigarro nem no calor que emana das paredes descascadas e com pichação em todo lado.

O prédio é tão antigo que nem elevador tem. Foi o mais barato que Sérgio e eu encontramos assim que nos casamos, a poucas quadras de onde o movimento de empresas e pessoas acontece. Ele queria ficar mais perto do estúdio de tatuagem que arrumou um emprego e eu achei a oportunidade maravilhosa para ampliar minhas vendas de coxinhas.

Heliópolis possui mais de cem mil habitantes, distribuídos em um milhão de metros quadrados, porém, a concorrência é grande. Tem muita gente lá vendendo as coisas na rua.

Para ser sincera, eu também não via a hora de me mudar para outros ares. Não sentia o lugar como um lar desde... Para evitar uma onda de tristeza fora de hora, balanço a cabeça novamente e aceno para o porteiro, mesmo que ele continue com a cara ranzinza e finja que eu não existo. Ter porteiro e não ter aqui dá quase no mesmo.

Saio pelo portão e inspiro fundo ao dar de cara com a multidão passando na rua, o barulho alto dos carros e o falatório inflamado.

Mais um passo, Gabriele. Vamos lá!

Coloco um sorriso no rosto e vou porque nada me motiva mais do que meu sonho.

CAPÍTULO 3

André



Casas em alvenaria, sem reboco e com a caixa d'água na laje. Esse é o cenário que se repete em quase todo meu trajeto desde que entrei no bairro. Estaciono na frente da varanda azul, que se destaca na vizinhança por ser a única rebocada, e logo avisto meu vô sentado no seu banquinho. Ele faz isso desde que me conheço por gente, adora ficar aqui para poder conversar com todo mundo que passa na rua.

Desço do carro e aceno para as crianças que jogam futebol na frente do bar da dona Lourdes. A maioria da molecada faz parte do projeto social que a Edutec patrocina dentro do barracão da escola de samba Imperador de Heliópolis.

— Tio, vai lá no barracão de tarde — Jorginho grita, tapando o rosto com a mão para poder desviar do sol forte. — *Nóis vai* participar da primeira etapa da batalha de dança.

Nossa, tinha até me esquecido desse campeonato. Da última vez que visitei o projeto, eles estavam empolgados com a ideia da coordenadora. Carter até doou *iPhones* e notebooks para a premiação do evento.

— Eu vou sim, pode deixar! — grito de volta.

Passo pela varanda sem nenhum tipo de grade e abro um sorriso ao receber um maior ainda do seu Jeremias. Ele pode até não estar bem, mas nunca tira essa alegria do rosto. Eu o admiro demais, meu velhinho se tornou minha maior referência masculina.

— *Bença*, vô! — Inclino-me e pego sua mão esticada para deixar um

beijo.

— Deus te abençoe, *nha minino*! — Ele passa a mão calejada no meu rosto de forma carinhosa.

Sinto um cheiro delicioso de comida no ar e inspiro fundo para tentar adivinhar qual é o prato de hoje. Todo domingo — faça sol ou faça chuva — é sagrado vir almoçar com meus avós.

— Hummm... que cheiro bom! — comento, com água na boca.

— Estava morrendo de vontade de comer cachupa, sua vó deve estar terminando.

Ajudo-o a se levantar do banquinho, ansioso para almoçar logo. Cachupa é um prato típico de Cabo Verde à base de milho e feijão. Eu amo! Leva também vários tipos de carnes e legumes.

A cultura africana sempre foi muito presente na nossa rotina. Além da língua, aprendi bastante sobre a culinária e as manifestações religiosas e artísticas. Meu vô me ensinou o básico do crioulo cabo-verdiano durante a infância. Por ter uma forte influência do português, foi fácil me acostumar. Quando cresci, fiz questão de aperfeiçoar o idioma, inclusive, aprendendo outras vertentes espalhadas pela África.

O trabalho na Edutec me permitiu até conhecer o continente alguns anos atrás — pena que precisei ir sozinho, não com aqueles que sonharam em me apresentar os países. Seu Jeremias e dona Tereza não quiseram ir de jeito nenhum por causa da viagem de avião.

Abro a porta e seguimos o aroma gostoso de couve refogada que invade cada cômodo. A casa é bem simples por dentro, igualzinho era quando me mudei para cá. Com a morte dos meus pais, foram os dois que me criaram.

É engraçado como um lugar pode trazer memórias boas e ruins. Toda vez que entro aqui, sinto uma saudade gostosa misturada com a angústia do

motivo de ter me mudado.

Os primeiros anos foram bem difíceis, a imagem da minha mãe sumindo da minha visão e os gritos me atormentavam em pesadelos dia após dia — fosse dormindo ou até mesmo acordado. Com o tempo, fui aprendendo a continuar a caminhada e é aí que entra o saudosismo. Brinquei muito, dei boas risadas e fiz vários amigos neste local.

Eu quis levar meus avós para morar no mesmo prédio que comprei meu apartamento, há seis anos, mas foi uma briga em vão. Ambos se recusaram a sair do lugar onde criaram tantas memórias. Entendo o ponto de vista deles. Até hoje não consegui me desfazer da casa antiga que morei antes da morte dos meus pais. Está alugada apenas, vender é um passo que não estou pronto para dar.

Parece que é o último elo nosso.

Com a negativa de mudança, tentei sugerir uma reforma, contudo, a única coisa que aceitaram, mesmo a contragosto, foi deixar refazer o telhado que era bem precário, rebocar e pintar. Meus avós são pessoas maravilhosas, porém, bem sistemáticas.

Nem ajudar nas contas aceitam. Dona Tereza se orgulha de costurar para fora até hoje e seu Jeremias é o responsável pela cooperativa de reciclagem da rua.

— *Bença*, vó! — Abraço sua cintura por trás e deixo um beijo estalado na sua bochecha.

Espio dentro da panela que ela mexe sem parar e o estômago chega a roncar de fome. O caldo está borbulhando, enaltecendo pedaços de porco e de mandioca.

— Deus te abençoe! — Ela vira a cabeça só um pouco para me ver e roça o nariz no meu pescoço. — Você demorou, André! Tentei te ligar, mas ainda não aprendi a mexer naquele negócio direito.

Aquele negócio, no caso, é o celular que eu dei aos dois para poder conversar com eles durante a semana. Infelizmente, com a rotina corrida de trabalho, não consigo vir aqui todos os dias.

— Desculpa, vó, eu tive que dar uma passada na Edutec antes de vir pra cá e perdi a noção do tempo.

Ela não responde nada, volta a mexer na panela, concentrada. Seu silêncio já é costumeiro para mim com relação a essa área. Vovó nunca foi muito fã que eu fosse trabalhar tão longe daqui. Por ela, quando terminei o Ensino Médio, tinha arrumado um emprego no comércio ou em uma fábrica próxima.

Dona Tereza não concorda com a máxima do meu pai sobre o conhecimento ser a maior riqueza de um homem.

“Livra-te dos ares, que eu te livrarei dos males” é a sua frase preferida da vida. Se eu fico quietinho no meu canto, nada de mal pode me acontecer. Posso enumerar uns cinco motivos pelos quais não concordo com essa expressão, porém, prefiro não discutir com a vovó por isso.

Não é por maldade, entendo que sua criação é de um tempo diferente. Dona Tereza acha que lá eu fico exposto demais “aos brancos racistas”, como costuma dizer. Quando eu contar que serei o diretor executivo por algum tempo, ela não vai gostar.

Até hoje não entendi o seu desespero com esse assunto. Sempre que acha que algo me coloca em risco, faz eu jurar que não vou retrucar se alguém me provocar e que jamais irei arrumar briga com um branco.

Vô Jeremias me contou um dia que ela sempre foi assim, preocupada. Depois que sua filha foi pisoteada até morrer, o medo de perder outro ente querido, por seja lá qual for o motivo, a deixou ainda mais neurótica.

Esfrego a mão no peito, de repente sentindo um aperto esquisito. Odeio esse pressentimento, parece um déjà vu infinito que adora reaparecer.

— Vamos arrumando a mesa, André, que logo será servido e a cachupa é boa quente!

Obedeço ao meu vô e pego os pratos no armário. Adoro que ele, toda vez, tente mudar de assunto para não criar um clima ruim. Seu Jeremias é um pacificador nato. Sei que concorda com o jeito de pensar da esposa, contudo, faz de tudo para evitar discussões.

Uma hora depois, quando estou com a barriga cheia por ter repetido duas vezes o almoço e a sobremesa, decido tocar no assunto da empresa, antes que vovó invente de se levantar para lavar a louça.

— Carter está doente — explico, triste, me lembrando da situação do meu amigo.

— O que ele tem? — meu vô questiona, preocupado.

Os dois adoram o meu chefe. Conheceram o senhor simpático quando o projeto no barracão da escola de samba foi inaugurado. Ele os ganhou de vez ao aceitar vir tomar café com bolo de fubá aqui “sem frescura nenhuma”, como dona Tereza espalhou para a vizinhança.

Conto as poucas coisas que Carter me disse na sexta-feira sob o olhar atento deles.

— Que Nossa Senhora o proteja! — Minha vó faz o sinal da cruz, de olhos fechados. — O senhor Carter é uma boa pessoa, vou rezar para que tudo fique bem.

— Essa doença pega de surpresa mesmo, espero que tudo fique bem, *nha minino*.

— Eu também espero! — Inspiro fundo, observando-os com cautela. — Ele pediu pra eu assumir como chefe, enquanto estiver em tratamento.

Silêncio de novo. Agora os dois ficam parados, encarando-me de volta um pouco atônitos. Eu podia não contar, mas cresci aprendendo a ser

muito sincero e não esconder nada deles.

— Sei que vocês ficam preocupados, no entanto, eu não podia dizer não ao Carter. — Passo a mão na nuca, notando o músculo tenso. — Ainda mais depois que pediu *pra* ensinar seu filho.

— Só pelo pouco que contou, esse menino branco não vai aceitar tão fácil a decisão do pai, André — é vovó quem fala primeiro. — E se ele fizer mal a você?

— Eu juro que não vou cair em provocação, caso ele seja difícil de lidar — pronuncio o que sei que anseia ouvir.

Seu semblante não muda muito desta vez. Ela está com aquela cara que faz quando não tem uma boa intuição sobre as coisas.

— *Toma kuidadu, nha fidju* — meu vô alerta em crioulo e segura minha mão por cima da mesa, assim que dona Tereza se levanta para colocar os pratos na pia.

Ela não diz mais nada, no entanto, dá para sentir toda a sua aflição só pelos ombros caídos e a boca em linha fina.

— *N'ta toma* — respondo o apelo para tomar cuidado, afirmando que tomarei.

Confesso que também tenho medo de que Oliver seja um mimado preconceituoso. Junto com Benício que, com certeza, vai odiar a notícia, eu posso passar por dias complicados na empresa.

Balanço a cabeça para afastar a preocupação antecipada. Seja como for, de qualquer forma, não poderei voltar atrás e deixar meu amigo na mão.

Difícil ou não, terei que enfrentar esse desafio.

CAPÍTULO 4

Gabriele



Olho na tela do celular pela terceira vez a fim de conferir as horas. Ainda faltam trinta minutos para a reunião, mas meu cérebro neurótico fica com medo de chegar atrasado e estragar a oportunidade.

Não vejo a hora de conseguir logo meu *food truck*. Tenho esse sonho desde os onze anos de idade. Enquanto minhas amigas brincavam de mamãe e filhinha com as bonecas, eu fingia que tinha um bar e oferecia os melhores quitutes do bairro. A lembrança traz um sorriso espontâneo no meu rosto. Que tempo bom! Quando meu pai me deu de presente de aniversário um fogãozinho de mentira com cinco panelas, eu quase morri de alegria.

Geralmente, a paixão pela cozinha vem de herança familiar. No meu caso, foi de uma revista de receitas que encontrei na banca de jornal da dona Rita. Foi amor à primeira vista quando dei de cara com uma mulher bonita segurando uma coxinha estampada na capa. A manchete dizia sobre o sonho de uma paulistana que nasceu na favela e criou uma das maiores redes de franquias de salgados do país.

A adolescência chegou, descobri a possibilidade de novas profissões, no entanto, nada conseguiu apagar meu desejo de ser como aquela mulher. Já tive muitos percalços pelo caminho para alcançar esse objetivo e isso só me motivava ainda mais.

Sinto uma gota de suor escorrer pela minha testa e amaldiçoo o sol quente que resolveu fazer logo cedo. Droga! O sorriso morre no meu rosto e diminuo as passadas para o alívio dos meus pés. Odeio usar salto, mesmo que seja esse mais grosso no estilo Anabela. Eu nasci para usar rasteirinha, sapatilha ou tênis. São muito mais confortáveis.

Você deveria ter chamado um Uber, Gabriele!

Essa mania de economizar dinheiro às vezes me traz prejuízo. Moro relativamente perto do complexo de saúde para quem está acostumada a andar, porém, talvez não tenha sido uma boa ideia diante da importância da reunião. Chegar suando e toda esbaforida vai trazer uma péssima impressão.

Paro em frente a uma barraquinha próxima da esquina, onde preciso virar, e peço uma garrafa de água. É melhor me hidratar um pouco. Assim que pego o dinheiro no bolso da calça jeans e pago o ambulante, quase caio no chão ao levar um esbarrão do homem que acaba de descer do táxi.

Abro a boca para xingar o sem educação que nem pede desculpas, mas desisto ao notar que ele saiu tão depressa que deixou cair a carteira no chão. Talvez só esteja atrasado para algo importante e eu aqui, o julgando à toa.

Apanho o objeto e saio correndo atrás dele. Não é uma tarefa fácil por causa dos abençoados saltos e porque estou com medo de amassar as coxinhas que guardei com tanto cuidado na bolsa térmica que carrego na mão.

— Moço, espera um minuto! — Tento chamar sua atenção, sem sucesso.

Ele continua andando rápido e entra pela porta de vidro de um prédio alto com o letreiro “Edutec” em evidência. Caramba, vou perdê-lo de vista. Acelero, sentindo a bolha que eu fiz no sábado esbarrar na lateral da sandália a cada nova passada.

Ai, que dor. Finge que não está sentindo. Finge que não está sentindo!

Assim que consigo alcançar a porta de vidro, respiro, aliviada, por reconhecer o terno azul-escuro próximo às catracas de entrada e saída. Por sorte, ele parou para procurar alguma coisa dentro da bolsa. Tiro uma mecha

de cabelo que cai no meu olho e sigo na sua direção.

— Moço, com licença — digo e paro ao seu lado. — Eu...

— A recepção é ali do lado — ele me interrompe, totalmente seco, sem se dignar a levantar o rosto.

Semicerro os olhos, quase soltando uma bufada. O homem é mesmo mal-educado, não é só pressa.

— Eu quero...

— Estou ocupado, você não está vendo? — Pela primeira vez, ele me observa e sinto tanto desdém no seu olhar, que preciso contar até dez para não dar um tapa nesse cara.

Como se eu não fosse ninguém, o homem volta a mexer na bolsa e não fala mais nada.

Pelo terno alinhado, o relógio caríssimo que usa e o cabelo cheio de pomada, posso imaginar que seja daquele tipo de rico que se sente o dono do mundo. Não tenho paciência nenhuma com essa gente que se acha melhor do que os outros.

— Olha aqui, rapaz, eu tenho uma reunião importante daqui a pouco, corri o risco de machucar meu pé, estragar minhas coxinhas... você faça o favor de prestar atenção em mim por um segundo.

Dou um tapa na sua bolsa e recebo um olhar horrorizado em resposta, como se eu fosse uma *serial killer*. Se não estivesse tão puta, poderia até rir da cena. Parece que nunca ninguém levantou a voz para ele na vida.

— O que você está fazendo, sua louca?

— Eu vim entregar sua...

— Segurança! — Ele levanta a mão, interrompendo-me de novo. *Put*

que pariu! — Segurança, me ajuda aqui.

Passo a mão no rosto, notando toda minha paciência indo para o quinto dos infernos. Eu sou uma pessoa boa, sabe, não procuro confusão. Mas quando alguém consegue me tirar do sério, sai de baixo.

— Deixa de ser babaca, seu idiota! — Jogo a carteira em cima dele, não me preocupando nem um pouco em ser delicada. — Eu só vim entregar a carteira que você deixou cair quando saiu do táxi.

— Tira essa mulher daqui, segurança! — brada, fingindo que nem ouviu o que eu disse.

Viro, decidida a não perder mais meu precioso tempo, e esbarro com um corpo enorme bem atrás de mim. Só percebo o que aconteceu quando sinto um líquido quente cair em cima da minha blusa novinha.

Oh, Deus! Ajuda aqui, está ficando difícil a situação.

— Me desculpa! — Pela paciência que já foi embora faz tempo, eu fico com uma vontade enorme de xingar o novo responsável pela minha manhã ficar pior do que estava um segundo atrás.

Só não faço isso porque o cara continua pedindo desculpa e me seguindo, mesmo quando saio andando sem olhar para o lado, a fim de não precisar mais ouvir o babaca da carteira reclamando.

— Moça, me desculpa mesmo — insiste, aflito. — Eu não percebi que você ia virar, foi sem querer.

— Tudo bem — respondo, o observando de esguelha e segurando o desespero que quer me tomar. — Não foi culpa sua, eu virei de supetão.

A blusa está toda manchada de café, não tem condição nenhuma de ir para uma reunião dessas assim. Tiro o celular do bolso e vejo que agora faltam só quinze minutos. Mesmo que o complexo de saúde seja no final da rua, não dá tempo de voltar em casa e nem de procurar uma loja no meio de

um setor empresarial.

— Você tem algum compromisso agora? — pergunta e novamente noto a preocupação na sua voz.

— Eu tinha uma reunião em quinze minutos, mas sem condições de aparecer desse jeito.

— Era muito importante?

— Muito — respondo, cabisbaixa, e escuto um suspiro longo.

— Ai, merda! Estou me sentindo péssimo por isso, me desculpa. — Olhos castanhos apreensivos observam o estrago do café na minha blusa. Diferente do idiota, esse aparenta ser um ser humano decente. — A Neide da recepção é minha amiga. Ela é magrinha igual você. Talvez tenha uma blusa reserva.

— Não quero atrapalhar, você não precisa...

— Vamos tentar, por favor!

Sou interrompida pela terceira vez e nem são dez horas da manhã ainda. Agora, entretanto, eu não fico brava quando mãos grandes seguram meu braço com delicadeza e me puxam para a lateral do saguão. Dou uma observada de esguelha nas catracas e vejo que o irritante entrou.

— Neide, será que você poderia nos ajudar? — Volto minha atenção para frente e avisto uma mulher simpática sorrindo para nós. Deve ter uns 40 anos, no máximo. Realmente, é magra igual a mim. — Derrubei café nela sem querer e sujei toda a sua blusa. A moça tem uma reunião daqui a pouco.

— Claro, eu tenho roupa extra no vestiário. Vamos correr lá! — A recepcionista se vira para o lado e avisa uma morena mais nova que vai sair rapidinho.

Devem ser mesmo amigos, para ela emprestar sem nem me conhecer.

Não tenho tempo para pensar demais quando o desconhecido abre um sorriso enorme de alívio na minha direção e volta a me puxar com delicadeza pelo braço. Sigo os dois em silêncio, um pouco atordoada com a manhã inusitada.

Quando chegamos a uma sala ampla com vários armários, ainda sem sair do térreo, ela vai na direção de uma das portas e me oferece uma blusa branca de malha, igual a que está usando por baixo do terninho.

— Trago várias delas de casa, estão limpinhas. Pode ficar *pra* você.

— Nossa, muito obrigada. — Pego a peça que me oferece e olho agradecida para os dois. — Essa reunião é muito importante para mim.

— Tem um banheiro ali atrás, corre que dá tempo de se vestir e ir para o seu compromisso.

Obedeço ao homem gentil e mal fecho a porta para não perder tempo. Menos de um minuto depois estou de volta, dobrando a peça suja e guardando na parte da frente da bolsa térmica. Sorte que trouxe esse modelo de mão que tem um bolso extra.

— Não acredito que era o Oliver implicando com ela. Pelo que entendi, só estava querendo entregar a carteira que ele derrubou na rua. — Escuto o final de uma conversa entre os dois e me aproximo.

— Era, sim! Temos o cadastro atualizado dele no sistema. Pelo jeito, o filho do patrão não é muito amigável.

Observo o homem passando a mão no rosto e noto uma tatuagem subindo para o braço. Com a adrenalina diminuindo, meus olhos parecem ganhar vida própria e prestam atenção em detalhes do desconhecido.

Ele é um homem lindo com o cabelo baixo nas laterais e um pouco encaracolado no topo. Negro, barba rala, alto e forte. Bem forte. Reparando bem, posso constatar como o terno contorna os braços musculosos e sua perna parece querer saltar do tecido.

Diante da maleta que segura na mão e o estilo da roupa, eu duvido que seja um segurança como o idiota o chamou. De repente, sinto a raiva querer me dominar de novo. Além de mal-educado, ainda é preconceituoso.

— Ficou ótimo em você, espero que não atrapalhe sua reunião por ser simples — a mulher fala, ao notar minha presença.

— Imagina, vai salvar minha pele. — Fecho o zíper da bolsa e ajesto o cabelo atrás da orelha. — Obrigada aos dois, agora preciso ir antes que me atrase.

— Me desculpa novamente, eu sinto muito pelo acidente. — O homem estica a mão e sorri. — Aliás, eu sou André. Muito prazer!

— O prazer é meu. — Aperto sua mão, devolvendo o sorriso. — Eu sou Gabriele.

— Boa sorte na sua reunião, Gabriele! — A frase sai leve dos seus lábios carnudos.

— Boa sorte *pra* você também com o babaca do filho do patrão. — Faço uma careta engraçada e os dois caem na risada. — Desculpa, não pude evitar de ouvir.

— Essa é das minhas! — Neide esbarra com o ombro no meu, cúmplice.

— Olha, meninas, pelo jeito, eu vou precisar de muita sorte.

Saímos do vestiário sorrindo e conversando tão espontaneamente que sinto como se já os conhecesse. Quando me despeço e volto para a rua, um pressentimento de que tudo vai ficar bem invade cada parte do meu corpo.

É uma energia poderosa, como os raios do sol quente que incidem sob a minha pele. Mesmo não entendendo, engulo em seco e fecho os olhos por um instante, confiando que minha vida vai dar a guinada que sempre sonhei. Finalmente!

CAPÍTULO 5

André



Esfrego a mão na nuca e afrouxo um pouco o nó da gravata enquanto aguardo o elevador parar no meu andar. A primeira impressão de Oliver não foi das melhores. Pelo jeito que tratou Gabriele no saguão, e por ter me confundido com um segurança logo de cara, prevejo que a convivência com o filho do meu amigo será no caminho difícil.

Mesmo tenso, não consigo reprimir o sorriso com a imagem da loira bonita que surge na minha mente. Se não estivesse realmente preocupado com a discussão, eu teria achado graça do seu jeitinho bravo aumentando o tom de voz e jogando a carteira em cima do Oliver. Como diria minha vó, ela é enfezada.

Estava tentando entender por que o homem tratava a mulher com tanta grosseria, quando olhos impressionantes viraram com tudo na minha direção. Foi impossível impedir que o café espirrasse nela. Acho que nunca vi um par tão lindo em toda minha vida. É uma mistura do azul do céu em um dia ensolarado com o verde mais límpido. Impressionante.

Sorte que Neide tinha uma blusa para emprestar, estaria péssimo se a tivesse prejudicado na reunião. O seu rosto de preocupação ao perceber o estrago na roupa acabou comigo. Senti uma energia boa vindo dela, parece ser uma pessoa batalhadora.

Dizem que os iguais se reconhecem. Talvez todo esforço que já fiz na vida para alcançar meus objetivos tenha mesmo me deixado com uma sensibilidade maior para identificar essa qualidade no outro.

Não tive a mesma sensação boa com Oliver.

Escuto o apito do elevador avisar que cheguei ao meu destino e logo a porta se abre. Por ter passado no vestiário com as meninas, estou em cima da hora para a reunião com os diretores. Dou um pulo na minha sala para deixar a maleta e apanho meu tablet antes de seguir para o grande momento.

Mexo no nó da gravata, mais uma vez, no caminho para a sala de conferências e umedeço os lábios com saliva, forçando a garganta descer o líquido. Confesso que estou bem nervoso com o buraco que essa conversa pode criar aqui na Edutec.

Uma coisa é receber olhar atravessado sendo apenas um funcionário, outra bem diferente é ser colocado como o chefe provisório de tudo isso por um período indeterminado.

Quero ser otimista, mas infelizmente a minha experiência de vida comprova que para um negro o trabalho é sempre em dobro. Se não for triplo.

Não basta ser competente. Tem que comprovar isso todo dia e sem errar. Não haverá espaço para falhas comigo, terei sempre um monte de olhos atentos e ávidos para apontar qualquer tropeço.

— Bom dia! — cumprimento sorridente os diretores que já chegaram e estão sentados.

Tomo o meu lugar na mesa grande de vidro e esfrego a mão na calça disfarçadamente para tentar conter o nervosismo. Caramba, mesmo com o ar-condicionado ligado está um calor infernal aqui. Meu coração está batendo descompassado e Carter ainda nem chegou.

Acalme-se, André! Você vai enfrentar isso de cabeça erguida como qualquer outro desafio.

— Aceita café, senhor André? — Olho para cima e vejo o rosto caloroso de Carmem me fitar.

— Por favor, quero sim — respondo, abrindo um sorriso para ela.

Já tinha tomado quase todo copo de café quando derrubei em Gabriele, no entanto, a adrenalina do momento está pedindo mais energia no organismo. Ela coloca a xícara pequena na minha frente e, ao notar que os demais estão entretidos em seus celulares, pergunto baixinho sobre a cirurgia que sua filha vai fazer semana que vem.

As pessoas que eu me dou melhor aqui, além de Carter, são as que possuem funções mais baixas na hierarquia da empresa. Serviços gerais, recepcionistas, seguranças, faxineiras, secretárias, estagiários, auxiliares... Isso porque são somente elas que me dão uma abertura maior de conversa e interação.

A maioria dos diretores é bem quieto ou no estilo do Benício, com o preconceito velado.

Por falar nele...

A figura altiva entra na sala com Oliver ao seu lado. Diferente de mim, que nunca tinha visto o garoto pessoalmente antes, os dois parecem ter uma certa intimidade. Carter já tinha me mostrado umas fotos do filho, mas são tão antigas que nada fazem alusão ao homem de hoje. O rapaz mirrado e tímido da fotografia deu lugar a uma pessoa imponente que é impossível não reparar.

Despeço-me de Carmem com um aceno e reparo o olhar assustado de Oliver na minha direção enquanto se senta bem de frente para mim na mesa.

— Ué, você não é o segurança? — Arqueia a sobrancelha e me observa com curiosidade.

Abro a boca, porém, não tenho tempo de responder antes de Benício.

— Ele é fortão, *né?* Leva jeito *pra* ser segurança mesmo. — O COO solta um sorrisinho irônico, pegando um café da mão da Carmem sem, sequer, olhar para ela. — Esse aí é nosso ajudante das finanças.

“Esse aí”, “ajudante”.

Não que eu ache algum problema em ser ajudante. Longe disso. A grande questão é a forma como a frase foi dita, o sarcasmo por trás das palavras. Benício jamais iria se dirigir a qualquer outro diretor desta sala sem falar seu nome — provavelmente também o sobrenome — ou o rotulando como um ajudante.

Muito menos iria brincar que leva jeito para ser segurança, embora tenha homens aqui com o porte atlético igual ao meu. O próprio Benício é alto, ombros largos, pose de durão.

Até mesmo Carter, com seus 65 anos, ostenta um corpo de dar inveja em muitos garotões por aí. Poderia muito bem ser um segurança, mas é claro que Benício jamais iria chegar a essa conclusão ao ver um homem branco bem-afeiçoado.

Para ser sincero, a maioria das pessoas não vê. É algo estrutural já, enraizado na sociedade. Cada um tem o seu lugar, precisa saber o seu lugar. A história e a mídia fazem questão de reforçar esse pensamento dia após dia.

Se eu ligar a televisão agora no programa de TV que passa na maior emissora do país, vai aparecer uma mulher branca ensinando receitas culinárias e uma negra auxiliando mexer na panela.

Se eu procuro uma novela para assistir, o galã é branco e o vilão é negro.

Se alguém me pede para pensar em heróis brancos imediatamente uma enxurrada aparece na minha mente: Capitão América, Capitã Marvel, Homem de Ferro, Thor, Hulk, Homem-Aranha, Flash, Super-Homem, Mulher-Maravilha, Batman, Arqueiro Verde, Demolidor, Homem Formiga... a lista não para de crescer.

Cite os negros conhecidos com a mesma rapidez. Com sorte, algumas pessoas lembrarão do Pantera Negra, Super Choque, Ciborgue ou da Tempestade em X-men.

Claro que não estou generalizando, mas infelizmente ainda é uma realidade bem recorrente. As exceções são muito pequenas diante da vasta gama de opções mostrando a hegemonia de uma cor.

Não há protagonismo negro o suficiente para quebrar esse paradigma. Por isso, mesmo que eu esteja de terno, é muito mais fácil ser confundido com um segurança — já pensaram até que eu era pastor — do que ser identificado como um executivo.

A máxima é tão forte, que influencia até as próprias famílias negras. Tanto é que minha vó preferia mil vezes que eu ficasse quietinho no meu canto, trabalhando na comunidade, do que tentar algo maior, correr atrás dos meus sonhos. Ela tem medo de lutar contra um sistema que perdura séculos.

Troco um olhar rápido e cheio de significado com Carmem, que tem a mesma cor da pele que a minha, antes de esticar a mão para o filho do meu amigo.

— Muito prazer, eu sou André. Seja bem-vindo, Oliver!

Cinco segundos.

É o tempo que ele demora para refletir se demonstra sua aversão inicial a mim ou se dá uma chance de conhecer quem eu sou além do que minha aparência física demonstra. Oliver aperta minha mão brevemente e volta a conversar com Benício, ignorando minha presença.

Coço os olhos e inspiro fundo, percebendo minhas piores perspectivas se confirmando. Alguns minutos depois, Carter entra na sala um pouco abatido e se desculpa pelo atraso. Deve ter passado mal, ele odeia atrasos. Como sempre direto, ele não enrola para dizer o motivo da reunião.

Apresenta o filho e avisa que o rapaz vai começar a trabalhar mais ativamente na empresa a partir de agora. Brevemente, também conta que está doente e que precisará ficar ausente por um tempo.

— André, vem aqui na frente, por favor.

Levanto-me, sentindo as batidas do meu coração reverberarem em cada parte do meu corpo. Seco a mão suada na calça, afrouxo a gravata... Estou mexendo tanto neste nó hoje, que daqui a pouco não vai ter nada para afrouxar.

Droga! A apreensão só aumenta com tantos olhos curiosos me fitando. Principalmente, os de Oliver e Benício.

O rosto contorcido dos dois me dá um sinal de que talvez meu amigo tenha intimado o filho no final de semana e avisado sobre a saída, mas não tenha dito especificamente quem ficaria no seu lugar.

Como todo mundo vai pensar, o mais óbvio seria o *COO*. Oliver deve ter chegado a essa conclusão e contado ao Benício em algum momento. Pisco para me concentrar no que Carter está falando ao invés de ficar divagando, aflito.

— ... Não tenho previsão ainda de como será o tratamento, André vai ficar no meu lugar até tudo se resolver.

Não dá nem para disfarçar. O espanto é evidente, a repulsa também. Benício cerra os dentes e pressiona os dedos na cadeira com tanta força que ficam até brancos.

Vozes tomam conta da sala para reclamar da minha idade, da minha falta de tino como administrador, que isso pode ser um problema, que o *COO* tem mais experiência... Oliver não demonstra nada, fica só parado encarando o pai.

Meu peito se comprime um pouco mais. Eu não estava esperando esse falatório de toda a diretoria. Todos, sem exceção, estão atônitos.

Compenetrado e sem dar brecha para opiniões, Carter afirma que a decisão está tomada e que confia plenamente na minha competência para administrar a Edutec na sua ausência.

Tento sorrir para quebrar o clima pesado, no entanto, nem meus músculos estão a fim de colaborar. Estou tenso e triste pela notícia ser recebida dessa forma. No fundo, bem no fundo, eu esperava apoio e compreensão dos colegas diante do momento complicado que o fundador da empresa enfrenta.

Uma hora depois, quando terminamos de alinhar como tudo vai funcionar, um por um os diretores vão deixando a sala em silêncio. Permaneço sentado, com Carter ao meu lado, porque iremos discutir algumas pendências emergenciais que terei que resolver como CEO.

A sua cabeça baixa, concentrado anotando algo na agenda de papel que não abre mão, não o permite ver o exato instante em que Oliver e Benício me comem vivo com os olhos.

O tipo de olhar que demarca território, que diz sem palavras que isso não vai ficar assim. Eles se levantam juntos e saem pela porta. É, parece que o ditado é verdadeiro mesmo.

Os iguais se reconhecem.

CAPÍTULO 6

Gabriele



Arrumo a alça da mochila, para aliviar um pouco o peso, e sorrio do falatório da dona Paola. Geralmente, eu fico irritada quando ela me pega *para Cristo* e começa a fofocar sobre a vizinhança, mas está sendo uma semana tão atípica que nem me importo. Fito a senhora franzina de óculos, que mora no primeiro andar do meu prédio, como se realmente estivesse gostando da conversa.

Desde que fechei com o complexo de saúde, na segunda-feira, não consigo tirar o sorriso bobo do rosto. Ainda mal posso acreditar que a proposta é melhor do que eu esperava.

Os salgados que quase estraguei, na correria para entregar a carteira do idiota, fizeram sucesso com Marisa Fernandes, a proprietária do espaço. Ela amou a coxinha de batata baroa com jaca e a de inhame com berinjela.

Apesar de não ser formada em Nutrição, o máximo que eu fiz foram cursos técnicos de salgadeira, sou muito curiosa e vivo criando receitas novas para todos os gostos. Da fruta jaca mesmo, embora muitos não saibam, dá para extrair uma textura bem parecida com a carne. Misturando os ingredientes certos, fica delicioso!

A facilidade de inovar, aliada a qualidade dos produtos que ofereço há anos para o buffet que me indicou, foram cruciais para fechar a parceria. Fui muito bem recomendada, tanto que nem se importaram da minha produção ser caseira.

Graças a Deus, estava com medo disso!

A empresa tem seis filiais na capital e quer implantar a linha vegana e fit em todas elas, se o produto for bem recebido na unidade do centro histórico. No início eu vou colocar a mão na massa e realmente fazer os salgados, porém, a ideia da dona Marisa é contratar funcionários para uma produção interna quando expandir para os congelados.

São 35 unidades em todo Brasil que trabalham corpo, mente e alimentação. Eles possuem academias, aulas de ioga e meditação, terapeutas focados na área de saúde e prezam a mudança de hábito alimentar, priorizando produtos mais saudáveis. Não são aquele tipo de empresa de dieta restritiva ou obcecados em procedimentos estéticos. Gostei bastante da filosofia deles!

Se der certo os congelados, eu ficarei apenas como a criadora das receitas, ganhando como uma espécie de consultora. Ai, isso é muito chique.

Remexo o corpo involuntariamente, quase fazendo a dancinha da vitória. Na semana que vem tenho uma reunião com a nutricionista responsável para conhecer melhor o público deles e, no máximo, em dez dias iremos começar.

O rosto da moça bonita que eu vi na capa daquela revista há anos, e me instigou a cozinhar, volta à minha mente. Eu também vou conseguir alcançar meus sonhos em breve, tenho certeza disso.

— ... Não é mesmo, Gabriele?

— Hã? — Noto que a senhora está me encarando com atenção, aguardando uma resposta. — Desculpa, eu me distraí aqui.

— Esses jovens de hoje em dia... — ela reclama, revirando os olhos. — Não prestam atenção em nada. Eu disse que a Mariana do segundo andar precisa parar de trazer homem *pra* cá. Cada dia aparece com um. Isso é muito ruim!

— Que bom que ela tem opção, *né?!* — brinco, sabendo que vai ficar brava com meu comentário. — Ruim está *pra* nós, solteiras e encalhadas.

Nem lembro qual foi o último homem com quem eu saí, deve fazer uns cinco meses. Depois do divórcio, confesso que a possibilidade de entrar em um novo relacionamento não me anima muito. Além do mais, tenho trabalhado tanto, que nem dá tempo de pensar nessas coisas.

Henry cuida muito bem do meu fogo no rabo, quando é preciso. Só de pensar no ator gostoso que inspirou o nome do meu vibrador, eu já estou quase gozando. É rápido e mais fácil do que conviver com um homem de verdade.

— Deus me livre e guarde! — Dona Paola faz o sinal da cruz, horrorizada. Tenho vontade de gargalhar. — Eu sou uma mulher de respeito!

Teve uma época que eu contra-argumentava alguns comentários dela, mas com o tempo descobri que não vale a pena gastar saliva com quem não vai mudar. O melhor a se fazer é ignorar.

— Estou em cima da hora pra vender as coxinhas — desconverso, virando o corpo em uma clara intenção de encerrar a conversa. — Outro dia nos falamos mais, *tá bom?*

— *Tá bom, vai lá.*

Saio rápido sem dar chance de ela inventar um novo assunto. O dia está bonito, tenho uma bolsa cheia de salgado para vender e uma perspectiva ótima de aumentar o dinheiro da minha poupança para o tão esperado *food truck*.

Nada poderia ser melhor, os ventos voltaram a soprar a meu favor.

Nossa! Por falar nisso, não posso me esquecer. Assim que der, preciso passar na Edutec para levar umas coxinhas para o André e a Neide. A sensação de que eu tive aquele dia com os raios de sol se concretizou. Nosso encontro desastroso me trouxe boa sorte.

Além de agradecer, não vai ser nada ruim rever aquele homem lindo

mais uma vez.



— Meu Deus, que delícia! — Sorrio com a mulher baixinha que fala de boca cheia. — Eu já comi muita coxinha de frango com catupiry na vida, mas nunca uma tão saborosa.

— A Gabriele tem mãos de fada, menina. A melhor salgadeira desta cidade!

— Obrigada, gente — agradeço, sentindo o coração palpitar. — Fico muito feliz em saber que vocês aprovam!

Passei para deixar o pedido de uma das minhas clientes fixas e a sua amiga que estava junto não resistiu a experimentar. Toda vez que recebo um elogio do meu trabalho fico toda saltitante e sem saber direito como expressar minha alegria. Foram os últimos salgados de hoje, agora só sobrou os que guardo para o Joel.

Passo álcool em gel na mão, um hábito costumeiro, sempre que mexo no dinheiro, e fecho a mochila térmica. Aceno para as duas e sigo pela lateral da praça até o quiosque do senhor Raimundo.

Já virou uma rotina. Em todo turno da tarde, antes de voltar para casa, passo aqui para comprar uma garrafinha de suco e me encontrar com o garotinho introvertido. Ainda não sei muito sobre ele. Só que se chama Joel, tem 13 anos e trabalha como guardador de carro nessas redondezas, há três meses. Estou tentando ganhar sua confiança para ver como posso ajudá-lo. Odeio quando encontro crianças nessa situação.

Por ter crescido em uma favela, sei bem que a realidade às vezes é muito diferente do ideal, porém, mesmo assim me incomoda muito. Queria ter certeza de que ele estuda, que tem bons pais, que não está envolvido com

pessoas erradas. Nunca o vejo de manhã, então, suponho que vá para a escola nesse horário e depois, à tarde, ajude a complementar a renda em casa.

Com o suco em mãos, viro a esquina e logo o encontro andando de um lado para o outro, atento aos carros. A roupa surrada, o chinelo de dedo e o cabelo grande demais logo denunciam ser um garoto pobre.

Sinto um aperto no peito com a imagem, tenho tido essas sensações desde que o vi a primeira vez de olho na coxinha que vendi para um casal aqui perto. Acho que ando com o instinto maternal mais aflorado do que nunca, quase chorei com a carinha de desejo que ele fitava minha bolsa.

— Boa tarde, Joel. Tudo bem? — pergunto, assim que me aproximo.

Ele não responde com palavras, no entanto, seu aceno de cabeça decidido e o sorriso tímido que desponta dos seus lábios me deixam eufóricas. O garotinho está baixando a guarda comigo.

— Trouxe uma diferente *pra* você experimentar — aviso, encostando junto com ele na mureta mais próxima. Apesar da animação para saber o que é, seus olhos não deixam de vigiar os carros. Acho fofo o jeitinho dedicado dele. — Vamos ver se você adivinha hoje.

Uma das formas que encontrei para puxar assunto é instigá-lo a adivinhar os sabores. Assim, pelo menos, consigo escutar um pouco da sua voz. Tiro a bolsa dos ombros e pego o saquinho guardado com carinho bem no fundo. Separo dois salgados em casa para não correr o risco de vender sem querer.

Um é sempre de frango, seu preferido, e o outro uma opção mais saudável. É, realmente, acho que meu lado mãe está vindo à tona com tudo. Fico pensando até na alimentação do menino.

Entrego as coxinhas e o suco para ele e fico observando com um sorriso no rosto suas mãos ávidas tentarem desvendar o mistério. Joel aperta, cheira, aperta de novo com o rosto concentrado.

— Tá com cheiro de carne — palpita, acertando em partes. — Acertei?

— Um pouco. — Sorrio mais, adoro quando conversa. — E a massa?

O menino tenta desvendar por mais um tempo, mas não consegue adivinhar. Joel quase nunca acerta, no entanto, eu me divirto da mesma forma.

— É coxinha de batata doce com carne louca — conto, ao notar seus lábios salivando de vontade de comer logo.

— Carne de quê? — Faz careta, arqueando a sobrancelha. — Como é uma batata doce? Isso deve ser ruim!

— Você já experimentou? — Gargalho, arrumando meu rabo de cavalo que está com vários fios soltos. Como eu imaginei, o garotinho dá de ombros. — Se nunca experimentou, não tem como saber. Batata doce é muito saborosa e nutritiva, e carne louca é uma mistura de carne cozida desfiada, com pimentão, tomate, cebola e vários temperos.

— Eu gosto de pimentão! — Joel arruma o guardanapo em volta da coxinha e dá uma mordida generosa. — Hummmm!

— Bom, né? — Meu coração volta a bater acelerado com a animação dele.

— Muito! — responde, de boca cheia. — Está no meu top três, por enquanto, vamos ver as próximas.

Meus lábios se ampliam ainda mais do que estavam com seu comentário. Isso mostra que ele também espera me ver outras vezes e anseia que eu traga coxinhas para experimentar.

Fico encostada na mureta, em silêncio ao seu lado, enquanto come. Tem sido assim vários dias, respeito seu momento calado. Sinto-me bem na sua presença, não sei explicar. Tem alguma coisa nos seus olhinhos

brilhantes.

Quando a última mordida é devorada, abaixo-me para pegar a mochila e ir embora. A ação para no meio do caminho, congelada com a imagem que surge no meu campo de visão. A dor no peito vem forte, tapando a minha garganta instantaneamente.

Engulo em seco e tento desviar a atenção para outro lugar, mas parece que eu gosto de sofrer, de reviver a dor que me perseguiu durante tantos anos do meu casamento.

Faz tempo que não o vejo, apesar de continuar trabalhando no estúdio de tatuagem aqui perto, nossos caminhos raramente se cruzam. Os três juntos, eu não tinha visto nenhuma vez.

Pisco, levanto o corpo desistindo de pegar a mochila e coloco a mão na altura do coração. *Vai embora, Gabriele!* Meu cérebro grita, porém, o corpo não obedece.

Sérgio aparenta quase explodir de felicidade empurrando um carrinho de bebê ao lado da sua nova mulher. Totalmente alheio à espectadora o observando. Eles formam uma família bonita. A família que era para eu ter tido.

Não que eu ainda nutra algum sentimento por ele. Essa não é a questão. Nosso relacionamento morreu bem antes da separação definitiva. O que me dói, o que aumenta a pressão aqui dentro, é aquela criança fofa e inocente.

Eu sei que pode soar mesquinho da minha parte não ligar para o homem que eu vivi mais de dez anos da minha vida e, sim, para o filho dele. É mais forte do que eu ter inveja da mulher que conseguiu gerar o bebê.

Eu tentei tanto. Tanto.

Nós nos conhecemos no Ensino Médio. Foi poderosa nossa conexão assim que bati os olhos no garoto loiro e atraente que tinha acabado de se

mudar para a comunidade. Para o desespero do meu pai, que não acredita no amor há muitos anos, quando eu completei 19 decidi, do nada, que iria me casar.

Mesmo nova, sem muita experiência, juntei minhas coisas e vim para o centro com Sérgio. O primeiro ano foi muito bom, a gente se amava, se dava bem. Ele começou a trabalhar com o que gostava, eu comecei a juntar dinheiro para realizar meu sonho.

Até que a imaturidade pesou no relacionamento. As brigas vieram e a gente não sabia muito bem lidar com aquilo. Ciúme, desentendimentos, distanciamento. Éramos dois jovens impulsivos tentando ser adultos.

Quando eu completei 24 anos, Sérgio cismou que queria ser pai. Que estava na hora de aumentar a família. Ele depositou toda a fé na restauração do nosso casamento nesta esperança.

Meu ex-marido ficou tão animado que aquilo me contagiou. Eu cheguei a pensar que realmente um filho salvaria o que construímos ainda na adolescência. Sempre amei crianças, ele também. Parecia o plano perfeito.

Enquanto a gente tentava, começamos a ler a respeito da maternidade, passar em lojinhas infantis e parar na praça para ver as crianças brincando no parquinho. Ele chegava do trabalho com presentes, falava com a minha barriga. Foram meses incríveis, até que o primeiro baque veio. Com a dificuldade para engravidar, fiz alguns exames e o ginecologista descobriu que tenho endometriose.

Olha a ironia do destino!

A doença é uma das principais causas de infertilidade feminina. Quando o tecido interno do útero, chamado endométrio, começa a crescer de forma exagerada faz com que ele vá para lugares fora do órgão. Há inflamação e um processo espontâneo de cicatrização, o que acaba gerando mudanças anatômicas que impedem a gravidez.

Eu passei grande parte da minha vida achando que tinha cólicas fortes

e ciclo menstrual desregulado por azar, mas a doença sempre esteve ali, à espreita, esperando para dar o golpe final no meu casamento.

A notícia deixou Sérgio mais fissurado ainda em um filho. Gastamos uma fortuna com tratamento, transávamos feito dois coelhos no meu período fértil, mesmo que estivesse com dor. Cada mês era uma expectativa e uma grande frustração com o resultado negativo.

Cheguei até a fazer uma cirurgia, de remoção dos focos da doença da cavidade abdominal e dos aparelhos reprodutivos, no entanto, nada resolveu. Fui vendo minhas economias guardadas com tanto suor para o *food truck* irem embora com tentativas que iam me deixando cada dia mais deprimida. Nossa vida virou um inferno.

Inspiro fundo e seco uma lágrima solitária que desce pelo meu rosto, mesmo sem querer.

Pouco tempo depois que pensamos na possibilidade de realizar uma fertilização *in vitro*, Sérgio disse, como se não fosse nada de mais, que queria se separar, porque tinha conhecido outra pessoa.

Assim, na cara, sem mais explicações. Apenas alegou que nosso relacionamento tinha se desgastado muito, que não aguentava mais o buraco que nós criamos entre nós.

Eu não sou a pessoa mais calma do mundo, admito esse meu defeito, mas já estava tão cansada que nem briguei. Nem falei umas verdades na sua cara sobre a culpa não ser minha. As tentativas frustradas, àquela altura, tinham me deixado anestesiada.

Fiquei triste, é claro. Dez anos não se esquece em dez dias. Mas estava me recuperando bem até descobrir, três meses depois do término, que ele já estava morando com a nova mulher e que ela estava grávida.

Grávida.

Nossa! Nem um grupo de dez pessoas me apedrejando doeria tanto do

que aquela notícia. Em tão pouco tempo, ele conseguiu o que tentamos por anos sem sucesso. Eu me senti frágil, incapaz, defeituosa. Se não fosse pela minha amiga, Gina, teria me afundado em um poço de depressão.

Sinto uma mãozinha pequena encobrir a minha e olho assustada para o lado. Pela primeira vez desde que o conheci, Joel está me tocando. Fiquei tão imersa em lembranças que tinha até me esquecido onde estava, com quem estava.

Observo com atenção nosso contato e meu coração acelera. O peito dói, só que agora de alegria.

— Não gosto de ver você chorando — ele diz, com a voz embargada.

— Me desculpa. — Seco com a outra mão as lágrimas que nem tinha percebido que continuam caindo. — Não é nada, não se preocupe.

— Tem certeza? — insiste, o semblante preocupado me fitando.

— Eu estou bem agora, obrigada, Joel.

Sorrio para o garotinho e aperto sua mão, agradecida pelo carinho. Eu demorei muito para sair do fundo do poço, mas redescobri as coisas maravilhosas da vida com meu trabalho, meus amigos e momentos como este. Nunca mais vou deixar a escuridão me afundar de novo.

CAPÍTULO 7

André



Fecho o arquivo do relatório e jogo o corpo com tudo na cadeira, dando um descanso para as minhas costas e a minha mente. Coço os olhos, esfrego o rosto, massageio o pescoço. Nada parece diminuir a tensão. Esta semana está sendo um inferno aqui na empresa.

Desde que Carter anunciou que ficarei no seu lugar, durante o tratamento para o câncer, tenho recebido olhares atravessados e escutado muito burburinho por todo lado. Ninguém fala nada na minha cara, no entanto, está mais do que óbvio que não gostaram da notícia.

Foco na luminária chique que tem no teto e fico nessa posição, buscando em vão relaxar um pouco. É impossível não pensar na ironia disso tudo.

Toda vez que eu vejo *hashtags* sendo levantadas nas redes sociais, fotinhos bonitas sendo postadas contra o racismo, imediatamente me recordo de dias como hoje. Dias em que estou esgotado e preciso ficar por horas preparando um documento que prove minha capacidade.

Apesar de ser novo na idade, tenho mais experiência na Edutec do que a maioria dos diretores. Com 12 anos de casa, conheci um pouquinho de cada área da empresa, passando de estagiário para auxiliar, auxiliar para assistente... galghei degrau por degrau até alcançar a diretoria.

Quando conquistei o cargo já tinha acontecido isso, porém, agora está infinitamente pior. Como se ter um diretor negro fosse ruim, mas tolerável, visto que teria que me dirigir a um branco em posição maior. Agora, um negro no poder de tudo? Que absurdo!

Não é “mimimi”, nem vitimismo. Só quem passa por isso é que sabe. Basta uma oportunidade para realmente fazer diferente e, mais uma vez, confirmamos uma realidade que a sociedade tenta fingir que não existe.

Aposto que muitos funcionários desta empresa postaram no *Twitter* e no *Instagram* que “vidas negras importam”, uma ação mundial que aconteceu recentemente. Não digo que essa conscientização não é importante, muito pelo contrário, contudo, ela não adianta de nada se ficar só como um discurso vazio.

Se um branco fica horrorizado com a morte de um negro injustamente, mas se apressa ao passar por ele, com medo de ser assaltado, está sendo hipócrita. Ficar incomodado em me ver como CEO, só por causa da cor da minha pele, também é hipocrisia.

Infelizmente, as características valorizadas na sociedade permanecem sendo as dos brancos. Somos tratados como inferiores há séculos.

Escuto um barulho na porta e logo avisto o sorriso contido e os óculos de grau da minha secretária.

— Senhor André, já estão esperando o senhor na sala de conferências para ajustar a apresentação no sistema multimídia.

— Ah, ótimo! — Ajeito a postura e passo a mão no terno, levantando-me. — Obrigado, Melissa.

Se minha vó estivesse aqui, com certeza, me aconselharia a trabalhar sem me preocupar com a opinião dos outros. Morreria de medo de alguém se ofender com meu gesto e tentar fazer mal a mim.

Eu não queria ter que fazer isso, mas é melhor ter uma conversa sincera desde o começo do que viver com mais problemas do que prevejo durante a ausência do meu amigo.

Preciso mostrar que não sou nenhum idiota, senão o sistema me

engole.



Olho no relógio pela terceira vez, *puto* da vida com a falta de respeito. Vim mais cedo para a sala, organizei a apresentação, repassei os pontos importantes e somente três diretores chegaram na hora certa. Estamos vinte minutos atrasados, e não poderei demorar porque tenho outro compromisso em seguida.

Precisei pedir à Melissa que entrasse em contato com as secretárias deles para relembrar os digníssimos do compromisso. Isso nunca, jamais, aconteceu em nenhuma reunião marcada por Carter desde que entrei nesta empresa. Respiro fundo, sentindo a adrenalina formigar na minha pele. Eles vão mesmo agir pelo jeito difícil.

Impaciente, vou para a porta da sala e avisto, ao longe, todos os atrasados caminhando juntos a passos de tartaruga pelo corredor. *Porra, que merda!*

— Senhores, estamos muito atrasados — chamo a atenção, falando alto. — Por favor, se apressem!

A cara fechada da maioria denota que não gostou da reprimenda. Haja paciência, ninguém é de ferro. Fico parado na porta, esperando um a um passar por mim como se fosse o professor do primário aguardando os alunos. Oliver e Benício ficam por último, fazendo questão de me olhar de cima a baixo.

Estou achando muito esquisita essa aproximação repentina dos dois. Carter me disse que o filho não conhecia ninguém na empresa e, do nada, ele e o *COO* agem como melhores amigos. Não me parece uma relação que começou há poucos dias.

Com todos sentados nos seus lugares, fecho a porta e me dirijo para a frente da mesa. Os olhares continuam sérios na minha direção.

— Bom dia, pessoal! — cumprimento, tentando espantar a sensação ruim no meu peito. — Em primeiro lugar, gostaria de pedir que isso não se repita mais. Se a reunião foi marcada, é porque é importante. O comprometimento deve ser o mesmo de antes.

— O que eu disse? — Oliver começa a rir e cutuca Benício. — Poucas horas como *CEO* e acha que manda, o poder já subiu à cabeça.

— Que tal cooperar, Oliver? — Fito-o, sério. — Só quero ajudar a empresa do seu pai.

Eu já estava esperando alguma gracinha do filho do Carter. Até ontem, no último dia dele na empresa, o garoto ficava perto de nós fingindo que estava interessado. Era só o pai virar as costas, para sumir como o diabo foge da cruz.

Evitei fazer esta reunião com meu amigo presente porque não quero lhe trazer mais preocupações. A única coisa que importa agora é o seu tratamento, eu vou dar um jeito de lidar com isso tudo.

Coloco a mão na mesa, inclinando o corpo para a frente a fim de ter uma visão mais próxima de todos, e cessar os cochichos. Por fora meu rosto permanece impassível, por dentro tudo está em ebulição.

— Senhores, eu vou perguntar apenas uma vez — digo, em tom calmo, e os olhares se voltam para mim. — Por que vocês acham que não serei um bom *CEO* na ausência do Carter?

Pouca idade, falta de tino como administrador, o fato do *COO* ter mais experiência com o operacional... as mesmas desculpas dadas na segunda-feira voltam em discussão. Os únicos que ficam em silêncio e não respondem nada são os dois novos amigos.

— Vocês têm certeza de que é só isso que os incomoda? — reforço a

pergunta, tendo acenos de cabeça como resposta.

Ninguém, é claro, menciona a questão racial. Esse tipo de comentário muitos opressores guardam para si quando estão diante do oprimido.

Olho para a tela ligada à minha frente e aciono o primeiro slide da apresentação. Por meia hora, usando o maior número de informações que consegui reunir, vou contra-argumentando cada apontamento feito por eles.

Pouca idade? Apresento meu currículo acadêmico vasto com a faculdade, a pós, o mestrado e todos os cursos que fiz na área, inclusive, um internacional. Só essa parte leva uns três slides, eu adoro estudar. A maioria se espanta em saber que me formei em Administração de Empresas e, só depois, me especializei em contabilidade.

Falta de tino? Mostro como a empresa economizou e cresceu nos últimos três anos, desde que assumi como o diretor de finanças.

Sem experiência com o operacional? Comprovo, com documentos, todas as ideias que dei, foram implantadas por Carter, e se tornaram um sucesso no negócio — desde sugestões internas para melhorias com os funcionários a mudanças no sistema de franquias da Edutec.

— Ainda acham que não tenho capacidade? — pergunto, assim que finalizo e o silêncio toma conta do ambiente. Ninguém abre a boca. — Eu gosto muito do Carter, o tenho como um amigo. Estou aqui para ajudá-lo a tocar a empresa enquanto cuida da sua saúde. Ele confiou em mim e vou dar o meu melhor pela Edutec na sua ausência, queiram vocês ou não. Seria muito melhor, e mais maduro, se evitarmos levar preocupação para um homem debilitado. Quero somar, não separar. Posso contar com o respeito e apoio de vocês?

Mais uma vez, recebo acenos de cabeça em resposta — exceto de Benício e Oliver. Com os dois não haverá diálogo de forma alguma, pelo jeito.

Não sei se isso aqui entrou por um ouvido e saiu por outro, mas pelo

menos eu fiz a minha parte. Se uma pessoa desta sala somar comigo, já estarei mais aliviado.



Estaciono na rua lateral do barracão e desço do carro, apressado. Foi um dia tão desgastante no trabalho que acabei saindo em cima da hora para participar da cerimônia de formatura da primeira turma de desenvolvimento de sistemas.

O projeto social, que a Edutec mantém dentro da escola de samba de Heliópolis, oferece gratuitamente para os jovens da comunidade seis, dos vinte cursos disponíveis na grade da empresa. Isso com toda estrutura e os melhores professores, como se fosse uma franqueada.

O objetivo do Carter é ampliar essa gama cada vez mais, além de expandir a iniciativa para outros cantos do país. Meu amigo é um homem de negócios comprometido com o lado social e o real sentido da educação. Tenho muito orgulho dessa qualidade dele.

Tanto é que aceitou minha sugestão de aderir ao programa Jovem Aprendiz e nossos primeiros contratados serão cinco alunos formandos de hoje. Todos vão integrar a equipe de marketing da Edutec para auxiliar nos projetos de publicidade e divulgação da empresa.

Abro um sorriso de verdade, pela primeira vez no dia, ao ver a quadra cheia de cadeiras de plástico, lotada de cabeças se mexendo para lá e para cá. Aceno, cumprimento, abraço. O falatório dos familiares e amigos dos alunos é música para meus ouvidos.

Na realidade da favela, celebrar a educação é uma dádiva.

— Dé, como você tá, irmão?

Sinto um tapa nas minhas costas e nem preciso virar para saber que é meu melhor amigo, Ramon. O riso se amplia nos meus lábios e o abraço, apertado.

— Agora *tô* bem, cara. — Inspiro fundo, olhando mais uma vez para a quadra cheia. — E você, como anda? Sumiu, faz dois domingos que venho *pra* cá e não te encontro.

— Peguei um trampo extra de segurança aos finais de semana, *tá foda*. — Ele passa a mão no bigode e suspira. — Uma correria danada. Saudade de filar boia na casa da tia Tereza.

Quase todo domingo, seja no almoço, no café ou no jantar, Ramon aparece para comer. É magro de ruim, nunca vi um ser humano comer tanto quanto ele.

— Não seja por isso, a vó *tá* fazendo bife a cavalo com fritas para o jantar. Terminando aqui vou direto *pra* lá.

— *Porra*, mano, eu vou mesmo, hein — fala, empolgado. — Tudo bem levar a Sosô?

— Claro, *né*.

Soraia é a sobrinha de 14 anos dele, filha da sua irmã mais velha. A menina é um dos formandos que vai participar do programa Jovem Aprendiz. Escolhemos os alunos de acordo com as melhores notas.

Sosô puxou a sua tia Rô, minha ex-namorada, no quesito esforço e dedicação. A garota foi a melhor da turma de cinquenta alunos, divididos em três períodos.

— Com licença! — A coordenadora dos cursos interrompe nossa conversa. — Já vamos subir ao palco, André. Você pode nos acompanhar?

— Claro! — Sorrio para ela e dou mais um tapa no ombro do meu amigo. — Me espera quando terminar, então. Aproveitamos *pra* colocar o

papo em dia.

— Combinado, irmão. Vai lá!

Enquanto caminho em direção ao palco, ouvindo meu nome sendo chamado a todo instante, o que eu vivi a semana inteira na Edutec passa a ser pequeno demais. A raiva ainda presente nas minhas veias vai dando lugar a uma alegria genuína.

Para os diretores, eu posso não ser ninguém, mas para esses jovens, eu sou a esperança.

Quando você vê alguém que veio do mesmo lugar que você, que é como você, ocupando um lugar de destaque na sociedade, desperta a ideia de que também pode chegar lá. Eu virei exemplo para eles, esse é o poder da representatividade negra.

Quanto mais gente crescendo, mais exemplos teremos e mais jovens seguindo esse caminho.

É uma estrada tortuosa, mas necessária a ser percorrida. Como diria Martin Luther King: “Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário que você veja toda a escada. Apenas dê o primeiro passo.”

Nós estamos dando um passo importante esta noite.

CAPÍTULO 8

Gabriele



Vejo uma notificação do meu irmão piscar na tela do celular e é imediato o vinco que se forma na minha testa. Ele raramente manda mensagem ou liga, Tiago é uma das pessoas mais fechadas que eu conheço.

Temos 11 anos de diferença de idade, talvez isso tenha contribuído muito para o distanciamento natural entre nós. Quando eu era criança, ele já estava na adolescência com outras prioridades.

Não ajudou em nada o fato da nossa mãe ter nos abandonado para ficar com outro cara. Eu nem me lembro como Doralice era, mas Tiago sim. Ele acumulou uma raiva tão grande depois disso, que se tornou ainda mais introspectivo. Nunca se casou, não teve filhos, sequer apresentou uma namorada para a família. Mora com meu pai até hoje. Acho que meu irmão evita relacionamentos por culpa dela.

Queria poder ajudá-lo, por muitas vezes tentei, no entanto, não recebo nenhuma abertura. Não quer conversar comigo, não aceita procurar apoio profissional. É difícil de lidar, embora não o julgue. Se eu, que quase não tenho memória materna, convivo com uma sensação horrível de vazio, imagino ele. É inevitável questionar o porquê ela fez isso, por que não manteve nenhum contato.

Inspiro fundo, sentindo aquele repuxar incômodo no peito. As batidas involuntárias aumentam o ritmo, sem que consiga controlar. É esquisito e dúbio demais os sentimentos que ficaram da minha mãe. No fundo, não sei se é um desejo bobo de menina, tenho a impressão de que Doralice ainda vai voltar e vou descobrir o motivo de ter agido como agiu.

Largo o pote de frango desfiado na mesa e corro para lavar as mãos na pia, espantando os pensamentos. Com pressa, enxugo no avental mesmo antes de pegar o aparelho. Há uma mensagem curta e direta do Tiago.

O pai está mal. Não quer ir ao médico.

Encosto o corpo na cadeira e disco o número do seu José imediatamente. O que meu irmão tem de fechado, meu pai tem de teimoso. Odeia hospitais, prefere se remoer de dor a procurar ajuda. No quarto toque, sou atendida por uma voz rouca.

— Não acredito que seu irmão já foi fofocar — resmunga, tossindo em seguida.

Quase posso ver a cara feia que deve estar fazendo agora para o coitado do Tiago.

— O que o senhor tem, pai? — questiono, preocupada, sem ligar para o comentário.

— Só uma tosse, nada de mais...

— Tosse, tontura, febre de 39 graus, dor de garganta, diarreia... — Ouço meu irmão enumerar ao fundo.

— Tudo isso, pai? — Ajeito a postura, tensa.

Seu José não é de ficar doente, mas quando fica, ela vem com tudo.

— Não é nada de mais, filha, não se preocupe.

— O senhor precisa ir ao médico, sim, só ele pode dizer se não é nada de mais — digo, incisiva. — Como vai trabalhar desse jeito?

— Trabalhando, ué — argumenta, com outra tosse. Pelo som, posso perceber o peito cheio. — Já estava me arrumando *pra* sair com seu irmão.

— Não dá para ficar um turno inteiro em pé, na frente de uma chapa. É perigoso acabar se machucando.

Eles são soldadores em uma fábrica pequena que tem perto de casa. Não há a mínima chance do meu pai ficar com um objeto cortante, por horas, tendo tontura e mal-estar.

— Eu não vou faltar, Tiago. — Eles têm tão pouca diferença de idade, que parecem mais amigos do que pai e filho. — Não começa de novo!

Bufo com a discussão dos dois, desencostando da cadeira. Vou ter que ir lá para dar um jeito no seu José. Homem cabeça-dura, meu Deus!

— O senhor não vai sair de casa com 39 graus de febre, de jeito nenhum! Vou ligar agora mesmo *pra* Clara e avisar que estamos indo ao postinho.

— Filha, eu...

— Pai, o senhor não vai. É perigoso, de verdade, não vai se arriscar à toa.

Seu suspiro longo e dramático demonstra que não quer ir, mas realmente deve estar bem ruim para não retrucar de volta. Normalmente, essa conversa duraria quase uma hora entre “não vou”, “vai”.

Clara, minha amiga dos tempos de escola, se casou com o dono da fábrica onde trabalham e o ajuda com as coisas administrativas. Conhecendo meu pai como conhece, tenho certeza de que vai entender a situação. Ele não falta nunca.

— Deixa eu falar com meu irmão — peço, já levando alguns utensílios que estava usando para a pia.

— Oi. — Uma voz baixa ressoa pelo aparelho.

— Que horas o pai tomou remédio?

— Não faz nem uma hora, a febre ainda não baixou.

Pego o pote de frango desfiado, que estava preparando para fazer o recheio da coxinha, tampo e sigo na direção da geladeira. Hoje meus clientes vão ficar sem a remessa fresquinha da tarde.

— Antes de você sair *pra* trabalhar, faz o pai tomar um banho frio. Se tiver chá de camomila, faz também que ajuda a transpirar e vai deixá-lo mais relaxado.

— Tá bom.

— Eu vou guardar as coisas aqui na cozinha, tomar um banho rápido e chamar um Uber. Daqui a pouco estou aí.

Desligo o telefone, sem conseguir deixar de pensar que a relação com meu pai também nunca foi muito normal. Sem a minha mãe em casa, desde pequena eu assumi o compromisso de cuidar dos dois que ficaram por muito tempo quebrados — se é que ainda não estão até hoje.

Tive que engolir meu sofrimento, esquecer a infância de brincadeiras, e aprender a limpar casa, cozinhar, costurar...

Amadureci na marra.



Tem hora que eu fico com muita raiva da minha mania de economia. Principalmente, quando estou com pressa no meio da rua e lembro que não tenho crédito no celular para chamar um Uber.

Se possuo wi-fi no apartamento, é graças à minha amiga Gina que achou um absurdo eu cancelar o plano de internet depois do divórcio. Ela

colocou em várias paredes do meu cubículo a sua senha e acabou me convencendo a usar.

Atravesso a rua e sigo até o bar da esquina para recarregar o aparelho. Eu poderia até ir de ônibus, mas vai demorar muito. De metrô, a parada é longe demais da casa do meu pai.

Assim que consigo acessar o aplicativo, resmungo alto ao notar o tempo de espera pelo carro mais próximo.

— Que droga! Justo quando preciso, essa demora toda.

— *Tá* todo mundo reclamando, é por causa da obra de drenagem. — O dono do bar para ao meu lado, apontando para um ponto à frente. — Eles começaram hoje e interditaram os acessos. *Tá* tendo que dar uma volta enorme *pra* chegar aqui. É mais fácil tentar chamar lá da praça.

— É verdade, obrigada.

Despeço-me, apressando o passo pela calçada. Ando tão rápido que percorro quatro quadras em menos de cinco minutos. Quando encontro um lugar bom para embarque e desembarque, e pego o celular de novo do bolso da calça, um vulto passa perto de mim, correndo.

Na mesma hora meu coração acelera ao reconhecer a roupa surrada, o chinelo no pé, os cabelos descuidados. Por que será que ele está...

— Vem aqui, moleque! — Um grito estridente interrompe meus pensamentos e avisto um homem robusto atrás do garoto.

Todas as pessoas em volta seguem com o olhar a cena que não é incomum em São Paulo. Ai, meu Deus, será que ele fez alguma coisa errada? Com o peito apertado, e sem pensar demais no que estou fazendo, corro atrás dos dois.

Tudo acontece tão rápido, assim que meus pés aceleram e viram a esquina, que mal consigo respirar direito. O sinal abre e Joel atravessa sem

olhar, em uma velocidade desesperadora.

— Cuidadoooooo! — Minha voz sai tão aflita que mal posso reconhecê-la.

É tarde demais. Fecho os olhos por um segundo, perdendo a força. O barulho é estarrecedor e parece me cortar por dentro.

Freio.

Vidro quebrado.

Corpo caindo no chão.

O corpo do meu pequeno Joel.

Ver sua imagem frágil no asfalto e os curiosos se aglomerando em volta desperta meus sentidos e parece me acordar do choque. Como uma leoa protegendo sua cria, empurro todos no caminho e me jogo no chão, ao seu lado. Só quando levanto as mãos querendo tocá-lo é que percebo como estou tremendo.

O corpo todo balança, as lágrimas descem pelo meu rosto, desenfreadas, como o sangue que escorre da sua cabeça.

Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Ele precisa ficar bem.

— Joel, meu amor, é a Gabriele. Abre os olhos, meu amor. Por favor.

Meu menino não responde, continua imóvel, pálido.

— Ele está com pulso, já chamei a ambulância! — A voz é familiar. Pisco para enxergar direito, minha visão está embaçada de tão nervosa. Assusto-me ao reconhecer André ajoelhado perto de mim, de terno, tão branco como se tivesse encontrado um fantasma. — Eu sinto muito, muito mesmo. O garotinho apareceu, do nada, tão rápido, que não tive tempo de frear.

Encaro o carro de portas abertas e ele.

A constatação vem lentamente quando noto seus olhos castanhos se encherem de lágrimas, a garganta subir e descer em um movimento nervoso.

André atropelou Joel.

CAPÍTULO 9

André



Meu coração ainda está acelerado. Esfrego a mão no peito e passo pela porta da delegacia sentindo um aperto horrível por dentro. As batidas não conseguem se acalmar mesmo depois de mais de uma hora após o acidente.

“Não foi culpa sua.”

Tento usar a voz baixa da Gabriele fazer meu cérebro aceitar que realmente não tive culpa no atropelamento, mas é difícil demais quando me lembro do corpo do garotinho estirado no chão, o seu sangue no vidro quebrado do meu carro, as mãos trêmulas da mulher tentando tocá-lo...

Ela estava desesperada, não entendi muito bem, mas parece que são conhecidos. Jamais imaginei que fosse reencontrá-la em uma situação dessas. Sorte que não ficou brava como estava com Oliver aquele dia, ainda bem que entendeu, porque a culpa estaria em um nível sufocante se tivesse agido diferente.

Foi tão rápido, eu nem tive tempo de raciocinar. O sinal abriu em um instante, e no outro um vulto apareceu correndo e se chocou com o veículo. Por mais que eu não estivesse em alta velocidade, ele estava e bateu com muita força no chão.

Se... se...

Inspiro e expiro fundo, proibindo-me de pensar no pior.

— Irmão, você está bem? — Ramon desencosta do seu carro

estacionado na calçada e corre na minha direção assim que me vê. — Como foi isso de acidente? O que aconteceu?

Aceito o abraço do meu amigo, precisando de um pouco de alívio para essa pressão esmagadora no peito. Conto rapidamente o que houve quando estava voltando de um almoço com um dos franqueados da Edutec na capital.

Assim que o socorro chegou e os paramédicos aceitaram que Gabriele fosse junto ao hospital, eu esperei a polícia e vim prestar depoimento. Como meu carro foi rebocado para conserto, liguei para Ramon me buscar, aproveitando que sexta é seu dia de folga no trabalho.

Preciso urgente saber notícias do Joel. Deixei um cartão meu com Gabriele para contato e pedi para ele ser enviado a um hospital particular que tem perto do local do acidente. Vou arcar com todos os custos que forem necessários para a sua recuperação.

— Deu tudo certo aí com os *zome*? — pergunta, preocupado, apontando com a cabeça para a delegacia.

Estatisticamente falando, nunca é bom para um negro se meter com a polícia. Somos ensinados desde muito cedo a evitar qualquer confronto. Temos plena consciência de que podemos ser alvos de abordagens injustificadas, revistas humilhantes, prisões ilegais, agressões verbais, flagrantes falsos e algumas vezes espancamentos e morte.

“Sim, senhor”, manter contato visual, mãos visíveis e identidade na carteira são fundamentais. Jamais devemos fazer movimentos bruscos. A chance de dar merda quando vacilamos é grande e facilmente comprovado pelos noticiários, infelizmente: negros são 75% dos mortos pela polícia no Brasil.

— Uns olharam atravessado, mas tinha muita testemunha no local e imagens da câmera de segurança que fica na via. — Afasto-me de Ramon e começo a caminhar na direção do carro. — Eles têm acesso aqui para monitoramento. O processo vai correr, porém, os indícios apontam a minha

inocência.

— Que bom, cara! Nas imagens mostra por que o garotinho estava correndo?

Meu amigo destrava a porta e eu entro apressado, ajeitando-me no banco. Estou muito angustiado, enquanto não souber notícias não vou ficar em paz.

— Não mostram porque aquela câmera é só da via, não estava funcionando a que fica na direção da rua. As testemunhas mencionaram que tinha um homem correndo atrás dele e falaram da possibilidade de o menino ter roubado e estar fugindo — explico, quando ele entra também, coloca o cinto de segurança e dá partida no carro.

Infelizmente, quando vemos uma cena assim é a primeira coisa que pensamos.

Não gosto dessas opiniões sem de fato saber o que houve. Ainda mais porque o tal homem não foi interrogado, sumiu da cena do acidente. É mais fácil julgar que estava roubando só pelos trajes simples do que estar fugindo por medo de alguém.

Existem tantas possibilidades diante de um fato.

— A moça que foi junto te deu notícias?

— Não. — Passo a mão no cabelo, permanecendo com ela parada por um tempo na nuca. Suspiro, cansado. — Gabriele estava muito nervosa, é capaz que esteja aérea, sem saber como agir.

— Vai dar tudo certo, se Deus quiser, irmão! — Ramon bate no meu braço, e me fita de esguelha.

Balanço a cabeça em concordância, implorando ao universo para que isso realmente aconteça.



Assim que piso na recepção do hospital, a primeira coisa que eu vejo é um cabelo loiro esvoaçante andando de um lado para o outro. Como eu previa, Gabriele ainda está muito nervosa. Uma das mãos esfrega a calça jeans sem parar e a outra está na boca, devorando as unhas.

Praticamente corro na sua direção, notando as batidas ressoarem como tambor pela caixa torácica.

— Nada ainda? — questiono, afoito, tocando seu ombro.

— Ai, que bom que você chegou! — Ela enlaça seus braços finos no meu pescoço e se encaixa no meu corpo.

A atitude me deixa sem reação por um segundo, não estava esperando por isso.

Uma adrenalina diferente invade minhas veias, uma sensação de... de... nem sei explicar. Nunca senti algo parecido. É um calor, mas não no sentido sexual da palavra. Um calor de conforto?

Espanto os pensamentos quando noto seu corpo tremer e um soluço baixo reverberar pela sua garganta.

— Eu estou aqui! — Trago seu corpo para mais perto, envolvendo-a no meu peito. Acaricio o cabelo com carinho em um movimento de vai e vem. — Não chora, calma!

Minha garganta tapa com medo do que possa ter acontecido com o garotinho. Ele é tão novo, com certeza não tem mais do que quinze anos. Tem uma vida inteira pela frente.

— Joel precisa fazer uma cirurgia por causa de uma lesão na perna,

vão colocar pinos no joelho — conta, aos prantos. — Só que ainda não podem fazer nada até localizar os pais, o menino estava sem documentação. Ele chegou a acordar, graças a Deus, mas quando os médicos perguntaram da sua família, se desesperou. Acharam melhor sedá-lo.

— Se ele acordou, já é um ótimo sinal! — Respiro, aliviado, e me afasto o suficiente para encarar seu rosto. Passo o polegar na bochecha para secar as lágrimas que escorrem. — Teve mais alguma complicação? Na cabeça? Na coluna com a queda?

— Por sorte, não! O sangue na cabeça foi um machucado da batida, mas nada grave. Já fizeram os exames e, fora os arranhões pelo corpo, o que mais afetou foi a perna mesmo. — Parece que um peso de cem quilos saiu das minhas costas. Ele está vivo e sem complicações muito graves. — Temo demorar *pra* fazer a cirurgia e dar algum problema. E se ele não puder mais andar? Se tiver que amputar?

Apesar da tensão, tenho vontade de sorrir com a sua preocupação exagerada. Está apreensiva igual uma mãe ficaria, pensando em mil possibilidades.

— Vamos focar no fato que ele está bem, na medida do possível. O que mais me preocupava era ficar inconsciente ou com lesão na cabeça e coluna. — Encaro a imensidão dos seus olhos azuis, ainda mais claros por causa do choro. — Joel foi forte, seu corpo aguentou muita coisa. Ele vai aguentar essa também!

— *Tá bom...* — Ela acena com a cabeça e nossos corpos vão se afastando aos poucos.

Sinto falta do toque na mesma hora. É engraçado como minutos atrás eu estava desesperado por conforto, e agora estou afoito para oferecer à Gabriele.

— Nossa Senhora, uma eternidade *pra* achar vaga naquele estacionamento! — Olho para trás e avisto Ramon andando rápido até nós. — E aí, cara? Como estão as coisas?

— Ele precisa de uma cirurgia no joelho, mas no resto está tudo bem, por enquanto. — Solto o ar devagar, virando-me na direção da loira. — Essa é a Gabriele que eu falei.

— Muito prazer! — Ela seca a mão molhada de choro na calça e a estica.

— O prazer é meu. Eu sou Ramon, amigo do Dé.

Seguimos para uma fileira de bancos no canto da sala ampla da recepção e conversamos um pouco sobre o que os médicos disseram sobre os exames feitos enquanto estava na delegacia.

Fico de novo com aquela sensação boa de calor quando ela se preocupa em perguntar se deu tudo certo no depoimento, aflita com a possibilidade de ter problemas.

— Como você o conheceu? — pergunto, curioso.

— Eu vendo coxinha nas ruas e o conheci lá nas redondezas da praça. — *Coxinha? Que legal!* Reparo com ainda mais admiração na loira pelo seu trabalho. — Joel é guardador de carros.

— Ele nunca falou nada de família? Não tem alguma pessoa que pode nos dar uma dica?

— Não, ele nunca falou nada. É muito fechado. — Gabriele parece especialmente atordoada com essa questão dos pais. — Estou preocupada em como localizar os pais dele. O hospital ia acionar o serviço social para tentar encontrá-los e depois comunicar a Vara da Infância, mas até agora não me deram nenhuma notícia. Pela reação dele quando os médicos perguntaram, eu temo que não tenha uma boa relação familiar.

— Será que a Rô não pode ajudar, Dé? — Ramon sugere.

Claro! Como não pensei nisso? Roseli pode nos dar um norte

enquanto o hospital precisa seguir os trâmites burocráticos. Abro um sorriso, esperançoso.

— A gente pode pedir para ela verificar se ele está no sistema. Boa ideia, cara!

— Quem é Rô? — Gabriele questiona, confusa.

— É minha irmã, ela trabalha no Conselho Tutelar.

— Nossa, por favor! Liguem *pra* ela! — pede, afoita.

O pequeno deve ser mesmo especial para o tratar como se fosse um filho. Pego o máximo de informações que Gabriele consegue se lembrar do menino e ligo para a Rô. Minha ex-namorada fica nervosa com atropelamento, polícia e cirurgia na mesma frase, no entanto, nos ajuda na pesquisa sem mais explicações.

— Dé, tem um Joel no sistema — diz, ao telefone. — Bate com a idade e o corpo físico mencionados.

— Tem como você mandar uma foto *pra* gente ver se é ele? — Meu coração volta a ficar apertado, com receio da realidade que o garoto vive.

— Eu não posso expor as crianças assim, sem saber se é o mesmo garoto, sinto muito. Mas vou agora mesmo falar com o serviço social *pra* conferir. Se precisar, eu mesmo vou junto.

— Demora muito? — Massageio a têmpora, olhando para Gabriele que mal pisca, atenta na conversa. — Estamos preocupados por causa da cirurgia que precisa ser feita.

— Se fosse uma cirurgia de muita urgência, o médico podia fazer sem a autorização. Em alguns casos, acionam até o juiz. Se estão tentando contato, é que pode esperar. — Fico um pouco mais calmo ao saber disso. — Em, no máximo, uma hora acredito que esteja resolvido.

— Obrigado, Rô. Depois te ligo pra contar melhor o que aconteceu.

— Fica bem, Dé. Manda um beijo para o Ramon.

Nem desligo o telefone direito e começo a explicar tudo que Roseli disse. Gabriele não gosta da demora, mas acaba suspirando ao saber que, se fosse muito sério, Joel já poderia ter sido operado.

— Você pode ficar aqui no hospital? — ela pergunta.

— Posso, sim! Já avisei na empresa o que houve e tirei o dia de folga.

Aposto que Benício e Oliver estão adorando o fato de o novo *CEO* ter que se afastar na primeira semana como chefe.

Nem pense nisso agora, André! Só a saúde do garotinho importa no momento.

— Você liga se eu der uma saidinha? — Balanço a cabeça em negativa, acompanhando com o olhar Gabriele se levantar. — Acho que vou aproveitar que Joel está sedado, e que temos que esperar, *pra* ir ver meu pai. Antes do acidente, eu estava chamando um Uber para levá-lo ao médico. Seu José está com febre alta, dor, vômito. Da ambulância, liguei e implorei que fosse no postinho perto da sua casa. Disse que iria lá assim que as coisas ficassem calmas aqui. Pelo meu desespero na hora, acho que ele acabou indo para evitar mais preocupação da minha parte.

— Meu Deus! Espero que ele fique bem. Você pode levar a Gabriele, Ramon? — pergunto ao meu amigo.

— Claro! Também estou com o dia de folga.

— Não quero incomodar, posso chamar um Uber e volto rapidinho. Se Deus quiser, meu pai está só com uma gripe forte.

— Não é incômodo algum — Ramon garante, levantando-se também. — Onde seu pai mora?

— Em Heliópolis.

— Sério? — eu e meu amigo perguntamos juntos. — Nós também somos da comunidade.

— Morei quase minha vida inteira lá, mudei para o Centro com 19 anos.

Que mundo pequeno! Tudo bem que o bairro dos meus avós é gigante, mesmo assim, é engraçado que nossos destinos tenham se cruzado dessa forma.

— *Demorô*, então! — Ramon confirma a carona. — Eu deixo você no postinho e corro em casa *pra* tomar uma ducha, depois te trago de volta.

— Nem sei como agradecer, muito obrigada!

— Eu vou verificar na recepção se precisam de alguma informação sobre a questão financeira. Qualquer novidade, eu ligo para o Ramon.

— Liga mesmo, *tá* bom? — pede, tocando meu braço.

Os pelos ouriçam onde sua mão delicada se aproxima. O que está acontecendo?

— Pode deixar, vai em paz ver o seu pai.

Enquanto os dois se afastam e eu sigo até o balcão de mármore no fundo da sala, massajeio o local que ela tocou tentando entender o motivo do meu sangue aquecer a pele.

Na primeira vez que a conheci, chegamos a ter contato físico e não me lembro desse frenesi. O que será que mudou? A tensão do momento? O abraço repentino que ela me deu?

Não faço ideia.

Só sei que ter a mesma sensação, duas vezes no mesmo dia, não é normal. Isso não pode ser uma coincidência.

CAPÍTULO 10

Gabriele



Abro a porta da casa do meu pai e ajudo-o a entrar segurando sua cintura. Imediatamente, o cheiro de poeira e de móvel guardado invade meu nariz. Toda vez que eu venho aqui, tenho a mesma briga, ele tem mania de ficar enfurnado nesse calor.

Levo-o até o sofá e ajeto as almofadas para que possa esticar as pernas. O soro que tomou deixou seu organismo sonolento, o corpo está até mais leve. Graças a Deus, o postinho não estava cheio hoje e seu José foi atendido prontamente assim que chegou.

Quando Ramon me deixou lá, meu pai já estava quase recebendo alta para descansar em casa. Por sorte, o diagnóstico não é sério. Se eu tivesse mais uma notícia ruim, não iria aguentar.

Ele está com uma gripe forte aliada a infecção de garganta. O médico receitou injeção e antibióticos, que já programei como alerta do celular na pequena viagem do postinho até aqui.

Entrego o controle remoto na sua mão e abro as janelas para que o ar possa ventilar um pouco pelo ambiente.

— Ai, filha, odeio essa luz na cara — meu pai reclama, ligando a televisão.

— Eu já disse mil vezes! O senhor e o Tiago não podem ficar trancafiados desse jeito. — Tiro os pratos e copos largados em cima da mesinha de centro e levo para a pia da cozinha. — O que aconteceu com a dona Maria? Ela não está vindo limpar?

Assim como o meu apartamento, aqui também é bem pequeno. Meu pai financiou o terreno três anos após o nascimento do meu irmão e construiu praticamente sozinho. No começo, o dinheiro não sobrava mesmo, e depois que a minha mãe foi embora, ele desistiu de vez de fazer melhorias.

A casa ainda está no reboco e com telhado de Brasilit — o que piora muito o calor.

— Ah, ela tirava as coisas do lugar e nunca colocava certo...

Toda vez é uma desculpa diferente. Já tiveram mais de vinte faxineiras nesses anos e nunca está bom.

Quando casei e me mudei, vinha aqui toda semana fazer comida para congelar, lavar roupa e limpar a casa. Eu sentia como se fosse uma obrigação minha continuar cuidando deles por causa da falta da minha mãe. Foi Sérgio quem foi tirando isso de mim aos poucos, e me mostrando a importância de ensiná-los a ser independentes.

Meu pai nunca foi fã do nosso relacionamento porque também conheceu Doralice na adolescência e achava que eu estaria fadada à decepção. Com meu afastamento natural, a antipatia dele aumentou mais ainda.

Às vezes acho que seu José coloca defeito nas faxineiras só para eu voltar a paparicá-lo como antes.

Passo a mão no rosto, sem forças para pensar nisso agora. Minha cabeça está quase explodindo de preocupação com Joel e a cirurgia que precisa ser feita. Não vejo a hora de voltar para o hospital.

— Amanhã, eu venho aqui ver o senhor e farei uma faxina, mas saiba que vou arrumar outra diarista.

— Gabriele, eu...

— Pai, amanhã a gente conversa melhor, *tá* bom? — Volto para o sofá e deixo um beijo na sua testa, encerrando o assunto. — Minha carona está voltando para me buscar e preciso saber se conseguiram contato com os pais do Joel. Está se sentindo melhor?

— Estou. Pode ir lá ver o garotinho, tranquila.

— Chegando em casa vou digitalizar o atestado e já mando para a Clara. Só vai voltar para o trabalho segunda-feira!

Ele abre a boca para argumentar, porém, diante da minha sobrancelha arqueada e olhar sério na sua direção, desiste de falar alguma coisa. Sabe que não vai ter chance de sair vitorioso nessa.

— Também vou ligar para o restaurante da dona Helena e pedir *pra* entregar um caldinho de feijão no jantar. — Ajeito a almofada mais uma vez e sigo para a porta. — Se sentir algo antes do Tiago voltar do trabalho, me liga, *tá* bom? Já mandei mensagem *pra* ele avisando do médico.

— *Tá* bom, Gabriele. Vai com Deus!

Aceno e fecho a porta com o peito apertado. Uma parte de mim queria ficar aqui cuidando dele, embora eu saiba que não é bom para nenhum de nós o laço de dependência que existia.

Assim que piso na calçada, vejo que Ramon já está me esperando e fala ao telefone. Apresso o passo até o carro e pego só o finalzinho da conversa, o que deixa a apreensão ainda maior do que já estava.

— A mulher do abrigo está aí? — Sento-me no banco do carona, aflita para entender o que está acontecendo. — A Gabriele chegou, estamos voltando.

— O que houve? — Mal espero-o desligar e pergunto, afoita.

— André ligou e disse que a minha irmã confirmou que Joel é o garoto no sistema. — Ah, não! Eu ainda estava na esperança de encontrar

bons pais. — Tiveram que acionar o abrigo de onde ele fugiu *pra* acompanhar sua internação e autorizar a cirurgia. Estão resolvendo tudo agora.

— Abrigo? Fugiu? — Tapo a boca, chocada com as informações.

— Pois é — Ramon comenta, cabisbaixo. — Parece que a vida dele é complicada.

A garganta fecha, com medo de saber que Joel foi negligenciado e os motivos que o levaram a fugir. Aquele desejo poderoso de proteger e a ânsia de voltar para perto voltam com tudo.

Meu menino precisa de mim.



Eu vim pensando em vários cenários no carro, mas nada me preparou para uma realidade tão triste.

A mãe do Joel morreu de overdose de cocaína quando ele tinha apenas sete anos. Sozinho, precisou aguentar um pai abusivo até os 11, que batia nele constantemente e o obrigava a trabalhar para bancar seus vícios.

Quando o traste foi preso por envolvimento com tráfico de drogas, a violência contra o filho também veio à tona e ele perdeu a guarda.

Vicente Sales.

Cerro os dentes, sentindo a raiva borbulhar dentro de mim só de imaginá-lo. Se não bastasse espancar o próprio filho, ele é o culpado por Joel ter sido atropelado. O menino resolveu contar aos médicos que fugia do pai antes de sofrer o acidente.

Parece que o homem saiu da cadeia há poucos dias no regime aberto, descobriu que o garoto tinha fugido e estava procurando-o para conseguir dinheiro fácil mais uma vez. É um verme, um maldito... Inspiro fundo, tentando me acalmar.

Seco uma lágrima que escorre no meu rosto e me sento em uma das cadeiras da recepção. Tenho a impressão de que as minhas pernas vão desfalecer a qualquer momento do tanto que estão bambas.

— Está se sentindo mal? — André se senta ao meu lado e toca meu braço, preocupado.

Eu já tinha o achado um homem decente por ter se esforçado tanto para arrumar uma camiseta nova no dia em que derrubou café em mim, mas agora, eu tenho certeza.

Ele ficou desesperado com o acidente, está pagando todos os cuidados médicos em um hospital particular, mesmo não tendo culpa nenhuma, e ainda deixou o trabalho de lado para acompanhar a evolução do Joel.

Não tenho nem palavras para agradecê-lo.

— É muito fardo *pra* uma criança tão pequena. — Balanço a cabeça, esfregando a mão no rosto. — Não consigo entender como um pai pode fazer tudo isso. Não entra na minha cabeça como pode ver o filho sendo atropelado e sumir, sem prestar socorro.

— Com certeza, ele não quer ficar no radar da polícia, é um *filho da puta* — Ramon comenta, andando de um lado para o outro na nossa frente.

— É um desgraçado mesmo! — André concorda, sério. — Quando a Rô contou que ele fugiu do abrigo e o pai saiu da cadeia pouco tempo depois, fiquei com a impressão de que Joel foi embora por medo do homem conseguir a guarda de novo.

É bem possível que tenha sido isso mesmo, visto que o menino morou no abrigo sem nenhum problema por quase dois anos. Imagina a sua

cabecinha, pensando na possibilidade de sofrer nas mãos de alguém que bate e explora?

Devia doer demais para ele preferir ficar na rua.

— Será que aquele monstro pode pegar a guarda de novo? — indago, voltando a ficar de pé. — Isso não pode acontecer, de forma alguma!

— É bem difícil diante de todo histórico familiar. — Olho para trás ao ouvir uma voz feminina suave. — Muito prazer, eu sou a Rô! Você deve ser a famosa Gabriele.

Estico a mão para cumprimentar a mulher bonita que me encara de forma serena. Roseli é aquele tipo impossível de não notar: alta, negra, corpo curvilíneo e cabelos encaracolados que molduram seu rosto.

Ela e Ramon se parecem bastante.

— Joel descobriu que você está aqui e ficou desesperado *pra* vê-la — ela afirma e meus olhos voltam a marejar. — Ele nos disse que você é amiga dele.

— Sério? — pergunto, com a voz embargada.

Preciso me segurar para não abrir a boca e chorar de vez. Estou muito sensível hoje.

— Sim, ficou agitado pedindo *pra* você entrar, mas precisava ir para a cirurgia. Depois do procedimento, eu posso tentar conseguir que você o veja.

— Por favor... — A voz quase não sai, de tão presa na garganta. — Eu gostaria muito.

— Obrigado pela ajuda, Rô — André agradece, parando ao meu lado. — Você sabe quais serão os procedimentos quando ele melhorar?

— Depois que receber alta, Joel provavelmente vai voltar para o

abrigo.

— Lá ele terá todos os cuidados necessários para a recuperação? — questiono, pensando em um local com dezenas de crianças precisando de atenção. — Eu tinha conversado com os médicos antes e me disseram que precisa de fisioterapia, medicamentos, curativo...

— O abrigo faz o possível para atender a todas as crianças que precisam de cuidados especiais. Talvez haja a possibilidade de transferi-lo para uma unidade com maior suporte. — O possível não é o ideal. Essa palavra corta meu coração. — Vai depender de vaga, esses ambientes ficam sempre lotados na capital.

Troco um olhar com André e ele parece ler meus pensamentos, porque na mesma hora coloca a mão nas minhas costas, como se dissesse em silêncio que me apoia.

— Tem alguma chance de uma pessoa de fora conseguir a guarda dele? Pelo menos, durante a recuperação?

— Existe na legislação a guarda por terceiros, mas vai depender muito do juiz — Roseli explica, se aproximando de nós. — Teria que ter provas do vínculo, depoimentos a seu favor. A opinião do Joel conta muito também e, pelo que vi, ele iria gostar.

As batidas no meu peito se amplificam na esperança de poder fazer algo a mais pelo meu menino.

— Eu trabalho como autônoma, porém, tenho um bom dinheiro guardado na poupança. — O *food truck* é um sonho, mas pode esperar. — Posso ficar um tempo em casa *pra* cuidar dele, faria isso com todo prazer do mundo.

Eu deixo de sair para vender coxinhas na rua por meses, se for preciso, cancelo meu bico na pizzeria à noite hoje mesmo. Talvez tenha sido uma providência divina eu conseguir o trabalho extra no complexo de saúde. É algo que posso fazer de casa e manter uma renda fixa, às vezes até ajuda

com o juiz.

— Acontece muito isso, Rô? — André questiona, interessado. — O juiz costuma ser favorável?

— A justiça procura preservar o bem-estar do menor acima de tudo. Como Joel estava em um abrigo, quer dizer que já não encontraram familiares próximos para ficar com a guarda. — Seco a mão na calça jeans, notando o nervosismo e a expectativa invadirem meu corpo. — Dependendo de como for apresentado o processo, é possível, sim. Ainda mais que está precisando de cuidados médicos.

Seria maravilhoso se eu conseguisse ajudá-lo, sinto no fundo do meu coração que Joel precisa de mim.

E eu também preciso dele.

— Se quiser mesmo, Gabriele, consigo um bom advogado para entrar com o pedido. — Ele olha para mim de novo e fico emocionada com a sinceridade das suas palavras. — Você também pode contar comigo financeira e pessoalmente para cuidar do Joel. Entro nessa com você!

O sorriso que desponta no meu rosto é uma mistura de agradecimento com uma admiração enorme. Fitando seus olhos castanhos expressivos, só consigo pensar que esse homem é tão lindo por dentro como é por fora.

André entrou na minha vida por acaso e agora pode fazer parte do melhor momento dela.

CAPÍTULO 11

André



Nem chegou a hora do almoço ainda e eu já fiz oito reuniões e despachei mais de trinta documentos. Tenho tomado um café preto de manhã e lanchado algo por aqui mesmo durante o dia para dar tempo de resolver tudo. A vida de *CEO* não é fácil como parece nos filmes. *Porra!* Eu convivo com o Carter há anos e não sabia que a demanda era tão alta. Nesta semana, em especial, os problemas têm proliferado a cada minuto, de todas as áreas imagináveis, como se estivessem testando minha paciência.

Certas coisas nem deveriam ser resolvidas por mim, mas como alguns diretores não estão querendo colaborar, acabam caindo nas minhas costas.

Entro na minha sala, já pegando o controle para aumentar o ar-condicionado. Como diria a minha vó, desgrça pouca é bobagem. Se não bastasse todo trabalho e as preocupações que tenho passado, o sistema de refrigeração parou de funcionar hoje e ficamos quase três horas torrando aqui dentro do prédio.

Pense o tanto de vezes que meu nome foi amaldiçoado nesta quarta-feira pelos funcionários... muitas, com certeza!

Enquanto o ar gelado vai tomando conta do ambiente, apanho meu celular no bolso da calça social e vejo se tem mensagem da Gabriele. Nós nos falamos sempre que possível, desde que saí do hospital, semana passada, seja para conversar sobre o estado de saúde do Joel ou o andamento do pedido de guarda provisória.

Nosso garotinho ainda está internado devido a uma infecção que

pegou pela baixa imunidade. O médico disse que ele está magro demais e que apresenta também um quadro de anemia. Com relação à cirurgia, ocorreu tudo bem, graças a Deus.

Tenho agilizado as coisas durante o dia para conseguir vê-lo no último horário de visita. Por sorte, o serviço social autorizou a nossa entrada. A loira não sai mais de lá por nada. Ontem à tarde foi participar de uma reunião de trabalho que estava marcada com muito custo, não queria largar o menino.

É engraçado como o destino prega umas peças, porém, encaixa tudo em seguida. Ela conseguiu recentemente um emprego que vai permitir que fique trabalhando de casa, se ganhar a guarda.

Se... uma palavra tão curta que é inimaginável para mim. Eu me envolvi tanto com a situação em apenas seis dias, que meu cérebro não aceita a possibilidade de não dar certo.

Joel está sendo uma surpresa inesperada e muito intensa. Eu não achei que fosse me apegar ao menino tão rápido. Antes mesmo de trocar uma palavra com ele, algo dentro de mim gritou que eu oferecesse ajuda à Gabriele.

Foi tão... instintivo.

Não era só a culpa que ainda estava enraizada em mim aquele dia. Era algo muito maior, como se nossos caminhos já estivessem entrelaçados.

Agora que o conheço um pouco melhor, o sentimento tomou espaço no meu peito. Ir visitá-lo à noite tem sido a melhor parte do meu dia. Gabriele me contou que ele nunca conversou tanto. Está radiante com a possibilidade de ficar na casa dela e tem falado pelos cotovelos.

Coitado! Passo a mão no cabelo, sentindo uma pontada na cabeça por me lembrar da sua história. A minha teoria estava certa. Joel fugiu mesmo do abrigo com medo de ser obrigado a morar com o pai quando ele saísse da cadeia.

A coordenadora do lar que ficava nos disse que, apesar de todo trauma que viveu em casa, o menininho era alegre e se dava bem com as outras crianças. Parecia aliviado por sair da sua realidade familiar.

Isso é tão triste! Odeio imaginá-lo morando em um lugar improvisado debaixo da ponte, com outras dezenas de moradores de rua, por medo do próprio pai. Joel com 13 anos estruturou tudo sozinho, fez amizades que garantiram seu trabalho de guardador de carros e um lugar para dormir, tendo o mínimo de proteção.

Ele não falava muito com outras pessoas de fora por receio de ser descoberto. O garoto é tão esperto que, para não chamar a atenção, ficava o período da manhã em um local e à tarde em outro. Gabriele mesmo nunca desconfiou, achava que Joel frequentava a escola e estava ali só para ajudar a completar a renda de casa.

Sem nenhuma mensagem nova, decido ligar para saber se está tudo bem. Confesso que adoro ouvir a voz da loira ao telefone. Aquela sensação boa que veio no dia do acidente continua aumentando sem controle.

Nem com a Rô, que eu namorei por mais de três anos, era assim, não sentia esse formigamento gostoso na pele. Não faço ideia do que está acontecendo, mas não tenho vontade nenhuma de reprimir. Reparei que Gabriele tem me olhado de forma diferente também, alguma coisa mudou nela em relação a mim.

— Bom dia! — ela atende, com um tom triste.

Sento-me na cadeira, preocupado com o que possa ter acontecido.

— O que houve?

— O médico disse que Joel vai ter alta amanhã — Gabi conta e eu posso imaginar o motivo de sua preocupação. — Eu deveria estar radiante de alegria, porém, só consigo pensar que não estarei com ele o tempo todo mais. E se voltar para o abrigo dificultar o pedido de guarda?

Sabia que era isso que estava pensando.

— O Dr. Marcelo Campos é um dos melhores advogados de Direito da Família na capital, foi muito bem recomendado. Ele disse que você tem uma boa chance, vamos confiar nisso.

— Eu sei, eu quero muito acreditar, mas estou com medo...

O jeito abafado que as palavras saem são o indício de lágrimas caindo daqueles lindos olhos azuis. Passo a mão no peito, incomodado por não estar ao lado dela agora, não poder confortá-la direito.

— Não chora, por favor! — peço baixinho. — Vai dar tudo certo, nosso garotinho ficará bem, Gabi.

Foi a Rô quem indicou o advogado, disse que não há pessoa mais qualificada para defender esse caso. Gostei do homem na primeira conversa, ainda na sexta-feira, e temos trabalhado incessantemente, desde então.

O Dr. Marcelo passou o sábado e o domingo colhendo testemunhas que pudessem endossar a responsabilidade da Gabriele e o vínculo dos dois. Fiquei admirado com o tanto de gente tecendo elogios para a mulher. A Rô e eu também fomos incluídos no processo como apoio para ela durante o período que estiver com a guarda do menino.

Segundo o advogado, ter o respaldo de uma assistente social, membro do Conselho Tutelar, pode ter um peso grande na decisão. A minha posição na empresa e o trabalho fixo também ajudam, porque o fato de a Gabi ser autônoma é um dos percalços que preocupa.

A juíza foi pessoalmente colher o depoimento do Joel no hospital e é a parte que mais dá esperanças. O garotinho praticamente implorou para ficar com a mulher, contou que ela é carinhosa e sempre o ajudou. As enfermeiras do hospital e o corpo médico foram a cereja do bolo, enaltecendo o cuidado que teve com o menino desde que ele foi internado.

Eu, de fato, tenho muita fé que dará certo. Precisa dar!

— Daqui a uma hora mais ou menos eu consigo dar uma escapadinha e passo aí *pra* gente almoçar juntos, *tá* bom? — proponho, para distrai-la.

— Não quero atrapalhar, sei que está corrido no seu trabalho.

— O hospital é perto, vai fazer bem *pra* mim também, sair um pouco. *Tá foda* por aqui...

— Obrigada, André, você está sendo incrível. Vou te esperar, então.

Meu coração não deveria acelerar tanto com uma simples frase e a expectativa de estar com Gabi. Quando eu desligo o telefone, um sorriso bobo desponta no meu rosto, sem que eu me dê conta.

— Senhor André! — Uma batida na porta quebra o momento. É a secretária. — Tenho novos documentos para o senhor assinar.

— Pode entrar! — Faço um sinal com a mão e guardo o telefone no bolso.

Verifico os cinco papéis entregues pela secretária e um chama a minha atenção sobre a veiculação de uma propaganda da Edutec em outdoors próximos à rodovia de entrada da cidade. Eu lembro muito bem que Carter não tinha autorizado isso, ele me falou que era um custo muito alto sem retorno imediato e que preferia investir no digital para conseguir novos alunos.

— Obrigado, Melissa. — Entrego os assinados na sua mão e fico com um. — Este aqui vou falar pessoalmente com o Tarso.

O diretor de comunicação e marketing é um dos que não está facilitando as coisas para mim, mesmo depois daquela reunião que precisei provar minha capacidade. Coloco o terno que tinha tirado mais cedo por causa do calor e sigo até a sua sala do outro lado do prédio.

Agora que o ar-condicionado está funcionando de novo, até recebo alguns sorrisos pelo caminho.

— Bom dia, Márcia! — cumprimento a secretária dele. — O Tarso está ocupado agora?

— Bom dia, senhor André! Ele está em uma reunião com o senhor Oliver e o senhor Benício, há cerca de uma hora. — Por que será que não me surpreendo com isso? Tenho vontade de bufar, mas me seguro. — O senhor quer que eu ligue e diga que está aqui?

— Por favor, serei rápido.

Pela cara sem graça da moça quando responde vários “sim, senhor” seguidos ao diretor ao telefone, eu posso imaginar que ele não gostou de ser pego no flagra com o filho do Carter e o COO. Acho que é a primeira vez que eu venho à sala dele desde que entrei nesta empresa.

Quando sou liberado e estou prestes a entrar, estagno totalmente ao ver a sobrinha do Ramon chegar, entregando uma sacola e um copo de café do *Starbucks* para a Márcia.

— Oi, tio... And... senhor André! — Ela se atrapalha com a forma de me chamar.

— Pode me chamar só de André aqui, Soraia. — Dou um beijo no seu rosto, incomodado ao extremo com o copo. — O que é isso?

— É para o senhor Tarso, eu busco para ele lá perto da praça.

Viro na direção da Márcia e a secretária fica branca igual papel. Eu não seria capaz de descrever a raiva que invade meu corpo ao ouvir a frase da boca da menina. Despeço-me dela com a vista anuviada, não foi para isso que adotamos o projeto de Jovem Aprendiz.

Ao passar pela porta, Oliver e Benício ainda estão sentados sem nenhuma pressa de ir embora.

— Bom dia! — A falta de paciência pode ser notada pelo meu cumprimento seco aos três, que respondem com o mesmo ânimo. — Preciso falar com você em particular, Tarso.

— Ah sim, claro. — O homem encara os dois que, só então, se levantam. — Já tínhamos terminado a reunião mesmo.

Com aquele olhar superior irritante, Oliver passa do meu lado sem dizer nada. Benício sai ao lado. Meu instinto diz para ficar atento a essa dupla, eles estão aprontando alguma e não é de agora.

— Tarso, eu tenho dois assuntos para tratar com você, sendo o mais importante no momento a questão do programa Jovem Aprendiz — digo, assim que escuto a porta ser fechada e me sento na cadeira. — Por que a Soraia foi buscar café para você? Esse não é o papel dela aqui!

— Eu... é... — Fica claro que ele foi pego de surpresa, as mãos não param de mexer em papéis aleatórios pela mesa e o olhar não se fixa ao meu.

— Embora eu não concorde com essa atitude, se você quiser pedir para a sua secretária, que é maior de idade, é uma coisa; agora mandar uma criança que acabou de entrar aqui para aprender é outra totalmente diferente.

Não quero nem pensar na possibilidade de ter escolhido justo a Soraia por sua cor. Mais estresse não vai ajudar em nada.

— Eu não pensei nisso, é verdade... eu...

— Esses jovens estão sob a nossa responsabilidade, Tarso — recordo-o, incisivo. — São todos menores. Você sabe que, sem querer, eu atropeliei um menino de 13 anos, na sexta-feira. E se acontece isso com ela porque estava indo buscar café para você fora da empresa? Em algo totalmente alheio à sua função?

— Não vai se repetir, André — diz, apenas.

— Eu espero que não! — Ajeito a postura na cadeira, encarando-o mesmo que fuja do meu olhar. — O programa começou na segunda-feira para somar à equipe de marketing, eles estavam todos ansiosos e são muito capazes para assumir funções condizentes ao que estudaram.

Diante do seu silêncio logo que termino de falar, estico o documento que estava na minha mão e coloco à sua frente.

— O outro assunto é sobre esse pedido de publicidade. — Seu semblante muda de novo, noto tensão pelas sobrancelhas arqueadas. — O Carter já tinha comentado comigo ano passado que achou um investimento alto demais, ele prefere usar a verba destinada para esse fim no digital que converte melhor. Por que você está insistindo nisso de novo?

— É uma oportunidade muito boa de ter visibilidade em uma das principais rodovias do país, o dono baixou o preço, oferecendo novas possibilidades — argumenta, ajeitando a gravata.

Ele acha que sou idiota. Com certeza, não cogitou a hipótese de o Carter ter me contado e tentou mais uma vez com outra pessoa na direção. Não duvido nada que Tarso vai receber uma boa quantia em dinheiro do dono desses espaços se fechar o contrato.

É a famosa volta, algo que também abomino.

— Vamos seguir com o planejamento de comunicação como estava antes, sem nenhuma alteração na ausência do Carter! — afirmo e ele acena em sinal de positivo, sem dizer nada.

Cinco minutos depois, saio da sua sala com a cabeça latejando, o cansaço físico e mental da semana cobrando seu preço.

Agora, mais do que nunca, eu preciso da paz que sinto com Gabriele para esquecer esta manhã de merda.

CAPÍTULO 12

Gabriele



Eu já vi sorrisos bonitos antes, mas é difícil competir com o André. O homem tem uma risada espontânea daquele tipo que é capaz de deixar o dia da gente melhor, sem esforço. As bochechas se expandem, os dentes ficam à mostra, o rosto todo parece rir junto. Isso sem contar o barulhinho gostoso que emite. Perdi a conta de quantas vezes meus lábios se renderam e corresponderam a ele.

Mesmo com toda a preocupação que ronda minha cabeça sobre a guarda do Joel e sua alta amanhã, fica impossível resistir. Temos nos dado tão bem, que nem parece que nos conhecemos há pouco tempo.

— Caramba, já passou uma hora, acredita?!

— Tudo isso? — Desvio minha atenção da sua boca e encaro seus olhos, assustada, ajeitando a postura na cadeira. — Nossa, eu preciso voltar! Joel deve estar preocupado, eu disse que sairia rapidinho.

Resolvemos almoçar em um restaurante simples do outro lado da rua para evitar ficar muito tempo longe. Desde sexta-feira, eu praticamente moro no hospital. Até para saber do meu pai que está se recuperando da gripe, eu falo ao telefone.

Tirando para comer, tomar banho ou resolver questões sobre o pedido de guarda, o único período que fiquei fora foi por causa da reunião que já estava marcada com a nutricionista do complexo de saúde.

Decidimos ontem sobre quais são os produtos que possivelmente terão mais aceitação neste primeiro momento de teste dos salgados. Só de pensar que poderei fazer tudo de casa já me dá um alívio enorme.

Se fosse diferente, eu teria que recusar o trabalho, como fiz com o bico que consegui na pizzaria, à noite. Meu garotinho vem em primeiro lugar!

— Infelizmente eu também tenho que ir, tenho mais uns leões para matar hoje.

Ah, merda. De novo! Até quando o sorriso é mais contido ou meio irônico ele fica lindo. Não sei o que anda acontecendo comigo. Geralmente, eu não me afeto tanto — e tão rápido.

Todo dia que ele aparece no quarto à noite para visitar Joel meu coração acelera. Devo estar nesse vislumbre porque André está sendo muito mais que apenas um rosto e um corpo bonitos.

O que ele se propôs a fazer, sem me conhecer direito, por aquela criança, eu nunca vou esquecer.

— Obrigada por ter vindo me distrair, mesmo com tanta correria na empresa. Ajudou muito!

— Acredite, você fez mais por mim. — Ele se levanta da mesa arrumando o terno e eu o sigo até o caixa. — Precisava urgentemente de um pouco da sua paz.

Minha paz?!

Foco nos docinhos dispostos em cima do balcão de madeira para não o encarar nem pensar muito sobre isso. Pelo menos, não agora, embora as batidas no meu peito tenham se agitado sem avisar.

— Vou levar um desses para o Joel! — Pego o saquinho de brigadeiro, imaginando o rostinho feliz dele. — Pode deixar que eu pago a

minha consumação, tá?

— Ah, não! Eu convidei, faço questão — André avisa, já tirando a carteira do bolso. — Na próxima, eu aceito ser convidado para deliciar suas coxinhas. Que tal?

Gabriele do céu!

Repreendo-me em pensamento no instante em que meu cérebro pensa naquela boca carnuda em outro tipo de coxa. Assim que tudo se resolver e eu voltar para casa, preciso ter uma horinha urgente com Henry.

— Cl... claro, combinado! — Limpo a garganta para que a frase saia enquanto ele paga.

Noto uma faísca diferente passar pelos seus olhos castanhos assim que nos afastamos do balcão, como se só agora ele tivesse entendido a ambiguidade das suas palavras, no entanto, somos interrompidos pelo barulho de uma chamada.

Quando vejo o nome do doutor Marcelo na tela, na mesma hora meu foco vai totalmente para o aparelho e o possível motivo da ligação.

— Boa tarde, doutor! — ele atende, receoso, me observando parada ao seu lado. — Alguma novidade?

O segundo entre o silêncio e o sorriso mais lindo que André já me deu quase faz meu coração explodir de felicidade. Todo meu corpo parece em chamas, tamanha adrenalina percorre minhas veias.

Meu Deus, deu certo! Eu sei que deu. Ele não precisa dizer nada, só a intensidade do brilho da sua íris me fala tudo que preciso saber.

— Estamos voltando agora mesmo, obrigado, doutor — afirma, eufórico, não deixando de me fitar. — Não temos como agradecê-lo! Obrigado, de verdade.

— Deu certo, *né?* — pergunto, entre lágrimas, mal esperando-o desligar o celular.

— Sim, Gabi! — Suas mãos grandes puxam meu corpo em direção ao seu e o choro cai como cascata. — A juíza acabou de despachar favorável ao pedido, a guarda provisória é sua!

Agarro o tecido do terno e me aconchego no seu peito notando que o coração dele bate tão acelerado quanto o meu. É um abraço caloroso de aconchego e de certeza.

Sei que poderei contar com André para manter Joel seguro.

Ninguém vai machucá-lo. Nunca mais!



Minhas mãos estão tão trêmulas que quase não consigo enfiar a chave no buraco da fechadura. Coloco a mochila com as roupas que o abrigo deixou comigo no chão e me inclino para abrir a porta.

Hoje é o primeiro dia do Joel em casa! Ainda mal posso acreditar, parece que estou vivendo um sonho desde ontem, quando doutor Marcelo ligou e avisou sobre o despacho da juíza.

É uma mistura de euforia com desespero de fazer algo errado.

Eu fui assinar a documentação na mesma hora e já pude trazê-lo assim que recebeu alta hospitalar. Apesar de a guarda ser provisória, sinto como se a joia mais preciosa do mundo estivesse sido entregue a mim para cuidar.

— Coloca *ele* ali no sofá, por favor — peço para André, pegando a mochila e saindo da frente para que possa passar.

Ele subiu com Joel no colo por causa das escadas. Na ânsia de socorrer meu garotinho, eu não pensei na falta de estrutura do prédio e desta quitinete. Será que vai ser pequeno demais? E se eu fizer alguma coisa errada e machucá-lo?

Passo a mão na testa, de repente sentindo calor e um aperto na garganta.

— Obrigado, tio — Joel agradece, sorridente, enquanto é colocado entre as almofadas. — Tia Gabi, que horas eu vou ganhar minha coxinha de comemoração?

— Você almoçou antes de ter alta, já está com fome? — Fecho a porta e sorrio da sua carinha levada, mesmo tensa.

— Sempre tem espaço para uma coxinha sua!

O menino falou para todas as enfermeiras do andar que o atendeu que eu faço os salgados mais deliciosos do mundo.

O que acalma meu coração é que eu nunca o vi tão feliz quanto agora. Eu sinto que Joel está realmente agradecido e contente por ficar comigo durante a recuperação. Ele parece até outra criança, falante como nunca.

— Eu também quero, hein, tem alguém me devendo! — André diz e se aproxima de mim, sorrindo.

— Você vai poder ficar?

Não sei explicar, parece que estou morrendo de medo de ficar sozinha aqui e acabar cometendo algum deslize que faça a juíza desistir de deixar a guarda comigo.

— Por mais uma horinha, sim.

Solto um suspiro, aliviada. A presença dele me dá mais confiança.

— Você está se saindo muito bem. — Sua voz grossa cochichando na minha pele me traz um arrepio gostoso. — Fica calma, que tudo vai dar certo e irá se encaixar aos poucos.

— Obrigada — digo baixinho de volta, observando Joel se sentando de forma tão natural no meu sofá.

— Vou te ajudar a organizar as coisas do quarto, daí eu vou embora e volto à noite.

Ele lembrou que eu falei ontem sobre isso, que fofo! Como só tenho um quarto, vou readequar os móveis para poder colocar no chão um colchão de solteiro que a Gina vai arrumar para mim.

Vou deixar Joel dormindo na cama e ficarei ao seu lado, no caso de qualquer imprevisto ou dor durante à noite.

— Não vamos te atrapalhar? — questiono, preocupada com seu trabalho.

— Não se preocupe com isso, Gabi, eu disse que estava com você nessa.

Ontem, ele foi comigo ao fórum depois do almoço, hoje apareceu pontualmente para nos buscar. O fato de o André estar sofrendo pressão no trabalho e, mesmo assim, priorizar a gente, me deixa sem palavras.

— Vou guardar esta mochila no quarto, dar uma ligadinha para o meu pai e daí eu faço a massa rapidinho. — Pego o controle no suporte da TV e entrego na mão do Joel. — Fica à vontade, meu amor. A casa é sua! Aproveita hoje, que amanhã vamos estudar as matérias que estão atrasadas da sua escola.

— Se eu contar que estou morrendo de saudade de estudar, você nem acredita — o garotinho comenta, escolhendo um canal de desenho. — Quero fazer tudo direitinho para não perder o ano.

— Você não vai perder, não, eu sou uma ótima professora — brinco, deixando um beijo no topo da sua cabeça.

— Você é maravilhosa em tudo, Gabi! — Suas palavras doces me fazem engolir em seco, agora de emoção.

Fito André e ele está com um sorriso bobo no rosto observando nossa interação.

— Vou descer *pra* pegar o resto das coisas no carro, aproveito e ligo para o Ramon e a Rô. Os dois estavam querendo saber notícias mais cedo — comenta, seguindo até a porta. — Quer que eu aproveite e traga algo da rua?

— Nossa, eu preciso de leite para a receita! — Olho na direção da cozinha, imaginando que a caixa aberta na geladeira deve ter azedado a essa altura. — Foi bom você lembrar.

— Pode deixar que eu trago, já, já estou de volta.

Acompanho com o olhar seu corpo grande sair e encaro o garotinho esparramado no sofá vendo desenho. Faz muito tempo que esta casa não tem tanta vida como agora.

A cena é tão natural, que eu poderia muito facilmente dizer que é de uma família feliz.

CAPÍTULO 13

André



Desligo o computador e guardo a pasta de documentos que estava avaliando na gaveta da minha mesa. Assusto-me quando meu olhar passa pelo relógio de pulso e constato que já são quase sete horas da noite. *Caramba, o dia voou!* Preciso sair logo, porque ainda vou visitar Carter e Gabriele antes de ir para casa.

Tive que fazer hora extra quinta, ontem e hoje para dar conta de tudo que ficou acumulado devido às minhas saídas para cuidar do Joel. Geralmente, a sede permanece aberta somente até as duas da tarde no sábado. Fiquei cinco horas a mais sem nem perceber que escureceu.

Pego o paletó pendurado na cadeira, visto e saio da minha sala, esfregando a têmpora. Estou cansado e com dor de cabeça, uma combinação horrível para o final de semana. Assim que chego próximo aos elevadores, dou de cara com Benício, Oliver e Tarso virando o corredor na mesma direção que eu.

Desde que disse ao diretor de marketing que não vamos alterar o planejamento aprovado por Carter, ele parece ter ficado ainda mais próximo da dupla que não se desgruda.

— Você por aqui ainda?! — Benício exclama, com um tom um pouco mais elevado do que o normal ao notar minha presença.

— Boa noite. Muito trabalho — respondo, sucinto, apertando o botão do elevador.

— Final de mês dá nisso, hora extra garantida. Acabei de encontrar

Tarso e Oliver no corredor. Todo mundo no mesmo barco.

Quase, por muito pouco, eu não solto uma risada. Eles, com certeza, pensam que sou idiota.

Ao contrário de mim, que estava realmente me matando com relatórios, eu não duvidaria se eles ficaram por aqui esse tempo todo pensando em um jeito de me tirar do cargo. Com certeza, não se encontraram no corredor. Está cada dia mais claro os núcleos se formando dos contra e dos que estão indiferentes ao meu trabalho.

Infelizmente, não posso dizer com convicção que algum diretor está 100% feliz com a escolha do Carter. Isso ainda me deixa muito frustrado.

Entro no elevador e encosto no espelho, dando espaço aos demais. Tarso acena com a cabeça em cumprimento ao parar ao meu lado, mas Oliver nem sequer isso. O seu olhar para mim é sempre de superioridade e repugnância.

Diferente dos primeiros dias em que falou pelos cotovelos, brigando com Gabriele e me confundindo com o segurança, agora quase não escuto sua voz. Como se tivesse sido avisado para evitar dar bandeira.

O silêncio impera dentro do elevador, no saguão do térreo e na breve caminhada até o estacionamento externo que tem anexo ao prédio. O único movimento diferente foi o meu aceno para os dois seguranças que estavam próximos do balcão da recepção.

— Boa noite, Celso! — cumprimento o funcionário da guarita. — Tenha um bom trabalho.

— Obrigado, senhor André — responde, sorridente. Somos quatro pessoas e parece que só eu vi o homem. — Um ótimo descanso, fica com Deus.

— Amém. — Devolvo o sorriso, tirando a chave do bolso e andando em direção ao meu carro.

A boa educação que meus avós me deram até pede para que eu deseje boa noite ao demais também antes de ir, mas sinceramente, estou de saco cheio desse comportamento. Se eu fosse alguém que tivesse chegado aonde cheguei por baixo dos panos, sem capacidade nenhuma, eu entenderia a desconfiança.

Não é o caso aqui.

Entro no veículo e dou partida seguindo para o apartamento do Carter. Em uma noite de sábado, o costumeiro trânsito caótico do Centro dá lugar a ruas calmas e pouco barulho, se comparado aos dias úteis.

Ligo o aparelho de som, mesmo que o trajeto seja curto, e movimento meus ombros para frente e para trás, tentando aliviar o cansaço. Logo a música Índios, do Legião Urbana, reverbera pelo carro na primeira estação que aparece.

*Quem me dera ao menos uma vez
Acreditar por um instante em tudo que existe
E acreditar que o mundo é perfeito
E que todas as pessoas são felizes*

Quem me dera. Inspiro fundo, tendo vários flashes aleatórios com a letra.

Recordo o abraço apertado que dei nos meus pais quando ganhei o carrinho de fórmula 1 no último aniversário que comemorei com eles; do meu grito estridente naquela praça; do meu avô me ensinando a andar de bicicleta sem rodinhas; do choro escondido no quarto da casa dele quando ninguém estava vendo; da primeira vez que entrei na Edutec e fui recepcionado pelo Carter; do meu amigo avisando que está com câncer; do Joel sendo atropelado; do garotinho sorrindo para Gabriele quando contamos que ficaria com ela até se recuperar...

Uma mistura de lembranças mostrando que a vida é uma montanha-russa de emoções. Altos e baixos, momentos felizes e tristes. Um instante

tudo está bem e, no outro, pode ser destruído.

Desligo o rádio e passo o dedo na altura do nó da gravata, espantando os pensamentos antes que eles me tragam uma crise de ansiedade. Estou cansado fisicamente o suficiente, não preciso de uma carga emocional extra na minha dor de cabeça.

Pouco tempo depois, o prédio do Carter desponta no meu campo de visão. Entro sem precisar ser anunciado, faz anos que meu amigo deixou meu nome livre na portaria.

Desde que ele pediu a licença para se tratar, nos falamos todo dia ao telefone a fim de saber como está sua saúde. Carter tinha viajado ao Rio de Janeiro para fazer uma bateria de exames com o melhor oncologista do país e voltou hoje de manhã. A cirurgia já está marcada para semana que vem. Estou depositando toda minha esperança nela, precisa dar certo para que ele tenha uma chance melhor de recuperação diante do quadro avançado da doença.

— Que saudade, cara! — Abraço-o, assim que abre a porta.

Com ele sempre posso ser eu mesmo, sem me preocupar com o jeito de falar, de vestir, de agir...

— É bom ver um rosto amigo. — Ele suspira, parecendo muito mais cansado do que eu.

É impossível não notar os ossos proeminentes nas suas costas. Carter está mais magro e mais pálido, como se sua energia estivesse se esvaindo rapidamente.

— Desculpa vir a essa hora, perdi a noção do tempo avaliando documentos das franquias.

— Estou te dando muito trabalho, né? — Ele se afasta e dá espaço para que eu entre.

Eu tenho um apartamento bom, mas o do Carter é outro patamar. Só a sala dele é quase do tamanho do meu inteiro. Apesar da grandiosidade, não ostenta móveis e objetos de luxo.

Meu amigo gosta do simples e funcional.

— Para com isso, Carter! — reprimo-o, me sentando no amplo sofá. Logo Honey pula no meu colo com tudo, como se não pesasse quase 30 quilos. Tenho para mim que comprou este lugar mais pelo cachorro do que por ele. — Fiquei enrolado porque saí várias vezes para resolver as coisas do Joel com a Gabriele.

Faço um carinho no pelo macio do akita, sorrindo para a cadela sem-vergonha que ama um doce. Aposto que Carter voltou só para poder matar a saudade da sua fiel companheira. Podia muito bem ter ficado direto para a cirurgia no Rio.

Não o recrimino, porque provavelmente faria o mesmo pelo meu buldogue preguiçoso. Sheik é folgado, mas eu o amo demais.

— E como ele está? Fiquei aliviado demais quando soube da guarda provisória.

— Nem me fale! — Meu sorriso se amplia ao me lembrar do garotinho tão feliz na casa da Gabi. — Ele está bem melhor. Deu até uma *engordadinha* já, voltou a estudar em casa... Gabriele cuida muito bem dele.

— Está rolando alguma coisa com essa mulher? — Carter se senta ao meu lado no sofá e solta uma risadinha. Pega uma tigela de morango da mesinha de centro e me oferece um. — Tinha reparado que falava dela de um jeito diferente ao telefone, agora posso constatar os olhos brilhando.

— Não rolou nada, só que não posso negar que exista alguma coisa nela... Não sei explicar. — Passo a mão no cabelo, notando o peito inflar, e como um morango. — Fiquei com a Rô por tanto tempo e não senti nem metade do formigamento na pele que a Gabi causa em mim. Engraçado, que no primeiro dia que a vi não senti nada, porém, ao conhecê-la um pouco

melhor tudo mudou. Eu sei que pode ser estranho isso, rápido demais, mas...

— Não existe isso de rápido ou devagar, André. Nem é estranho! Quando alguém capaz de causar esse tipo de explosão em nós aparece, temos é que aproveitar cada momento sem receio.

Algo na sua feição tristonha me faz pensar que talvez Carter tenha desperdiçado a chance com alguém assim no passado. A sua mania de não falar demais da sua vida, me deixa sempre com várias interrogações.

Aceno com a cabeça e continuo acariciando o pelo da Honey. Um breve silêncio se faz na sala, cada um de nós perdido na sua mente. Se rolar alguma coisa com a Gabriele, eu com certeza não vou inventar empecilhos, embora ainda não entenda essa tempestuosidade repentina.

— Ah, esqueci de contar. — Carter quebra a quietude, parecendo desesperado para fugir das suas memórias. — Você não vai acreditar em quem apareceu aqui hoje, na hora do almoço, e até comeu comigo, *pra* desespero da Janete.

Sorrio ao me lembrar da empregada do Carter, que está com ele desde que o conheço. A senhora de idade fica desesperada quando algo foge do seu controle.

— Algum franqueado querendo fazer média? — chuto, percebendo sua cara de incrédulo.

— O Oliver, o Benício e o Tarso.

Abro a boca, incapaz de também não parecer chocado. Logo os três juntos, não é coincidência. Carter tinha me dito que seu filho sequer ligou uma única vez nesses dias todos que ficou fora.

Aguardo para ver se vai continuar falando, pois sinceramente nem sei o que dizer. Não vim aqui fazer fofoca nem trazer problemas ao meu amigo, ele precisa de paz para fazer seu tratamento bem.

— Nem sei como souberam que voltei hoje. Benício e Tarso elogiaram seu trabalho, disseram que está cuidando de tudo muito bem na minha ausência. — O que eles estão querendo com isso? Coisa boa, com certeza, não é. — Só não gostei de saber que Oliver preferiu ficar com Benício para aprender a parte de operações. Ele falou que não queria te atrapalhar, visto que está muito atarefado. Por que não me disse antes?

Filho da mãe!

Do jeito que contou ao pai, fez parecer que eu não dei abertura. Tentei várias vezes um contato que foi completamente ignorado.

— Busquei uma aproximação, porém, ele se dá melhor com o COO. Não queria trazer preocupação para você, ainda vou tentar novas abordagens.

— Tenta sim, por favor! — Carter pede, esperançoso com Oliver. — Se meu filho vai herdar aquilo um dia, tem que aprender com o melhor.

Conversamos mais um pouco sobre a empresa e o seu tratamento, mas minha cabeça fica longe refletindo sobre essa visita.

Meu instinto grita como nunca que há algo errado.

Muito errado.



Estaciono o carro na rua do prédio da Gabriele e verifico as horas no relógio de pulso: ainda bem que não está tão tarde ainda. Mesmo que a minha dor de cabeça tenha piorado por causa da conversa com meu amigo, fiz questão de passar aqui.

É tentador ir direto para casa, mas minha vontade de confirmar que está tudo certo é maior.

Desço do carro e passo pela portaria mal recebendo uma resposta ao meu “boa noite”. Avisei que vinha e Gabi disse que deixaria minha entrada liberada. O homem nem olhou para minha cara e me deixou subir.

Não gosto da falta de segurança deste lugar, qualquer pessoa pode entrar e sair sem problemas.

Bato à sua porta e sou recepcionado por um sorriso tão sincero que me deixa sem reação. Gabi está linda em um shortinho de moletom folgado e uma blusa de malha da Mulher-Maravilha. Sem maquiagem, o cabelo preso de forma bagunçada... não precisa de nada para ficar deslumbrante.

Sorrio de volta, preso na intensidade do seu olhar. É como se a loira estivesse ansiosa, esperando pela minha chegada.

— Tio André, chegou na hora certa! — o garotinho grita, com entusiasmo, e com custo desvio o foco para o seu corpo estirado no sofá. A casa da Gabriele é bem pequena, mas muito aconchegante e arrumada. — Acabamos de escolher um filme *pra* assistir. A tia Gabi assinou Netflix hoje. Quer ver com a gente?

Volto a fitar a loira, tentando captar alguma recusa da sua parte. Pelo contrário, o rosto se ilumina ainda mais e ela balança a cabeça me motivando a aceitar o convite.

— Adoraria! — Passo pela porta e é impossível não esbarrar nela pelo espaço apertado.

Aquele arrepio bom ouriça meu braço de novo. Isso é tão ... gostoso.

— Só não cabe todo mundo no sofá, tem que usar o tapete e as almofadas — ela explica e escuto o barulho do micro-ondas apitar. Pelo cheiro, é pipoca!

— *Pra* mim está ótimo, de qualquer jeito, *tô* feliz de terminar o sábado com vocês — digo, sincero.

— Vou pegar a pipoca e os copos de *refri*, já volto!

— Quer ajuda? — pergunto, tirando o paletó e guardando na beirada do sofá.

— Ah, quero sim! Tem uma criança ansiosa aí *pra* começar logo.

— Não demorem, por favor! — Joel pede, fazendo biquinho. — Faz um tempão que quero assistir a esse filme e não tinha como. Vou vendo o trailer, mais uma vez, enquanto isso.

A frase dita como uma simplicidade inocente me faz engolir em seco. Troco um olhar cheio de significado com Gabriele, sentindo a dor contida nas palavras.

A loira acena em concordância e saímos juntos em direção à cozinha.

— Toda vez que ele solta essas coisas, sinto como se meu coração fosse despedaçar — ela confessa baixinho, abrindo o armário e dando três copos na minha mão.

— O meu também. E sai tão naturalmente...

Gabi pega um refrigerante na geladeira e coloca na mesa para que eu possa encher os copos. Enquanto faço isso, a loira apanha um pote de plástico no armário.

— Tenho vontade de botar num potinho e proteger do mundo *pra* sempre!

— Seu instinto maternal fica muito forte perto dele, é bonito de ver — elogio, fitando seus lábios se ampliarem de orgulho.

— Fica, *né?!* — Ela se vira para pegar a pipoca no micro-ondas. — O sentimento que eu tinha amplificou de tamanho e...

Ah, droga!

Dei um passo à frente para guardar o resto do refrigerante de volta na geladeira, esquecendo completamente que a cozinha é pequena e eu sou enorme.

Agora tenho minhas pernas perigosamente encaixadas entre as de Gabriele, sua mão apoiada no meu braço pelo susto do choque de corpos e nossos olhares perdidos um no outro.

Tenho medo de que ela possa estar escutando o batuque no meu coração. Sem conseguir controlar meu impulso, umedeço os lábios com a ponta da língua e recebo uma arfada lenta e sexy do *caralho* de volta.

Não importa que tenha um saco de pipoca e um refrigerante entre nós. O tesão vem desenfreado.

As pernas se mexem involuntariamente, de nós dois, diminuindo o ar que parece escasso no ambiente. Inclino a cabeça levemente para frente, magnetizado pelos seus olhos azuis, e esquecendo por um segundo tudo à minha volta.

— Pronto aí, pessoal?! — Joel grita, obrigando-me a me lembrar da sua presença. Forço a saliva descer pela garganta, desta vez por um motivo bem diferente. — O trailer acabou.

Saio do transe, mas sou incapaz de me afastar ainda.

— Estamos indo! — Gabi grita de volta e morde o lábio inferior, sorrindo cúmplice para mim.

Não sei como é possível meu coração acelerar mais. Pareço um adolescente, descobrindo o corpo pela primeira vez. Até a dor de cabeça infernal que vinha me atormentando há horas diminuiu com a presença da mulher.

Neste momento, se Renato Russo me perguntasse, eu diria que

acredito que o mundo é perfeito.

CAPÍTULO 14

Gabriele



Joel levanta a cabeça que ficou deitada no meu colo quase a noite toda e se ajeita no sofá, empolgado na conversa com André. Sorrio, observando a interação dos dois que tagarelam mais do que assistem ao Pantera Negra. Terminamos o primeiro filme, pedimos pizza e resolvemos ver mais um que está quase no fim.

Não que eu tenha algo a reclamar sobre isso. Fiz carinho no cabelo do meu menino por horas e, de quebra, pude admirar disfarçadamente o homem lindo esparramado no meu tapete.

Reparei no alinhamento perfeito da barba, nos cachinhos que se formam no topo da cabeça, no pequeno brinco quase escondido na sua orelha e na tatuagem de pássaro que desponta sutilmente do pescoço. Será que ele tem mais espalhadas pelo corpo? Mordo o lábio inferior, de repente muito interessada em descobrir.

Minha boca está salivando desde a hora que nos esbarramos na cozinha.

— Os Jabari vão ajudar, eu sabia! — Joel grita, eufórico. — Vai, joga *ele* longe!

Sorrio ainda mais, prestando atenção na cena de luta que aparece na tela. Fazia anos que eu não parava para assistir à televisão direito. Na correria com o trabalho e o relógio despertando bem cedo, fico esgotada e prefiro ir dormir.

Também nunca fui de assistir a filmes de super-heróis, mas esse em especial é muito bom. Prevejo que agora vou virar fã número um de tudo relacionado aos gostos de meninos adolescentes por causa de um certo rapazinho.

— A aliança entre o reino de Wakanda e a tribo Jabari será fundamental para ajudar os Vingadores contra Thanos em Ultimato. Uma cena de arrepiar! — André explica, tão ou mais animado que Joel. — Amanhã à noite, depois que eu voltar da casa dos meus avós, eu passo aqui *pra* gente assistir esse.

— Obaaaaaaa, tá bom!

Eu gosto dessa aproximação deles. Gosto muito. Joel merece e precisa de pessoas à sua volta que deem o carinho que nunca recebeu da sua família biológica.

Nesses dias que estamos mais à vontade em casa, sem os enfermeiros e o ar pesado do hospital, meu menino contou melhor algumas coisas do seu passado para mim.

Fiquei impressionada em como somos parecidos em muitos pontos. Antes mesmo da mãe morrer, ele precisava acordar sozinho e arrumar seu próprio café, se quisesse ir para a escola. Limpava a casa, saía para fazer compras. Amadureceu à força, uma realidade que também vivi.

Joel não consegue se recordar bem da figura materna. Há pouca lembrança e muita angústia interior pela ausência: outro ponto semelhante.

Conversei com a coordenadora do abrigo que ele estava e consegui um atendimento externo com a psicóloga que o atendia lá. Vamos retomar assim que Joel estiver com o joelho melhor para garantir que seus problemas de infância não virem um monstro na fase adulta.

Coloco os pés no sofá e apanho uma das almofadas para apoiar o braço. A batalha que passa na tela é tão intensa, que se torna impossível não

vidrar como os outros dois, que mal piscam. Fico tão concentrada, que até me assusto quando a tela escurece e os créditos começam a subir.

— Caramba, agora eu entendi por que vocês ficaram tão animados quando achamos esse filme disponível *pra* assistir. — Desço a perna de volta no chão, um pouco dormente pelo período que fiquei imóvel. — Tô com vontade de conhecer todo universo Marvel para entender melhor.

— Tia Gabi, amanhã é domingo e não temos que estudar, *né?* — Balanço a cabeça em sinal de positivo. Como estávamos atrasados na matéria, hoje, apesar de ser sábado, não dei mole, não. — O Pantera eu ainda não tinha visto, mas os outros a tia do abrigo passou. Podíamos *maratonar* o dia inteiro os filmes principais e de noite o tio André vem *pra* gente assistir junto o último. Eu quero lembrar direitinho cada coisa. Diz que sim, vaiiiii?

Como resistir a olhinhos pidões do Gato de Botas? Eu não consigo!

— Combinado!

O sorriso que ele me dá em resposta não há dinheiro que pague. Eu faria tudo para vê-lo assim todos os dias para o resto da sua vida.

— Eu amo o Capitão América, mas agora acho que mudei meu herói preferido, tio André! — o garotinho comenta e o homem se levanta do tapete, não escondendo o orgulho no rosto.

— Sério? Gostou tanto do Pantera Negra, assim?

— Ele é inteligente, bondoso, achei muito bonito como ele cuida do seu povo de Wakanda.

— Ele cuida mesmo! — André se senta na beirada do sofá, fitando Joel. — Fico feliz que gostou. Esse filme foi histórico e muito representativo. Foi o primeiro desse tipo dirigido e protagonizado quase a totalidade por negros.

— Sério? — Joel coloca a mão no queixo, pensativo. — Mas é

recente esse filme.

Inclino-me para prestar mais atenção na conversa. É verdade! Eu vi na sinopse que era de 2018. Infelizmente é uma realidade tão comum que às vezes nem reparamos em como existe pouco protagonismo negro.

— É recente sim e fez a diferença na vida de muita gente que sentiu orgulho da sua raça — ele explica e noto os olhos brilharem. — Por muito tempo, se mostrou que a África é um continente pobre e de pessoas fracas. Vemos sempre na TV e no cinema personagens negros como marginais. O filme quebrou estereótipos, trazendo uma nação fictícia de altíssimo desenvolvimento e de guerreiros corajosos que não aceitaram ser escravizados. Pessoas como eu assistem a Pantera Negra e se reconhecem ali: mesmo tipo de cabelo, mesma cor da pele. Isso pode mudar vidas, Joel. Faz a gente sentir que é igual, que pode ir muito além do que tentam nos mostrar.

Seu tom é tão intenso que sinto a saliva descer com dificuldade pela minha garganta. Para mim, nunca fez sentido nenhum o preconceito com qualquer tipo de pessoa. Eu trato todos iguais, com respeito.

Mas será que apenas não ser preconceituosa é o bastante? Em nenhum momento passou pela minha cabeça avaliar como essa representatividade tem o poder de quebrar paradigmas. Como é importante filmes como Pantera Negra.

— Minha melhor amiga do abrigo se chama Maísa — Joel conta, ainda com a mão no queixo. — Ela se parece com você e é uma das melhores pessoas que já conheci, a mais inteligente de toda nossa turma. Ninguém deveria ser julgado por ser diferente, né?

Troco um olhar com André e o sorriso desponta dos nossos lábios. Esse menino é especial, sempre soube disso.

— Ninguém deveria! — André passa a mão no seu cabelo liso, observando-o com carinho. — Não é a cor da pele, uma deficiência, ser gordo ou magro que define uma pessoa. O que define é o seu caráter.

— Espero que eu não herde nada dos meus pais, eles não são pessoas boas — o garotinho fala, com tanta tristeza, que traz um aperto no meu peito. — Quero ser como vocês dois quando eu crescer.

— Você é incrível, meu amor! — Incapaz de ficar longe, pulo para mais perto dele no sofá e o abraço pelos ombros. — Não tem nada do seu pai em você. Nunca pense isso!

— Não mesmo! — André endossa. — Você tem o coração bom e será uma pessoa maravilhosa quando crescer. Tenho certeza disso.

Eu também tenho!

Se depender do meu amor e de tudo que quero fazer por ele, Joel vai potencializar ainda mais sua verdadeira essência.



Depois de quase meia hora me enrolando, finalmente, Joel terminou de tomar banho e está indo dormir. Ajeito o travesseiro e André o posiciona na cama com cuidado. Ele ainda não está conseguindo andar sozinho por causa da cirurgia, somente com ajuda de muletas.

— Não se acostume a dormir esse horário, hein, mocinho! — advirto, deixando um beijo na sua testa. — Está muito novo *pra* ficar acordado de madrugada.

— Que novo o que, tia Gabi! Eu tenho quase 14 anos. — Tenta argumentar, divertido.

Percebo que, apesar da idade e das responsabilidades que assumiu desde criança, Joel ainda tem muito o espírito infantil dentro dele. Talvez por não ter aproveitado como deveria essa fase.

— Xiiii, *pra* mim ainda é uma criança. Só fica adulto lá com seus 25 anos.

— Credo! — O garotinho ri, puxando a coberta para cima. — Aí já vou estar velho.

— Velho? — Abro a boca de forma exagerada, brincando estar chocada. — Olha isso, André?! Se ele acha que 25 anos é velho, nós somos o que, então?

— Anciãos à beira da morte. — Entra na brincadeira, bagunçando o cabelo do menino. — Eu mais que você, já que sou um ano mais velho.

A gargalhada dele reverbera pelo quarto pequeno e no meu coração. Amo presenciar esses momentos simples de felicidade.

— Não vai me enrolar mais não com esse sorriso bonito e essa carinha esperta! — Ligo a luz do abajur que Gina comprou para mim ontem e começo a me afastar da cama. — Boa noite, meu amor. Daqui a pouco eu venho me deitar também. Qualquer coisa, só me gritar.

— Tá bom, boa noite. — Joel cruza os braços diante do peito como os guerreiros do filme e dá uma piscadinha para o homem que só falta se derreter de alegria diante do pequeno. — Tio André, Wakanda para sempre!

— Wakanda para sempre! — Repete o gesto e sinto as batidas do meu coração despertarem novamente.

Andam ficando assim até demais perto desses dois. Estou perdida!

Desligo a luz do quarto e André sai ao meu lado, todo bobo. É visível que está gostando do garoto de verdade, não é apenas algum tipo de culpa ou obrigação que sente por ter o atropelado.

Como bom cavalheiro que é, mesmo sendo tarde e tendo compromisso de manhã com os avós, ele me ajuda a arrumar a bagunça que fizemos na sala e a levar o que usamos para a cozinha.

André visita os avós todo domingo, é gentil, bondoso, lindo... Algum defeito esse abençoado tem que ter.

— Você tem chulé, *né*? Fala a verdade! — Cutuco seu braço, enquanto coloco os copos na pia e ele joga a caixa da pizza na lixeira ao lado.

— O quê? — pergunta, sorrindo, sem entender.

Ai, esse sorriso!

— Chulé? Cecê? Ronca? Mau hálito? É pão duro? Teimoso? Algum defeito você precisa ter!

Seus lábios se expandem ainda mais com minhas sugestões descabidas. Sorrio também, encostando na pia e ficando de frente para ele.

— Eu acho que você precisa me conhecer melhor *pra* descobrir — afirma, de um jeito muito charmoso, e dá um passo perigoso na minha direção.

O ar volta a ficar pesado, como mais cedo. Pareço ter a bateria de uma escola de samba, passando em frente aos jurados, neste instante no lugar do coração.

— Ah é, você acha?! — instigo, sem conseguir pensar em nada melhor para dizer.

Estou enferrujada para paquerar. Será que alguém ainda usa esse termo: *paquerar*?

— Uma das suas perguntas eu posso provar agora.

— Qual?

Não tenho certeza de que ele ouviu, porque mal consigo respirar direito com seus olhos penetrantes encarando minha boca de forma tão

descarada. Fito a sua de volta, quebrando o resto de espaço que existia entre nós, aproximando-me ainda mais.

— Eu não tenho mau hálito — André se inclina para frente e sussurra no meu ouvido.

Putá merda, ouriçou até os pelos de onde não deveriam! Mexo o pescoço de propósito, aproveitando que estou com o cabelo preso, e sua barba bem-feita arranha minha pele.

Solto o ar devagar, doida para sentir a textura daquela boca gostosa e carnuda em mim. Secretamente, venho fantasiando com isso desde que falou sobre experimentar minhas coxinhas.

Quando seu rosto fica rente ao meu de novo, aciono a Gabriele ousada que existe em mim e falo, sem pensar demais:

— Então pro...

Eu nem preciso terminar a frase para receber a prova.

Dedos grandes e habilidosos puxam a minha cintura em uma pegada firme, enquanto uma mão quente se infiltra na minha nuca, bagunçando meu coque.

Meu Deus!

Minhas fantasias não fazem jus ao quão macios são esses lábios. Mordo, passo a língua, inebriada. André parece duelar entre ser delicado ou duro, não demorando para se decidir.

Adoro a sua escolha!

Ao subir meu braço para o seu pescoço e o enlaçar ali, acariciando seu cabelo, ele logo se transforma em um leão faminto desbravando território. Sou pressionada contra a pia, sentindo cada parte dele e tendo noção exata do tamanho da sua excitação. Nossos corpos estão tão eletrizados que parecem

um ímã, buscando um ao outro.

Ele quer mais, eu quero dar tudo que posso.

Viramos uma bagunça de pernas e mãos entrelaçadas, ávidas por toque. Acho que... não, eu tenho certeza! Ninguém nunca me beijou assim. É um beijo melhor do que muito sexo que tive na vida.

Aproveitamos o máximo que conseguimos, como um desbravador desesperado para descobrir o mar com pouco oxigênio. Só nos afastamos quando se torna realmente impossível respirar.

Silêncio.

Nenhum de nós dois fala nada. O único barulho na cozinha é do nosso pulmão tentando voltar a funcionar. Meu coração não quer acalmar, não desacelera.

Sem forças para se afastar, ficamos por um tempo que nem sei dizer quanto com as mãos grudadas na pele do outro, compartilhando o mesmo ar e um olhar intenso demais para um primeiro beijo.

— É, você estava certo. — As palavras saem entrecortadas, porque ainda não recuperei o fôlego. Mexo as pernas involuntariamente e me afasto um pouco, tendo certeza de que vou precisar do Henry antes de dormir. — Eu aposto tudo no chulé!

André inclina a cabeça para trás e solta uma gargalhada alta, que em seguida é interrompida por sua mão para não acordar Joel.

O clima fica mais leve, menos intenso.

Não estou mais acostumada com isso. Será que depois de tanto tempo eu estou pronta para me envolver com alguém sem criar um monte de empecilho?

Pela primeira vez, desde o divórcio, a possibilidade não me parece

desanimadora.

Eu posso me imaginar beijando André mais vezes.

Ah, eu posso!

CAPÍTULO 15

André



— Mamãe, papai! — chamo mais uma vez, rouco, fraco.

A voz quase não está saindo mais. Além da fumaça, o choro me atrapalha a enxergar direito. Vejo tudo tremido. Eu tento, mas não consigo me acalmar, não consigo parar de chorar. Já se passou muito tempo.

Por que eles não voltaram ainda?

— Querido, você está bem? — Viro para o lado, esperançoso com o toque no meu braço, mas o rosto não é o dela.

É apenas a nossa vizinha. Não é a minha mamãe. Seco as lágrimas e soluço alto, com um aperto no peito. Sinto como se tivesse um caroço na minha garganta, tudo está doendo.

— Eles sumiram! — digo para a mulher que se ajoelha na minha frente, ela parece nervosa. — Me ajuda a achar a mamãe e o papai. Por favor.

Seu olhar vasculha o ambiente, a fumaça e o barulho ainda estão por todo lado, e voltam a me encarar.

— Vamos pra minha casa, querido. — Ela passa a mão de forma delicada no meu machucado. Reparo que também tem um perto da testa. — Eu vou ligar para os seus avós...

— Eu não quero ir, preciso achar a mamãe e o papai. — Mexo a cabeça negativamente, desesperado. — Por favor, por favor...

— Nós vamos achá-los, calma! — A vizinha se levanta e me pega no colo. — Vai ficar tudo bem!

Encaro a mulher, sentindo as batidas do meu coração ficarem mais fracas. Não está parecendo certo ir embora. Nada parece certo neste lugar.

— Você promete que vai ficar tudo bem?

Silêncio.

Se eu não estivesse com a vista tão ruim, eu podia jurar que também está querendo chorar.

— Eu prometo.

Olho para trás, na direção que a mamãe foi embora, e sinto uma tristeza que nunca tive antes, enquanto sou levado dessa bagunça.

No fundo, eu sei. Não vai ficar tudo bem.



— Calma, André! Faz nosso exercício de respiração.

Abro os olhos, assustado, demorando um pouco para me lembrar de onde e com quem estou. Fiquei distraído assim o dia todo. Estou fazendo algo e, do nada, a recordação vem com tudo.

Às vezes ela é tão forte, que é como se eu estivesse lá de novo. Obedeço a meu psicólogo e inspiro fundo, soltando o ar devagar. Passo a mão no rosto e só então percebo as lágrimas silenciosas espalhadas pela pele.

— Pelo jeito, a data vai ser mais sufocante que de costume... —

confesso, com a voz baixa.

Na sexta-feira é meu aniversário de 32 anos, também os 25 anos de morte dos meus pais. Nunca mais tive gosto em comemorar, a data perdeu toda sua cor e ficou sombria para mim.

Normalmente, pego folga no trabalho e passo o dia enclausurado, sem querer ver ou falar com ninguém.

— A última crise tinha sido no dia que o Carter me contou que está com câncer. Depois fiquei distraído com Gabriele e Joel e não tinha voltado. — Encaro o teto branco do consultório e estico meu corpo na poltrona. Alfredo insiste que deitar ajuda os pacientes a relaxarem. — A dor ressuscitou essa madrugada e está tomando conta de cada parte do meu corpo.

Tive um sonho que me fez perder o sono às três horas da manhã. Nele, ao invés de ser eu a gritar, meus pais estavam chamando por mim. Já tinha tido esse sonho antes na adolescência, era perturbador.

Trabalhei agoniado na parte da manhã, sem conseguir me concentrar relembrando vários flashes diferentes daquele dia — inclusive, alguns que não são tão comuns eu recordar, como a hora que a nossa vizinha me socorre.

Por sorte, hoje tinha sessão marcada na hora do almoço. Eu iria surtar se não conversasse com Alfredo.

— Não existe tempo certo nem fórmulas mágicas para lidar com o luto. — O psicólogo ajeita os óculos de grau no rosto e me fita, sereno. — É um processo com vitórias e recaídas. O importante é você manter pensamentos e atitudes positivas que vão auxiliar nessa longa caminhada.

— Eu tento, mas é difícil! — Bufo, esfregando o cabelo. — Se a gente não tivesse parado na praça...

— Como já conversamos antes, os “se” não nos ajudam em nada nesse momento, pelo contrário, essa palavra fere como um punhal.

E como fere! Imaginar as possibilidades diferentes para aquele aniversário de sete anos é como arrancar com a mão um pedaço do meu coração.

— No sonho, parecia que meus pais queriam me falar alguma coisa. — Fiquei intrigado por ter essa visão depois de tanto tempo. — Será que tem alguma coisa que eu preciso descobrir? Será que quando eu descobrir isso passa?

— O “quando” é tão perigoso quanto o “se”. — Alfredo pega um copo de água na sua mesa e toma um gole antes de continuar: — Depositar a sua esperança em algo que está no futuro pode causar uma frustração ainda maior. Você realmente acha que tem algo para descobrir?

— Eu não sei. Sinceramente, não sei.

Tenho minhas lembranças e algumas informações curtas e sucintas. Meus avós não falam muito sobre o assunto. Foi uma perda devastadora para ambos.

Teve uma época na adolescência que eu fiquei fissurado em entender melhor o que houve, eu não aceitava que minha mãe tinha sido pisoteada até a morte e meu pai morto por uma bala perdida durante um evento na praça.

Pareciam mortes tão banais, tão sem sentido.

Por quê? Como começou a correria? Quem atirou? Eu sei que em comunidades pobres essa é uma realidade comum, mesmo assim, algo não se encaixava na minha cabeça.

Tentei achar informações na internet, notícias sobre o caso, porém, não era igual hoje em dia que os celulares registram tudo. Com inocentes ou não, mortes na comunidade eram “só mais um”. Encontrei pouquíssimas notas a respeito e que continuavam vagas.

Quando descobriu o que eu estava fazendo, a vó Tereza ficou

desesperada. Ela chorou tanto que eu me senti mais uma vez culpado — mesmo que também fossem as minhas feridas. Esqueci a busca e tentei focar nos estudos, que era algo que deixava a memória do meu pai viva em mim.

— A escolha é sempre sua, André. Caso sinta essa necessidade de saber mais, busque novas informações! — Alfredo sugere e eu o encaro, engolindo em seco. — Mas não ache que “quando” for atrás ou “se” descobrir algo a dor vai sumir de repente. Não é assim que funciona.

— É tão complicado decidir — afirmo, cabisbaixo. — E se eu não fizer nada e voltar a ficar fechado na minha dor? E se eu for atrás e ficar fissurado como antes? Tenho medo...

— Olha o “se” aí de novo! — o psicólogo me repreende, com uma risadinha. — Já que gosta tanto dessa hipótese, vou te jogar outra: e se Gabriele e Joel te ajudarem a passar por isso desta vez? Não sei se você reparou, mas nas últimas sessões não falamos nenhuma vez da sua dor. Passamos o tempo todo conversando sobre eles, o que estava vivendo e descobrindo. Até mesmo os problemas enfrentados na Edutec não tiveram muito espaço na nossa pauta.

Nossa, é verdade!

Desde o dia que assistimos a filmes e beijei Gabriele, há três semanas, eles são meu assunto preferido. Quando eu saio do trabalho e vou visitar a loira e o garotinho, meu coração ganha um novo ritmo.

Um próprio, só deles.

Lá sou capaz de esquecer o dia complicado no trabalho, qualquer preocupação. Sendo sincero, se não tivesse tido esse sonho hoje, provavelmente neste momento estaria falando deles de novo.

— Outra coisa importante é que agora há pouco você disse “se a gente não tivesse parado na praça” e não citou “se eu tivesse ido atrás deles”, como mencionou dezenas de outras vezes. — Levanto-me da poltrona e me sento de frente para o psicólogo, atento à sua linha de raciocínio. — Acredito que

inconscientemente a convivência com a situação do Joel está fazendo você refletir que crianças são apenas crianças e não tem culpa do cenário em que são inseridas.

— Isso é bom, *né?* — Abro um sorriso fraco, chocado ao perceber que realmente estou refletindo mais sobre isso.

— Isso é ótimo, André! — Alfredo devolve o meu sorriso, animado. — Com certeza alguém tem culpa pela morte dos seus pais, mas esse alguém não é você!

Esfrego a mão no peito, percebendo uma sensação diferente ali dentro.

Talvez um pouco de paz.

O que eu mais quero é acreditar 100% que isso é verdade, que eu não sou o responsável pela perda das duas pessoas mais importantes da minha vida.



Bato na porta do apartamento e sou recebido por um par de olhos azuis brilhantes e ansiosos. Gabriele, para variar, está simples e linda com um vestidinho de malha e o cabelo preso.

As batidas do meu coração aceleram só com a visão, sem dizer ou fazer nada. É tão bom esse sentimento, principalmente hoje que meu peito ficou apertado de angústia.

— Está tudo bem? — ela pergunta, com a testa franzida, fecha a porta e coloca a mão no meu rosto.

Apoio minha bochecha na sua pele, fechando os olhos por um instante

para sentir a textura. Um longo e lento suspiro sai da minha boca sem que eu me dê conta, passei o restante do dia pensando na conversa com Alfredo e fiquei exausto.

— Agora vai ficar — garanto, enquanto me leva para o sofá.

— Tem certeza? Estou preocupada com essa carinha triste, você está sempre tão sorridente. Tem algo que eu possa fazer?

Escuto barulho de chuveiro ligado e sei que Joel está no banho. O cheiro de carne assada pela casa denuncia que cheguei para o jantar. Encarando a mulher aflita na minha frente, só consigo pensar em uma coisa que pode me ajudar.

— Me beija, Gabriele!

Demora apenas um segundo para ela raciocinar o pedido e atendê-lo. Sua mão suave se infiltra na minha nuca e me puxa na sua direção, disparando adrenalina por toda parte. Não importa quantos beijos já trocamos nessas últimas três semanas — e foram muitos na hora de ir embora —, sempre tem um gosto fora do comum.

É como acionar energia elétrica, poderoso e com um dom incrível de iluminar.

Mordo seu lábio inferior e passo a língua no superior, arrancando um suspiro da loira. Nosso duelo é ritmado e intenso, cheio de desejo. Sem conseguir me controlar desta vez, puxo seu corpo para cima do meu e as pernas se encaixam perfeitamente ao meu redor.

É uma visão sexy do *caralho* ter essa mulher sentada assim no meu colo.

Tomo ar e continuo o beijo, sem querer parar de sentir tudo de bom que Gabriele me traz. Ela se move para frente e para trás instintivamente, e minha mão não resiste em entrar pelo pano do vestido e apalpar sua bunda gostosa.

Aperto firme e mordo mais forte seu lábio, soltando um gemido baixo.

— Nossa Senhora! Se a gente ficar mais um segundo assim, eu não vou aguentar — ela sussurra próximo ao meu ouvido, com uma risada, e deixa um beijo molhado no meu pescoço.

Sorrio pela primeira vez de verdade no dia, ciente de que estou da mesma forma.

A casa dela é muito pequena e sem o mínimo de revestimento acústico. Está sendo um martírio diário controlar os impulsos. Eu adoro estar com Joel, mas não vejo a hora de ele melhorar ainda mais para poder passar umas horinhas fora. Enquanto não estiver 100%, a leoa na minha frente não vai ficar tranquila de sair.

Embora já tenha percebido nossas trocas de olhares e dedos entrelaçados na sua frente, não tem como avançar com o garoto aqui. Preciso ficar um tempo sozinho com essa loira para fazer tudo que tenho tido vontade.

— Prometo que quando a gente estiver sozinho, eu vou recompensar todos esses dias que paramos antes da coisa esquentar — provoco, subindo a mão devagar pela lateral do seu corpo, da bunda até a altura dos seios.

— Aguardo ansiosamente! — Ela morde os lábios e eu inclino para deixar um selinho na sua boca.

Ficamos em silêncio por um tempo, observando um ao outro sem sair da mesma posição. Gabriele enlaça seu braço no meu pescoço e eu descanso as minhas mãos na sua cintura.

É tão natural, tão certo estar com ela.

O barulho do chuveiro cessa e eu sei que teremos poucos minutos antes de Joel terminar de se arrumar e aparecer na sala. A fisioterapia está

sendo ótima para ele. O garoto já consegue tomar banho sozinho com a ajuda da cadeira especial que eu comprei e anda com muletas.

— Obrigado — agradeço, colocando uma mecha de cabelo que escapa atrás da sua orelha. — Sabia que ficaria melhor aqui, com vocês.

— Quer conversar sobre o que houve? — pergunta, de forma suave. — São problemas na Edutec?

— Os problemas lá continuam, mas não é isso que me agonizou hoje. — Olho para baixo, no movimento do meu dedo na sua cintura. É inevitável não sentir um pouco da angústia de novo, embora tenha melhorado muito desde que bati naquela porta, minutos atrás. — Sexta é meu aniversário, também é o dia da morte dos meus pais. Tive um sonho ruim com eles e passei boas horas com o terapeuta.

— Eu sinto muito, André! — Ela puxa meu rosto para cima e me faz encará-la. — Sinto de verdade.

— É difícil lidar com isso ainda, mesmo depois de 25 anos.

Inspiro fundo, focando na sua imensidão azul para não me render às lembranças dolorosas pela milésima vez no dia.

— Eu imagino que sim. Convivi sem a minha mãe e, embora ela tenha me abandonado, tenho um buraco enorme no peito.

Ainda não sei muito sobre a Gabriele, estamos nos conhecendo aos poucos e de forma espontânea. Gosto muito de perceber que, para muito além da atração física, também estamos nos ligando pelo lado emocional.

Como nunca senti antes, eu tenho um desejo absurdo de cuidar dela e do Joel.

— Não tem como controlar os sentimentos, né?

— Não tem! — ela garante, acariciando meu rosto, e sorri. — Tenho

um plano maravilhoso. Agora vamos jantar uma carne com batata deliciosa que eu fiz, você vai se distrair falando de super-heróis com Joel e, depois que ele dormir, iremos ficar juntinhos de novo neste sofá. Se você quiser me contar mais sobre o sonho e o que houve, estarei aqui para ouvir e apoiar você. Se não quiser falar nada ainda ou estiver cansado, ficaremos só perto, sentindo a presença um do outro. Combinado?

— Combinado! — A voz demora a sair, embargada. — Obrigado, mais uma vez.

— Não tem o que agradecer, André. — Ela deixa um beijo na minha bochecha e eu a puxo para um abraço.

Todo meu corpo se arrepia com o toque, como se selássemos um acordo neste instante. Alfredo está certo. Estar com eles, me abrir com ela, será bom. Gabriele e Joel podem me ajudar a passar por isso desta vez.

CAPÍTULO 16

Gabriele



Inclino o corpo e deixo um beijo na cabeça do Joel, enquanto coloco o copo de água na mesinha nova que eu comprei para ele estudar melhor. No quarto, estava desconfortável demais usar a cama.

Não ficou a oitava maravilha do mundo o móvel espremido no cantinho da sala, mas é o que temos para o momento. Este apartamento é pequeno demais para uma criança. Estou pensando seriamente em ver outras opções aqui na região, pelo menos algo um pouco maior e que caiba no orçamento.

— Obrigado, tia Gabi — o garotinho agradece, sem desviar a atenção dos livros.

Joel é estudioso e dedicado, está levando a sério as aulas remotas até que possa voltar para a escola. Eu nem preciso explicar muito e ele já entende tudo.

A recuperação segue bem, graças a Deus, creio que em breve poderá reencontrar os amigos. Além de tomar banho sozinho, está conseguindo andar com as muletas em trajetos curtos. Fazemos fisioterapia três vezes na semana e começamos na segunda com a psicóloga.

— Se precisar de mais alguma coisa, só chamar, meu amor. Tô ali terminando umas coxinhas veganas de palmito *pra* encomenda do complexo de saúde.

Meus salgados estão sendo um sucesso de vendas, expandimos para as filiais da capital ontem. Se continuar com a boa aceitação, creio em quem

pouco tempo a dona Marisa vai iniciar a comercialização dos congelados.

— Eca, palmito é ruim! Você vai fazer de frango também, *né?* — pergunta, se virando na minha direção e sorrio da sua cara engraçada.

— Vou fazer, pode deixar. — Não importa quantos sabores eu apresente a ele, sua preferida é sempre de frango. — Nunca vai faltar em casa a que você mais gosta.

— Oba! Eu te amo, tia Gabi!

Joel me pega totalmente de surpresa agarrando minha cintura em um abraço apertado e torto pelas nossas posições. É a primeira vez que ele diz essas palavras desde que o conheço. Nossa, acho que meu coração vai sair do peito! Nunca bateu tão rápido e poderoso.

Acolho sua cabeça na altura da minha barriga e acaricio os fios do seu cabelo, agora cortados e bem cuidados, não sabendo se eu sorrio ainda mais de felicidade ou choro de emoção. Acabo fazendo os dois, sentindo uma alegria imensa tomar meu corpo.

— Eu também te amo, meu menino — declaro, com a voz embargada.
— Te amo, muito!

— Se eu pudesse, queria ficar com você *pra* sempre.

— Seria perfeito! — Abraço-o mais forte, desejando ardentemente que seja possível.

Na semana passada, André e eu conversamos sobre isso com o advogado. A minha ligação com Joel foi tão intensa que apenas ter sua guarda provisória não é mais suficiente para mim.

Quero realmente poder tê-lo como o filho que já sinto que é no meu coração. Quero o título de mãe, não apenas uma responsável legal. Se eu pudesse, gritaria esse desejo ao mundo, mas tenho medo de criar expectativas que não vou conseguir cumprir por causa de trâmites legais da Justiça.

Uma vantagem triste para o meu caso é que, infelizmente, adolescentes são pouco requisitados na fila de espera do cadastro nacional de adoção. No dia que conversamos, o advogado me mostrou que havia 5.197 pessoas disponíveis e 36.744 pretendentes.

Se tem tanto interessado, por que tanta gente ainda nos abrigos?

Essa disparidade enorme se dá porque quem está aguardando uma família, muitas das vezes, não corresponde às características que a família interessada em adotar procura. Idade, cor da pele e problemas de saúde diminuem as chances, já que o anseio da maioria são crianças com menos de seis anos, brancas, saudáveis e sem irmãos.

Essa realidade é de partir o coração. Fico imaginando quantos “Joel” não estão por aí., desesperados por afeto.

O doutor Marcelo explicou que hoje em dia não precisa ser casado para conseguir adotar, porém, há uma cautela com relação às pessoas que usam da guarda para burlar o cadastro de adoção. Por isso, ele sugeriu esperar um pouco para entrar com o pedido. Preciso aumentar o laço afetivo e provar para a juíza como Joel está bem comigo.

O que me deixa agoniada é não saber quanto tempo tenho exatamente com meu menino. E se a juíza achar melhor deixá-lo no abrigo quando melhorar? E se aparecer algum familiar do nada?

O barulho do celular no meu bolso e uma batida na porta espantam minhas preocupações. Deixo outro beijo na cabeça do garotinho e verifico quem é, ao mesmo tempo, que vejo na tela o nome do meu pai.

— Oi, Gina! Entre, amiga. — Aponto para o aparelho e a deixo fechar a porta. — Vou atender, já volto.

— Vai lá, eu vim aqui por causa do meu príncipe, mesmo. Fiz bolo de cenoura! — Ela bagunça o cabelo do Joel e se senta na beirada do sofá, mostrando um pote.

Outra pessoa que esse menino conquistou facilmente foi a minha vizinha. Está completamente apaixonada por ele.

Não tem como não ficar.

— Eu amo, obrigado, tia Gina!

— Vou ficar feliz, mesmo sabendo que você ama praticamente tudo que é de comer! — ela brinca, tirando uma fatia e entregando na mão dele.

Sorrio dos dois e sigo para a cozinha a fim de atender ao telefone, antes que caia a ligação.

— Oi, pai! Tudo bem com o senhor?

— Tudo indo, minha filha, e vocês?

— O Joel *tá* cada dia melhor, não vejo a hora de se conhecerem pessoalmente. — Paro ao lado da mesa e ajusto a touca no meu cabelo. — Vem almoçar em casa no domingo mesmo, *né*?

A gripe que pegou seu José foi das fortes, demorou demais para melhorar. O atestado médico não resolveu e meu pai teve que tirar duas semanas das suas férias atrasadas até se sentir realmente bem. Com a imunidade do meu menino muito baixa, fiquei morrendo de medo de passar algo para ele e adiei que se conhecessem pessoalmente.

Só consegui ficar sossegada com a saúde do meu velhinho turrão porque ele aceitou que a dona Maria voltasse a fazer faxina. Ela ficou indo todos os dias no período da manhã para garantir que a casa estava limpa, a roupa lavada e a comida feita.

Se não fosse a senhora, estaria perdida sem saber para quem dar atenção.

— Foi por isso que liguei, seu irmão pegou um bico *pra* fazer no final

de semana e não vai poder ir. Acho que vamos ter que marcar no outro domingo, *tá bom?*

— Ah, pai! — Pego uma panela suja em cima da mesa e coloco dentro da pia. — Já faz mais de três semanas que o Joel está aqui, vem o senhor sozinho. Depois o Tiago o conhece.

Até porque meu irmão não ficou lá a pessoa mais animada do mundo com a notícia e o depoimento que teve que dar para o processo da guarda provisória. Percebi pelo seu olhar que achou repentina demais minha decisão.

Ele e meu pai foram ouvidos para corroborar que sou responsável e de boa índole. Seu José também estranhou um pouco no começo, mas agora está lidando com mais naturalidade. Percebeu que é algo que realmente quis fazer de coração.

— Ai, filha, eu odeio pegar ônibus sozinho...

— Por favor! É importante *pra* mim.

— *Tá bom, então* — concorda, a contragosto.

Eu já vi pessoas antissociais, mas meu pai e meu irmão estão um passo à frente, viu?!

— Obrigada, vou fazer a lasanha que o senhor adora e pudim de sobremesa.

Eu queria convidar André também, acho que meu pai vai adorá-lo. No dia do depoimento dele e do meu irmão, ele tinha uma reunião importante na Edutec e não pôde estar presente. O problema é que, além de domingo ser o seu dia com os avós, poderia soar um pouco esquisito querer apresentá-lo a alguém da minha família.

Afinal, não temos nada oficial, *né?* Trocamos muitos beijos nos últimos dias, sorrimos feito bobos um para o outro, confidenciamos coisas importantes, mas não rotulamos nada.

André pode achar que estou forçando a barra, pressionando algo. Sei lá.

Ai, meu Deus! Eu nem pareço uma mulher feita de 30 anos quando estou perto ou penso nesse homem. Sempre fico ansiosa.

— Humm, assim eu até me animo mais. Tenho que ir para o turno daqui a pouco, domingo eu tô aí. Tchau, filha!

— Beijo, pai. Fica com Deus! Até domingo.

Despeço-me dele e coloco o celular de novo no bolso, lavando as mãos em seguida na pia para terminar minhas coxinhas.

— Olha, eu não sei quem fala mais do André: você ou o meu príncipe. — Gina entra na cozinha gargalhando, enquanto pego um pano de prato para secar as mãos.

Minha amiga já o conheceu pessoalmente e amou. Tem dia que aparece em casa à noite, só para pegar no papo com o homem.

— Eu? Eu não falo tanto dele assim.

— Não? — Ela gargalha mais, de forma exagerada, e encosta na parede. — Você fala sempre, Gabi. Se bem que um negão gostoso daquele, ai, menina, até eu falaria sem parar.

— Gina! — repreendo, sorrindo, e olho de esguelha se Joel está prestando atenção na conversa.

Parece em outra dimensão, entretido com as apostilas.

— Mentindo, eu não tô, né? — ela fala mais baixo, aproximando-se para roubar uma colher que estava na mesa com um pouco do meu recheio de palmito. — O abençoado é bonito de doer os olhos. Muito mais bonito que aquele sem graça do Sérgio.

Gina nunca gostou muito do meu ex-marido por toda a pressão que ele fazia para que nós tivéssemos um filho, como se a gravidez fosse a salvação dos problemas matrimoniais.

— Fica longe das minhas coxinhas, Gina — brado, sem dar corda, embora concorde que André é mesmo mais lindo. — Tem que usar touquinha aqui dentro, nada de beliscar.

Sou muito exigente com as questões de higiene, produto do cliente é sagrado.

— Foi mal, eu esqueço. — Minha amiga dá de ombros e volta para a parede da entrada da cozinha. — Mas não dê uma de espertinha, mudando de assunto, não, Gabriele Santana!

Balanço a cabeça, rindo para não falar tudo que está passando na minha cabeça sobre o quão delicioso André é. Ontem eu pensei que não resistiria à nossa pegada mais intensa depois de três semanas de beijos apimentados. Aquela boca macia me leva à loucura, adoro a pegada firme dele.

Quando disse “Me beija, Gabriele!” com a voz rouca e baixa eu queria mesmo era ter arrancado a roupa e cavalgado nele a noite inteira.

Meu Deus! Dá um calor só de pensar.

— Credo, cruz, mulher! — Gina faz careta e cara de ânsia, bem dramática. — Que coisa mais sem graça. Eu não serviria *pra* ser vegana e fit nem fodendo. O que é isso aqui que eu comi?

— É questão de costume, sua exagerada! — Guardo o pano de prato e puxo o pote do recheio para continuar o trabalho. — A massa é low carb, preparada com batata doce e grão de bico. O recheio tem palmito, azeitona, tomate e salsinha.

— Bendita seja a nossa carne de cada dia, mil vezes uma boa coxinha de frango com catupiry frita em óleo novinho! Aposto que esse povo come

essa coisa aí assada, *né?*

— É assada ou feita na fritadeira sem óleo, a *Air Fryer* — explico, pegando um pouco da massa para modelar no formato redondo e colocar o recheio.

Gina revira os olhos e começa a falar que, para o aniversário da filha dela, no mês que vem, só quer os salgados mais gostosos do cardápio.

A menção de aniversário me faz engolir em seco por me fazer recordar da conversa triste que André e eu tivemos quando Joel dormiu. Ao dizer que teve um sonho ruim com os pais, nunca imaginei que seria algo tão perturbador. Fiquei devastada ao saber como morreram e que André estava lá no local, gritando desesperado por eles.

Ele contou o que houve naquele dia — desde a comemoração do seu aniversário de sete anos na casa dos avós até a ida para a praça — e como foi a sua mudança para Heliópolis. Segundo ele, até hoje não conseguiu se desfazer do local que morou com os pais, em um bairro próximo de lá.

Não tenho dúvidas que sua dor é imensurável, eu só queria abraçá-lo e ser capaz de mudar o seu passado.

— Sexta é aniversário do André, queria fazer alguma coisa, mas tenho medo dele não gostar.

Modelo a massa para formar o bico, tiro o excesso que sobrou e coloco a coxinha pronta no refratário que ainda será empanado com farinha de linhaça. Faço tudo no automático, tentando não ficar emocionada mais uma vez.

— Tô falando que só fala do homem... — Minha amiga não perde a oportunidade de alfinetar, brincando.

— É sério! A data é no mesmo dia que os pais dele morreram. — Meu peito se aperta com a imagem dos seus lindos olhos castanhos cheios de lágrimas durante nossa conversa. — André me contou que nunca mais

comemorou, que os avós também sofrem com o dia e costuma passar sozinho.

— Nossa, coitado! — Gina muda a postura, de divertida para séria. — Acho que vai fazer bem *pra* ele se distrair, sim.

— Eu tinha pensado em organizar uma festinha e chamar os amigos dele, Ramon e Rô, talvez os avós... Não é uma boa ideia, *né*?

— Se a data traz uma lembrança tão ruim, pode ser que ele trave um pouco. — É isso que eu estou com mais medo. — Com muita gente, André pode se sentir na obrigação de ficar. Só você e o Joel, você deixa claro que está livre para fazer o que o coração dele quiser.

— Boa, Gina! — agradeço, tendo uma ideia arriscada, mas que pode se tornar inesquecível. — Farei isso, não consigo imaginá-lo longe de nós na sexta, sofrendo sem ninguém por perto.

— Tenho certeza de que o André vai gostar de passar o dia com você e o Joel. É nítido o quanto ele gosta de vocês.

E nós gostamos dele.

Talvez eu mais do que estou admitindo até agora.

Com medo ou não da sua reação, vou organizar uma surpresa especial. André merece uma nova lembrança para o dia que o mundo ganhou alguém tão incrível.

CAPÍTULO 17

André



Está foda aguentar a ardência no peito, o suor frio nas mãos e o bolo parado na minha garganta. É difícil manter o rosto impassível e conversar com as pessoas quando o que eu mais queria era estar longe daqui.

Inspiro fundo e solto o ar, cansado de tanto fazer isso desde a hora que acordei.

Este ano não foi possível ficar enclausurado por muito tempo porque o dever de *CEO* falou mais alto. Embora Carter tenha ordenado que eu mantivesse minha folga, não tive como ignorar a urgência que surgiu há uma hora.

A nossa maior filial fora do estado de São Paulo teve os dados pessoais e de cartão de crédito de cerca de cem alunos roubada. Além da ira dos estudantes, estamos tendo que lidar com a imprensa e um surto desesperado dos franqueados com medo de acontecer nas suas unidades.

Carter investe alto em Tecnologia da Informação desde que entrei aqui justamente para garantir que esse tipo de coisa não aconteça. Eu não faço ideia de como um hacker conseguiu invadir o sistema.

— Alguma novidade, Lorenzo? — pergunto para o responsável do setor de TI, assim que ele entra na sala de reuniões.

Convoquei os funcionários de várias áreas para entender o que aconteceu e avaliar como a imagem da Edutec foi atingida.

— Descobrimos um vírus dos fortes em um dos computadores do

setor de Comunicação e Marketing. — Lorenzo se senta na cadeira ao lado do Tarso, que puxa o relatório da mão dele antes que eu possa ver. — Pelo histórico do navegador, identificamos o acesso a jogos on-line que são uma porta de entrada perigosa para esse tipo de ataque.

— Jogos no meu setor durante o expediente? — O diretor parece chocado e horrorizado com o resultado do relatório.

— Sim, senhor. O vírus deu acesso ao hacker que utilizou a técnica de Phishing para enviar e-mails de desconto aos alunos, como se fosse a empresa. Infelizmente, o Brasil é o país que mais sofre ataques de Phishing em todo mundo. — Está muito estranho o nosso sistema de segurança de última geração não bloquear esse tipo de coisa. — Sorte que identificamos antes que mais gente se cadastrasse e colocasse seus dados, o estrago poderia ter sido pior.

Não quero nem imaginar o quão pior poderia ser. Assim já está enlouquecedor o suficiente.

— Você tem ideia do porquê nosso sistema não bloqueou esse vírus? Nunca tivemos esse problema antes.

— Foi muito azar, senhor André — ele explica, pesaroso. É possível notar como está se sentindo culpado pelo que houve. — Aconteceu justo na semana em que enfrentamos uma instabilidade nos servidores e trabalhávamos para resolver.

Arqueio a sobrancelha e passo a mão pelo cabelo, o meu instinto alertando cada parte do meu corpo que essa história está mal explicada.

— Por que não fui informado da instabilidade?

— Desculpe-me, senhor...

— Agora não é hora de se preocupar com isso, André, temos que punir quem estava jogando durante o expediente e causou a confusão — Tarso se intromete e nem me dou ao trabalho de olhar para ele.

Estou com o coração pesado demais pelas lembranças para ter que lidar com esse homem hoje.

— Por favor, Lorenzo, continue — peço.

— Foi ontem de manhã que verificamos o problema e hoje estourou isso dos dados roubados. Eu pensei que seria uma coisa simples, me desculpa mesmo.

A essa altura do campeonato, embora o responsável pela TI não me pareça alguém que tenha agido de má fé, eu não descarto a possibilidade de que o vazamento foi arquitetado. Não é o primeiro, e pelo jeito não será o último, dos problemas que proliferam nesta empresa desde que assumi.

Sinto como se fosse todo dia testado para uma hora perder a paciência, explodir ou abandonar o barco.

— Onde fica o computador infectado, Lorenzo? — Tarso volta a tocar no assunto, insistente.

— Na baia dos Jovens Aprendizes.

— Ah, eu sabia que isso não daria certo. — O diretor se levanta da mesa e começa a andar de um lado para o outro, esfregando o rosto. — Essa gente...

— Não termine essa frase — alerta, sério, e me levanto também.

Não vou permitir que ele manche a reputação daqueles jovens esforçados só porque vieram de Heliópolis e de um projeto social.

— Não adianta passar a mão na cabeça só porque foi você quem os trouxe *pra* cá, André! — Tarso rebate, mostrando um pouco da sua verdadeira face. — Agora tudo está ficando claro! A filial que foi afetada é justamente a que o Elton estava responsável por enviar a newsletter semanal de novidades. Entregou de bandeja os e-mails para os hackers ao acessar

jogos no computador durante o trabalho. Daí foi fácil aplicar o golpe.

— Você está sendo muito rápido em apontar o dedo. Sabe de algo que nós não sabemos? — sondo, observador.

— Claro que não! — afirma, de prontidão, aumentando o tom de voz. — Só estou ligando os pontos.

Fixo meu olhar no seu por um instante, tentando captar algo a mais, porém, Tarso não o sustenta por muito tempo, desviando para a parede.

— Nós não vamos condenar ninguém sem provas, sem entender exatamente o que aconteceu! — Observo todos os rostos em volta da mesa, usando um tom de voz mais firme para deixar claro minha ordem. — Neste momento, o que eu preciso é que a assessoria de imprensa organize uma coletiva para que eu possa falar com a mídia e que o pessoal do administrativo convoque uma reunião on-line com todos os franqueados por videoconferência, amanhã, às 9 horas. Irei acalmar os nervos.

— A coletiva pode ser hoje ainda? — uma das jornalistas pergunta.

— Pode sim, veja o melhor horário dos veículos e me avise. Estarei preparado. — Sento de novo e ajeito a postura na cadeira, voltando minha atenção para o responsável pela TI. — Lorenzo, eu preciso que você e o jurídico montem uma equipe em sistema de plantão e prestem apoio a todos os 100 alunos que tiveram seus dados roubados. Ajude-os com o que for necessário.

O semblante leve dos presentes demonstra que estão satisfeitos com minhas sugestões, diria até um pouco surpresos que eu pensei em tanto detalhe.

— Por ora, é isso, podem voltar para suas salas. Eu vou conversar pessoalmente com todos os funcionários do setor de Comunicação e Marketing com relação ao computador infectado — aviso, encerrando a reunião.

— Você é muito ocupado para perder tempo com isso, irei checar e ter certeza que...

— Obrigado, Tarso. Eu vou conversar.

Não fico para ver sua reprovação. Aceno para os presentes e saio da sala, já pegando o celular no bolso para ligar para Carter e atualizar as novidades. Desta vez, não dá para poupar meu amigo. Tenho que avisá-lo antes que saiba de algo pela mídia.

Enquanto o aguardo atender, avisto vindo um pouco à frente pelo corredor Benício e Oliver. Esses aí não se desgrudam por nada, não tem uma vez que os vejo separados.

Finjo que estou ocupado demais ao telefone e os ignoro. É neste segundo que meu olhar pega de relance, quase de forma imperceptível, um sorriso despontar no rosto de ambos.

A dupla deve estar adorando ver essa confusão, sem fazer ideia de como tudo que eu precisava nesta sexta é de calma.



Exausto.

Essa é a palavra que melhor resume meu dia. Estou esgotado por ter que passar todos os minutos da tarde apagando incêndios na Edutec e forçar meu corpo absorver a dor latente que tentou despontar por várias vezes.

Tudo que eu mais queria era voltar para casa e deixar a tristeza emergir de vez. Eu estava decidido a fazer isso, mas Gabi me ligou com tanto carinho, convidando para jantar com ela e Joel como temos feito diariamente, que eu não consegui recusar.

A voz de Alfredo veio à minha mente, sugerindo que os dois podem me ajudar a tornar a data menos ruim. Talvez realmente possam. Conversar com Gabriele aquele dia sobre o que aconteceu foi muito bom, libertador. Eu não costumo me abrir a muitas pessoas. Foi diferente com ela.

Seco a mão suada na calça social e solto um pouco o nó da gravata, buscando me desprender de toda carga antes de bater na porta. Assim que o faço, não sou recebido pelo seu sorriso bonito como de praxe.

— Entra! — ela grita ao longe.

A escuridão na sala e na cozinha me causam um pouco de estranheza. Quando encho o pulmão de ar para chamá-la, sou surpreendido por uma luz piscante vindo da cozinha. Eu demoro alguns segundos para entender o que significa as labaredas no ar, como pequenos fogos de artifício, o bolo na mesa e a sombra do rosto sorridente deles olhando em expectativa para mim.

— Surpresa! — dizem, em uníssono.

Congelo no lugar, sentindo as batidas do meu coração ecoarem dos pés à cabeça. Parecem cavalos de corrida quando é dada a largada: saem em disparada e fazem barulho por onde passam.

A visão me transporta automaticamente para 25 anos atrás, na última vez que eu recebi uma festa de aniversário. Fecho os olhos e é como uma viagem no tempo. Eu ouço as falas, sinto os cheiros, provo os gostos, vejo-os... toco meus pais. Estão felizes ao meu lado, sorrindo, me beijando.

Aproveito o que parece ser uma segunda oportunidade do universo para abraçá-los bem apertado e dizer o quanto eu os amo. Repito muitas vezes, abraço até que a imagem começa a se desfazer e eu volto a abrir os olhos.

Aquela sensação de ter algo tapando minha garganta se dissipa trazendo com ela lágrimas.

Muitas lágrimas.

Assustada, vejo em câmera lenta Gabi acender a luz da cozinha e correr na minha direção. Suas mãos estão no meu peito e ela sussurra palavras que eu não consigo entender direito.

— Desculpa... não devia... foi uma ideia idiota...

Não foco na voz dela.

Meu olhar acompanha as bexigas amarelas penduras por uma fita nas cadeiras e o bolo de chocolate com confeitos coloridos na mesa. Joel está parado me observando perto do fogão e eu noto ali uma panela de macarronada à bolonhesa.

Ela fez igual. Tudo igual àquele dia.

— Meu Deus! — Tapo o rosto com as duas mãos e um soluço alto ruge do meu peito.

Meus ombros começam a tremer e o choro, que até então estava contido, reverbera pela casa. É mais forte do que eu, não consigo controlar. Por dentro, vou sentindo algo poderoso que não faço ideia de como posso nomear. Não é algo ruim, não mesmo!

O pranto que sai é como se fosse do garotinho perdido que ficou órfão aos sete anos, que por muito tempo pensou que seria errado se sentir feliz de novo, que queria ter tido a oportunidade de se despedir.

De um jeito inexplicável, neste momento, eu sinto como se fechasse um ciclo. Eu sei, é surreal. Foi como se realmente pudesse ter me despedido, mesmo sabendo que a imagem foi uma ilusão da minha mente.

Tiro as mãos do rosto e encaro Gabi que está banhada de lágrimas, desesperada, me observando sem saber o que fazer. Nem a vermelhidão é capaz de estragar a beleza da imensidão azul que me fita com carinho e receio.

— Me perdoa, André. — A voz quase não sai, de tão baixa. — Não queria deixar você assim.

Puxo-a pela cintura e a aperto tão forte, que sinto como se pudesse nos fundir. Seu susto não demora muito porque logo as mãos pequenas me envolvem de volta, transportando calor um ao outro. Uma energia poderosa e única que só ela consegue despertar em mim.

Abraço Gabi com o meu corpo e o meu coração, tentando dizer com um gesto o que não sou capaz de materializar em palavras agora.

Inalo o cheio gostoso do seu cabelo e seguro seu rosto, mais uma vez, capturando seus olhos azuis. A nossa respiração está entrecortada, o coração acelerado subindo e descendo do peito.

Apesar de eu achá-la linda e querê-la de todas as formas possíveis, neste momento não há nada sexual no nosso gesto. Só a emoção no seu jeito mais cru e singelo.

Passo o polegar pelas lágrimas que ainda estão caindo no seu rosto e subo delicadamente minha boca até a sua testa, depositando um beijo demorado ali.

— Obrigado... — sussurro na sua pele. — Era tudo que eu precisava.

Um peso parece sair das minhas costas no instante que a frase é dita. Sinto-me leve, renovado. No fundo, minha alma alerta que, a partir de agora, esta data nunca mais será apenas de tristeza.

Hoje eu ganhei um motivo para recordá-la com carinho.

CAPÍTULO 18

Gabriele



Levo mais uma garfada do bolo de chocolate à boca e observo toda boba o bate-papo de André e Joel sobre fórmula 1. Não consigo me acostumar em como é bom vê-los se dando tão bem. Para completar a surpresa, nós o presentearmos com um carrinho novo para a sua coleção. No dia da nossa conversa, ele tinha me dito que guardava na estante da sua sala os brinquedos até hoje.

Ver o sorriso lindo estampado nos seus lábios é um alívio. Quando percebi que estagnou e estava chorando, fiquei desesperada. Eu queria me matar pela ideia estúpida, crente de que André tinha odiado ou tendo péssimas lembranças.

Caí no choro, sentindo-me culpada pelo seu pranto de cortar o coração. Por sorte, não foi nada do que pensei. As lágrimas eram de alegria e agradecimento. O meu objetivo foi resgatar na sua memória o lado bom daquele dia, antes de tudo desmoronar, e pelo jeito deu certo.

— Foi eu quem escolheu essa cor, a tia Gabi já *tava* lá pegando um preto sem graça — Joel diz, brincalhão, apontando para o objeto laranja na mesa, quando André elogia que o carrinho é lindo. — Estou muito feliz que gostou.

Fiquei com dó do meu garotinho também. Ele se emocionou muito com a reação do André. Quando viemos para a cozinha jantar, seus olhos estavam vermelhos e praticamente pulou em cima do homem.

Desde o momento que contei sobre a surpresa, o menino quis ajudar em tudo. Aproveitamos a saída para a fisioterapia ontem e compramos o que

era necessário. Hoje o dia nem tinha raiado ainda e o abençoado estava me chamando para fazer o bolo.

— Eu não gostei, eu amei! — André abraça Joel pelos ombros, sorridente. — Eu amei tudo, cada detalhe. Obrigado, mais uma vez.

O pedaço de bolo desce com um pouco de dificuldade diante da forma intensa que ele olha para mim ao dizer a última frase. Sorrio em resposta e coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha, muito feliz também de poder ter lhe proporcionado este momento.

— Eu preciso ir ao banheiro, acho que comi macarronada demais — Joel afirma e arrasta a cadeira para pegar suas muletas.

— Quer ajuda, meu amor? — ofereço, preparando-me para me levantar também.

— Não, tia! — diz, de prontidão. — Fica com o tio André.

Faz mais de duas horas que estamos aqui sentados, conversando de tudo um pouco, e Joel não desgrudou do seu lado. Parece que quer garantir que está bem mesmo. É lindo esse cuidado.

Acompanho com o olhar ele se virar sozinho e seguir pelo corredor. Eu sou uma rendida, tudo que faz eu fico orgulhosa.

— Eu amo como seus olhos brilham quando está contente — André admite e pula para a cadeira ao meu lado, puxando uma das minhas mãos na direção da sua.

Nossos dedos se entrelaçam e meu coração reconhece seu toque no mesmo instante, pois acelera, sem aviso prévio.

— Eu amo quando você sorri do jeitinho que está fazendo agora — confesso e tenho o prazer de admirar seus lábios se expandirem ainda mais.

Ficamos em silêncio por um tempo, nos encarando e sentindo a

textura da pele um do outro pelo toque. Reparei que por muitas vezes temos ficado assim, a quietude com ele é muito boa.

— A noite está sendo a mais incrível da minha vida, em muitos anos.
— A voz sai baixa, rouca daquele jeito que atíça todo meu corpo. — Acho que nunca conseguirei agradecer o suficiente por tudo que fizeram.

— Se você não tivesse tido o problema na empresa, ia convencê-lo a ficar aqui o dia inteiro. — Sem querer desgrudar nossos dedos entrelaçados, largo a colher do bolo e acaricio com a outra mão o seu rosto.

A barba por fazer se aconchega na minha palma, em uma carícia gostosa.

Eu planejava chamá-lo para almoçar e passar o resto do dia com a gente. Mandeí uma mensagem perguntando se estava bem e, antes de poder fazer o convite, ele me avisou que tinha acontecido um imprevisto e teria que trabalhar.

Passei horas agoniada pensando se ia conseguir se concentrar e com medo de não gostar ou preferir não vir jantar por estar esgotado.

— Seria mil vezes melhor estar com vocês do que lá.

— Conseguiu resolver o problema? — pergunto e tiro a mão do seu rosto para voltar a comer o bolo. Modéstia à parte, ficou delicioso. — Vi de relance no jornal que foi um roubo de dados dos alunos.

— Mais ou menos, consegui atender à imprensa. — André passa a mão livre no cabelo e suspira. — Amanhã cedo vou falar com os franqueados e terminar de conversar com o pessoal do setor que teve o computador infectado. Estão querendo colocar a culpa no grupo de Jovens Aprendizes, mas eu tenho certeza de que não é isso. Já falei com o pessoal e ficaram desesperados, afirmando jamais terem jogado durante o expediente. Eu acredito neles!

André me conta o que descobriu e a história também não se encaixa

para mim. Sem conhecer, eu não suporto esse tal de Tarso e Benício. Oliver eu conheço e tenho ranço eterno. Babaca, idiota!

— Você disse que depois da reunião, viu Benício e Oliver rindo de você, e no final da tarde estavam ambos emburrados. Devem ter ficado putos da vida que conseguiu administrar bem a situação — opino, tendo um pressentimento ruim em seguida. — Será que eles armaram tudo, pensando que você ia se dar mal? Sabendo que hoje era um dia complicado *pra* você?

Nossa! Se for isso, esse pessoal é mais baixo do que já aparenta. Sinto um aperto no peito, preocupada com o que podem fazer a André.

— Não gosto de julgar os outros, mas pode ser, viu?! — Seu rosto decepcionado demonstra que ele acha que realmente pode ser. — Benício está na empresa há anos, com certeza sabe que eu tiro folga nesse dia. Sou tratado com total indiferença por muita gente lá que não ficou feliz com minha vaga provisória de *CEO* só por eu ser negro.

Não consigo entender como eles não enxergam o homem maravilhoso que eu vejo. Esse desprezo por causa da cor da pele me causa enjoo.

— Toma cuidado, por favor! — imploro, a sensação ruim ainda no meu peito.

— Pode deixar, eu estou bem atento a tudo. — Aperto nossos dedos que continuam entrelaçados e me aproximo mais dele. — Essa sequência de problemas diários é um teste da minha paciência. Vou respondê-los com competência e quando descobrir os culpados, eles responderão pelos seus atos.

— Tia Gabi, acabei de lembrar que a tia Gina pediu *pra* gente guardar bolo *pra* ela. — Joel volta para a cozinha, sorridente, observando nossos corpos tão perto. — Eu posso ir lá? É aqui pertinho.

Afasto-me um pouco e mexo no cabelo. É engraçado como eu fico tímida perto dele no que diz respeito ao André. Será que os pais são assim com os filhos?

— Amanhã a gente vai, pensei em assistir a um filme agora. Que tal?

— Assiste você e o tio André, aposto que ele vai gostar de ficar um pouco sozinho com você. — Meu Deus, acho que minhas bochechas estão ficando vermelhas neste instante. — Se fosse o aniversário da Maísa, e eu pudesse ficar a sós com ela no fim, seria a melhor parte.

— Maísa? Que Maísa? A Maísa que você disse que era sua amiga? — Posso sentir o ciúme borbulhando dentro de mim.

— Ela é minha amiga, por enquanto...

— Joel, você é uma criança, menino! — Coloco a mão no peito, sentindo um puxão desconfortável.

— Acho melhor não falar *pra* ela agora, *né*, tio? — Os homens trocam um olhar cúmplice e meu coração aperta mais.

Ai, Senhor, acho que vou ter um infarto!

Enquanto eu sofro, André só falta gargalhar na minha cara. Está se divertindo com a minha dor de marinheira de primeira viagem que não está sabendo lidar com essa conversa.

— Eu gostei da ideia dele. — O sem-vergonha morde o lábio inferior e me fita.

Nossa Senhora das divorciadas, me ajuda aqui!

Com a insistência de Joel, acabo interfonando para Gina, que fica animada em recebê-lo na sua casa, enquanto eu aproveito com o “gostosão”. Palavras dela. Arrumo um pote de bolo ainda meio aérea com o que meu menino disse e com a possibilidade de ficar sem ninguém em casa.

Não me preparei para isso, gente.

Será que vai rolar algo? Acho que não estou bem depilada. Sequer coloquei uma calcinha bonita.

Gabriele, não surta!

Caminho até a porta com Joel e avisto Gina esperando no corredor, em frente ao seu apartamento.

— Separei um filme ótimo aqui *pra* gente ver, príncipe. Tenho o DVD de Star Wars com 2 horas e 5 minutos de aventura — afirma, rindo na minha direção. Aposto que está imaginando tudo que dá para fazer nesse tempo. — Pode ficar tranquila, vou cuidar direitinho, viu, Gabi?!

Reviro os olhos da sua tentativa ridícula de fazer uma *sarrada* e fecho a porta como se não estivesse ligando, mas para ser sincera meu corpo inteiro está em expectativa. Ajeito o vestidinho azul que escolhi e sigo para a cozinha onde André está comendo outra fatia de bolo.

— Quer dizer que Gabriele Santana é ciumenta?! — ele provoca.

— Talvez... Um pouco. — Faço careta e começo a colocar os pratos e copos sujos na pia.

Que merda! Estou nervosa como se nunca tivesse ficado sozinha com um homem na vida, sendo que perdi minha virgindade aos 15 anos. Eu não sou tímida.

Temos nos provocado essas semanas todas, curtido junto, porém, agora que realmente há uma chance de ir além de beijos, a tensão está querendo me dominar. Meu coração está acelerado, meu estômago parece que tem um buraco. É uma coisa louca e nova o que esse cara provoca em mim.

— Achei fofa assim! — Dou um salto com sua mão na minha cintura e a voz sussurrada no meu ouvido.

Que horas ele se levantou, meu Pai?

Viro de lado e o roçar do nosso corpo, muito perto, bombeia meu sangue ainda mais forte. Arfo com a mão grande que desce pela minha coxa e a boca que alcança minha orelha.

— Você está linda com esse vestido — André elogia e mordisca a pele sensível. — Estou querendo te beijar desde que te vi sorrindo pela sombra da vela.

— Obrigada. — Coloco a mão no seu peito e subo até a gravata, passando o dedo no tecido. — Você fica muito sexy de terno. E sobre querer te beijar, bom, eu meio que quero o tempo inteiro.

Ah, essa risada!

Ele sorri no meu pescoço e o som entra como música nos meus ouvidos, incentivando-me a esquecer todo receio e buscar seus lábios macios. O desejo fala mais alto. Dou uma mordida e brinco com sua boca me mexendo sem realmente beijá-lo. Subo e desço criando uma dança quente de respirações pesadas, mãos e pernas em sintonia.

No limite, quando eu me esfrego nele com mais força, André avança na minha nuca e puxa meu cabelo para o lado reivindicando o beijo que tanto desejava.

E eu o deixo fazer o que quiser, porque essa boca me leva à loucura. Nunca vou cansar de fazer isso. Deus, esse homem beija muito bem, sabendo dosar a velocidade, a língua, a intensidade...

Finco a unha no seu ombro quando sinto meu corpo ser levantado e posto em cima da pia, a pele apalpada com gosto. O desejo parece faiscar de nós dois.

— Eu ia amar cumprir seu cronograma para o resto da noite, mas tenho uma promessa *pra* cumprir — ele lembra, apertando meus seios por cima do vestido e deixa uma mordida no meu queixo.

— Promessa?! — No momento, não estou lembrando nem do meu

nome direito.

— Tenho que compensar todos os dias em 2 horas e 5 minutos.

É a minha vez de sorrir na sua pele, achando graça que prestou atenção na conversa com Gina e se lembrou do que me disse, dias atrás.

— Eu ia adorar cobrar aqui na cozinha, mas é meu local sagrado — digo, com dificuldade, quando ele me puxa mais para frente e consigo sentir o quanto está excitado. — E no quarto vai ser esquisito ver o Joel dormindo lá depois.

Se bem que esquisita está essa conversa. Nunca na vida diria essa frase uns dez anos atrás.

— O sofá *pra* mim tá ótimo, eu só quero você.

De novo sem me preparar, ele me pega no colo e ajeita minhas pernas em volta da sua cintura. Passo o nariz no seu pescoço, inalando seu cheiro gostoso de homem, e as passadas ficam maiores.

André me deixa sentada no sofá, me dá um selinho e se afasta.

— Onde voc...

— Eu pretendo encerrar esse aniversário com chave de ouro, loira — interrompe-me e salivo ao perceber o que vai fazer.

Esfrego as pernas ao vê-lo pegar o prato de bolo que estava comendo e trazer para a sala. André se ajoelha na minha frente e apanha um pedaço.

— Quer? — Abro a boca ao inclinar o corpo em cima do meu e se aproximar com a colher. — Ops! Caiu.

Olho para baixo junto com ele, observando o chocolate esparramado no vão dos meus seios.

— André! — Remexo o corpo quando sorri, safado, captando meu olhar.

— Eu limpo, me desculpa.

Eu já disse que amo essa boca? O quanto ela é macia? Senhor, é muito gostosa.

Jogo a cabeça para trás e fecho os olhos ao senti-la contra a minha pele. O homem sabe o que faz: primeiro chupa depois lambe, aproveitando a proximidade para roçar seu dedo por todo meu decote.

Acho que preciso avisar que ultimamente só tenho tido casos com Henry. Se continuar com esses jogos sensuais, eu vou gozar antes mesmo de tirar a roupa.

Sem pressa, ele aumenta a tortura passando pela clavícula e pescoço até alcançar a minha boca novamente. Segurando meu queixo de forma firme, André volta a me beijar com gosto de chocolate.

Desta vez, diferente de todas as outras. Muito mais forte, sem reservas e medo de ser ouvido no cômodo ao lado.

Sorratamente, enquanto nossas línguas duelam, sua mão brinca com a lateral da calcinha. Gemo ao sentir o dedo indicador passar próximo ao clitóris e seu corpo reagir ao molhado que se encontra ali.

— *Porra*, Gabriele! — Recebo uma mordida no lábio e tenho as pernas abertas com tudo.

Meu peito sobe e desce, desesperado, quando o nota se inclinar e cutucar o recheio de brigadeiro do bolo com o dedo. Assisto em câmara lenta André passar aquilo na minha coxa e depois segurar a perna para lambe cada pedacinho.

Esfrego a mão no rosto, com um tesão tão grande dentro de mim que estou quase explodindo.

— Fica muito mais gostoso assim, em você.

Não falo nada porque estou meio sem condições de respirar no momento. Sem deixar de observar o que está provocando em mim, André me encara enquanto puxa de forma habilidosa minha calcinha para baixo.

— Eu... não pensei que... não me depilei... — aviso, arfante, no caso de não curtir muito.

— Eu gosto de chupar, Gabriele. — Maldita voz rouca deliciosa. — De qualquer jeito que você quiser me dar.

Acho que estou apaixonada por esse homem. Meu Deus! Perfeito no dia a dia, atencioso, bom de cama. Assim fica difícil competir com os demais reles mortais.

Sorrindo, ele se abaixa e levanta o vestido na altura da minha cintura. Passa a língua pelos lábios quase me causando uma síncope e deixa uma carreira de beijos molhados na minha pele.

Não demora para eu senti-lo no meu local mais sensível. Remexo no sofá, instintivamente buscando o seu cabelo. O toque o motiva a abrir a boca e mergulhar em mim.

É literalmente essa a sensação que eu tenho.

— Oh, meu Deus! — Puxo seus cachos, tento apoiar os pés nos seus ombros, mas sou novamente aberta ao máximo.

— Deixa eu degustar você, linda. O que você gosta?

— Continua exatamente assim! — elogio e ele volta a se embrenhar.

Existem duas coisas que elevam o significado da palavra sexy: primeiro é o gemido de um homem, depois com certeza essa cena de observá-lo no meio das pernas.

André faz pressão não só com a boca. Os contornos do seu rosto deixam a sensação ainda melhor. Diferente do que geralmente o sexo masculino faz, ele não vai direto atacar o clitóris sem estratégia.

Tem paciência, é guloso com cada parte.

— Caramba, é o melhor sexo oral que já recebi na vida.

Posso notar o seu sorriso feliz antes de me fazer gemer alto com um dedo que entra fervoroso em mim, em um movimento de vai e vem. Remexo e tapo a boca, não querendo que o barulho vire show para os vizinhos.

Seus dentes roçam no meu clitóris e é então que eu me desmancho de vez. Nem rápido demais, nem devagar. Esse espécime em extinção definitivamente domina a arte da velocidade.

Eu pensei que o beijo era incrível, mas me enganei.

— Você é uma delícia, Gabriele. Poderia viver aqui embaixo.

Ele passa mais uma vez o dedo no brigadeiro e deposita bem na pontinha do nervo. Sua língua e seus lábios chupam com vontade em seguida, e o mesmo dedo se infiltra com mais um para me masturbar.

Afundo sua cabeça contra meu corpo e uso a mão que estava na minha boca para apertar meus seios.

Eu... eu...

— Ai, eu vou gozar...

O alerta o deixa mais empenhado ainda. Nem sei como isso é possível. A junção da sua fome e dos barulhos que ecoam pela sala saem poderosos em um orgasmo alucinante. Ele fica lá, bebendo tudo, aproveitando cada espasmo.

Nossa... isso... U.a.u.

Vou escorregando pelo sofá, mole, satisfeita, com um sorriso maroto de quem foi bem comida. André levanta a cabeça lambendo os lábios e sorri de volta para mim, fazendo meu coração gravar esse recorte de todos os ângulos possíveis.

— Eu queria fazer tanta coisa, queria tirar sua roupa, beijar cada parte de você, tê-la acariciando meu corpo... era meu plano... mas... — Ele me ajuda a deitar, inclinando-se sobre mim. — Eu necessito entrar em você. Agora.

Puxo sua nuca e o trago para baixo, experimentando o gosto da minha excitação, de chocolate e de André. É maravilhoso! Sem desgrudar dos seus lábios, abro o cinto e o botão da calça.

O fato de estarmos vestidos é um estímulo a mais, quer dizer que estamos tão doidos um pelo outro que não faz diferença esse detalhe. A ânsia é maior.

Com a respiração entrecortada, ele estica o corpo apenas o tempo necessário para arrancar uma carteira do bolso e procurar esbaforido uma camisinha lá dentro. Infilto a mão pelo seu abdome e acaricio o local enquanto ele morde o pacote e abaixa a cueca.

— Deixa comigo!

Pego a camisinha e levanto o tronco o suficiente para admirar seu membro ereto, majestoso e brilhante pela lubrificação. Minha boca saliva de vontade de retribuir o oral admirável que eu recebi. Passo a ponta do polegar na cabeça e André geme, fazendo minha vagina pulsar de tesão como se não tivesse gozado minutos atrás.

— Dentro... por favor — o homem implora e eu desisto temporariamente de abocanhá-lo.

Duas horas e cinco minutos, ainda vai demorar um pouco para chegar.

Depois de um banho e um chamego de descanso, a gente pode aproveitar mais um pouquinho.

Visto a camisinha e o posiciono na minha entrada. Em uma arremetida, ele entra apertado, fundo, forte. Deito-me no sofá e o puxo para meus lábios. Não consigo ficar muito tempo longe da sua boca. Nos beijamos com sofreguidão, desesperados.

— *Caralho...* meu Deus, Gabriele... nossa! — sussurra, arfante, quando nos afastamos para respirar. — Tão molhada, tão gostosa.

A cada arremetida mais funda meu peito tenta entender o que é isso tudo, essa química fora do comum. André afasta o decote do meu vestido para o lado e abocanha meu seio pequeno. Ele cabe quase todo na sua boca aberta e esfomeada.

O desejo vem eletrizante. Estou novamente a ponto de me perder nele. À beira de me jogar.

Não preciso dizer para ele perceber. Minhas pernas são esticadas para cima até alcançarem seus ombros. O vestido vira um bolo na minha cintura. A posição é perfeita para que eu possa senti-lo melhor, mais intenso dentro de mim.

André acelera e nossos gemidos se misturam, uma melodia perfeita. Suor escorre da sua testa pelo esforço, a dedicação em que busca me dar prazer.

— Eu... — alerta, levantando o quadril diante da explosão eminente.

— Vem linda, vem comigo!

No ápice do orgasmo, André volta a colocar minhas pernas para baixo e chega bem perto do meu rosto mantendo o ritmo cadente para aproveitar ao máximo esse momento. Seu nariz acaricia o meu e a frase que sai da sua boca quase faz meu coração sair do peito.

— Você quer ser minha namorada, Gabriele?

Ofegante de excitação, seguro seu queixo e busco seu olhar. Eles estão brilhantes, ansiosos. Não há nada ali além de carinho.

— Eu adoraria, André.

O sorriso que vem assim que eu aceito passa a ser meu preferido. Deixo um selinho na sua boca e fico ali acalmando as batidas do meu coração.

Não era o que eu buscava. Na verdade, era a última coisa que eu queria semanas atrás.

Só que a vida tem dado um jeito de me trazer surpresas que são impossíveis não deixar entrar. Primeiro foi Joel, agora é André chegando de mansinho e me conquistando por completo.

CAPÍTULO 19

André



Encosto no batente da porta e levanto o ramalhete de gérberas na altura do meu peito, enquanto aguardo a porta ser aberta. Logo Gabi aparece e seu sorriso se expande ao notar o presente na minha mão.

Tinha um vendedor de flores ao lado do estacionamento que deixei meu carro e não resisti a comprar para ela. As pétalas coloridas refletem muito o que tenho sentido quando estamos juntos.

— Bom dia, namorada! — Inclino o corpo para frente e deixo um beijo carinhoso nos seus lábios.

— Bom dia, namorado! — Ela sorri na minha boca e acaricia meu queixo com as mãos.

O toque me traz lembranças maravilhosas de sexta-feira, quando meu aniversário ganhou definitivamente uma nova memória. Foi perfeito me deliciar de Gabriele e marcar seu corpo de todas as formas que foram possíveis, em duas horas e cinco minutos. Não desperdiçamos tempo.

Eu não esperava entrar em um relacionamento, mas foi impossível não formalizar nossos encontros diários depois de constatar uma química poderosa que faz meu coração bater de forma diferente.

O pedido saiu natural, mesmo que eu ainda não entenda direito como essa relação ficou tão forte em pouco tempo. Espero descobrir com Gabi e fortalecer nosso vínculo ainda mais.

Sempre fui um homem mais caseiro, que prefere mil vezes estar com

uma boa companhia a ter várias ao mesmo tempo.

— *Pra* você. — Estico o ramallete na sua direção e ela pega, eufórica.

É impressionante como coisas pequenas fazem a diferença no dia de uma pessoa. Foi assim com aquele jantar incrível que ela e Joel organizaram para mim, nunca serei capaz de agradecer à altura.

— São lindas, muito obrigada. — Ela deixa mais um selinho nos meus lábios e me convida para entrar. — Desse jeito, eu fico mal-acostumada.

— Ahhh, e *pra* mim não tem presente, não? — Joel interrompe nosso momento romântico, aproximando-se da sala. Apesar da reprimenda, suas feições são brincalhonas. — Eu que armei vocês e ainda sou esquecido.

— Armou? — Gabriele olha para ele, estarrecida. — Minha Nossa Senhora, eu não estou mesmo preparada *pra* essas conversas!

Gabi age igualzinho a uma mãe. É engraçado e lindo ao mesmo tempo ver esses laços crescerem cada vez mais.

O garoto ficou sabendo do meu pedido ainda naquele dia, quando voltou da sessão de filme com a Gina. Ficou tão feliz com a novidade quanto nós.

— Desculpa, amigão, da próxima eu prometo que recompenso — aviso, bagunçando o seu cabelo molhado.

— Eu estava brincando, tio, mas agora bem que vou gostar de um presentinho! — Tira as muletas debaixo do braço e se senta no sofá, pegando o controle.

Com certeza vai. No fundo, Joel ainda é uma criança carente de carinho e atenção.

Sorrio para ele e acompanho Gabi até a cozinha, observando-a pegar um jarro e colocar água para guardar as flores. Está tão radiante que parece que nunca ganhou um presente assim na vida.

O cheiro delicioso vindo do fogão se infiltra em minhas narinas e eu me aproximo para bisbilhotar as panelas. Eu tenho muita sorte! Além de trabalhadora, bondosa, linda e sexy, minha namorada ainda cozinha muito bem.

Namorada. Estou gostando muito dessa palavra.

— Tem certeza de que está tudo bem *pra* você conhecer o meu pai?
— Ela abraça minha cintura por trás e encosta a cabeça nas minhas costas.
— Eu já estava pensando em te chamar antes *pra* apresentar a ele o homem incrível que tem me ajudando com Joel. Agora as coisas ficaram diferentes, pode parecer cedo demais *pra* isso. Quero que saiba que vou entender se preferir ir *pra* sua vó, não quero forçar nada.

Entrelaço nossos dedos e me viro para encará-la. Seu semblante, até então animado, possui um vinco na testa de preocupação.

— Eu fiquei muito feliz que você me convidou, não tem nada forçado aqui. — Olho para nossas mãos unidas e coloco uma mecha de cabelo solto atrás da sua orelha. — Eu aceitei porque eu quis, Gabi. Quero conhecer tudo que diz respeito a você. Tudo!

Sempre me incomodou a forma como a sociedade quer ditar o que é certo ou errado. Muito além da questão racial, eu passei a levar mais em conta o que meu coração pede do que o que os outros pensam em todas as partes da minha vida.

Nós nos conhecemos há pouco tempo e estamos namorando. Assumimos a guarda de um adolescente. E daí? Não vale a pena ficar preocupado com o padrão, enlouqueceríamos assim e deixaríamos passar as melhores coisas.

— Você existe mesmo? — Gabi roça o nariz no meu em um carinho

gostoso. — Eu nunca pensei que com 30 anos estaria com esse frio na barriga.

— Está sendo tudo novo *pra* mim também. — Enlaço sua cintura e a trago para mais perto, cheirando seu pescoço. — Assim que Joel estiver andando melhor, quero muito levá-los para conhecer meus avós.

Ontem à noite, quando liguei avisando que trocaria o almoço pelo jantar, contei que tinha uma novidade para dizer a eles. Estou com um pouco de medo da reação da vó Tereza ao saber que Gabi é branca.

Não é por maldade, mas aquela senhorinha tem um desespero fora do comum que eu me meta em confusão. Aposto que vai retrucar que, com esse relacionamento, estarei mais suscetível a comentários racistas.

Não deixa de ser uma possibilidade, infelizmente, mas não vou deixar de ficar com ela por causa disso. Espero que vovó entenda e me apoie.

— Tio André, está passando Fórmula 1 na TV! — Joel grita da sala.

— Vai lá, vou terminar de fazer a lasanha. Seu José deve estar chegando.

Acaricio seu rosto e beijo seus lábios antes de ir. Meia hora passa rápido conversando e brincando. Assim como a loira, Joel tem ganhado um espaço especial no meu peito. Já não consigo mais imaginar meus dias sem essa interação espontânea.

— Meu pai está demorando e não atende. — Gabi aparece no nosso campo de visão com o telefone no ouvido assim que a corrida acaba. — É capaz que o ônibus atrasou, não quero nem ver o bom humor que vai chegar aqui. Já não gosta de sair de casa...

— Calma, ele pode ter saído um pouco mais tarde.

Estico a mão e a chamo de forma silenciosa para se sentar no braço do sofá ao meu lado. A loira vem e não resisto a tocá-la. Parece um ímã, tenho

vontade o tempo todo de colocar minhas mãos na sua pele. Ter que me comportar perto do garoto pode se tornar uma tarefa difícil depois de experimentar Gabi tão profundamente.

Passo a mão nas suas costas, para cima e para baixo, até que uma notícia durante o comercial captura minha atenção e eu paro o movimento. Quatro travestis e um segurança — três deles, negros — foram mortos ontem à noite na frente de uma boate conhecida da comunidade LGBTQI+.

Sempre que vejo ou leio sobre mortes injustas tenho uma sensação horrível de vazio. É tão ruim que o gosto metálico de sangue chega a ficar na minha boca igual acontece quando me recordo do dia que meus pais se foram.

— Que horror! — Gabi se movimenta, inquieta.

— Por que fizeram isso, tia? Eles só estavam saindo de uma festa.

— Muitos desses crimes são por ódio, meu amor — ela explica, olhando na direção do menino. — É o que conversamos outro dia sobre julgar o que é diferente. Infelizmente, tem pessoas que chegam ao extremo de matar porque acham os negros inferiores, não aceitam outra religião que não seja a sua, não respeitam quem tem uma orientação sexual diferente...

— Nossa, isso é muito triste! — Joel também se sente incomodado. — Ainda bem que estão se revoltando na internet contra essa violência.

Na televisão, o repórter mostra que as mortes já viraram destaque nas principais redes sociais. Se isso resolvesse o problema, teríamos menos injustiças no país.

— Virar *hashtag* não é difícil hoje em dia, muita gente entra por modismo na onda. O triste é que raramente as minorias conseguem ter justiça de verdade. — Toco o ombro do garotinho e ele me encara, atento. — Esse caso está ficando famoso e talvez ganhe notoriedade mais uma semana, mas depois fica esquecido. Isso sem contar as centenas que nem são vistas. Enquanto não houver ações concretas, essa realidade não muda.

— E o que poderia ser feito, tio?

— A melhor forma que eu vejo de combater o preconceito de qualquer tipo é por meio da educação. — Gabi se inclina no meu ombro para prestar atenção. — Temos que levar conhecimento, debater, criar políticas públicas, fazer novas leis e fiscalizar o cumprimento real.

— Fazer novas leis tipo a que a princesa Isabel criou para acabar com a escravidão no Brasil? Estou aprendendo essa matéria.

Quando eu digo que conhecimento é fundamental, começa na infância. Se os adultos de hoje, que estavam na série do Joel há dez, vinte anos atrás, tivessem mais acesso a informação poderíamos ter um futuro melhor agora. Poderíamos ter pessoas mais críticas, reflexivas.

Nesse exemplo mesmo que ele deu há dois sérios problemas. O primeiro é que a nossa história é contada apenas por um lado: o dos brancos. Pouco ou quase nada se dá de destaque a nossa raça, a não ser para estereotipar a pobreza e inferioridade.

O processo abolicionista no país contou com o trabalho árduo de muitos negros, porém, até hoje é ensinado que a libertação veio de uma mulher branca e rica.

— Você sabia que teve mais pessoas importantes que ajudaram a combater a escravidão nessa época, além da princesa? — instigo, animado para ensiná-lo. — Inclusive, um que foi inspiração para o meu pai escolher meu nome?

— Sério? — pergunta, surpreso. — Não sabia. Quem é?

— André Rebouças — afirmo, orgulhoso. Apesar de bem vaga, eu tenho uma memória do meu pai me falando sobre ele no quintal de casa. Fiz questão de aprender mais quando cresci. — A história da tardia abolição não se restringe à assinatura da Lei Áurea. André foi um dos principais colaboradores! Ele criou a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, junto de

outros gigantes dessa luta como Joaquim Nabuco e José do Patrocínio, e participou da Confederação Abolicionista.

— Eu nunca soube dele — Gabriele comenta, surpresa também.

— Pois é, muita coisa foi sufocada com o tempo. Perdemos nossa identidade, nossas crenças e quem conseguiu fazer algo ficou escondido na história.

Sufocamento. O segundo problema da frase de Joel está exatamente nesta palavra, em achar que houve de fato o fim da escravidão. Criou-se um muro separatista invisível desde aquela época e que perdura até hoje.

— Outra questão da abolição é que fomos libertados, mas não fomos de fato livres — continuo contando diante do silêncio curioso de ambos. É muito bom falar para quem se mostra interessado em ouvir. — Milhares de negros foram largados sem dinheiro, sem terras, sem nada. Não tinham apoio político para se reconstruir socialmente. Os detentores do poder preferiram trazer imigrantes e pagar a eles pelo trabalho nas suas terras, do que oferecer uma oportunidade aos negros.

— Eu vi sobre isso naquela novela Terra Nostra! — Gabi compartilha. — Com o fim da escravidão, o fazendeiro de café ficou sem mão de obra para as lavouras e contratou imigrantes italianos.

— Era tão mais fácil pagar para quem já estava aqui, *né*? Colocou mais gente no país à toa. — A inocência das crianças me fascina. — Como os negros fizeram para sobreviver, tio André?

Realmente, era muito mais fácil. Mas os negros não eram considerados dignos para receber por trabalho. A prisão, antes física e representada nas correntes, foi trocada por outra de dimensões subjetivas, sociais e simbólicas.

— Sem ter o que fazer, os negros foram se afastando dos grandes centros e se aglomerando nas periferias. Foi assim que surgiram os cortiços e as favelas. — Encosto o corpo no sofá e Gabi faz um carinho no meu cabelo,

vidrada na conversa. — O aumento do número de pessoas à margem da sociedade, com fome e sem apoio, culminou no aumento da violência.

— Caramba, é uma bola de neve! Reclamamos da violência hoje em dia, culpamos as favelas, mas foi algo que nós brancos mesmo criamos, lá atrás — ela conclui, cabisbaixa.

— Foi um efeito colateral da separação e até agora continuamos separando. — Entrelaço nossos dedos, fazendo um carinho na sua mão. — É um círculo vicioso!

— Não vejo a hora de voltar logo *pra* escola — o garoto afirma, intrigado. — Eu preciso contar isso para os meus amigos e repassar a informação para outras pessoas. O conhecimento é a chave para acabar com o preconceito, *né*, tio André?

— É sim, Joel! — Balanço a cabeça em sinal de positivo, emocionado com a atitude simples e poderosa dele.

Troco um olhar cheio de orgulho com Gabi, mas logo somos interrompidos por uma batida na porta. Deve ser o seu José. A loira levanta de prontidão e dá um sorriso para nós antes de abrir.

— Minha filha, desculpa o atraso. — Ele a abraça, distraído, sem parecer perceber a nossa presença no sofá. — A porcaria do ônibus quebrou e tivemos que ficar esperando o outro chegar.

— Nossa, que bom que não voltou *pra* sua casa. — Gabi ri, brincando, e observo o senhor fazer uma careta.

— Olha, vontade não faltou, viu?! Mas eu tinha que conhecer o menino Joel e o tal André que você tanto fala. Cadê *eles*?

— Estão aqui! — Ela vai para o lado, dando espaço ao pai, e seu olhar primeiro recai no garoto com um sorriso simpático. — Esse é Joel e esse o André, meu salvador e agora namorado.

Ah, merda! Esse olhar, eu conheço esse olhar. Quando crava em mim, seu José muda totalmente a feição. O sorriso morre nos lábios, se fechando aos poucos. Quero fazer meu cérebro acreditar que é só o mau humor pelo atraso, que está cansado de esperar pelo ônibus, porém, no fundo eu sei que não é.

Ele ficou surpreso, e não de uma forma boa.

CAPÍTULO 20

Gabriele



Não gosto da forma como meu pai está olhando para André neste momento. Definitivamente, não gosto. Parado perto da porta, sem se mexer, silencioso. Eu já ficaria incomodada antes, mas agora, depois da conversa que acabamos de ter sobre anos de injustiça, o jeito que ele fita meu namorado mexe profundamente comigo.

Parece um tapa na cara, uma confirmação dolorosa.

Não há cansaço, nem estresse por esperar o ônibus, que justifique esses segundos de inércia, o leve repuxar da sua boca. Sinto-me culpada e envergonhada tanto pela sua reação como por não saber quase nada do que André compartilhou sobre o período da escravidão no Brasil.

Na escola, eu aprendi que os negros tinham sido escravizados e que a princesa Isabel foi a salvadora. Nunca ouvi da boca dos professores a história deles antes de terem sido trazidos à força para o país, jamais soube que outros negros tinham lutado pela sua libertação e que a boa ação da mulher branca poderia ter interesses além. Afinal, libertar e abandonar à própria sorte não me parece muito o trabalho de uma samaritana.

André Rebouças é uma grande novidade para mim que, com certeza, vou pesquisar melhor a respeito assim que ficar sozinha.

No máximo, aprendi sobre os quilombos que abrigavam os fugitivos. Pensando sobre isso agora, até esse ensinamento me soa preconceituoso. Os quilombos eram explicados como rebeldia, algo ilegal. Depois da conversa com André, só consigo enxergá-los como uma forma de resistência à escravidão.

O que eu aprendi foi pela visão de quem tinha o poder, não pelo lado de quem foi escravizado e humilhado por anos, e eu simplesmente aceitei como uma verdade.

— Esse é o André, pai! — Coloco as mãos nas suas costas e dou um passo à frente junto com ele, empurrando-o. — Meu namorado.

Reforço a frase com uma ênfase calculada a fim de tirá-lo do seu torpor.

— É... — Seu José limpa a garganta, ajeitando a postura, e estica a mão um pouco vacilante. — Prazer, André.

— O prazer é meu, senhor José — responde, com um aperto firme e um sorriso no rosto, que não é correspondido.

O toque dura no máximo uns cinco segundos. Logo meu pai se vira, tentando ser simpático com Joel para disfarçar sua atitude.

Eu não estou acreditando que ele está agindo dessa forma. A vida inteira convivemos com pessoas negras, há centenas em Heliópolis. Por que esse estranhamento com André? Porque ele está comigo? Se for longe, no seu canto não tem problema; mas se estiver com a sua filha, a situação muda?

Francamente, ele que me aguarde porque teremos uma conversa muito séria. Não admito esse tipo de atitude.

— Desculpa — sussurro para o meu namorado, com um nó no peito.

André balança a cabeça sutilmente como se entendesse e isso me machuca ainda mais. Não deveria ser tão comum isso na sua vida, na vida de ninguém. Não consigo imaginar o que é pior: o preconceito escancarado ou esse velado, que se camufla em olhares e gestos discretos.

Passo a mão no cabelo lutando para controlar meu lado impulsivo que já quer brigar com meu pai neste instante, na frente da criança.

— Finalmente nos conhecemos, tio José, a tia Gabi fala muito do senhor. Obrigado por ter feito uma filha tão incrível! — Joel diz, carinhoso, desviando minha atenção um momento para si.

Sorrio para o garotinho e observo meu pai fazer o mesmo. Eu estaria radiante com seu comentário, em outras circunstâncias. No momento, só consigo reparar na diferença gritante de tratamento.

— Gabi é uma boa mulher, fico feliz que ela está ajudando você a se recuperar.

Os dois engatam em uma conversa sobre como está sendo a recuperação e me sento de novo na beirada do sofá, puxando André para ficar ao meu lado. Entrelaço nossos dedos e permaneço o mais próximo que dá de sua pele. Preciso senti-lo de alguma forma.

Toda hora Joel e eu o inserimos na conversa para falar de alguma coisa, mas meu pai não consegue nem sustentar seu olhar nele por muito tempo.

Caramba! Isso está me incomodando demais.

— A gente não vai almoçar? — o menino solta, depois de uma meia hora de bate-papo na sala. — Minha barriga roncou aqui!

— Estou com fome também e o cheiro dessa lasanha está maravilhosa! — André elogia.

— Podemos almoçar, sim. — Levanto-me, batendo as mãos na perna. — Está tudo prontinho!

— Eu vou ao banheiro e já volto — meu pai avisa.

Aproveitando que meu namorado se agacha para amarrar o cadarço do Joel que está solto, eu sigo disfarçadamente atrás do meu pai até o pequeno corredor que dá para o banheiro.

— Eu não sei o que está acontecendo com o senhor, mas pare com isso. — Seguro seu braço e falo baixo antes que alcance a porta.

— Gabriele, eu...

— Não vamos falar disso agora. — Olho na direção da sala e volto a fitá-lo, séria. — No momento, o que eu espero é que trate meu namorado com respeito. Por favor!

Se o meu próprio pai está agindo assim, eu nem quero imaginar como será a reação da sociedade quando sairmos e nos assumirmos de vez. Fecho os olhos por um instante e inspiro fundo, tentando controlar a inquietação que grita dentro de mim.

Paciência não é muito o meu forte.



Eu pensei que seria um domingo gostoso com pessoas que são importantes para mim, mas o almoço se tornou um martírio. Meu pai bem que tentou, no entanto, não está conseguindo disfarçar por muito tempo.

Implicar com Sérgio quando eu era adolescente, por achar que estava estragando minha vida é uma coisa; esse desconforto com André é bem mais. O seu incômodo é quase palpável, assim como deve estar o meu por aguentar essa situação calada.

Nós terminamos de almoçar há quase duas horas. Enquanto Joel perguntava tudo que queria saber sobre a minha infância ao seu José, André me ajudou a lavar a louça e ajeitar tudo.

É um perfeito cavalheiro! Nem acreditei quando chegou com um ramalhete de flores para mim. Nunca tinha ganhado um na vida, e olha que

fui casada por anos.

Sentamo-nos de volta na mesa e eu segui o inserindo nos assuntos, desesperada para o meu pai acordar e agir normalmente.

Não funcionou.

— *Tava* tudo uma delícia, filha, mas eu preciso ir. — Mexe o corpo na mesa, já querendo se levantar. — Não quero chegar tarde em casa, seu irmão deve *tá* voltando também.

— Ah, já? — Joel lamenta, tocando no braço dele. — Eu pensei que a gente ainda ia assistir a um filme. O tio André comprou os DVDs da saga X-men, está superlegal! Começamos a ver ontem à noite.

— Outra hora, filho! — Meu pai coloca a mão por cima da mão do menino. Pelo menos, Joel ele está tratando bem. — Realmente preciso ir.

Se essa saída repentina era uma tentativa de escapar do meu sermão, meu pai se deu mal. Não fico sem uma boa explicação para suas atitudes de jeito nenhum.

Depois de despedidas, novamente marcadas pela dicotomia, aviso que vou acompanhá-lo até a portaria e mal consigo esperar chegar à escada para deixar minha inquietude explodir.

— O que foi aquilo, pai? — indago, com a voz alterada. Não estou mais conseguindo segurar. — Eu nunca na minha vida imaginei que o senhor era preconceituoso, racista desta forma... meu Deus!

— Eu não sou racista, Gabriele! — ele se defende, de prontidão, encarando-me enfezado.

— Não? — Se não estivesse tão nervosa pela forma que tratou André, eu certamente riria do seu comentário. — Mal conseguiu olhar para o meu namorado, falar com ele parecia que queimava a sua língua. O que foi aquilo, então?

Silêncio. Ele desce as escadas mais rápido, como se quisesse fugir do embate. Sigo atrás dele na mesma velocidade.

— Me explica, pai, porque não estou entendendo o que aconteceu. — Volto a provocar uma resposta quando passamos pela portaria.

— Eu não gosto de negros, mas não pelo motivo que você está pensando.

— Qual é o motivo? — Paro ao chegar na calçada e o encaro, esperando sua explicação.

— O cara com quem sua mãe fugiu era dessa cor.

Passo a mão no cabelo e bufo, sentindo a irritação borbulhar ainda mais dentro de mim. Isso, é sim, preconceito. Ele está julgando todos os negros com base em uma experiência ruim que viveu.

— A cor da pele dele não tem nada a ver com sua decepção, pai. Pelo amor de Deus! Não justifica a forma como tratou meu namorado.

— Eu não consigo controlar, Gabriele — esbraveja, se mexendo de um lado para o outro. — Não consigo agir normal, sem que toda mágoa que eu tenho da sua mãe venha à tona. Quando ficam longe é suportável, mas ter que conviver... ah, não dá!

Não dá... o que não dá é para aceitar esse pensamento totalmente equivocado. Se fosse para nutrir alguma mágoa, seria da minha mãe que tinha uma família e largou tudo. O cara não possuía nenhuma ligação com a gente.

Eu nunca soube como era o homem que Doralice resolveu ficar, nem como de fato aconteceu esse relacionamento. É um assunto proibido, tanto meu pai como Tiago evitam ao máximo falar dela. Às vezes parece que nem existiu. Quando bebe e fica depressivo, normalmente perto da data do aniversário de casamento deles, seu José murmura que ela o traiu, que não tinha o direito de ir embora daquela forma e que jogou fora anos por um caso.

O pouco que eu sei do relacionamento deles é que se conheceram na adolescência e que minha mãe engravidou do Tiago com 16 anos. Passaram por vários perrengues e eu nasci sem ser planejada em uma época mais difícil ainda. Meu pai desempregado, cheio de dívidas e com a união desgastada.

— Se não dá *pra* você respeitar alguém que é importante pra mim, nós vamos de novo acabar nos afastando como aconteceu no meu casamento com Sérgio. Eu vou *pra* sua casa sozinha, nada de almoços em família, nada de passeios juntos... — Aproximo-me dele, olhando nos seus olhos. — Não dá *pra* tolerar esse comportamento. Eu fiquei com vergonha, é desrespeitoso demais.

— Se fosse um branco, você não *tava* nessa defesa toda. Virou militante da esquerda agora? — Olha, se não fosse meu pai, eu perderia a compostura com gosto. — Começou a namorar ontem e já está desse jeito. Nem sabe se vai dar certo, Gabriele.

— Primeiramente, se fosse branco, amarelo, azul... se tivesse o arco-íris inteiro na pessoa eu ia defender da mesma forma. Respeito é fundamental independente de cor e você não teve. — Não estou reconhecendo o homem que me criou nessa figura, Doralice realmente mexeu com ele. — Em segundo lugar, eu não começo um relacionamento pensando que vai dar errado, pai. Se eu quis ficar com André é porque gosto e quero que dê certo.

— Estou ficando com dor de cabeça desse assunto. — Seu José coloca as mãos no rosto, desviando o olhar. — Vou embora e depois a gente conversa melhor.

Sabendo que não vai sair mais nada de bom, eu concordo com a cabeça e fico em silêncio. Espero que Tiago lide melhor com isso, e que os avós do André gostem da novidade.

Algo me diz que este foi apenas o primeiro dos muitos desafios que virão.

CAPÍTULO 21

André



Esfrego o rosto com as duas mãos e me encosto na cadeira ao ver a vó Tereza se levantar, tensa. Esperei o jantar terminar para contar a eles a novidade sobre o meu namoro e, como imaginei, ela não reagiu bem. Depois de um sermão de quase cinco minutos sobre tudo que pode acontecer neste relacionamento, e da minha defesa contundente, observo seu corpo andar de um lado para o outro próximo à pia.

Notando minha aflição, vó Jeremias toca meu ombro sutilmente. Seu contato deixa meu peito um pouco menos pesado, parece que não concorda com a esposa. Pelo menos um a nosso favor!

O dia está sendo difícil. A reação do pai da Gabi foi a pior possível. Com uma filha tão altruísta e incrível, eu jamais imaginei que iria precisar lidar com um racista. Coitada! Ela me pediu desculpa a tarde inteira depois que o homem foi embora, estava se sentindo horrível pelo seu comportamento.

A preocupação e a sua defesa só fizeram a admiração que tenho aumentar ainda mais. Fiquei muito feliz quando ela resolveu tocar no assunto perto do Joel e aproveitou para frisar a importância do respeito. Ficou claro que o seu José mal conseguia permanecer no mesmo ambiente que eu e, embora não goste de fazer julgamentos, não fui convencido pelo motivo que deu à filha.

Sempre há uma justificativa. Se a mãe da Gabi tivesse o traído com um branco, ele nunca mais iria falar com um? Não se olharia no espelho? Acho que não.

Não concordo com a opinião da vovó, mas diferente do seu José, ela tem um motivo real para ficar receosa. Os negros já sofrem preconceito por nada, em um relacionamento com um branco, os olhares enviesados e os comentários inadequados aumentam ainda mais.

— Vó, eu respeito muito a senhora e entendo todas as suas preocupações diante da realidade em que vivemos, porém, eu não vou deixar de ser feliz com alguém que me faz bem por medo. Desculpa, não vou mesmo. — Levanto-me da cadeira e paro atrás dela, abraçando-a de costas. Seu corpo continua duro, apreensivo. — Eu gostaria muito que a senhora a conhecesse, ela e o Joel, mas não vou trazê-la aqui se não aceitar.

— Eu não vou destratar a moça, André! Nunca faria isso — defende-se, afastando do meu toque.

— Não precisa dizer nada para destratar, vó. Basta um gesto, um pequeno gesto. — Lembro-me do olhar do seu José para mim, da boca repuxada. Não quero que ela passe por isso também. — Gabi é uma mulher maravilhosa e não merece nada menos que o melhor tratamento.

— O André está certo, querida — vovô intervém a meu favor. — Olha os olhos do *nha minino*, dá *pra* notar de longe como *tá* feliz.

— Você sabe aonde isso pode chegar, Jeremias. — Dona Tereza se vira na direção dele e pega um pano de prato pendurado na cadeira. As mãos nervosas ficam buscando algo para mexer. — Você sabe que é perigoso.

Fico com uma sensação de que tem algo a mais na sua frase que eu não sei. Será que algum deles passou por uma situação complicada de racismo durante a vida e nunca me contaram?

— O que eu sei, Tereza, é que o amor é o sentimento mais bonito e poderoso que existe — declara, sério, observando a esposa. — Se você fosse branca, eu não deixaria nunca de ficar com você por causa da cor. Independente do que dissessem ou de quem fosse contra. Independente do que pudesse acontecer.

Silêncio.

Observo os dois em uma troca de olhares cheia de significado. Parece que uma eternidade se passa sem que ninguém diga nada. Quando penso em abrir a boca e tentar argumentar mais, noto uma lágrima escorrer pelo rosto da minha vó e ela sair da cozinha como um foguete.

— Vovó... — Dou um passo para segui-la, mas seu Jeremias levanta e me segura pelo braço.

— Deixa *ela* se acalmar sozinha, *nha minino*. É difícil *pra* sua vó... Ela tem muito medo de que você se machuque, que algo de ruim aconteça.

— Por que a vó tem esse medo tão grande? Aconteceu alguma coisa?

Não passa despercebido pelo meu olhar a sua garganta subir e descer, a cabeça desviar para o lado para não me fitar.

— A Tereza tem feridas profundas que até hoje não cicatrizaram, André. — Ele toca meu ombro, sem se estender no assunto. — Dê um tempo a ela, vou conversar com calma sobre isso. Você tem minha benção, *nha minino*.

— Obrigado, vô. — Coloco a mão na altura do coração, aliviado.

— A única coisa que me importa é a sua felicidade. — Seu Jeremias sorri para mim, carinhoso. — E eu acho que isso você alcançou de vez no dia que conheceu aqueles dois.

Sorrio de volta, constatando pelas batidas mais fortes que invadem meu coração que ele está certo.

Gabi e Joel preenchem meus dias com muito mais alegria.



Pego a chave do carro no bolso da minha calça e contorno o veículo estacionado na calçada. Esperei um pouco a poeira baixar, mas a vó Tereza ficou realmente mal. Foi até se deitar e nem são nove horas da noite ainda.

Cansado e sem querer deixá-la pior, resolvi ir embora para tentar relaxar com Sheik. Ando trabalhando demais e passando tanto tempo na casa da Gabi, que mal vejo meu cachorro.

— Fala, irmão! — Surpreendo-me com alguém parando ao meu lado. Nem tinha escutado barulho. — O que anda fazendo por aqui a essa hora?

Viro para cumprimentar Ramon e percebo que está acompanhado da Rô. Saúdo meu amigo com um toque de mão e a minha amiga com um abraço. Não os vejo pessoalmente desde que a guarda provisória saiu, só nos falamos por telefone. Os dois sempre perguntam do Joel.

— Troquei o almoço pelo jantar hoje.

— Que milagre é esse? — Rô brinca, rindo. — Esse almoço de domingo é sagrado.

— Eu fui almoçar com a Gabi e o Joel. — Prefiro evitar o assunto do pai com os dois, só vai me deixar mais desgastado do que estou.

— Hummmmmm... — Sorrio com o semblante engraçado que ela faz. — Cada dia mais envolvido com eles. Que fofo!

— Nós estamos namorando — conto, orgulhoso.

— Ahhhh, meus parabéns! — Rô pula no meu pescoço, empolgada. — Gabi é maravilhosa. Nem tinha conseguido a guarda ainda e estava lá, toda leoa, defendendo o garotinho dela.

— Palmiteiro, André? — Ramon reclama com uma careta. — Eu ainda tinha esperança de vocês voltarem um dia, me derem uns sobrinhos bem neguinhos e lindos.

— Sério?! — Rô ralha com o irmão, dando um tapa nele. — André é um homem bom, tem que ficar com quem ele quiser.

Eu tinha certeza de que ouviria isso. A expressão “palmitagem”, vinda da cor do palmito, foi criada para identificar relacionamentos inter-raciais. Principalmente, no caso de homens negros com mulheres brancas.

Há uma corrente que acredita que, inconscientemente, os negros entram nessa relação para buscar uma sensação de ascensão e aceitação social. Há ainda a questão do fetiche e da hipersexualização da cor, como a fantasia de sermos mais bem-dotados.

O problema menos discutido — e mais importante a meu ver —, nesse âmbito, é o fenômeno chamado de “solidão da mulher negra”. Na faculdade, eu participei de um grupo de estudos da disciplina de sociologia que discutiu sobre isso.

Pesquisas comprovam que mais da metade delas, no Brasil, não vivem uma relação estável. Infelizmente, já vi casos de homens negros que mantêm a mulher negra sempre na surdina e só assumem quando estão com uma branca. É um assunto muito complexo, pois, não há como negar a estrutura social que as coloca na base da pirâmide.

— Não posso falar por todos, só por mim. Sempre tratei bem todas as mulheres que me envolvi. — Embora eu acredite que isso realmente aconteça, e entenda a seriedade que está por trás do termo, nada deve ser generalizado. — Estou namorando a Gabi porque eu gosto dela, estou escutando meu coração.

— Eu não disse por mal, desculpa, irmão. — Ramon toca no meu ombro e o encaro. — Sei que a Gabi é gente boa, foi uma brincadeira. Eu não posso mentir afirmando que não torcia mesmo *pra* vocês voltarem um dia,

mas entendo.

Troco um olhar com Rô e não sei dizer se está com vontade de rir da torcida do irmão ou se está preocupada com esse desejo dele. Outra questão complexa demais para pensar agora.

Nós não temos nada a ver como casal. Mais de três anos de namoro comprovaram que nossa relação é definitivamente de amizade.

— Esse assunto é muito sério *pra* brincar de forma leviana, Ramon!
— Ela novamente chama a sua atenção. — Eu sou a favor do amor de qualquer forma, contudo, é ingênuo pensar que a escravidão não definiu também a questão da afetividade. Não é um debate simples.

— Não *tá* mais aqui quem falou, perdão, gente! — Meu amigo estica as mãos para o alto, em sinal de rendição. — Como Joel está? 100%?

O assunto poderia render ainda mais, e até merece, porém, hoje já foi um dia bem exaustivo e aceito a mudança na conversa.

— Está bem melhor, o fisioterapeuta acredita que em breve volta a andar sem muleta.

— Eu queria tanto ver o Joel pessoalmente, será que a Gabi ligaria, André? — Rô questiona, animada.

— Tenho quase certeza que não, vou perguntar a ela e a gente marca. Creio que vai adorar recebê-la e te encher de perguntas. — Sorrio ao lembrar em como se empolga quando está falando do menino. — Gabi quer entrar com o pedido de adoção do Joel em um futuro breve.

— Nossa, que incrível! Vocês se merecem tanto... Estou muito feliz pela novidade.

— Eu também fico feliz se você *tá* feliz, viu? — Ramon ressalta, me fazendo sorrir mais.

— Significa muito *pra* mim, obrigado.

Eu sei que existirão percalços no caminho, opiniões diferentes, racismo, brincadeiras que machucam... mas se eu tiver Gabi e Joel do meu lado e apoio daqueles que amo, nada vai me impedir de lutar pela minha felicidade.

Nada!

CAPÍTULO 22

Gabriela



O meu segredo para deixar a coxinha de frango bem crocante e dourada é empanar na água gelada e na farinha de rosca de pão de sal e pão doce. Fica delicioso e ainda por cima não altera o sabor com gosto de ovo. Coloco a última na bandeja e mexo para que a mistura pegue bem em todas as unidades.

Preciso terminar logo para que possam descansar por pelo menos uma hora na geladeira antes do André e da Rô chegarem. Eu tinha coxinha de abobrinha com ricota e de lentilha com alho poró prontas, que preparei mais cedo para o complexo de saúde, porém, achei arriscado demais oferecer essas para a visita. Não é todo mundo que gosta.

Ainda no hospital Joel fez tanta propaganda dos salgados que, domingo, quando André me mandou uma mensagem à noite avisando que a amiga queria visitá-lo, logo disse também que estava louca pelas minhas coxinhas.

Achei ótimo que Rô quer passar aqui. Além de ser gente boa, o fato de ser assistente social e trabalhar no Conselho Tutelar pode me orientar ainda mais sobre como devo proceder para conseguir entrar com o pedido de adoção do meu menino em breve.

Olho para ele concentrado assistindo à televisão e o sorriso desponta no meu rosto. O amor que sinto por Joel transborda de mim e cresce a cada dia. Já sinto no meu peito que ele é meu.

Com as coxinhas prontas, reservo em uma vasilha e coloco para resfriar. Ajeito tudo na cozinha, lavando a louça e varrendo o chão, antes de

ir me arrumar.

— Vou tomar banho, meu amor, se por acaso eles chegarem, fica aí fazendo sala — aviso, perto do corredor.

Mesmo que fique com cheiro de fritura e tenha que tomar outro depois, não dá para receber o namorado assim, descabelada pelo dia corrido. Ainda é esquisito e deliciosamente bom dizer essa palavra.

— *Tá bom, tia Gabi* — responde, sem me fitar, atento na tela.

Sorrio de novo e corro para o quarto para escolher um vestido bonito. Acho que nunca usei tanto essas peças como ultimamente. Reparei que André me olha diferente quando estou com um, chega até a me faltar o ar.

Por falar em falta de ar...

Lembro-me daquela boca carnuda pela minha pele e preciso segurar firme na porta do guarda-roupa. As pernas se mexem involuntariamente, fazendo fricção onde queriam que ele estivesse.

Deus, preciso dar um jeito de ter aquele homem de novo dentro de mim. Com tudo que tenho direito. Foi tão... tão gostoso.

Mordo os lábios e pego um modelo preto com sutiã e calcinha da mesma cor. Não é como se ele pudesse ver hoje, mas sinto que minha autoestima está melhor desde que começamos a nos envolver.

Só depois que a gente sai de um relacionamento que se torna tóxico é que conseguimos perceber como nos fazia mal. No final do casamento com Sérgio, já nem me importava mais em como estava. Era tudo automático, com a finalidade de engravidar e pronto.

Sigo para o banheiro querendo ser rápida, no entanto, a imagem da sua boca pela minha pele continua me martirizando. Lavo primeiro os cabelos e quando pego o sabão subo do abdome para os meus seios em uma carícia que me faz soltar um gemido baixo.

Faço espuma no mamilo e puxo o bico, imaginando que é o André fazendo isso. Mesmo com a água fresca caindo pelo meu cabelo, é como se a temperatura subisse a ponto de me queimar.

Encosto a cabeça no azulejo e é inevitável refrear o caminho que minha mão percorre até o vão entre minhas pernas. Arfo ao notar o produto macio tocar minha intimidade para cima e para baixo.

Deixo o sabão escorregar pela minha perna e fecho os olhos quase podendo materializar meu namorado ajoelhado aqui. É tão real a imagem na minha mente que não ousa abrir os olhos e cortar o clima.

Com um sorriso nos lábios, o meu sorriso preferido, ele afasta as pernas e se embrenha em mim. À medida que vou fantasiando sua boca gostosa me chupando, os dedos começam a me masturbar com ânsia. Uso toda a minha palma para gerar um atrito no clitóris quando os dedos entram fundo na intimidade.

Começo com um e logo são dois, três. Intercalo entre afundar e estimular meu local mais sensível.

Aii... Senhor!

Arfo, arqueio o corpo para frente, mordo os lábios para não fazer barulho. Que delícia! Com a imagem mental do André tão perfeita, eu nem preciso de muito para me render a um orgasmo potente que deixa minhas pernas moles.

Sorrio, safada e satisfeita, e termino de me lavar tentando recordar a última vez que fiz isso no chuveiro. Não consigo lembrar! Parece que eu renasci quando esses dois homens entraram na minha vida: um a florando meu lado materno e o outro meu lado mulher.

Assim que me visto e volto para o quarto para pentear o cabelo e colocar um brinco, escuto barulho na sala. Logo a voz animada de André se espalha pela casa, dando algum presente para Joel. Ouço o som empolgado

do garotinho agradecendo e ele avisando que estou tomando banho.

Não demora para passos largos estarem no corredor e as batidas na porta ressoarem no meu ouvido.

— Posso entrar?

— Pode! — Viro na sua direção e quase perco o fôlego de novo com o jeito que ele me devora de cima a baixo.

Devorar é a palavra exata para descrever o jeito selvagem que me observa do batente. Silencioso, ele entra e encosta a porta. Balanço a cabeça sorrindo, tentando colocar juízo em nós dois para seja lá o que esteja passando na sua mente.

— Não me olha desse jeito, não, pelo amor de Deus! O Joel está ali na sala — falo baixinho, ciente de que esta casa tem um péssimo isolamento acústico.

— De que jeito, Gabriele? — Amo quando ele pronuncia todas as letras do meu nome. Fica muito sexy nos seus lábios.

— Como se quisesse me provar.

— Ah! — André para nas minhas costas e passa a mão delicadamente pelo meu braço. — É exatamente isso que eu gostaria de fazer agora. Com você de quatro, empinando essa bunda gostosa *pra* mim bem ali.

Fecho os olhos, sem querer imaginar o estrago que faríamos em uma cama. Se no sofá é magnífico, pensa em um colchão macio.

— André... — Arfo, notando a umidade voltar a dar as caras.

— Eu estava com saudade de você — confessa, murmurando na minha pele ao deixar um beijo no meu ombro. — Sei que só faz dois dias, mas...

A frase fica solta. Eu sei, também estou com saudade. As coisas têm crescido rápido entre nós, e de uma forma que é impossível refrear.

Na segunda e na terça, ele não pôde vir porque ficou até de madrugada resolvendo aquele problema do vírus na empresa. Diante do movimento que se formou para culpar os Jovens Aprendizes, ele contratou uma auditoria externa para averiguar o que houve.

Isso deixou os ânimos aflorados por lá. Nos falamos apenas por telefone na hora do seu almoço e no intervalo rápido que fez à noite para comer algo.

— Eu também fiquei, gosto de ter você todos os dias aqui.

Mesmo com o constrangimento que meu pai me fez passar domingo, eu preferia tê-lo comigo do que longe. Ainda não absorvi isso, estou tão chateada que nem falei com seu José desde aquele dia.

Sua mão pega a minha para deixar um beijo, mas o movimento para próximo ao nariz antes de completar a ação.

— Você está cheirando excitação — André sussurra no meu ouvido com a voz rouca, apertando minha cintura. — Você estava se masturbando no banheiro?

Pega no flagra! Eu pensei que tinha tirado bem o cheiro quando terminei de me lavar.

— Sim — assumo, movimentando o corpo, excitada de novo.

— Pensou em mim? — O aperto aumenta na minha pele e seu nariz vai para o meu pescoço, ouriçando os pelos da nuca.

— Gozei gostoso imaginando você me chupando como aquele dia.

— *Porra, Gabriele!*

André me vira com tudo para a direção do seu peito e desce a mão até minha bunda, levantando a beira do vestido. Ele apalpa ali, brincando com a borda da calcinha enquanto solta a respiração pesada no meu rosto.

— Nós... não... Joel. — Quase não consigo pronunciar nada.

— Eu sei... mas estou morrendo de vontade. Olha o que você faz comigo.

Sigo o seu olhar e vejo o membro bem evidente pela calça social. Sem controle dos atos, passo a mão no comprimento grosso e André geme baixinho.

Ai, merda. Estou quase gozando mais uma vez.

Ele infiltra seus dedos pelos fios molhados do meu cabelo e me puxa para um beijo daqueles memoráveis, que me faz ter vontade de esquecer o mundo à minha volta. Sua boca é sempre uma perdição macia e quente.

Mordo seus lábios e apoio o braço no seu pescoço, chegando mais perto. É como jogar um fósforo aceso perto de álcool. Inflamável. Perigoso.

Uma de suas mãos apalpam a minha bunda e a outra acaricia um dos seios. Quero me esfregar toda nele, porém, a racionalidade fala mais alto e acabamos nos afastando.

Olhares fixos um no outro, respiração entrecortada.

— Quando Joel dormir, você vai me ligar por chamada de vídeo do chuveiro. — O seu tom é de ordem, firme. Gostoso. — Vou bater uma punheta *pra* você e você vai se masturbar *pra* mim, Gabi. Preciso disso, senão não conseguirei pregar o olho.

— Seu pedido é uma ordem! — concordo de imediato, empolgada com a ideia.

— Vem, vamos sair deste quarto. Se ficar aqui mais um segundo,

minhas bolas vão explodir.

Pego um hidratante de dentro do guarda-roupa e passo bem nas mãos antes de aceitar a sua estendida para mim. Sorrimos, cúmplices, e saímos pelo corredor pequeno de casa como dois jovens quando aprontam.

Sempre me sinto assim com ele. Acho que estou ficando irremediavelmente apaixonada por esse homem.



Joel é mesmo uma criança ainda. Está radiante porque ganhou um jogo de Detetive do André e não para de falar há mais de meia hora. Já lemos todas as regras e ele está na expectativa que Rô chegue logo para que possamos comer e jogar.

— Vê se ela mandou mensagem, tio — o garotinho pede, ansioso.

Damos risada um para o outro e ele confere no celular se a amiga está vindo.

— Avisou que em vinte minutos chega. Isso foi há cinco, deve tá por aqui, já — conta e Joel dá um pulo de alegria no sofá.

— Ei, cuidado com esse joelho, menino — lembro, tocando seu ombro. — Nada de estripulias!

Ele acena empolgado e pega as cartas do tabuleiro para ler mais uma vez. Sorrio e me levanto para começar a arrumar as coisas. Rô deve chegar com fome, tinha avisado mais cedo para André que teve um dia difícil no trabalho e mal parou.

Vou para a cozinha e noto a presença do meu namorado atrás de mim. A mão está no pescoço, sua feição mudou completamente como se tivesse

ficado nervoso de repente.

— O que foi? — Aproximo-me da mesa, onde parou.

— Eu me toquei somente neste instante que esqueci de te contar uma coisa importante sobre a Roseli.

— O que houve? — pergunto de novo, preocupada, sem fazer a mínima ideia do que se trata.

— Ai, merda! — Seu olhar vai para o chão, tenso. — Devia ter contado antes.

— O que foi, André? — Algo passa pela minha cabeça e eu definitivamente não gosto dessa possibilidade.

Tomará que ele não diga...

— Nós já fomos namorados. Desculpa não ter contado antes.

Merda! Exatamente o que pensei. Mesmo que eu queira ser adulta e fingir costume, é impossível impedir o ciúme que vem avassalador ao imaginar esse monumento de homem fazendo o que fez comigo naquela mulher linda.

Rô é deslumbrante, do tipo de fazer virar o pescoço para vê-la passar.

Fico imaginando quanto tempo namoraram, se ele a amava, se a pegava com a mesma intensidade que faz comigo, por que terminaram...

Não gosto de nenhum desses pensamentos.

— Por que você não contou quando me apresentou *ela*?

Se bem que hoje será a primeira vez que vamos nos ver depois que comecei a namorar. Antes, ele não ia sair por aí contando suas intimidades para uma desconhecida.

— Eu esqueci porque *pra* mim é tão natural. — Ele toca meu braço com carinho. Não sou muito boa em disfarçar a cara de bunda. E é certeza que estou com uma agora. — Nós sempre fomos amigos e quando rolou da gente ficar, namoramos por cerca de três anos, mas não deu certo.

— Três anos? Tudo isso? — A ardência no peito aumenta.

Odeio ser ciumenta, não queria sentir essa insegurança.

— Sim, mas era tão diferente do que acontece com você. Não sei explicar, você é a primeira que mexe comigo tão intensamente.

Quero ficar feliz com seu comentário, mas ainda estou chateada de não ter tocado no assunto antes. Cheguei a falar sobre Sérgio com ele durante o processo do pedido de guarda, porque viu que eu era divorciada, e não comentou nada também.

Naquele tempo vocês não tinham nada, Gabriele! Lembre-se disso!

Minha consciência tenta alertar o racional, porém, o coração ainda permanece agitado.

— Vocês se dão tão bem — comento, desviando o olhar para o meu vestido. — Já rolou alguma recaída depois que terminaram?

— Não! — Ele sorri, levantando meu queixo para encará-lo. — E eu não deveria gostar tanto de ver você com ciúme de mim. Também sinto de você, viu?! Dez anos são bem mais que três.

Se ele sente ciúme, sabe disfarçar bem.

— Eu mal olho na direção do Sérgio, quanto mais falar com ele.

— Você não chegou a contar por que terminaram... — André sonda, fitando-me.

— É uma longa história, que precisamos conversar com calma.

Já tinha pensado nisso. Mesmo que tenhamos acabado de começar a namorar, as coisas estão evoluindo tão rápido que preciso ser sincera com relação ao meu estado de saúde.

Se esse namoro evoluir para algo mais sério, André deve estar ciente de onde está se metendo.

— Quero conhecer tudo sobre você, e compartilhar tudo sobre mim.
— Ele toca meu rosto, deixando um carinho singelo na bochecha com as costas da mão. — Desculpa de novo ter me esquecido de mencionar sobre a Rô.

Nem tenho tempo de responder porque uma batida na porta me coloca em alerta. Roseli deve ter chegado. Avisei na portaria que podia subir quando chegasse.

Estico o corpo, ajeitando o vestido, e André me para com o braço antes de seguir para a porta.

— Eu quero só você — murmura próximo à minha boca e me dá um selinho.

O frenesi no meu coração só comprova que estou realmente ferrada e em um caminho sem volta.



Eu estou tentando, juro que estou, mas não consigo olhar para Roseli do mesmo jeito de quando a conheci. Nem de Rô consigo chamá-la mais. Toda vez que ela sorri ou toca no André, eu tenho vontade de ir lá e tascar um beijão na boca dele para mostrar que sou a atual, a mulher que ele quer.

Gabriele do céu, 30 anos nas costas e tendo crise de ciúme!

Eu fui assim com Sérgio uma época, porém, quando era mais nova e loucamente apaixonada. Pensei que essa fase tinha passado. Queria que tivesse, pois, estou me sentindo ridícula por estar tão agitada com isso.

Já deve fazer mais de duas horas que ela chegou. Comemos a coxinha que fritei, conversamos um pouco e jogamos duas rodadas de Detetive na sala. Joel está eufórico que conseguiu vencer nas duas vezes.

— Eu sou péssima nisso, desisto! — Levanto-me do tapete, limpando a perna. — Vou lavar minha louça que eu ganho mais.

— Eu também desisto, vou te ajudar. — Roseli sorri com seus lábios carnudos e bonitos e sai do sofá que se sentou com Joel.

Quase solto uma bufada. Que beleza!

— Tio, vamos ver como funciona o *app* gratuito que dá dicas dos crimes — Joel pede, pegando a caixa do jogo que mostra sobre isso.

Os dois ficam entretidos e eu saio com a ex-namorada do meu namorado a tiracolo. Pego os pratos na mesa e mal chego à pia, ela vai direto ao assunto.

— Você descobriu só hoje que fomos namorados, *né*? — Roseli questiona, sorrindo ainda mais, o que só aumenta minha irritação.

— Sim — limito-me a responder, ligando a torneira.

— O que exatamente André te contou?

Aonde ela está querendo chegar? Dai-me, paciência, Senhor!

— Só que foram namorados por três anos.

— Mas é um cavalheiro mesmo!

Sua risada alta me faz olhar para ela, que o observa no sofá da sala com Joel. Como diz a música, “*o ciúme não tava batendo, tava dando porrada*”. Fico quieta, porque se eu abrir a boca, talvez não saia algo bom para dizer.

— É mais fácil ele ter ciúme de nós duas.

— O quê? — pergunto, sem entender seu semblante divertido me observando.

— Eu sou bissexual, Gabi — conta e parece que um peso de cem quilos sai das minhas costas. — Nos últimos anos, tenho sentido atração só por mulheres.

— Nossa! — exclamo, sem saber o que falar.

Estou tão aliviada! Tenho até vontade de abraçá-la, porque havia gostado muito da Rô antes de saber que foram namorados.

— Descobri na adolescência, mas achei que podia reprimir. Minha família é muito tradicional, eles não sabem até hoje. — Seu suspiro longo não passa despercebido por mim, deve ser algo que a incomoda muito. — Nem meu irmão Ramon sabe! O namoro com André não foi nada como é com você, não existia essa química palpável.

— Obrigada por me contar, Rô.

O apelido até volta fácil para meus lábios.

— Percebi que você estava diferente a noite inteira e precisava confessar isso, se bem conheço o André, ele nunca contaria, porque diz respeito a mim. — Nós duas olhamos na sua direção mais uma vez. Joel está com a cabeça encostada no seu ombro, ambos vidrados na tela do celular. — Ele é um homem de ouro, estou muito feliz de verdade que encontrou você. Merece demais ser feliz!

— E eu por tê-lo encontrado... está sendo especial *pra* mim nossa relação.

— Ele nunca teve esse olhar brilhando por ninguém, Gabi, e o conheço desde a infância. Eu sinto aqui — Rô aponta para o coração — que vocês três serão uma linda família.

Parece que fogos de artifício resolveram explodir no meu peito. Engulo em seco, assustada por ficar tão mexida com as palavras dela.

— Estamos em paz? — A linda mulher estica a mão, sorrindo. — Eu quero vir aqui mais vezes comer essas coxinhas deliciosas. Diz que sim, pelo amor de Deus.

— Em paz! — Aperto sua mão, sorrindo junto.

Paz é uma boa palavra para resumir como me sinto quando André percebe nossas mãos unidas e sorri para mim. Aquele sorriso lindo, aberto.

Uma família com ele.

Sim! Isso me parece um excelente plano para o futuro.

CAPÍTULO 23

André



Aceito a taça de champanhe e agradeço o garçom com um sorriso, observando o ambiente. O salão restrito está lotado de executivos bem-vestidos e repórteres. Há seis anos, a Edutec patrocina um dos maiores congressos de educação do país. Hoje é a abertura do evento e vim prestigiar como representante da empresa.

Por ter acompanhado meu amigo em três oportunidades, conheço grande parte das pessoas presentes. É verdade que a maioria era bem mais simpática quando Carter estava junto, mas já me acostumei com isso.

— André, que bom que pôde vir! — Jorge, um dos organizadores, para ao meu lado e toca meu braço. — Como você está? Brown conseguiu fazer a cirurgia?

A essa altura, o nosso meio empresarial sabe o que aconteceu e que estou como *CEO* temporário.

— Estou bem, obrigado. — Cumprimento-o com a mão, fazendo o mesmo com Carolina, outra organizadora que se aproximou junto com ele. — Carter ainda não fez a cirurgia. Estava no Rio de Janeiro, mas por causa da imunidade baixa, pegou uma infecção e a operação precisou ser adiada. Voltou e está em tratamento *home care*.

— Ele está bem? — questiona, preocupado.

— Na medida do possível para o grau da doença. — Suspiro ao me lembrar do seu rosto abatido na videochamada que fizemos na hora do almoço.

Continuamos nos falando por telefone todos os dias. Queria estar pessoalmente presente, contudo, os médicos proibiram as visitas para evitar que seu quadro imunológico fique mais afetado. Qualquer vírus pode se tornar um grande problema para meu amigo. A boa notícia é que a infecção está quase curada e acredito que, em breve, a cirurgia será remarcada.

Conversamos mais um pouco sobre Carter até que Jorge sai para cumprimentar outros executivos e me deixa com Carolina.

— Como está indo na administração da Edutec? — A mulher toca meu braço, permanecendo ali. — Aposto que está tirando de letra.

Não é a primeira vez que sua mão percorre esse caminho. Já deve ser a quarta, em menos de quinze minutos.

— Está sendo desafiador. Fico grato pela confiança e por poder ajudar Carter.

Carolina é inteligente, simpática e muito bonita. Ano passado também reparei sua aproximação mais “carinhosa”, digamos assim. Se quando estava sozinho não rolou nada, muito menos agora. Estou muito feliz com a minha loira!

Aliás, é bem capaz que Gabi ficasse com ciúme dessa cena. Se não fosse confundir a ruiva à minha frente, achando que estou dando corda a ela, eu certamente riria com a lembrança de ontem.

Gostei da reação da Gabi e gostei mais ainda da minha amiga ter contado sobre sua preferência sexual. Eu não iria dizer nada, pois, é algo muito pessoal que a afeta demais.

Roseli abriu o jogo comigo apenas quando tínhamos cerca de dois anos de namoro. Ela, Ramon e eu somos amigos desde criança, porém, Rô tem medo da reação dos outros. Por isso, sua família não sabe até hoje. Chegamos a viver umas aventuras de casal, explorando esse lado dela, e constatei que seu desejo por mulheres era bem maior.

Foi eu quem a encorajou a terminar e seguir seu coração. Não fiquei chateado, muito menos achei que não era um homem de verdade, por causa da sua orientação sexual. Hoje, percebendo tudo que Gabriele provoca em mim, com tão pouco tempo de relacionamento, tenho certeza de que Rô e eu sempre foi muito mais amizade.

E é por vê-la dessa forma que esqueci completamente de mencionar sobre o namoro com Gabi. Ainda bem que tudo terminou bem, muito bem, por sinal. A cereja da noite foi me deliciar daquela mulher maravilhosa pela tela do meu celular no meio de uma ducha.

Nossa, pensar nisso agora será uma péssima ideia!

Balanço a cabeça sutilmente, controlando o corpo que quer reagir à memória tão viva, e aproveito que outro garçom está passando ao nosso lado para devolver minha taça na bandeja. O movimento me ajuda a afastar do toque de Carolina.

— Conseguiram resolver o problema dos dados roubados? — Diante do movimento do seu braço, parecendo novamente querer se aproximar, eu dou um passo para trás de forma discreta para manter certa distância. — Que confusão, *né*, sinto muito.

— Estou com uma auditoria externa verificando isso para acalmar os franqueados e descobrir os verdadeiros culpados.

Essa auditoria virou um inferno na empresa. Apesar do Carter aprovar e autorizar, porque fiz questão de falar com ele antes, alguns diretores acharam exagero expor a empresa ainda mais na imprensa, mostrando fragilidade.

Eu e Lorenzo, o responsável pelo setor de TI, temos trabalhado arduamente nisso com o pessoal de fora. Não podia deixar a culpa recair no lado mais fraco, ainda mais quando estamos achando que foi mesmo arquitetado.

Esta semana eu devo ter uma resposta da avaliação. Benício, Oliver e Tarso mal têm olhado na minha cara, o que deixa meu instinto mais alerta ainda com esse trio.

Carolina compartilha um caso parecido que aconteceu em uma empresa que trabalhou e eu fico entretido na conversa até notar o celular vibrar no bolso da minha calça. Verifico na tela o nome de Gabi, e estranho sua ligação.

— Desculpe-me, preciso atender. — Levanto a mão, pedindo licença, e viro de lado, dando alguns passos em direção à parede.

Ela sabe que eu viria para o evento no final da tarde, não ligaria à toa. Meu coração acelera ao imaginar que alguma coisa possa ter acontecido.

— Oi, Gabi! Tudo bem?

— André... — Sua voz chorosa corta meu peito, a respiração fica acelerada só de ouvir uma palavra. — Des... desculpa te atrapalhar...

— O que houve, linda? O que aconteceu? — Passo a mão no cabelo, preocupado com o seu tom aflito.

— Roubaram minha casa, reviraram tudo...

— O quê? Vocês estavam aí? Se machucaram? — Minha voz aumenta, os pés começam a andar de volta até Carolina.

Não tenho condições de ficar aqui para a abertura do evento depois disso.

— Não, a gente *tava* na fisioterapia. Vi agora quando cheguei e liguei direto pra você. — Ela funga, soltando um suspiro no aparelho que me deixa ainda mais agoniado. — Joel acha que foi o pai dele, tinha uma pulseira dessas de couro caída no chão, que tem certeza ser do homem.

— *Peraí*, um segundo. — Encosto o telefone no peito e olho para a

ruiva que me fita com preocupação. — Por favor, peça desculpas ao Jorge — aviso, afoito, querendo sair logo. — Não posso ficar, aconteceu um problema com minha namorada e eu preciso ir vê-la urgente.

— Tá, eu aviso, pode...

— Obrigado! — interrompo-a e não a espero dizer mais nada.

Ando a passos largos até a saída do salão, voltando a colocar o telefone no ouvido.

— Desculpa te atrapalhar, eu não queria...

— Gabi, você não precisa se desculpar por nada. Nem que eu estivesse em outro estado, voltaria *pra* ir ver vocês. — Passo pela porta e avisto o estacionamento à frente. — Como Joel está?

— Está chorando, nervoso, com medo... E se a juíza quiser pegar *ele* de volta, André? Eu não... eu não posso... — Os seus soluços me deixam com um nó na garganta.

Praticamente corro até o carro, abrindo a porta de qualquer jeito e me jogando no banco. A única coisa que eu quero no momento é abraçá-la... ela e o Joel.

— Calma, linda. Estou indo aí, chama a Gina *pra* ficar com vocês por enquanto. Já, já eu chego.

Assim que desligo, saio em disparada. Sorte que o evento é na região central. Acho que nunca dirigi tão rápido na vida. Todas as vezes que eu passei pela portaria sem nenhuma dificuldade voltam à minha mente durante o trajeto.

Aquele prédio não tem nenhuma segurança, não duvido que possa ser mesmo o pai do Joel que invadiu. Com o histórico de tratamento ao filho e de crimes, seria bem provável que tenha tentado tirar vantagem de alguma forma.

Joel contou que no dia do acidente ele queria dinheiro, deve estar fodido e descobriu com quem a guarda ficou. Para entrar no local e ir certo no apartamento, pode estar de tocaia há tempos. Pode ter estudado os horários que Gabi sai com o menino. Pode saber até que eu vou sempre lá e tenho recursos.

São tantas possibilidades viáveis... Merda! Merda!

Bato no volante, *puto da vida*. Aquele menino incrível não merecia ter convivido em uma família dessas.

Quando, enfim, chego ao prédio estaciono de qualquer jeito próximo à calçada e entro correndo. Subo as escadas de dois em dois degraus, e ao alcançar a porta, nem preciso bater. Gina abre com o semblante triste e os olhos vermelhos. Aceno e avisto minha loira e meu garoto abraçados no sofá, encolhidos em um choro doloroso.

— Ei, eu estou aqui. — Sento-me ao lado deles, abraçando os dois ao mesmo tempo. Meu coração sai do eixo quando sinto o abraço de volta. — Eu estou aqui! Não vou deixar que nada de ruim aconteça.

— Ti... ti... tio André... — Joel soluça, tremendo o corpo magro. — Eu não quero que meu pai me pegue, eu não quero voltar para o abrigo. Quero a tia Gabi, quero você...

— Você tem a gente, meu amor, não precisa chorar. Não vai acontecer nada!

Uma lágrima grossa escorre pelo rosto da minha namorada, sua boca cerrada e os olhos aflitos me mostram que ela talvez não acredite muito nisso. Seco seu pranto com carinho e deixo um beijo na cabeça do Joel.

— Eu prometo que não vou deixar nada acontecer, *tá bom*?! — declaro para os dois, me virando na direção da Gina. — Será que você podia levá-lo um pouco *pra* sua casa? Essa bagunça não vai ajudar *ele* se acalmar. Eu arrumo tudo.

A sala está toda revirada, papéis jogados no chão, alguns móveis estão até quebrados. Na cozinha, o estrago não é menor. Imagino que os demais cômodos estão do mesmo jeito.

— Claro, eu levo sim! — Ela se aproxima, segurando o ombro do menino. — Vem, querido. Tia Gina vai fazer um chá *pra* você.

Joel resmunga um pouco, querendo ficar, mas está tão abalado que acaba indo para o apartamento vizinho. Gabi permanece estática, as mãos no cabelo como se não estivesse acreditando.

— Calma, linda! — Ajoelho-me na sua frente e seguro seu rosto, fazendo-a me olhar. — Você não vai perdê-lo. Nós não vamos!

— Depois que Joel falou que poderia ser o pai, eu reparei André — ela murmura, deixando mais lágrimas caírem. — As coisas dele foram as mais bagunçadas. Quebrou a mesinha que eu comprei, os cadernos de estudo foram rasgados, as roupas estão todas jogadas no chão do quarto... Parece que tem ódio do próprio filho, eu tenho medo...

— Alguma coisa foi roubada? — pergunto, para desviar a raiva que volta com tudo desse *filho da puta*.

— Dois mil reais que eu tinha guardado para emergências com Joel. — Isso explica a bagunça. Ele pode ter ficado com raiva de achar pouco e fez o estrago pela casa. — Não tenho objetos de valor, fora eletrodomésticos e eletrônicos, como a TV, que são grandes *pra* levar sem ser notado.

— Eu vou ligar *pra* Rô nos ajudar a decidir o que fazer. — Seco seu rosto mais uma vez, chegando mais perto do seu corpo. — Mas uma coisa eu já tenho certeza: vocês não ficam mais aqui. Este prédio não tem nenhuma segurança, não vou ter paz. Vou levá-los *pra* minha casa.

— André! — Ela balança a cabeça, tensa. — A gente...

— Eu sei que faz pouco tempo que nos conhecemos, que acabamos de

começar a namorar... — reafirmo o que está passando pela sua cabeça. — Mas sei também que não me perdoaria se algo acontecesse. Nem que seja temporário, até acharmos um local seguro, por favor, Gabi...

Nos próximos dias, posso procurar um apartamento no meu condomínio para os dois. Ficarei muito mais tranquilo se estiverem por perto, em um local que realmente preza pelos moradores.

O aluguel não é tão em conta, porém, eu já tinha deixado claro para Gabi que queria contribuir nos cuidados dele. Isso é de extrema necessidade.

— Tá... — ela concorda, depois de ficar um tempo em silêncio, refletindo. — Faço tudo que for necessário *pra* garantir a segurança do Joel.

Eu também! Não me interessa quem Vicente Sales seja, não vou permitir que destrua a sua vida de novo.

CAPÍTULO 24

Gabriele



Levanto o lençol até cobrir seu ombro e deixo um beijo na sua testa antes de me afastar. Joel chorou tanto pelo que aconteceu, que o sono veio fácil quando sugeri que se deitasse. Partiu meu coração presenciar o desespero nos seus olhos ao ver a pulseira de couro caída perto do sofá. Poderia ser de qualquer pessoa, mas o garoto tem certeza de que pertence ao pai.

Pai... aquele homem não merece esse título. Fico imaginando como foi um tormento a convivência durante tanto tempo. Joel deve ter visto e vivido tanta coisa... Não consigo acreditar que teve coragem, e continua tendo, de explorar meu menino.

Encosto a porta e sigo pelo corredor espaçoso de paredes cinzas. Sheik, o buldogue fofo do André, encontra comigo pelo caminho balançando seu corpo gordinho de um lado para o outro. Não consigo reprimir um sorriso ao perceber que para próximo ao quarto e fica de vigia por ali.

Mal chegamos e o animal já se apegou muito ao Joel. Parece até que sabia que ele estava triste, pois ficou o tempo todo perto, roçando o seu pé.

Continuo andando e observando melhor os detalhes da casa. Quando chegamos, André fez questão de mostrar cada canto para que nos sentíssemos confortáveis, mas a verdade é que eu ainda estava tão nervosa que nem consegui reparar direito.

O apartamento é bem diferente do meu: muito maior e em um

condomínio chique do Centro. Tem dois quartos com suíte e um mezanino utilizado como escritório. Apesar de todo dinheiro que tem, não reparei em exageros dentro da casa. Há um tom aconchegante pelos cômodos, realmente parece um lar.

— Joel conseguiu dormir? — Meu namorado vem de encontro a mim e entrelaça nossos dedos.

Nunca vou conseguir agradecer o suficiente por sua real preocupação com o bem-estar dele. Significou muito ter abandonado tudo o que estava fazendo para ir nos ver assim que liguei. Quando peguei o telefone, nem pensei demais sobre estar ocupado em um evento da empresa. Foi natural o pedido do meu coração e eu só disquei os números.

— Tadinho, estava tão desgastado que capotou — confesso, passando a mão no olho antes que novas lágrimas caiam.

— Não chora, linda! — Ele me traz para mais perto do seu peito e afaga meu cabelo. — Vai dar tudo certo.

André já repetiu isso umas dez vezes esta noite. Eu tenho muito medo de que não dê. Tenho pavor da juíza achar que Joel está em perigo e revogar a minha guarda. A orientação da Rô foi fazer um boletim de ocorrência sobre o assalto e comunicar a justiça.

No fundo, eu queria mesmo é fingir que nada aconteceu para não correr nenhum risco, mas eu sei que é errado. Como a assistente social mesmo disse, precisamos de um respaldo da polícia sobre a suspeita do Vicente. E se ele tentar alguma outra coisa? Da próxima pode ser muito pior do que apenas quebrar uns móveis e levar dinheiro.

Da próxima, pode machucar fisicamente Joel.

Fomos nós três à delegacia e eu já deixei registrada a minha queixa. Pensar em ficar de frente com a juíza amanhã me causa até calafrios na espinha. Não quero que... não posso...

— Não fica pensando em amanhã, Gabi — André aconselha, levantando meu rosto. É impressionante como consegue ler minhas reações. — A Rô vai junto *pra* deixar bem claro tudo que tem feito pelo Joel. Não foi culpa sua o incidente e agora estão em um local seguro.

— Se ela tirar o Joel de mim, eu não sei mais o que vai ser da minha vida. — Fungo, abraçando-o firme pela cintura. — Se deixar, eu vou viver com medo de algo ruim acontecer. Não tem como voltar naquele condomínio, mas também não tenho como bancar esse. Está tudo muito recente *pra* eu invadir seu espaço desta forma com uma criança...

— Gabi! — André chama minha atenção, abrindo um sorriso amplo nos lábios. Fico sem entender a leveza do seu semblante diante do assunto sério. — Pare de ficar remoendo que você vai me atrapalhar, que é cedo demais, que não devíamos... Nós nos conhecemos antes do Joel, mas tivemos nossos destinos ligados por causa dele. Aquele garotinho é importante *pra* mim também, aqui só tem duas pessoas querendo o melhor *pra* ele. Se somos namorados e vamos passar um tempo juntos, é um bônus maravilhoso no processo. Eu disse quando você conseguiu a guarda que queria ajudar e falei muito sério. Nós vamos dar um jeito de se adequar.

É engraçado como os padrões da sociedade pesam nas nossas opiniões. Eu estou apavorada de ficar aqui não por achar que não o conheço bem — impressionantemente tenho a sensação de que André está na minha vida há anos —, mas pelo receio de fazer pouco tempo do relacionamento. Sei lá, pode ficar estranho, podemos atrapalhar sua rotina.

Parece esquisito ficar aqui o dia todo, usando sua cozinha para fazer minhas coxinhas, como se fosse a dona da casa. Ele fez questão que eu trouxesse todos meus utensílios do trabalho, viemos literalmente de mala e cuia.

— Vamos resolver um problema de cada vez, *tá* bom? — Ele deixa um beijo carinhoso na minha testa, como fiz com Joel agora há pouco. — Fomos à polícia, amanhã cedo iremos à juíza e agora nós dois vamos comer alguma coisa. Você não tomou nem água desde que cheguei na sua casa. Já é quase meia-noite.

— Você vai cozinhar *pra* mim? — Sorrio, buscando afastar a tensão como ele sugeriu. — Se souber isso também, eu desisto de achar defeito em ti.

— Olha, não sou tão bom quanto você, mas vergonha eu não passo. — André ri e puxa minha mão na direção da cozinha americana que fica conjugada com a sala. — Vó Tereza me ensinou uns truques.

— Meu Deus do céu, não é possível isso! — brinco, indignada que não tenha achado nada ainda que o desabone.

De duas uma: ou esse homem é de outro planeta ou eu sou a mulher mais sortuda da face da Terra por tê-lo encontrado.



Ando de um lado para o outro na sala de espera da juíza sem conseguir me acalmar. Todo meu corpo está ansioso e agitado aguardando seu novo veredicto. Doutor Marcelo, Rô e André já desistiram de pedir para que eu me sente.

— Senhora Gabriele, vocês já podem entrar! — a secretária avisa da porta, causando uma explosão de adrenalina na minha pele.

Paro de andar, de repente desesperada em dar mais um passo e ouvir algo que não quero. Gina foi ficar com Joel lá na casa do André para que viéssemos aqui no primeiro horário. E se for o último dia que o vejo? E se...

— Vem, Gabi. — André apoia minhas costas e me ajuda a sair do transe. — Confia, vai dar certo, linda!

Seco a mão suada na calça jeans comportada que escolhi e engulo em seco antes de seguir adiante. Sentamo-nos em frente à sua mesa e a seriedade

do local não ajuda em nada meu nervosismo. Como me foi orientado, em um primeiro momento só o doutor Marcelo fala com ela para explicar tudo.

Depois do dia do atropelamento do Joel, esses passam a ser os minutos mais desesperadores de toda minha vida. Enquanto o advogado narra o que houve, acompanho aflita o semblante da juíza recebendo a informação.

— Só a casa da senhora Gabriele foi afetada? O que a polícia disse sobre a suspeita de ser o senhor Vicente?

— Foi só a da Gabriele, sim, senhora juíza. Joel tem certeza de que a pulseira é do pai e, diante do estado que ficaram as coisas do garoto, tudo leva a crer que foi ele mesmo — doutor Marcelo explica. — A polícia recolheu as imagens da câmera de segurança do prédio para análise.

— Creio que talvez seja mais seguro Joel voltar ao abrigo até saber exatamente o que aconteceu. — As palavras chegam como navalha no meu ouvido.

Sinto a mão do André repousar mais uma vez nas minhas costas e só então reparo como estou tremendo. Meus dedos balançam freneticamente. Olho para ele e recebo um “calma” carinhoso e sussurrado dos seus lábios. Inspiro fundo, tentando obedecer, mas é quase impossível.

A garganta está tapada, meu coração parece que vai sair do peito.

— A Gabriele se mudou imediatamente após o ocorrido, senhora juíza. Foi para um condomínio muito mais seguro, aqui no Centro mesmo. Está fazendo de tudo para garantir o bem-estar do Joel.

— Se a senhora me permite, gostaria também de dizer umas palavras em favor da Gabriele — Rô se intromete, ajeitando a postura na cadeira. Diante de um aceno de concordância, continua a falar: — Como me comprometi com a senhora, tenho acompanhado de perto o caso e posso dizer que Joel está sendo tratado como filho por ela. Leva no fisioterapeuta, no psicólogo, estuda junto em casa... Gabriele até mesmo abdicou de sua renda extra para cuidar dele. Infelizmente, nós sabemos que estar no abrigo não vai

garantir 100% a segurança do menino também. Aqui, ele tem Gabriele e André protegendo-o exclusivamente.

A juíza olha para mim em silêncio e eu seguro a respiração para não desabar de vez na sua frente. Nunca tive tanto medo de perder algo como agora.

— Quero acompanhar os desdobramentos da investigação da polícia — a juíza pede, fitando o advogado e ajeita os óculos no rosto. — Se realmente foi o senhor Vicente e ele tentar alguma outra coisa contra o filho, Joel será enviado de volta para o abrigo. Por enquanto, a guarda permanece com a senhora Gabriele.

Ai, meu Deus!

Quando ela termina de falar, eu não aguento mais me segurar e curvo na cadeira deixando o choro vir. Toda aflição que eu guardei desde ontem sai lavando minha alma.

Sinto mãos no meu cabelo, vozes emocionadas murmurando, no entanto, não consigo prestar atenção em nada.

“Permanece.”

Essa é a única palavra que fica reverberando em looping na minha mente.

CAPÍTULO 25

André



Passo pela porta da minha sala, esfregando a têmpora, e começo a andar em círculos. Logo escuto o barulho dela se fechando e sei que Lorenzo me seguiu. Merda! Eu odeio ter que me preocupar com tanta coisa pequena ao invés de focar no que realmente importa.

— Você não achou aquilo esquisito? — ele pergunta, parando ao meu lado.

— Desculpa esfarrapada! — Estou começando a ficar *puto* da vida com essa série de problemas que não existiam com Carter aqui. — Embora eu acredite que realmente foi o responsável, não é esse o seu motivo.

— Eu tenho certeza também!

A auditoria externa que eu contratei descobriu quem foi o verdadeiro responsável pela lista de dados vazada. Para o meu completo desgosto, a coisa foi mais elaborada do que previ. Um funcionário que trabalha na equipe de TI, junto com o Lorenzo, provocou a instabilidade nos servidores e depois facilitou o ataque no computador da Comunicação por acesso remoto. Foi tudo de caso pensado, segundo ele, para se vingar do Tarso.

“Escolhi a baia dos Jovens Aprendizes porque eram uma presa fácil para atingir meu objetivo.”

Não acreditei em uma palavra do discurso que ele deu sobre não gostar do diretor e querer ferrar a área dele para prejudicá-lo. Soou ensaiado demais, uma motivação muito fraca para tamanho trabalho.

— Douglas é muito ambicioso, faz tempo que ele almeja pegar o meu lugar como chefe do departamento de Tecnologia da Informação — Lorenzo compartilha e encosta na parede próxima a janela. — Não acho que se arriscaria assim à toa.

— Sem contar a cara de debochado que não combina com quem está sendo demitido, né?

Estávamos reunidos até instantes atrás e o funcionário não titubeou em confessar o que fez com um semblante leve demais para o meu gosto.

— Tem isso ainda, André! Não está batendo.

Tarso contou que teve uma desavença com Douglas no começo do ano por causa de problemas com o backup diário que é feito em todos os computadores da diretoria. Era responsabilidade dele configurar esse sistema e deu defeito justo na época das matrículas.

— Eu me lembro desse problema do backup, mas foi resolvido no mesmo dia. — Ando até a cadeira e me sento, afrouxando um pouco o nó da gravata. — Não me recordo que houve briga ou algo do tipo por parte do Tarso.

— Não houve nada! Douglas nunca comentou comigo que ele teria sido grosso ou ameaçado demiti-lo por isso.

Convenhamos que realmente existem pessoas que são capazes de fazer algo contra quem não gostam, mesmo que julguemos ser bobeira o motivo. Porém aqui essa atitude não está encaixando.

— Você reparou que o trio estava cheio de conversinhas e sorrisos depois que encerrei a reunião? — A semana passada inteira eles ficaram emburrados pelos corredores.

Senti como se estivessem aliviados que tudo foi resolvido, mas não pelo bem da empresa. Pelo bem deles próprios.

— Tive a impressão de que ficaram aliviados por outro motivo — Lorenzo chega à mesma conclusão de que eu e passa a mão no cabelo. — Quando você assumiu, a Carmem do cafezinho comentou comigo que estava preocupada que você sofresse represálias por ser negro. Adoro ela, sempre conversamos. Naquele momento confesso que achei que não tinha nada a ver, no entanto, foi só passar uns dias ao seu lado para confirmar que é muito mais real do que eu gostaria de admitir. Olhares tortos, risadinhas, desconfiança... Eu sinto muito que passe por isso, André. Você está fazendo um excelente trabalho como *CEO*.

Um sorriso verdadeiro desponta do meu rosto pela primeira vez, desde que saí de casa hoje de manhã e deixei Gabi e Joel tomando café. Significa muito para mim tanto o seu elogio como perceber esta realidade.

Muita gente acha que estamos exagerando, que se somos apontados, não devemos mesmo ser bons em determinada coisa. Rotulam nossa reação como "mania de perseguição" quando o problema é infinitamente maior.

Lorenzo e eu nos aproximamos para resolver esse caso do vírus, no entanto, eu sinto que uma verdadeira amizade está começando a nascer. No fim das contas, eles estão tentando me derrubar e só estão conseguindo me fortalecer ainda mais.



Um cheiro delicioso chega ao meu nariz assim que entro em casa. Inspiro o ar que parece ser de massa e Sheik vem pular na minha perna como de costume. Faço um carinho na cabeça dele, deixando a minha pasta e a chave do carro no aparador.

— O tio André chegou! — Escuto Joel gritar.

O ângulo da porta não me deixa ver nem ele nem a Gabi, que provavelmente está na cozinha. Hoje faz quatro dias que eles estão morando

aqui e eu sinto como se meu coração fosse sair do peito.

O que já estava acontecendo rápido, parece consumir cada parte do meu corpo. Experimento um calor gostoso invadindo minha pele a cada interação, cada sorriso, cada conversa com ela...

E não é do tipo de calor sexual, não!

Gabi e eu nem chegamos a fazer nada além de nos beijar nesses dias, porque ela está se acostumando ao ambiente, se acalmando com o que aconteceu. Nossa ligação está... está... nem sei explicar. Forte demais, intensa muito além do toque, do físico.

— Boa noite! Como foi o seu dia? — Inclino o corpo no sofá e deixo um beijo na cabeça do Joel.

— Boa noite! Foi ótimo, tio. Estou amando a sua casa, é muito *da hora*.

— Nossa casa — corrijo-o, sorrindo também. — Enquanto estiverem aqui, é tanto minha, quanto sua e da Gabi.

— Tá. — A feição de completude no rosto do garoto faz aquele calor vir com tudo. — A nossa casa é muito *da hora*.

Aceno com a cabeça, gostando da palavra “nossa” na sua boca, e me viro para procurar minha namorada. Sheik ocupa meu lugar e fica ali com o menino. Esses dois estão inseparáveis. Logo a avisto encostada na bancada da cozinha, descalça, com um vestido confortável e um pano de prato no ombro. A visão perfeita! Fita a nossa interação com brilho no olhar.

— Boa noite, linda! — Aproximo-me com ânsia e deixo um selinho demorado nos seus lábios. — Tudo certo? Como foi seu dia?

— Boa noite! — Ela enlaça o braço no meu pescoço e roça o nariz na minha bochecha de forma carinhosa. — Deu tudo certo, sua cozinha espaçosa é maravilhosa pra fazer coxinha.

— Fico muito feliz em saber, quero que se sintam à vontade.

No final de semana, pesquisei junto ao síndico apartamentos vazios que possamos alugar no prédio. Por mim, não há problema nenhum que fiquem aqui, mas eu entendo o receio da Gabi.

Havia três disponíveis no bloco B, contudo, eram tão grandes como o meu e ela prefere um menor que possa ajudar a pagar. Respeito demais essa sua independência, a garra de conquistar as coisas com seu suor. Somos muito parecidos nisso.

Por fim, descobrimos que meu vizinho do andar de baixo vai se mudar para outro país, em três meses. Ele liberou que fôssemos até lá visitar o espaço e é perfeito. Aqui no condomínio os apartamentos do lado direito são maiores que os do lado esquerdo na mesma torre. Gabi adorou e ficou combinado que vão morar comigo até a mudança acontecer.

— No trabalho, como foi a resposta da auditoria?

Conto como foi a reunião e as impressões que tive, escutando as batidas do meu coração acelerarem com essa naturalidade que é tão intrínseca a nós. Parece que nos conhecemos há anos, que somos um casal cheio de histórias. Assim como Lorenzo disse mais cedo, ela também me elogia e afirma que eu estou fazendo um bom trabalho.

As batidas se intensificam, o calor se apodera da minha pele. Estou gostando tanto dessas sensações novas...

Gabi vai para o fogão terminar o jantar e eu sigo atrás dela, comentando também sobre o que o advogado me comunicou hoje de manhã. Cheguei a ligar para repassar a informação, porém, tinha uma reunião em seguida e não pude me estender.

Nas imagens de segurança do prédio, foi possível constatar a presença de um homem que entra junto com uma moradora que está distraída ao telefone, e sai quinze minutos depois. Ele usa um macacão que parece de

serviços gerais, daquelas empresas de “faz-tudo”, e um boné que não deixa identificá-lo como Vicente.

— Pelo que Joel já contou do pai, idiota ele não é, *né?* — Gabi comenta baixo, fitando a sala e uma das panelas ao mesmo tempo. — Não iria dar mole.

— Com certeza não, o macacão não tinha slogan nem nada para identificar. — Tiro o paletó e a gravata, segurando-os no braço. — Mas ele pode ter cometido um ato falho vigiando o prédio. O advogado vai solicitar que as imagens da rua nas últimas semanas sejam avaliadas também.

— Que maravilha, será ótimo!

Como precaução, eu contratei um motorista particular conhecido para levar Gabi e Joel ao psicólogo, ao fisioterapeuta ou onde mais precisarem. Não acho que Vicente vá agir de imediato, porém, nunca se sabe quão desesperado o homem está por dinheiro.

— Eu vou tomar um banho, *tá?* — Como um ímã que não consegue ficar muito tempo longe, abraço-a de costas e afundo minha cabeça no seu pescoço.

— *Tá bom*, quando sair o jantar estará servido.

— Está com um cheiro divino, mas saiba que não quero nenhuma empregada aqui não, viu, Gabi?! — Viro-a de frente para mim e acaricio seu rosto. — Você é minha namorada, estamos dividindo a casa e os afazeres também. O dia que você cozinhar, eu lavo.

— *Putá merda*, André! — Ela bufa de um jeito engraçado, balançando a cabeça em descrença. — Nenhum defeitinho? Não é possível! Será que você tem algum desejo obscuro esquisito? Quarto vermelho da dor escondido por aqui? Contrato de submissão que você vai me apresentar quando estiver totalmente rendida?

Sorrio com a referência ao filme “Cinquenta tons de cinza”. Eu não

assisti, mas li notícias sobre o alvoroço que causou nas mulheres em todo mundo.

— Eu tenho muitos desejos que envolvem quarto e nós dois rendidos
— sussurro no seu ouvido, provocando um remexer cadenciado da sua perna.
— Na melhor definição das palavras.

Afasto-me em direção ao banheiro andando de costas para contemplar o seu rosto corado e a boca entreaberta me acompanhando. Pisco e sorrio para ela, em uma promessa silenciosa de que vou cumprir cada um desses desejos.



Gabi volta para a sala e se senta ao meu lado no sofá. Nós três estávamos assistindo a um filme de comédia, mas Joel acabou adormecendo e preferiu ir se deitar.

— Você ficou meio tristonha, o que houve? — questiono, levantando o braço para que se deite de novo no meu peito como estava antes.

— Lembra que eu disse que o motivo de terminar com Sérgio era uma longa história que precisávamos conversar com calma? — Gabi fica séria e não se deita.

Ajeito a postura no sofá, focando toda minha atenção nela.

— Lembro sim, linda. Você quer falar disso agora?

Percebo seu olhar desviar para a tela da televisão, pausada em uma cena dos filhos do protagonista fazendo a maior bagunça, e voltar ao meu, angustiado. Pego sua mão e acaricio os dedos, deixando-a confortável para me contar o que quiser.

— Eu tenho endometriose, tentei por anos engravidar e nunca consegui. — Gabi baixa a cabeça e fica olhando para a minha mão acariciando a sua. — Minha vida virou um inferno na busca de um filho *pra* salvar o casamento falido.

Ouçó todo seu relato de como começaram os problemas matrimoniais até chegar ao desejo de ter um filho. Em nenhum momento afasto o toque dela, pelo contrário, aproximo-me ainda mais para mostrar que estou ao seu lado.

A cada vez que narra o jeito como o ex-marido a tratava, a raiva vai ebulindo no meu peito. *Filho da puta*, não acredito que a deixou e apareceu ostentando uma criança pouco tempo depois.

— Eu tinha acabado de ligar *pra* uma das clínicas de fertilização *in vitro*, para pegar orçamento, quando ele chegou do trabalho, simplesmente, dizendo que iria embora.

Eles têm uma história muito longa, são anos de intimidade e convivência para terminar desse jeito. Ao mesmo tempo que fico com ciúme dessas memórias todas e do fato de tentarem tanto um filho, acalmo meu coração pensando que a melhor coisa que aconteceu foi a Gabi se afastar deste relacionamento.

Tempo não é sinônimo de qualidade. Casar com o seu primeiro amor não é garantia de felicidade.

— Sinto muito que tenha passado por tudo isso, linda. — Subo a mão para o seu braço, deixando um carinho ali.

— Eu não tenho sentimentos por ele, sabe. De verdade! Hoje vejo que já não sentia há muito tempo. — Ela me encara, como querendo que eu realmente entenda essa parte. — Mas não consigo perdoar Sérgio por fazer eu ficar tão fissurada quanto ele na criança e depois me abandonar.

— Imagino que deve ser realmente difícil. Nem o conheço e estou fervendo de raiva do idiota.

— Já me conformei que talvez nunca possa ter um filho biológico, quando Joel apareceu na minha vida, senti como um sinal divino de que eu não preciso mesmo que nasça de mim para amar incondicionalmente. — Noto sua garganta subir e descer antes das próximas palavras. — Mas... talvez você queira isso e é justo que eu deixe claro desde o começo no caso de...

— Eu nunca desistiria de você por esse motivo, Gabi! — antecipo-me, antes que termine a frase. Pego seu rosto com as duas mãos e a observo com intensidade. — Nós estamos só começando uma história que, se depender de mim, será muito longa. Se no futuro ficarmos juntos e não pudermos ter filhos biológicos, além do Joel podemos adotar outros... podemos tentar a fertilização também. Tudo que você quiser, respeitando você.

— Significa tanto para mim você dizer isso. — Ela se aconchega no meu braço e noto uma lágrima escorrer pelo seu rosto. — Eu não planejava me envolver com ninguém, André, e agora me vejo completamente anestesiada por tudo que te envolve. Jantar esta noite tão naturalmente aqui na sua casa, assistir a esse filme, me fez ficar com medo de me entregar ainda mais sem saber o que pensa a respeito.

— Eu entendo seus medos, ainda mais depois de tudo que passou, mas pode ter certeza de que essa questão não afeta nada do que estamos começando a construir. — Encosto nossas testas e fico em silêncio por um segundo. — Eu gosto de você, como nunca gostei antes de outra mulher. Não estou namorando por namorar, eu quero muito que dê certo, Gabi.

— Eu também quero muito, André.

Estico meu braço, e desta vez ela vem. Terminamos de assistir ao filme em um clima ainda melhor do que estava desde que nos conhecemos. Com tudo às claras, é como se só houvesse espaço para que o sentimento avassalador que nasceu em nós cresça ainda mais.

Sorrimos, comemos, brincamos sem tocar mais em nenhum assunto

triste pelo resto da noite.

— Hoje você dorme comigo, *né?* — pergunto, mordendo o lábio inferior por antecipação, quando desligo a TV.

Já é madrugada, a escuridão e o silêncio reverberam pelo lado de fora. Nos últimos dias, ela ficou no quarto com Joel porque o menino estava com medo do pai conseguir pegá-lo mesmo aqui.

— Ontem Joel conseguiu dormir tranquilo, acho que posso dar uma escapada *pra* sua cama. — Gabi sorri, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Escapada, não! Quero você dormindo e acordando comigo todos os dias, linda. — Sua respiração pesada entra como música nos meus ouvidos. — O isolamento acústico deste prédio é de última geração. Podemos fazer tudo que quisermos e olha que eu tenho muitos desejos em mente, hein...

Porra, meu pau lateja só de imaginar as várias formas que planejo possuir essa mulher.

Com o brilho de excitação dos seus olhos preso no meu, infiltro minha mão na sua nuca e reivindico sua boca com um tesão tão grande que até me assusto. Invado, mordo, degusto a pele macia com vontade.

A noite está só começando. E não há mais nada para nos impedir.

CAPÍTULO 26

Gabriele



Escuto a porta do quarto ser fechada e suponho que André tenha usado o pé, porque sua mão continua segurando firme minha nuca e minha cintura. Adoro sua pegada gostosa, o jeito que sempre parece estar sentindo muito desejo comigo. Aumento a intensidade do beijo, notando as batidas do coração acelerarem na mesma medida.

Elas estão descontroladas desde que ele disse, minutos atrás, que quer dormir comigo na sua cama todos os dias. Meu Deus! Não resta mais dúvidas: eu estou mesmo apaixonada por esse homem.

Sem conseguirmos nos afastar, vamos caminhando até achar a cama. Ao sentir a madeira tocar minha perna, André delicadamente inclina meu corpo para trás. Não sei o que é mais delicioso: o colchão extremamente macio ou o jeito que ele recai sobre mim.

Novamente o som me guia e ouço seu chinelo caindo no chão. Enquanto a mão se infiltra sorradeira por dentro do vestido, apalpando minha coxa, sua perna começa uma tortura alucinante de subir e descer próximo ao meu quadril.

— Você me deixa louco, sabia?! — André sussurra no meu rosto quando perdemos o fôlego e desce o beijo para o pescoço.

Arfo, gemendo baixo com a sensação deste toque associado com o movimento da sua perna que não para. A fricção é tão boa.

— Você também me deixa louca — comento, com a respiração entrecortada, mexendo no seu cabelo. — Eu achava o Henry maravilhoso...

nossa... mas você! Nem fizemos nada ainda e eu já estou tão molhada...

— Henry? — Ele para a perna e o beijo, levantando o tronco para me encarar.

Tenho vontade de rir da sua cara confusa, só agora me tocando que ficou esquisita essa frase. Eu nunca tinha comentado com André sobre isso.

— Henry é o apelido que dei ao meu vibrador. — Sorrio, mordendo os lábios. — Por causa do ator Henry Cavill.

— Hummmm. — Seu semblante volta a ficar relaxado e o dedo que estava na minha coxa brinca com a borda da calcinha. — Por acaso, você o trouxe na mala? Se somos bons separados, imagina juntos!

Pisco duas vezes para ver se entendi direito, com um calor irrefreável dominando cada fragmento da minha pele. *Putá merda!* Quando eu penso que André não pode mais me surpreender, ele vem com uma dessas.

— Veio... — Limpo a garganta, encarando seus olhos divertidos que fitam minha reação. — Veio sem querer junto com a roupa ao arrumar correndo a mala aquele dia. Eu guardo na gaveta, é daquele formato bullet.

— Vai lá pegar, linda. Eu tinha outros planos, mas agora vieram novas ideias. — Ele me faz soltar um gemido mais alto ao infiltrar o indicador na minha vagina sem aviso prévio. O dedo desliza facilmente por causa da lubrificação que me causou sem esforço. — *Porra, Gabriele!*

Puxo sua cabeça e mordo seu lábio inferior enquanto ele entra e sai.

— Pega rapidinho, Gabi, estou quase explodindo aqui — murmura, respirando pesadamente. Adoro esses sons, sua entrega.

Eufórica e cheia de desejo, me afasto dele a contragosto e praticamente corro até onde guardei minhas coisas. Abro a porta devagar e espio Joel rressonar baixinho. Na ponta do pé, vou ao guarda-roupa e apanho o aparelho que escondi lá no alto assim que percebi que o trouxe junto na

mala.

Se o menino achasse e me perguntasse o que é isso, eu morreria do coração. Definitivamente, preciso começar a trabalhar essa questão em mim. Diferente das outras mães, não tive tempo para me preparar para um adolescente. O meu filho já veio com 13 anos.

Acho o bullet e saio de fininho, rindo pelo corredor. Que coisa boa ser bem comida em plena segunda-feira, sem estresse, sem pressão.

Quando entro de volta no quarto do André, avisto-o sem camisa ajoelhado na cama. Senhor, que sorte a minha! Meu namorado é um homem lindo, com tatuagens sexys do lado direito do corpo e um tanquinho que daria para lavar roupa. Seu olhar é tão intenso para mim que me sinto como uma presa na melhor forma que essa palavra pode se encaixar.

— Aqui. — Estico a mão, mostrando o vibrador assim que chego perto dele.

Igual a um predador prestes a atacar, meu namorado se aproxima devagar e para a centímetros do meu corpo, que continua em pé. A respiração acelera só de olhá-lo pegando o aparelho.

— Tire o vestido, Gabriele — ordena, com a voz rouca, ouriçando imediatamente os pelos do meu braço.

Sem conseguir dizer nada, apenas obedeço, fispada na sua íris castanha. Quando o pedaço de pano cai no chão, sua voz exigente novamente invade meus ouvidos.

— Agora o sutiã e a calcinha.

Inspiro fundo para controlar as batidas que voltam a socar o meu peito com força. André nem pisca, virado no movimento da peça passando pelo meu braço e indo para o mesmo destino do vestido.

Não sou tímida, mas de repente sua atenção 100% focada em mim me

deixa insegura. Eu não sou mais uma garotinha de 20 anos.

— Você é perfeita, Gabriele! — diz convicto, como se lesse meus pensamentos.

Sua frase solta, mesclada de tesão e carinho, me traz de volta para o momento. Sorrio e mordo os lábios, inclinando o corpo para tirar a última peça que falta. Como estamos muito próximos, acabo encostando nele e aproveito o movimento para deixar um beijo na tatuagem do seu ombro.

— Prontinho! — Seguro a calcinha na mão e balanço na sua frente.

Novamente me surpreendendo, André puxa o tecido na direção do seu nariz e inspira o cheiro dando uma piscadinha para mim.

Minha Nossa Senhora! Solto um murmúrio e remexo as pernas friccionando o local que já está mais do que pronto para recebê-lo.

— Deita, linda. Preciso de você.

Essa mistura de homem romântico, fofo e com pegada será minha perdição. André se afasta e estende a mão, ajudando-me a deitar. Fico totalmente exposta para ele, que varre meu corpo dos pés à cabeça antes de se posicionar no vão das minhas pernas.

Com sua boca macia, desce até alcançar minha pele e começa a me beijar a partir do pescoço. Arfo, arqueando o quadril em busca de alívio. Ouço sua risada próximo ao meu seio e logo uma abocanhada preenche todo meu volume. Nunca fui muito fã dos meus peitos, eles são pequenos, sem muito atrativo. Mas a sede com que meu namorado chupa e lambe o local me faz repensar sobre isso por um instante.

— Nossa, André... — Remexo no lençol, segurando sua cabeça.

— Amo que eles caibam perfeitamente na minha mão e na minha boca — elogia, intercalando entre mamar e apalpar para que nenhum se sinta menos do que venerado.

Acho incrível essa sintonia que criamos em tão pouco tempo de relacionamento. Ele parece sempre saber o que se passa na minha cabeça.

Quase reclamo quando André se afasta dos seios, no entanto, o destino que a boca começa a percorrer em uma trilha de mordidinhas da barriga até a virilha me tiram o ar.

— Vamos ver do que esse brinquedinho é capaz. — Ele estica minha perna o máximo que consegue e se deita de barriga para baixo, ficando com o rosto a centímetros da minha excitação.

Inclino o corpo para frente e apoio o peso nos antebraços. Nem ferrando vou perder essa visão maravilhosa.

André liga o aparelho sem fio, que não tem nem dez centímetros, e pressiona na parte inferior para ir aumentando a potência. Engulo em seco, sedenta de desejo. Antes de encostar o objeto de silicone no clitóris, o filho da mãe me tortura oferecendo a maciez da sua boca bem no centro. Sua saliva e o resultado do meu tesão se espalham por todo lado, deixando-me bem lubrificada.

Gemo, apanho seu cabelo ralo, jogo a cabeça para trás... é surreal o que significa esses lábios carnudos no meu ponto mais sensível.

— Não vou cansar de elogiar isso nunca, sua boca...

— É toda sua. — Ele se afasta e procura meu olhar. — Eu sou todo seu, Gabriele.

Se não bastasse o frenesi que essas palavras causam no meu coração, André nem me dá tempo de raciocinar e coloca o vibrador precisamente no nervo responsável pela minha perdição.

Entreabro os lábios e arfo, notando meu peito subir e descer de tesão. É indescritivelmente melhor usar o vibrador desta forma, com esse homem perfeito me encarando com veneração e desejo cru.

— Que delícia ver você se perdendo, linda. *Tá* gostoso? — Ele aumenta a intensidade do aparelho, e o gemido sai mais alto.

Putá merda! Espero que realmente esta casa tenha um bom isolamento acústico.

Balanço a cabeça, sem condições de dizer nada no momento, e André se abaixa de novo entre minhas pernas. Por alguns segundos divinos, fico recebendo o impulso do vibrador no clitóris e sua língua me chupando como se eu fosse um sorvete.

— André, continua assim... ai... S.e.n.h.o.r!

Ele obedece, levando-me a um patamar desconhecido de tesão. A pressão começa a se formar poderosa dentro de mim, e sei que não vou demorar muito a me desmanchar. André também percebe que estou quase lá e decide dar um xeque-mate avassalador.

Ele afasta o vibrador e leva para o meu mamilo. Em um primeiro momento me assusto com a sensação diferente, mas assim que diminui um pouco a velocidade acho a ideia mais incrível do universo.

Nunca tinha tentado desta forma, é...

— Ahhhhhhh! — Mordo os lábios com força para não gritar.

Estimulando meus seios com o vibrador, André segura minha coxa com a outra mão e novamente me abocanha. Desta vez ainda mais ávido, mais selvagem. Ele lambe, mordisca, penetra a língua e alcança o clitóris.

Levanto o quadril e levo uma das minhas mãos para a sua cabeça, fundindo-o a mim. As sensações são tão violentas que fico com vontade de chorar tamanho o tesão.

É uma coisa louca, única.

— Aiii... eu vou... — choramingo, explodindo em êxtase.

Minhas pernas tremem, o corpo inteiro reverbera com o orgasmo indescritível. André não se afasta, toma tudo de mim, suga meu gozo. Normalmente eu fico molenga depois do clímax, porém, tem uma energia tão poderosa aqui, neste momento, que eu levanto o corpo de repente e puxo seu rosto ante o meu.

Ataco-o, desesperada, agradecida, ainda faminta. André geme nos meus lábios e o som termina de acender fogo na minha pele. Empurro-o para a cabeceira da cama e fico de frente para ele.

Trocamos um olhar cheio de tesão antes de descer beijando suas tatuagens até a beirada do short. Voltando a fitá-lo, arranco a peça afoita junto com a cueca. Eu quero retribuir o oral, não porque ele me deu um orgasmo sem precedentes, mas porque estou salivando de vontade.

Sem dizer nada, assim como fez comigo, seguro seu membro ereto e cheio de veias, abocanhando a glândula. O gosto do seu líquido pré-ejaculatório se mistura com a minha saliva.

— *Caralho*, Gabriele! — Ele ajeita a postura na cabeceira e pega uma mecha do meu cabelo.

Levanto o olhar para encará-lo enquanto passo a língua em toda sua extensão. André geme, eu o aperto com a pressão certa. Que pau delicioso, meu Deus! Pareço uma devassa de uma forma que nunca estive antes.

É muito bom me sentir mulher, ser desejada, ficar com tanto tesão.

Desço os lábios para brincar com os testículos e meu namorado puxa meu cabelo para o lado, descontrolado. Avisto o vibrador jogado na cama e me vem uma ideia que também nunca tinha testado antes.

Ligo o aparelho na vibração média, ainda lambendo a parte de baixo do pênis, e aproximo-o da sua pele. Tem como esse homem ser mais perfeito? Amo como ele se entrega às experiências sem pensar muito.

Acompanho, extasiada, seus olhos se fecharem e sua boca entreabrir, perdido como eu fiquei minutos atrás. André não fala nada, não pergunta o que vou fazer, não impede.

Passo o vibrador em toda extensão e chupo com mais avidez seus testículos. Tendo a resposta se está gostando nos sons sem sentido que escapam da sua boca, eu volto para a glândula e dou uma lambida ali lubrificando para receber a vibração.

— *Porra, puta que pariu...*

Sorrio, adorando sua reação, adorando constatar que somos bons no dia a dia como somos na cama, sentindo meu coração reverberar no corpo de tão feliz.

— Gabi, eu tô quase gozando. — Ele pega minha mão, parando o movimento. — Vem cavalgar em mim, me deixa esporrar dentro de você, linda. Tô limpo, fiz exames recentemente.

— Eu também tô, vou ao ginecologista direto por causa da endometriose e tomo pílula para o tratamento — respondo, animada com a possibilidade.

— Você deixa? — suplica, puxando minha cintura na direção do seu peito.

Não aceito com palavras. Mostro para ele o quanto o quero pegando seu membro e o posicionando na minha vagina. Enquanto deslizo, nós dois gememos, eufóricos.

— *Caralho* de mulher gostosa. — André infiltra os dedos na minha nuca e morde meus lábios.

O beijo vai ficando mais sedento à medida que começo a me movimentar para cima e para baixo. Nossos fluidos se misturam com saliva, as mãos se perdem um no corpo do outro.

Suor escorre da minha testa, o som do nosso tesão vai se espalhando pelo quarto. Ele desce os lábios para meus seios e apalpa minha bunda. Quando um tapa forte marca a pele sensível, eu me rendo novamente.

— Eu...

Não preciso terminar de falar. Tomando o controle da situação, André passa a estocar duro e fundo enquanto vou de encontro a ele, cavalgando. Os murmúrios e gemidos ficam distantes diante do orgasmo que toma conta de todos os meus sentidos.

Putá merda... só fica melhorar a cada vez.

Sua cabeça encosta no meu ombro e ele morde o local para controlar a intensidade que seu gozo explode dentro de mim. Sinto o líquido me preencher completamente, é divino... não sei... é como se agora ele estivesse definitivamente dentro de mim. Sem volta.

Eu gosto disso, gosto muito disso.

— Gabriele, quero te falar uma coisa, espero que não se assuste, que não ache cedo demais. Preciso falar agora! — André segura meu rosto, parado na mesma posição, com a respiração entrecortada pelo esforço. Aceno com a cabeça, sem piscar, encarando-o. Suas mãos acariciam com delicadeza as bochechas. — Eu nunca me senti tão feliz quanto agora com uma mulher. Não só porque você é gostosa demais e temos essa química maravilhosa. É por você inteira, cada detalhe. Estou apaixonado por você, linda.

Eu não sabia que era possível meu coração acelerar mais do que vinha acelerando todo esse tempo desde que nos conhecemos. Sorrio, com os olhos marejados de emoção.

— Eu também estou apaixonada por você, André. — Contorno seu nariz e sua boca com o dedo, amando ver o sorriso radiante que desponta ali. — Irremediavelmente apaixonada.

Algo dentro de mim se ilumina quando nos beijamos, desta vez de forma lenta e casta. Sinto como se tudo que eu vivi até aqui fosse apenas o começo de algo grandioso que está por vir.

CAPÍTULO 27

André



Entro em casa e estranho o silêncio enorme que me recebe. Já me acostumei com o falatório deles preenchendo cada parte do ambiente. Nem mesmo Sheik vem me dar boas-vindas. Coloco minha pasta e as chaves no aparador, observando a sala e a cozinha no completo marasmo.

— Pessoal? — pergunto, olhando o corredor.

Verifico se estão nos quartos, e nada. Mesmo sabendo que é quase impossível, não consigo evitar o pensamento de que Vicente possa ter feito algo. O filho da mãe ficou silencioso demais depois do ataque na casa da Gabi. A polícia não fez nenhum progresso em identificá-lo como o autor do assalto, nem com as câmeras da rua.

Calma, André! Devem ter ido tomar um ar fresco na área comum do condomínio.

Pego o celular no bolso da calça para checar se está tudo bem, no entanto, logo avisto o pé da Gabi balançando a rede na sacada do apartamento. Suspiro, aliviado em vê-la tão distraída. Sorrio e me aproximo da cortina devagar para não ser notado.

A cena é de aquecer meu coração que já está mais do que rendido pelos dois. Joel está tirando um cochilo na rede com meu cachorro em cima da sua barriga. Enquanto lê sentada na poltrona de descanso, Gabi os nina em um balanço cadenciado.

Aproveito que o celular está na minha mão e tiro uma foto para eternizar esse momento. Fica incrível, com as luzes do pôr do sol ao fundo,

deixando a fotografia em um tom alaranjado.

Putá merda! Estou mesmo apaixonado por essa mulher. Desde que me declarei no início da semana, o sentimento parece que triplica de tamanho a cada pequena coisa do dia a dia. Seja na cama, nos diálogos ou comigo lavando louça depois do jantar e tendo sua presença ao meu lado, secando e guardando tudo.

Quando atrolei Joel, jamais pensei que de uma situação tão desesperadora eu pudesse me sentir tão inteiro semanas depois.

Reparo no livro que Gabi está concentrada e meu coração erra mais uma batida. É um exemplar do “Pequeno manual antirracista”, da escritora Djamilá Ribeiro. Minha namorada tem ficado cada vez mais interessada em se informar sobre o racismo desde a cena com seu pai.

Sempre estamos conversando sobre o assunto perto do garotinho para que também possa aprender e refletir sobre a realidade que vivemos. Sinto muito que a família dela não apoie nosso relacionamento. Pensei que com o irmão pudesse ser diferente, no entanto, nem fomos apresentados pessoalmente ainda e o homem passou a ignorá-la.

Não atende a suas chamadas, nem responde mensagens. Seu José fala o mínimo, sempre por telefone. A vó Tereza também não deu o braço a torcer ainda. Semana passada já não fui almoçar com eles porque estava ajudando a arrumar tudo aqui da mudança e amanhã provavelmente também não irei.

Não tenho coragem de deixar Gabi e Joel aqui sozinhos para isso. Nem sei o que diria ao menino se me perguntasse por que não pode ir junto. Minha esperança é que o vô Jeremias consiga convencê-la de que estou realmente feliz e é só isso que importa.

— Faz tempo que você está aí? — Sou pego no flagra pela minha namorada, que abre o vidro da sacada para me ver melhor.

— Não o suficiente *pra* admirar vocês como eu gostaria. — Sorrio e me aproximo, deixando um beijo na sua testa.

Gabi sorri de volta e chega para o lado na poltrona, me dando espaço para me sentar. Afrouxo o nó da gravata e me junto a ela, abraçando seu ombro.

— Conseguiu resolver as coisas? — ela pergunta, se acomodando no meu peito.

Apesar de ser sábado, tive que fazer hora extra para despachar tudo que estava pendente. Após a demissão do Douglas, ganhei pouco mais de três dias de folga antes de os problemas voltarem a proliferar.

É uma merda ser testado o tempo todo. Pelo menos, agora eu tenho um aliado do meu lado para me ajudar. Lorenzo e eu temos ficado ainda mais próximos.

— Um pouco, talvez amanhã eu precise trabalhar home-office por algumas horinhas antes de ir ao Carter.

Graças a Deus, meu amigo melhorou e fui liberado para visitá-lo. O médico agendou sua cirurgia para segunda-feira logo cedo. Estou depositando toda minha esperança nisso para que ele seja curado.

Quando estiver com a imunidade mais alta, quero muito que conheça Gabi e Joel. Tenho certeza de que todos vão se adorar.

— Vai ficar tudo bem com ele, você vai ver! — Gabi percebe que fico mexido ao mencioná-lo e faz um carinho no meu cabelo.

— Amém! Carter é um homem tão bom. Não merece isso. — Inspiro fundo e balanço a cabeça, tentando esquecer um pouco dos problemas da empresa e da saúde do meu amigo. — E esse livro... está gostando?

Coloco a mão em cima do exemplar que está na sua perna e Gabi se remexe na poltrona, saindo do meu abraço.

— Nossa, é maravilhoso! Comprei ontem, enquanto esperava o Joel

sair do psicólogo. Tem uma livraria no mesmo prédio do consultório. — Ela se inclina para trás e pega mais duas unidades que estavam na mesinha ao lado. — Comprei também “Na sua pele” do Lázaro Ramos e um internacional chamado “O ódio que você semeia”. Estou sentindo uma necessidade muito grande de aprender mais. Fiquei revoltada comigo mesmo por nunca ter realmente pensado sobre isso, antes de me envolver com você. Nunca tinha refletido no fato de a sociedade ter sido construída pela voz do branco. A gente não se dá conta dos privilégios que têm, ou pior, fingimos que não existem.

— Privilégios que foram criados em detrimento da opressão dos negros, infelizmente.

— Pois é, isso que é mais revoltante! — Gabi bufa, realmente revoltada. — Devia ser mais discutida essa questão, o Brasil precisa assumir que é racista e promover políticas públicas reais para a mudança.

Precisa urgentemente, porém, quem tem o poder para fazer isso muitas vezes não quer que nada mude. Quando se admite a existência do racismo, cria-se automaticamente a obrigação moral de agir contra ele. Agindo contra ele, acabam-se os privilégios.

Os brancos não querem que isso aconteça.

A tomada de consciência é um ponto de partida fundamental, pois, a negação alimenta a continuidade do racismo. Não sendo reconhecido, é como se o problema não existisse e nenhuma mudança fosse necessária.

Foi como Lorenzo disse esses dias, ele entendia como exagero da Carmem achar que eu poderia ser discriminado pela cor. Dependendo de para quem conto o que ando passando na Edutec, a pessoa vai dizer que estou vendo coisas.

É sempre mais fácil achar uma desculpa.

— Estamos caminhando a passos lentos, mas algumas coisas fizeram muita diferença na luta para a igualdade. As cotas raciais são um exemplo.

— Quando as cotas começaram a valer, confesso que eu achava que era mais discriminatório ainda com os negros. — Ela passa a mão no rosto, as bochechas levemente coradas. — Não compreendia o contexto como hoje.

Muita gente é contra as cotas ou porque pensam como a Gabi pensava ou porque acham que é favorecer um grupo e o direito à educação deveria ser igual. Tenho vontade de rir quando alguém me dá esse último argumento. Falar de favorecimento com quem foi explorado e escravizado por séculos é, no mínimo, revoltante.

— Eu tive um professor na faculdade, Celso Ronald, que me disse uma frase uma vez que nunca esqueci: antes ser discriminado com conhecimento, do que sem conhecimento. Com a faculdade, temos a chance de sair daquele círculo vicioso que fomos empurrados após a abolição. — Ajeito a postura na poltrona e busco a mão de Gabi para entrelaçar nossos dedos. As cores unidas, em tanta sintonia, é um sonho que eu ainda tenho vontade de ver se espalhar pelo mundo. — O ideal seria qualificar o ensino público do país, mas isso levaria décadas no melhor dos cenários. Enquanto não acontece, é impossível não ver o abismo existente entre escolas públicas e particulares. Sem as cotas, as cadeiras nas melhores universidades continuariam sendo conquistadas por candidatos com melhor estabilidade financeira. Ou seja, na grande maioria esmagadora os brancos.

— Sim... hoje eu entendo isso. Fico com vergonha por nunca ter pensado mais a fundo nessas questões antes.

— O importante é que você está refletindo agora, linda. — Deixo outro beijo na sua testa e a puxo para um abraço. — Fico ainda mais apaixonado por você a cada vez que temos essas conversas.

— Eu tam...

— Nossa, eu vou pegar diabetes com vocês dois! — Uma voz sonolenta nos interrompe.

Viramos juntos para ver Joel sorrindo na nossa direção. Gabi se

levanta para ajudá-lo a sair da rede e entrega a muleta na sua mão. Ela ainda será sua companheira por mais algumas semanas antes de ser liberado pelo fisioterapeuta.

Sheik também sai da rede e vem pular no meu colo. Acaricio seu pelo macio.

— Ah, se ficar de implicância eu não vou levar você no shopping, não —digo, brincalhão. — Estava pensando em jantar fora hoje.

— Shopping? Eu quero! — Quase grita, de tão animado. — Eu amo que vocês são melosos, podem continuar. É bom que vou aprendendo para...

— Menos, Joel! — Gabi adverte, estreitando os olhos.

O garoto e eu gargalhamos da loira, que ainda não consegue de jeito nenhum falar sobre isso.

— Não *tá* mais aqui quem falou, tia. — Ele passa o dedo na boca, como se costurasse os lábios.

— O que acha de irmos jantar no shopping, linda? — pergunto para ela, ainda rindo do seu jeitinho.

— Acho que Joel merece se divertir um pouco, ver outros ares além de casa e médico. Mas não vamos demorar, não pode forçar muito a perna, viu?!

Empolgado, o menino acena com a cabeça e nem espera ela dizer mais nada: some pela sala, em direção ao quarto para se arrumar.

— Dá tempo de uma rapidinha no chuveiro antes de ir, que tal? — sussurro no seu ouvido, provocando os pelos da sua pele. É impressionante como nunca me canso dela. — Estou com saudade já.

A risada safada que eu recebo em resposta faz meu peito se expandir. Gabi desperta as melhores versões de mim.

De meloso a tarado, viciado nessa mulher.



Faz tempo que eu não me divertia tanto fora de casa. Jantamos embalados por boas risadas e passamos quase uma hora brincando como crianças nos carros de corrida do playground.

Gabi é competitiva, não gosta de perder não. Enquanto não levou vantagem no videogame, não saímos de lá.

— Está ficando tarde, não podemos abusar com a perna! — minha namorada lembra, tocando o ombro do Joel. — O que acha de irmos embora agora?

— Eu queria aproveitar a viagem *pra* comprar um terno novo em uma loja que eu adoro. — Aponto para a fachada, a poucos metros de onde estamos. — O Joel também está precisando de umas peças novas. Podiam escolher algumas. Encontro com vocês logo, prometo não demorar.

— Pior que ele está precisando mesmo, nunca vi espichar tão rápido.

— Aquela ali é só de roupa masculina, tem de criança até adulto. — Eles nunca tinham vindo neste shopping antes. Não é o meu preferido por ser bem elitizado, porém, é o mais perto de casa. — Pode pegar o que gostar, *tá*, Joel?!

— Nossa, eu nunca pude escolher minhas roupas. Que legal!

Engulo em seco com sua frase tão sincera. Eu também vivi muito isso. Meus avós não tinham condições financeiras para ficar gastando com roupa. Muita coisa que eu usava era de doação.

— A gente divide o valor, tá? — Gabi fala baixo, perto de mim.

— Não se preocupe com isso, linda.

Sei que ela odeia sentir como se estivesse explorando a situação, e acho uma qualidade incrível nesta mulher ser tão batalhadora e independente. É difícil convencê-la sobre dinheiro.

Gabi sempre quer dividir todos os gastos.

— André, eu...

— Desta vez, é presente meu. Por favor, me deixa ter essa alegria também.

Seu rosto se retorce um pouco, mas acaba concordando. Sigo para a loja de ternos e ela vai com o garoto escolher as peças dele. Por comprar faz tempo neste local, os funcionários já me conhecem e me tratam superbem.

Fico uns vinte minutos olhando vários modelos, contudo, por não ter o que eu gosto no meu número, decido não levar nenhum. Quando vou encontrá-los, percebo que devem estar no provador porque não os encontro à vista.

Enquanto espero, aproveito para conferir as bermudas e camisetas expostas nos manequins. Agora que tenho ficado mais tempo em casa, é bom abastecer esse tipo de vestuário.

Uns cinco minutos se passam e nenhum vendedor vem me atender. Outros clientes assim que entram são logo recepcionados com um sorriso no rosto.

Odeio quando isso acontece e, infelizmente, é mais comum do que eu gostaria de admitir. Piora quando o estabelecimento tenta se mostrar igualitário, no entanto, discrimina as pigmentações mais escuras, cabelo muito crespo e nariz largo. O chamado colorismo.

Já passei por situações de estar com amigos com a tonalidade da pele mais negra e ter um atendimento completamente diferente para o mesmo serviço. Inclusive, um amigo da faculdade foi barrado em uma festa por causa disso. Eu podia entrar por ser mais aparentemente aceitável que ele.

Repugnante!

Abro a boca para ser notado pela moça que passa ao meu lado, mas um burburinho vindo do fundo da loja chama minha atenção. Logo reconheço a voz exaltada da Gabriele.

Apresso o passo e vou conferir o que está acontecendo, assustando-me ao perceber minha namorada tão brava.

— Para o seu governo, ele é rico. Você sabia? — ela vocifera para uma mulher ruiva parada à sua frente. — Eu vendo coxinha no Centro e fui recebida como rainha. Ele é *CEO* de uma empresa e foi ignorado como se não existisse. Que bando de hipócrita, filhos da...

— Gabi, o que houve, linda? — Aproximo-me dela e avisto Joel saindo do provador, também assustado.

Estou perguntando, no entanto, pelas suas palavras e o que acabei de passar faço ideia de que a atendente deve ter feito algum comentário preconceituoso.

— Nós não vamos comprar nada nesta loja, pode largar tudo aí! — Ela caminha até o menino e tira as peças de roupa da sua mão. — Se eu fosse vocês, também não compravam nada! — declara para os outros clientes que estão parados nos observando.

Nunca tinha visto Gabriele tão brava como agora.

— O que está acontecendo? — Uma senhora aparece toda arrumada e para ao lado da ruiva. — Boa noite, eu sou Ana Lúcia, a gerente da loja.

— Vamos embora! — Como se não tivesse a ouvido, minha

namorada joga as roupas em cima do balcão e sai auxiliando Joel com as muletas.

— O que houve, senhor? — ela me questiona, atônita, sem entender nada. — Posso ajudá-lo de alguma forma?

— A senhora pode ajudar, sim — digo, calmo e sério, calejado de situações como essa. — Pode capacitar melhor seus funcionários para atender aos clientes indiscriminadamente. É o mínimo que se espera. Também recomendo estudar as leis do país, racismo é crime. Boa noite!

Viro as costas e sigo Gabriele e Joel que já estão do lado de fora. Quando me aproximo, suas mãos estão até tremendo de tanto nervoso.

— Nossa, que raiva presenciar tudo que eu ando aprendendo cara a cara. — Ela olha para mim com os olhos lacrimejando e eu seguro sua mão, acariciando a pele gelada. — Saí do provador para pegar uma blusa de número maior e vi a vendedora tirando sarro de você para outra atendente, disse que não valia a pena gastar a vez dela de atender com alguém que ia dizer “só estou dando uma olhadinha”. Ela disse “gente como ele” não compra nada, é perda de tempo... Ai, que raiva que eu estou sentindo, André... Sei que não devia dar mau exemplo para o Joel, mas foi mais forte do que eu.

— Calma, linda. — Beijo sua testa e começo a andar para longe da loja, onde ainda há curiosos nos observando. — Eu sei que revolta, acredite, eu já quis socar muita gente que me tratou mal por causa da minha cor. Não vale a pena fazer isso, não vale a pena se rebaixar.

Paro do lado de um bebedouro e Joel pega um copo de água para Gabi. Ele está aflito, todo preocupado com ela.

— Isso nunca foi um mau exemplo, tia. Você defendeu o tio André, se eu tivesse ouvido, faria o mesmo. Não é certo fingir que não aconteceu, né?! — questiona, me fitando.

— Não é certo. Quem se cala diante da injustiça é cúmplice. Estou

muito agradecido pela Gabi me defender. Contudo, com o tempo a gente descobre que o melhor nessas horas é ter sangue frio e responder à altura. — Pela minha vó, eu sempre fugiria de confrontos sem falar nada. Não aceito ser isento, embora, entenda suas preocupações. — Não temos que aceitar de cabeça baixa de forma alguma, mas partir para o embate também não é a resposta.

Encontrar o equilíbrio entre a justiça e a raiva é difícil, mas é a principal arma que temos para realmente promover a mudança.

CAPÍTULO 28

Gabriele



Ligo o fogo com a panela de pressão e me encosto na bancada de mármore, pegando meu celular para verificar as mensagens. Hoje vou testar uma receita nova de recheio com queijo vegano à base de soja e ervas. A massa será de mandioca, a queridinha dos clientes. As vendas nas filiais de São Paulo estão indo de vento em popa, dona Marisa marcou até uma reunião para semana que vem. Acredito que seja para tratar sobre o projeto dos congelados.

Tomará que seja! Apesar de todas as mudanças e gastos atuais, não quero deixar de correr atrás do meu *food truck*. Precisei dar uma parada no sonho por alguém muito maior, mas não desisti. Assim que tudo se ajeitar, voltarei a guardar dinheiro.

No momento, está impossível por causa dos cuidados com o Joel e o aluguel que continuo pagando do meu antigo prédio. Decidi cumprir o prazo final do contrato, que ia vencer mesmo em breve, porque não tinha onde colocar os móveis. Deixei tudo lá, quando o apartamento do vizinho de baixo liberar, aí sim vou poder resolver essa questão.

André tem sido um sonho, companheiro de verdade. No entanto, nunca gostei e não vai ser agora que vou começar a depender de homem. Aprecio demais minha independência e não abro mão de arcar com minhas responsabilidades.

Abro o *WhatsApp* e vejo que não há notícias dele sobre a cirurgia do Carter. Coitado! Acordou hoje às quatro e meia da manhã e foi direto para o hospital acompanhar o procedimento marcado para às seis. Estava uma pilha de nervos. Confirmo que são sete horas ainda e deve ser por isso que não me

disse nada.

Vai dar tudo certo! Estou na torcida por aqui. Bjos.

Mando a mensagem e aproveito também para falar com Gina e meu pai. Estou muito decepcionada com a sua atitude em relação ao meu namoro, contudo, não consigo ficar sem saber dele. Ontem mesmo conversei sobre isso com André em relação aos seus avós.

Fiz questão que ele fosse almoçar lá, visto que na semana passada não pôde ir por causa da mudança. Os dois já são de idade e eu de verdade compreendo o ponto de vista da dona Tereza. Ao contrário do meu pai, o motivo dela é legítimo para ficar com um pé atrás.

Percebi que André ficou mexido com minhas palavras, algo entre nós cresceu ainda mais naquele momento. Explicamos a situação para o Joel e aproveitamos a oportunidade para reforçar os ensinamentos sobre respeito. Quero muito que meu menino aprenda desde cedo para que cresça um homem honrado e de bem.

Estou conversando com seu José, mas já deixei claro em mais de três oportunidades como a sua atitude foi inadmissível. Tiago também não está escapando dos meus sermões. Meu irmão está me ignorando há dias e eu tenho certeza de que é por causa do André. Quando minha mãe foi embora, ele já era um adolescente. Se meu pai tinha esse discurso idiota dentro de casa, em plena fase mais revoltante, o garoto com certeza ficou com a mesma raiva sem cabimento.

Não vou passar a mão na cabeça de ninguém! Não foram enfáticos com palavras, como a vendedora da loja que menosprezou meu namorado, no entanto, seus gestos estão tão ofensivos quanto.

Nossa, só de me lembrar daquela mulher meu sangue ferve. Eu fiquei muito pouco de sentar a mão na cara dela. Só não o fiz por causa do Joel. Embora concorde com André, vai ser difícil eu me acostumar a manter a calma e dar uma resposta à altura.

O barulho da pressão na panela se expande pela cozinha e eu deixo o celular de lado para ir acordar meu menino. Ele está atrasado, para variar, deve ter apertado a soneca e esquecido da hora. Mantemos uma rotina como se ele estivesse indo para a escola para que não falhe nos estudos.

No próximo semestre, quando provavelmente já estará liberado pelo médico para voltar de forma presencial, estou querendo transferi-lo. André tocou no assunto e realmente se faz necessário. Será um novo gasto manter uma escola particular, mas o garoto merece pela inteligência e porque é muito mais seguro.

Não vou ter paz pensando que Vicente poderá abordá-lo a qualquer momento pela rua.

Abro a porta e dou de cara com Sheik vigiando a cama. Sorrio com seu rosto gordinho me encarando. André perdeu feio, o cachorro só dá atenção para o menino desde que chegamos.

— Está na hora de acordar, dorminhoco. — Vou até a janela e começo a abrir as cortinas. — Tem que tomar banho, café e focar na matéria pra prova.

Os murmúrios me mostram que vou precisar de bem mais que claridade para despertá-lo. Ele responde algo que não entendo e esconde a cabeça debaixo do travesseiro, se encolhendo na cama enorme. Apesar de ter gostado deste quarto, nada se compara a dormir e acordar todo dia com aquele monumento de homem na minha frente.

Vai ser difícil me acostumar a ficar sem ele quando me mudar para o andar de baixo.

— Vamos, Joel, está na hora! — Chacoalho seu braço, puxando o travesseiro do seu rosto.

— ... Mais... pouquinho... mãe.

Congelo no lugar, sem conseguir me mexer. Parece que só o meu

coração está funcionando neste instante, em um ritmo muito mais do que o considerado saudável, com certeza.

Eu... meu... meu Deus... ele... chamou...

Mãe.

Mesmo sabendo que Joel está dormindo e pode muito bem estar pensando na sua mãe biológica por algum reflexo ou lembrança, lágrimas escorrem pelo rosto sem controle.

De felicidade. Da mais pura de todas.



Meu coração está dividido.

Ainda bate forte pela palavra pequena que Joel soltou sonolento pela manhã, mas também está dolorido por causa da tristeza do André. É a primeira vez que o vejo assim, devastado. Mais que no dia do atropelamento. Ele mal consegue falar, é perceptível o tamanho da sua aflição. Chegou tão afetado por tudo que aconteceu durante o dia que nem comentei sobre o ocorrido com nosso menino.

Pelo jeito, foi mesmo um reflexo, pois Joel não tocou no assunto comigo. Mesmo assim, passei o dia inteiro em uma montanha-russa de emoções, me lembrando do episódio e recebendo mensagens do hospital.

Inspiro fundo e entro no quarto, observando a figura normalmente imponente do meu namorado sentada na beirada da cama. O corpo recém-saído do banho está inclinado para frente, a cabeça baixa denota seu sofrimento.

— Eu trouxe um remédio para tentar melhorar a dor de cabeça e você

dormir um pouco. — Estico a mão e ofereço um copo de água para ele.

Devagar, André levanta o tronco e me encara. Meu peito se aperta ao perceber os olhos vermelhos, cheios de lágrimas. Presenciar sua dor e não poder fazer nada para melhorar traz uma sensação de impotência horrível.

Sem saber o que dizer, assim que toma tudo, eu me aproximo dele e faço um carinho no seu cabelo, trazendo a cabeça para relaxar na altura da minha barriga. Seus braços fortes enlaçam minha cintura em um aperto de pedidos ocultos.

Imagino que ele faria de tudo para isso ser mentira.

— Estou aqui com você, *pra* tudo! — declaro, aumentando o carinho no cabelo.

Infelizmente, as notícias não são boas para o seu amigo Carter. Depois de horas intermináveis na cirurgia, André soube que o tumor estava irressecável. Ou seja, disseminou para além das previsões dos exames se alojando em locais de difícil acesso para serem completamente retirados.

"Pior cenário possível" foram as palavras do médico para André, assim que o encontrou na sala de espera. Carter tem apenas meses de vida.

— Posso entrar? — Olho para trás ao escutar uma batida na porta e a voz do Joel.

Aceno com a cabeça e o garoto se aproxima tímido perto de nós.

— Tio, eu fiz uma coisa *pra* você.

André se afasta do meu corpo e encara o menino que o fita de volta com intensidade. Percebo que há um papel na sua mão.

— Tomei a liberdade de pegar um porta-retrato que tinha na sala com o seu amigo para me inspirar. — Apanho o copo de água na mão do meu namorado para que ele possa segurar o papel. — Espero que goste do

pequeno presente, faz muito tempo que eu não desenho.

Assim que André vê o que é, seu corpo inteiro treme. Ele não tem vergonha de chorar, de demonstrar seus sentimentos. Inclino a cabeça para enxergar também e me espanto com o conteúdo.

Tapo a boca, notando meu coração bater tão rápido que parece querer pular para fora.

Não sabia que Joel era tão talentoso, os traços estão perfeitos. André e Carter aparecem no centro da folha de mãos dadas. A outra mão está perto do peito. No topo, há a frase que vimos no filme Pantera Negra: Wakanda forever.

— Eu pesquisei na internet que Wakanda, na língua Kikongo, significa o que é nosso por direito — Joel explica, dando um passo à frente para ficar ainda mais perto de André, que continua sentado. — É um termo para as coisas que nos pertencem verdadeiramente. Sua amizade com o Carter nunca vai morrer, tio André. É *pra* sempre!

— Ah, Joel, isso é... — Ele não termina a frase.

Emocionado, puxa o garoto para os seus braços e o abraça com ânsia, deixando o choro cair. Nem que eu conseguisse me expressar neste momento, faria jus ao que a cena causa em mim.

Com a garganta entalada e lágrimas escorrendo pelo meu rosto, sento-me ao lado do André e aconchego os dois em mais um abraço.

Pertencimento.

Nós três também somos Wakanda.

CAPÍTULO 29

André



Na televisão está passando um episódio do desenho Tom & Jerry. Eu gosto das brigas do gato e do rato. Também gosto da rosquinha de coco, que a minha vizinha colocou em um prato em cima da cama. Mas não consigo fazer nada além de ouvir as batidas do meu coração se espalhando por todo canto.

Parece tão alto, tão rápido.

Não prestei atenção em nenhuma cena, nem comi desde que ela me tirou da praça e me trouxe aqui para a sua casa. Já faz tempo que estou sentado, praticamente sem me mexer. Faz muito tempo que o papai e a mamãe se perderam. Será que vai ficar tudo bem?

Uma lágrima escorre no meu rosto e eu nem me preocupo mais em secar. Meu peito dói, as pernas parecem sem forças para ficar em pé.

Escuto barulho de porta se batendo e algo dentro de mim se aperta ainda mais. Não entendo o que é, não sei explicar, mas me faz forçar o corpo para frente e sair do lugar. Talvez seja a mamãe. Ela pode ter descoberto que me trouxeram aqui e veio me buscar.

Abro um sorriso pela primeira vez em horas e apresso o passo, rezando para o Papai do céu ouvir minhas preces. Tem que ser a mamãe! Saio do quarto e ando pelo corredor, ansioso. Não vejo ninguém nos outros quartos, nem na sala. A cozinha também está vazia.

Ué?! Olho em volta, observando tudo silencioso e vazio.

Um choro baixo chega aos meus ouvidos. Viro para o lado e vejo uma portinha aberta que dá para o quintal. Quanto mais chego perto, mais ouço o cochicho de alguém conversando e o barulho do choro.

— Que tragédia, meu Deus! — a minha vizinha diz, quando alcanço o batente.

A mulher alta está parada perto do tanque de lavar roupa com o rosto banhado de lágrimas. Na sua frente, está a filha mais velha que também é amiga da mamãe.

— A dona Tereza e o senhor Jeremias já reconheceram os corpos, foi tão triste. Ela chegou a desmaiar de nervoso.

A vovó e o vovô? Corpos? O que isso significa?

— Quando eu liguei, ela já parecia saber que o pior tinha acontecido, chorou muito ao telefone. — Meu peito arde ao notar a tristeza no seu rosto. Isso não é bom. — Não consigo acreditar que eles morreram tão novos.

Mo...Morr... Morreram?

Não, não po... po... pode ser. Mamãe e papai não iam virar estrelinha e me deixar aqui sozinho. Não iam!

Tudo dentro de mim explode em um mar de dor. A garganta se fecha, as lágrimas caem como cachoeira, meu peito parece esmagar o meu coração de tanta força que faz contra ele.

— Não! Eu não ouvi direito — grito comigo mesmo, tapando meus ouvidos e chacoalhando a cabeça desesperadamente.

— André! — Uma voz exaltada vem até mim. — Calma, amor. Respira!

— Não! Eu não ouvi direito — repito, fechando os olhos para acordar deste pesadelo.



— Não, eu não ouvi direito! — Levanto o corpo, exasperado, soltando um grito sufocado.

Meu coração está socando forte contra a caixa torácica como se implorasse para sair de dentro de mim. A respiração fica curta e pisco várias vezes até entender que eu não tenho mais sete anos, nem estou na casa da minha vizinha descobrindo a pior notícia da minha vida.

O quarto está escuro, meus dedos fincados no lençol e as lágrimas mais uma vez descendo pelo meu rosto. Era um pesadelo. Como eu queria que tivesse sido naquele dia também.

— Respira fundo! — Gabriele passa a mão nas minhas costas devagar, para cima e para baixo. Percebo que também se sentou na cama e me fita com atenção. — Estou aqui com você.

Ela acende a luz do abajur na mesinha ao lado da cama com a outra mão e me oferece um copo de água que tinha deixado ali mais cedo. Tento fazer o exercício de respiração para me acalmar e pegar o copo, mas não estou conseguindo diante da memória tão viva.

— Eu dou *pra* você, abre a boca *pra* mim — fala calma, com carinho, e eu obedeço engolindo o líquido com dificuldade.

— Obrigá...

— Shhh! — Gabi pede, colocando o copo de água de volta na mesinha e puxando minha cabeça para deitar no seu colo. — Tenta se acalmar.

Abraço sua perna e me aconchego no seu colo, enquanto ela faz

cafuné no meu cabelo e balbucia um som que parece uma cantiga de ninar sem letra, uma melodia calma e reconfortante.

Aperto-a mais forte, demonstrando que estou agradecido por ser tão incrível, e continuo fazendo o exercício de respiração que o Alfredo me ensinou. Vou precisar adiantar minha sessão desta semana, urgente.

A notícia sobre a piora no quadro do Carter está acabando comigo e tenho certeza de que vai acionar gatilhos dos meus pais o tempo todo. Não consigo acreditar que meu amigo tem no máximo seis meses de vida.

“Máximo”, que palavra arrebatadora. Ela não traz certeza nenhuma, só mais dúvidas. Podem ser dois, três... tudo vai depender da evolução da doença.

Isso não é justo, ele não merecia passar por algo tão devastador como o câncer. A cirurgia era a única esperança de uma melhora no seu quadro e, com a situação da parte irressecável do tumor, não há mais nada que possa ser feito.

Nada.

Sinto-me tão impotente como quando soube que meus pais tinham morrido. Eu só recebi a bomba, sem poder fazer nada para mudar aquela realidade.

O som que Gabi continua fazendo vai deixando minhas pálpebras pesadas. O carinho no meu cabelo ajuda eu me acalmar mais rápido, a respiração começa a voltar ao normal.

Fecho os olhos e, por um instante, meu peito volta a ter paz.



Abro os olhos e me assusto com a claridade na janela. Eu peguei no sono de novo? Eu nunca consegui dormir depois de um pesadelo, sempre fico agitado e demoro horas para voltar ao normal.

Olho para frente e vejo Gabi acordada me fitando com um sorriso no rosto. Acho que ela me arrumou na cama de madrugada, pois não estou na mesma posição que estava quando me deitei no seu colo. Sou fisgado pelo azul intenso da sua íris e não resisto a sorrir de volta.

— Bom dia! — ela diz, passando a mão no meu rosto.

— Bom dia, linda — respondo, colocando a minha mão por cima da sua.

Ficamos um tempo em silêncio, apenas observando um ao outro. Eu tenho muita sorte de ter encontrado essa mulher e o Joel.

Ontem, quando o garotinho deu o desenho do Carter e eu fazendo o sinal de Wakanda, quase morri de emoção. Tive certeza, naquele instante, de que nunca mais quero me afastar dele.

— Você perdeu o sono? — questiono, preocupado.

— Não, eu dormi também. Acordei faz uns vinte minutos e estava aqui te velando. É bom ver você dormindo sereno.

— Obrigado por tudo. — Passo o polegar na sua bochecha, sentindo a textura macia da pele. Meu coração acelera, mas desta vez por um bom motivo. Por ela. — É muito mais fácil enfrentar a dor com você ao meu lado.

— Pode contar comigo sempre que precisar! — Gabi se aproxima e deixa um selinho nos meus lábios. Puxo-a pela cintura e a aconchego no meu corpo. — Tanto *pra* conversar como *pra* ficar em silêncio, estarei aqui.

— Obrigado — agradeço de novo. — Está sendo difícil conviver com essa realidade da morte mais uma vez. Dói muito me lembrar dos meus pais, saber que meu amigo também vai embora.

— Posso imaginar a sua dor, não vivi o luto ainda, porém, sei muito bem como funciona a perda de uma pessoa que você ama. — Ela pisca, parecendo querer não pensar na sua mãe. — O que nos resta é conviver com o sentimento e tentar recordar apenas das coisas boas.

É verdade, apesar de ser complicado colocar em prática. Preciso ficar forte para animar o Carter a enfrentar isso tudo, mas não sei como.

— Quero ir lá vê-lo antes de ir *pra* Edutec, no entanto, nem sei o que dizer...

Ontem ele ficou muito debilitado com a cirurgia e passou o dia na UTI, sem autorização para receber visitas.

— Só deixe Carter saber que você está com ele, e que a amizade nunca vai acabar. — Gabi passa o dedo no meu nariz, contornando também a boca. — Quando sair do hospital, traga-o para conviver mais com a gente; marque uma viagem só de vocês dois; façam uma loucura juntos...

— Você é perfeita, sabia? — Sorrio, abraçando-a.

— Esse posto é seu, garotão — ela retruca, enlaçando meu pescoço.

Colo nossos lábios em um beijo calmo, lento. Sem segundas intenções. É muito boa essa cumplicidade que estamos criando além do contato físico. O carinho, o cuidado, são ainda melhores que o sexo. Eu não sabia que precisava tanto, até provar a leveza que Gabi traz aos meus dias.

Não consigo mais me imaginar em uma vida sem isso.



Desço pelo elevador do hospital, cabisbaixo. É muito complicado ser

forte quando, só o que você quer, é se render a dor. O médico liberou uma visita rápida ao Carter, contudo, meu amigo nem pôde conversar comigo. Está intubado, respirando com a ajuda de aparelhos.

Ele já sabe do diagnóstico, está visível nas suas feições tristes. Fiz o que Gabi sugeriu e, segurando sua mão, confirmei que estarei ao seu lado sempre. Cheguei até comentar que vou organizar uma viagem para fazermos juntos. Foi a única vez que ele esboçou um sorriso.

Tomara que tenhamos tempo para isso, tomara que o seu corpo permita mais essa aventura.

O elevador chega ao térreo e eu caminho pela recepção apressado, querendo fugir logo dessas paredes brancas e do cheiro tão característico. Assim que alcanço o estacionamento, avisto Oliver sair do seu carro importado. Está sozinho desta vez, por milagre.

Respiro fundo, tentando me manter calmo. No dia da cirurgia, ficou claro pelo seu olhar de raiva que o filho do meu amigo, definitivamente, não gosta de mim.

— Ora, ora! — fala, debochado. — Olha quem está aqui puxando saco de novo. Gosta de chegar primeiro *pra* parecer o bom moço.

— Bom dia, Oliver — respondo, seco, desviando dele e seguindo até meu veículo.

Estou atrasado para ir trabalhar, cansado, triste... a última coisa que eu preciso é desse mimado dando o seu show.

— Escuta aqui, André! — Ele se apressa e me alcança, pegando no meu braço. Olho para sua mão me segurando e subo para o seu rosto. — Já cansei dessa palhaçada, cansei de fingir te aguentar. A empresa é minha, ouviu? É minha! Você não é o dono, nunca vai ser.

— Me solte, Oliver — ordeno, afastando-me do seu toque. — A Edutec é do Carter, de mais ninguém.

— Por pouco tempo. — A sua voz fria, sem nenhum tipo de sentimento, me faz parar e encará-lo. *Porra!* O pai está em uma cama de hospital, com prazo de vida, e é isso que ele diz? — Assim que o velho bater as botas, eu assumo tudo e você estará no meio da rua. Nem fodendo vou suportar alguém como você sem precisar.

— Cala a sua boca, seu mimado idiota! — Perco a paciência e o puxo pela gravata, pressionando-o contra o meu carro. — Carter está doente, *caralho!* Ele precisa dos amigos, da família, não de um babaca que só está interessado no seu dinheiro.

— Não se faça de sonso, seu...

— Algum problema aqui? — Olho para o lado e vejo o segurança se aproximar. — Por favor, se afastem um do outro.

Solto Oliver a contragosto, a minha mão está até comichando de vontade de dar um soco bem dado no meio do seu nariz empinado. A raiva de todos os momentos que ele me destratou, desde que chegou na Edutec, voltam com tudo.

— Tic, tac. — Ajeita a gravata e estica o corpo, seguindo seu caminho como se não tivesse dito nada de mais.

Fecho o punho, sentindo meus dedos estralarem de tanta força que faço para deixá-los onde estão.

— Está tudo bem, senhor? — O segurança toca meu ombro, preocupado.

Aceno com a cabeça que sim, mas por dentro estou borbulhando de raiva, de decepção, de tristeza por Carter. Não vou deixar esse cara acabar com o projeto de vida do meu amigo por interesse.

Ah, não vou mesmo!

CAPÍTULO 30

Gabriele



É impressionante como todo mundo se rende ao Joel tão rápido. Faz quase meia hora que a conversa está centrada no garotinho e o Carter. Os dois parecem que se conhecem há anos. O amigo do André teve alta do hospital e, com a decisão de suspender o tratamento agressivo para não perder o resto do tempo que tem dentro de um quarto fechado, escolheu viver um dia de cada vez.

Eu também faria o mesmo no lugar dele. Mais vale horas bem aproveitadas do que meses de dor e sofrimento.

Meu namorado demorou para assimilar essa realidade, coitado. Teve pesadelos praticamente todas as noites da última semana e foi conversar com seu psicólogo duas vezes. As lembranças da morte dos pais estão ainda mais vivas.

Não bastasse seu sofrimento, está passando por um período de muita raiva com Oliver. Eu também estou *puta* da vida com a atitude mesquinha do rapaz diante da enfermidade do pai. André não faz ideia de como vai falar para o Carter que o filho não presta, mas assim como eu reforcei várias vezes nas nossas conversas, ele sabe que precisa dizer.

— Eu já sei o que você e o tio Carter podem fazer juntos *pra* eternizar essa amizade! — Joel anuncia, animado, depois de levar uma colher de torta de morango à boca.

Hoje foi a primeira vez que fomos apresentados e o recebemos em casa para um jantar especial com direito à sua sobremesa preferida.

— O quê? — meu namorado sonda, curioso.

— Uma tatuagem igual. Olha que da hora! Se a tia Gabi deixasse, eu tam...

— Nem sonha com isso, mocinho! — corto-o, balançando a cabeça.
— Fazer tatuagem, sair *pra* festas, beber, namorar... só depois dos trinta.

Todos na mesa sorriem com minha reação. Eu acabo sorrindo também, no entanto, por dentro realmente queria que isso fosse possível. Não estou preparada para soltar o meu menino no mundo.

— Eu gostei da ideia, hein, André! — Carter entra na brincadeira. — Podemos agilizar isso e aquela viagem que você me prometeu.

— Opa, eu topo também. Pode deixar que providenciarei tudo.

Continuamos conversando e a cada palavra minha admiração pelo homem vai aumentando ainda mais. O senhor de meia-idade é tudo que André disse. Apesar da riqueza, esbanja simplicidade e simpatia. Agora entendo por que meu namorado está tão triste com o diagnóstico final dos médicos.

É muito injusto uma pessoa assim partir tão repentinamente.

— O André me contou todo orgulhoso que você foi contratada por um complexo de saúde para elaborar salgados saudáveis que serão comercializados pelo Brasil. — Carter muda para assunto profissional pela primeira vez na noite. — Que legal, meus parabéns!

— É sim, graças a Deus está dando tudo certo! — confirmo, orgulhosa. — Em breve, quero ter também meu próprio *food truck* para vender os salgados aqui pela cidade. Eu sempre adorei o contato com o povo, as conversas.

A reunião com dona Marisa esta semana era mesmo para falar sobre o projeto dos congelados, como eu suspeitei. Ela já está cuidando do espaço

para a produção e começou a trabalhar na parte burocrática com seu jurídico. Inclusive, recebi meu novo contrato para analisar com calma.

Há uma oferta generosa para eu criar receitas exclusivas, com a supervisão de uma nutricionista, que só poderão ser comercializadas por eles. Ideias não me faltam e tenho certeza de que surgirão dezenas de outras, assim que conseguir tirar o *food truck* do papel.

O amigo do André se mostra tão interessado que acabo contando a história desde o início, da banca de jornal na minha rua até a luta de mais de dez anos para juntar dinheiro.

— Inteligente e determinada como o namorado! — Carter observa nós dois com carinho, os olhos brilhando chamam mais atenção do que a tosse seca e demorada que vem junto. — Estou muito feliz por constatar que meu amigo vai ficar em ótimas mãos com você e o Joel...

Quando eu partir.

O resto da frase fica solta, trazendo um ar triste e realista demais para algo que passamos a noite inteira tentando não lembrar.

Entrelaço os dedos com os do André em cima da mesa e faço um carinho no cabelo do Joel com a outra mão. Se eu morresse amanhã, estaria em paz por causa desses dois.

Eles deram um novo sentido para a minha vida.



Coloco minha mão abaixo do abdome e me curvo para frente, apoiando na bancada do banheiro. A dor chata na região pélvica, que voltou um pouco antes do Carter ir embora, está piorando cada vez mais. Ontem eu já tinha sentido um incômodo durante o sexo com André, chegamos até a

parar porque ele ficou preocupado comigo.

Tenho sorte por não ter dores constantes na relação sexual. Muitas mulheres com endometriose sofrem disso e chegam a ficar com depressão porque não encontram apoio nos parceiros.

Assim que descobri a doença, fiz tudo que podia no tratamento, inclusive, fisioterapia pélvica. Ela me ajudou muito a controlar esse incômodo, junto com os medicamentos e a cirurgia. Pena que não tem como curar de vez e ficar imune para sempre.

Com dificuldade, arrasto meus pés até a porta da suíte e caminho em direção à cama. Fazia um bom tempo que eu não tinha uma nova crise da endometriose. Tenho me cuidado direitinho com a medicação e a alimentação. Frito coxinha todo dia e raramente eu como. Opto na maioria de vezes pela assada para não dar espaço para uma piora no quadro.

Espero que essa crise seja das suportáveis para que eu não precise ir ao hospital. Por muitas vezes, a dor é tão intensa que só medicamento na veia resolve.

— O Joel capotou, estava cansado... — André entra no quarto falando, mas para abruptamente ao me ver encolhida na beirada da cama. — O que houve, linda?

— A dor... — Engulo em seco, e me inclino para frente de novo, fazendo pressão com a mão na área que está doendo. — Voltou.

— O analgésico que você tomou ontem, posso pegar? — ele pergunta, preocupado, colocando sua mão por cima da minha.

— Ele sozinho não vai adiantar hoje, pega também o anti-inflamatório antes que fique insuportável, por favor.

André nem espera eu dizer mais nada. Sai como um foguete pelo corredor e volta antes que eu possa assimilar, com os remédios na mão e um copo de suco. Quando tenho essas crises, tento ao máximo esvaziar a cabeça

para não ficar pensando na dor e piorá-la ainda mais.

— Quando você disse que tinha endometriose, eu dei uma pesquisada sobre o assunto e li que frutas cítricas como laranja ajudam a aliviar a dor por serem ricas em vitamina A, que é anti-inflamatória. — Ele coloca os remédios na minha boca e me oferece o suco. — Espero que ajude, linda. Não gosto de ver você assim.

Quero sorrir para agradecê-lo e confortá-lo, mas uma nova fisgada vem e me faz soltar um murmúrio de dor. Parece que tem uma mão torcendo dentro do útero, *puta merda!*

Meu namorado corre até o banheiro e pega a camisola que eu tinha separado para vestir e nem tive tempo por causa da cólica.

— Vamos tirar essa toalha molhada do corpo, vai ser pior ainda.

Com cuidado, ele puxa a toalha e me veste com a camisola e a calcinha sem tirar os olhos dos meus. É nítido seu carinho e preocupação, meu coração se aquece mesmo diante da situação ruim.

Agradeço e me deito em seguida na cama, flexionando as pernas para cima para ajudar a aliviar o incômodo.

— Tem mais alguma coisa que eu posso fazer? — indaga, aflito.

— Lá nas minhas coisas, que estão no quarto do Joel, na gaveta dos remédios, tem uma bolsa térmica — afirmo, contorcendo o corpo de novo pela fisgada. — Esquenta um pouco de água, por favor, ajuda.

— Claro, linda, já venho.

Enquanto ele vai pegar, respiro fundo e tento me acalmar. Mesmo que meu cérebro tente se desligar, é inevitável pensar se essa crise forte, depois de um bom tempo, não é presságio de algo ruim.

Eu já tinha me conformado em não ter um filho biológico, mas agora

que o relacionamento com André está crescendo cada vez mais, eu não gostaria de ter que tirar meu útero sem antes tentar com ele.

Claro que está cedo para pensar em filhos, no entanto, eu acredito que teremos um futuro juntos. Joel ia adorar um irmãozinho daqui uns anos. Se eu tiver tempo... Lembro-me do Carter e fico com a garganta tapada, uma vontade de chorar aperta meu peito.

Para com isso, Gabriele! Retirada do útero é exceção, não posso ficar pensando bobeira no meio de uma crise.

Mal tenho tempo de bradar comigo mesmo em pensamento, André aparece com a bolsa térmica e me oferece. Volto a perna para a posição esticada e coloco o objeto quentinho na altura da região pélvica.

Sem dizer nada, meu namorado dá a volta na cama e se deita atrás de mim, me abraçando de conchinha e me acolhendo no seu corpo. Não cansa de ser perfeito, meu Deus!

— Obrigada por cuidar de mim — agradeço, aconchegando-me nele.

— Você cuida de mim todos os dias, o mínimo que eu posso fazer é retribuir. Estamos juntos *pra* tudo, linda.

Ficamos em silêncio, abraçadinhos e pressionando a bolsa térmica contra a área que dói. A quietude de fora aumenta o alvoroço no meu peito e traz uma constatação inegável: eu não estou só apaixonada, eu amo esse homem!

CAPÍTULO 31

André



Mal passo pela porta da sala de reuniões e já pego o celular no bolso da calça para saber notícias da Gabi. Estou disperso no trabalho de tanta preocupação com ela. Minha loira não conseguiu dormir um minuto sequer essa noite. Lá pelas quatro horas da madrugada acabei convencendo-a a ir ao hospital tomar um medicamento mais forte.

Tivemos que acordar o Joel e na volta buscar Gina para ficar em casa olhando o garoto e fazendo as coxinhas encomendadas pelo complexo de saúde. A amiga da Gabriele está acostumada a socorrê-la quando essas crises acontecem. Na hora do almoço, mesmo tendo uma reunião importante no período da tarde, corri lá para vê-la pessoalmente. Só consegui deixar um beijo, porque ela pegou no sono no meio da manhã de tão exausta, mas valeu muito a pena.

Amanhã remanejei toda minha agenda no final da tarde para poder acompanhá-la no seu médico. Eles se falaram por telefone e combinaram de fazer novos exames para saber se é uma crise normal ou indício de algum problema. Estou rezando para não ser nada grave.

Como você está se sentindo, linda? Conseguiu descansar? Melhorou a dor?

Envio a mensagem enquanto caminho pelo corredor de volta para a minha sala. Fico olhando para a tela, ansioso esperando sua resposta.

Acordei há pouco. Tava louca pra te mandar mensagem, mas com medo de atrapalhar sua reunião. O remédio que eu tomei fez efeito e agora a dor está suportável, graças a Deus. Comi toda a sopa cremosa de abóbora

com sementes que você trouxe. Estava deliciosa, obrigada por ser tão incrível!

Nas minhas pesquisas sobre endometriose, descobri que semente de abóbora também é uma excelente aliada. Aproveitei que tem um restaurante saudável aqui perto da Edutec e deixei encomendado o meu pedido desde cedo.

Você nunca atrapalha, Gabi. Fico feliz que está se sentindo melhor e que gostou da sopa. Qualquer coisa, não hesite em me mandar mensagem ou ligar. Um beijo, linda, descansa.

Tá bom. Um beijo, bom trabalho.

Meu coração se acalma em saber que ela está melhor. Guardo o celular no bolso da calça, sorridente, um típico bobo apaixonado. É surreal constatar como eu me envolvi com essa mulher de forma tão intensa e avassaladora em pouco tempo.

O companheirismo que estamos construindo muitos casais que estão há anos juntos não possuem. É maravilhoso experimentar essa adrenalina e felicidade, sinto-me honrado por tê-la em minha vida.

Entro na minha sala e vou direto para o computador. Quero tentar não sair tarde hoje para cuidar dela. Assim que me sento na cadeira, sou fisgado por um porta-retrato que tem uma foto minha e do Carter.

Meu amigo amou conhecer a Gabi e o Joel. Foi só elogios aos dois quando o levei de volta para casa depois do jantar. Faltou pouco para eu contar sobre Oliver. Não tive coragem diante da sua felicidade depois de tantos dias internado, no entanto, eu sei que não posso postergar isso por muito tempo.

Teremos um longa e dolorosa conversa.

— André, você não vai acreditar! — Lorenzo entra sem bater e fecha a porta, afoito.

Seus olhos estão dilatados e a respiração ofegante. Aposto que veio quase correndo.

— O que aconteceu desta vez? — Minha primeira reação é pensar que armaram mais algum problema para a Edutec.

— Sempre que dá, eu subo no terraço *pra* espairecer a cabeça nos intervalos. Quase ninguém usa, é *paradão*. — Ele se senta na cadeira e passa a mão no rosto, nervoso. — Estava lá agora e Oliver chegou todo nervosinho, falando ao telefone.

— Você ouviu quem era?

— A mãe dele! — conta e me remexo na cadeira, desconfortável. — Você tinha que ver, ficou uns três minutos xingando a mulher, parecia *puto* da vida.

Já não bastasse ser desprezível com o pai, também trata mal a sua mãe. A cada oportunidade que eu o conheço melhor, mais raiva vou pegando desse mimado idiota.

Eu daria tudo para ter a oportunidade de conviver com os meus pais.

— Xingando por quê? Você ouviu?

— Assim que percebi que era o babaca e que estava raivoso ao telefone, me escondi atrás de uma pilastra para saber se estava armando alguma. André do céu, o que ele disse...

— O quê? — insisto, notando Lorenzo ficar pálido.

— Ele falou para a mãe que não estava aguentando mais bater cartão nesta “empresa de merda” todo dia. — O responsável pelo setor de TI faz o sinal de aspas com a mão. — Disse que queria estar nos Estados Unidos curtindo o dinheiro do velho insuportável ao invés de ver você babando o ovo do Carter.

— Como um filho pode tratar o próprio pai, doente ainda por cima, desta forma? — questiono, chocado em como esse rapaz é baixo.

— Aí que está o problema! — Lorenzo se levanta e vai até a janela, observando por um segundo o trânsito caótico da rua. — Eu acho que Oliver não é filho do Carter.

— C... co... como? — Levanto-me também, sem saber o que pensar nem como agir.

— Antes de desligar, ele perguntou para mãe o que fazer se o plano desse errado. De imediato, pensei que estava se referindo ao fato de você ser o *CEO* temporário, mas... — Engulo em seco, na mesma medida ansioso e com medo do que vai dizer. — Oliver falou exatamente essas palavras: “quero que isso acabe logo *pra* me livrar de você, do meu pai e daquele sonso que não sabe de nada. Vou pegar o meu dinheiro e que se *foda* essa empresa”.

“Daquele sonso que não sabe de nada.” A frase ecoa no meu cérebro como um alerta em neon. *Put a que pariu!* Será que isso é possível? Será que Lorenzo não entendeu errado? Carter fez tudo por este menino desde que nasceu.

— Essa escolha de palavras está muito estranha, cara. — Ele sai da janela e volta para perto da mesa, apoiando as mãos na tampa de vidro. — Deu a entender que a mãe e o verdadeiro pai estão armando para o Carter.

— Lorenzo, isso é muito sério... — Olho para o porta-retrato de novo e meu peito se comprime. Se contar que o filho não presta já era ruim, imagina dizer que nem filho é? — Vai destruir o meu amigo, se for verdade.

— Você sabe alguma coisa da mãe do Oliver? — Ele se senta e o acompanho, ainda letárgico com a descoberta.

— Muito pouco, Carter é fechado, não fala muito da sua vida pessoal. Foi um caso rápido, ela era modelo na época.

— Caso rápido de modelo com um homem mais velho e rico? André, isso a cada vez me cheira pior.

O mais desesperador é que, pensando friamente, de fato faz sentido essa hipótese da paternidade. Pelo pouco que Carter contou dela, me pareceu uma mulher desinteressada demais. Viveu esse tempo todo nos Estados Unidos com o filho à custa do meu amigo.

Não serei hipócrita de esconder que nunca pensei que ela deu o golpe da barriga para se dar bem, contudo, inventar a gravidez jamais me passou pela cabeça.

— Ele não é bobo, se fosse não teria um império como a Edutec. — Lembro-me das vezes que falamos do seu passado e fico com uma sensação ruim de vazio. — Porém, no quesito família percebo que é mais sentimental. Talvez por causa da morte dos pais.

Somos bem parecidos nesta parte. O que aconteceu com a gente deixou marcas que não saem com o tempo. A necessidade de pertencimento, de ter o lar de volta, pode ter feito ele acreditar na gravidez sem pestanejar.

Não deu certo os laços deste pertencimento, ele se afastou do filho, mas é nítido seu arrependimento por não ter tentado mais quando me pediu para ensiná-lo o que sei da empresa.

— Tudo se resolveria com um teste de DNA, no entanto, temos que ter certeza *pra* dizer alguma coisa. É muito arriscado na atual situação de saúde do senhor Brown.

— Sim, não podemos jogar essa bomba sem provas, de jeito nenhum!
— Esfrego a mão suada na calça, no fundo, torcendo para ser mentira.

— Eu posso te ajudar, se quiser. — Lorenzo pega o celular no bolso e me encara. — Uso meu conhecimento de computadores *pra* fuçar a vida dessa mulher e do Oliver, tentando achar uma brecha para nossa hipótese. Qual o nome dela? Vou anotar aqui.

— Você faria isso? — pergunto e ele balança a cabeça várias vezes, em concordância. — O nome dela é Beatriz Cerrado. Não pesquisa nada aqui dentro da Edutec, nunca se sabe quem está de olho. Mantenha o máximo de discrição.

— Pode deixar, faço as pesquisas em casa depois do expediente. Se tiver alguma chance de ser verdade, temos que descobrir para honrar o senhor Brown.

Encosto a cabeça na cadeira e inspiro fundo três vezes olhando para o teto. Pelo bem do meu amigo, daria tudo para isso ser um grande mal-entendido.

CAPÍTULO 32

Gabriele



Aliso o vestido azul estampado que escolhi, depois de quase uma hora olhando para o guarda-roupa, e encaro minha imagem no espelho. O modelo é longo, acinturado e soltinho. A aparência por fora está ok, no entanto, por dentro é uma bagunça. Meu peito agitado e as mãos suando não deixam esconder o nervosismo.

Será que eles vão gostar de mim?

Quase não posso acreditar que hoje vou conhecer os avós do André. O convite para almoçar lá com Joel nos pegou totalmente desprevenidos ontem à noite. E o mais surpreendente: veio da própria dona Tereza ao falar com o neto ao telefone.

Após uma semana complicada de muita dor, novos exames e preocupação com Carter, essa abertura da parte dela caiu com um bálsamo para amenizar as coisas. Espero do fundo do meu coração que fique tudo bem entre nós.

Graças a Deus, agora estou me sentindo melhor para sair, mas foram dias difíceis. As cólicas sumiam por pouco tempo e voltavam com tudo, como antigamente acontecia com frequência.

Na consulta com o médico, ele fez uma observação crucial que com certeza explica essa piora no quadro: ando muito estressada desde que presenciei o atropelamento do Joel. Com a correria de tudo que aconteceu depois disso, praticamente abandonei as atividades físicas.

Estresse e sedentarismo são muito perigosos para quem tem

endometriose. Não estava recordando antes, porém, tive uma crise exatamente igual após a separação com Sérgio.

Por mais que o tratamento seja capaz de controlar os sintomas, ainda existe a chance de a paciente voltar a sofrer com os incômodos provocados pela doença, mesmo depois de anos sem sentir nada. Endometriose é uma enfermidade crônica, que exige cuidados constantes.

Vou começar a tomar amanhã um novo medicamento para tentar controlar que essa crise se prolongue. Estou torcendo para que dê certo, pois não tenho mais idade para aguentar essa rotina de cólicas insuportáveis.

— Você está linda, Gabi! — André entra no banheiro e enlaça minha cintura, depositando sua cabeça no meu ombro.

Sorrio ao ver nosso reflexo no espelho. Esse homem está sendo capaz de me surpreender a cada bendito dia que convivemos. Nem tenho mais palavras para agradecer toda sua atenção e carinho, mesmo diante da sua infinidade de problemas.

— Passou a enxaqueca? — pergunto, virando para o lado e ficando de frente para ele.

Infiltro minha mão no seu cabelo e faço carinho na sua nuca, observando o vinco que se formou na sua testa desde que descobriu que Oliver pode não ser filho do Carter.

— Acabei de tomar um novo remédio pra ver se passa de vez, tá chatinha ainda.

Meu namorado está com os nervos à flor da pele por causa dessa dúvida. Fiquei tão chocada quanto ele ao me contar da possibilidade. Coitado do Carter! Só o conheço pessoalmente há poucos dias e já quero colocá-lo em um potinho para protegê-lo de tudo.

Não consigo imaginar como deve ser descobrir que foi enganado desta forma depois de 25 anos.

Nas suas pesquisas iniciais, Lorenzo constatou que Beatriz Cerrado abandonou a carreira de modelo depois da gravidez, que Oliver nasceu de oito meses e que a mulher vem para o Brasil quase que religiosamente desde que se mudou com o filho para os Estados Unidos. Somente nos meses de dezembro não há registros de passagens em anos de compra. Achei isso tão esquisito. Confesso que fiquei com medo também da facilidade que se acha informações sobre a gente na internet.

Meu Deus, está tudo lá!

Ela não possui nenhuma rede social ativa, somente Oliver que não posta nada da família. Há apenas fotos de viagens, festas e mulheres. Sempre ostentando sua riqueza.

Agora o expert em TI está tentando investigar o destino da Beatriz quando vem para o país e se tem algum parente que sempre mantém contato para justificar essas despesas de avião.

Eu acho que o pai verdadeiro mora aqui e que ela vem visitá-lo com periodicidade porque ainda tem um relacionamento com ele. Depois do que Sérgio fez comigo, infelizmente, eu fiquei cabreira com essas coisas. Não duvido que seja verdade, embora, sempre que vejo André triste, eu tente mantê-lo positivo na hipótese de ser um mal-entendido.

— Tivemos uma semana tempestuosa por aqui, que tal tentar aliviar a mente um pouco hoje? — sugiro, deixando um beijo no vinco da sua testa. — Vamos aproveitar o almoço com seus avós, que se Deus abençoar sairá tudo bem.

— Eu falei duas vezes com a vó Tereza *pra* garantir que ela está bem com isso. — André se afasta e entrelaça os dedos nos meus, levando-me para fora do banheiro. — Tomara que realmente seja um bom dia porque não estou podendo lidar com mais pedras no caminho no momento.

— Pessoal?! — Ouvimos Joel gritar da sala, ansioso. — Vamos logo ou chegaremos atrasados.

— Nosso garotinho está animado. — Sorrio, pegando minha bolsa em cima da cama antes de sair. — Acho que pelo menos com ele não tem erro, ninguém resiste aos seus encantos.

André concorda, sorrindo também, mas percebo no seu semblante a mesma preocupação oculta que tem no meu. No fundo, estamos nervosos com este almoço e com medo de ter que lidar com mais uma pessoa contra o sentimento tão forte que nos uniu.



— Nunca comi um arroz tão saboroso em toda minha vida! — elogio, sendo sincera. — Como chama esse prato?

A explosão de sabores na boca, misturando frutos do mar, coentro e pimenta, é maravilhosa. Na mesma hora, me vem a ideia de criar uma linha de coxinhas explorando a vasta e rica cultura africana. Com certeza, seriam deliciosas!

— Obrigada — dona Tereza agradece, tímida. — É arroz de mariscos, um prato típico de Cabo Verde.

— Está uma delícia mesmo, vó Tereza — Joel ratifica, arrancando um sorriso amplo da senhora.

Como era de se esperar, o garoto está sendo o centro das atenções. Os avós do André gostaram tanto dele que pediram que o chamassem desta forma. Joel deve ter gostado deles também, porque é “vó para lá, vô para cá” o tempo todo.

Tadinho, acho que nunca teve contato com os seus avós biológicos.

Comigo ainda há uma barreira natural de receio, noto que está se

esforçando bastante para não vacilar. Houve um pequeno choque ao me olhar pela primeira vez, talvez ela não esperasse que eu fosse tão branca, e para variar, com os olhos tão azuis, mas depois ficou tudo bem, na medida do possível.

Meu namorado coloca a mão na minha coxa e faz um carinho discreto, sorrindo para mim. Sorrio de volta e percebo que seu Jeremias nos observa com brilho no olhar. O senhorzinho não titubeou nenhuma vez, desde que cheguei parecia imensamente feliz de nos conhecer pessoalmente.

Eu o adorei!

O almoço transcorre conversando sobre meu trabalho, a vida do Joel e histórias antigas do André quando criança. Rimos à beça das suas peripécias infantis.

— A brincadeira preferida do *nha minino* era desenhar máscaras africanas no papelão, ele perdia horas fazendo isso — seu Jeremias comenta, saudosos.

— Nossa, eu amava mesmo! — André afirma, rindo. — Pena que eu desenhava tão mal.

— Eu amo desenhar — meu garoto conta, empolgado. — Você poderia me ensinar depois, *né*, tio?

Lembro-me do desenho que ele fez para o André com o Carter e uma sensação de orgulho transborda do meu peito. Ele é incrível em tantas coisas... Assim que nossa vida entrar no eixo, vou inscrevê-lo em uma escola de artes. Esse talento nato merece ser lapidado.

— Podemos fazer agora, se você quiser — o senhor interfere, mais animado ainda. — Te conto histórias do nosso povo e você se inspira *pra* criar a sua. As coisas do André ainda estão todas guardadas. Tem lápis, giz, tesoura...

— Eu quero, eu quero! Podemos fazer já?

— Calma, mocinho! — alerta, quando se levanta bruscamente. — Olha essa perna aí, pega as muletas.

Seu Jeremias se levanta da mesa com André e juntos eles seguem para a sala com Joel. Sou chamada para fazer parte da brincadeira, mas decido deixar os meninos a sós e ajudar dona Tereza com a louça.

— Pode ir lá com eles, eu arrumo tudo — ela diz, sem me encarar, focada em juntar os pratos e talheres.

— Imagina, eu estou acostumada a cozinhar também e sei que a pior parte é limpar sozinha.

Por longos minutos não trocamos mais nenhuma palavra. O único som que ouvimos é das conversas eufóricas que vem da sala. Cabisbaixa, guardo o resto de arroz de mariscos em um pote sentindo um aperto no peito. Acho que dona Tereza não gostou mesmo de mim.

— Não tem nada a ver com você. — Assusto-me com sua voz baixa que parece ler meus pensamentos.

Olho para o seu rosto e percebo toda agonia que imaginei que ela sentisse, assim que André me contou sobre a preocupação da vó. Fico em silêncio, deixando-a falar.

— Tenho medo do que os outros podem fazer contra o meu neto por causa desse relacionamento. Nós já passamos por tanta coisa, é muito difícil estar do lado mais fraco da corda. — Pela intensidade carregada em cada frase, eu sei que foi um grande passo para ela tocar nesse assunto comigo. — Quando André me contou que estava se envolvendo com uma mulher branca, a única coisa que eu consegui pensar foram nas piadinhas que iriam fazer, nos olhares tortos, nos comentários maldosos, nas brigas que poderiam acontecer. Eu tenho pesadelos ao imaginá-lo entrando em confusão, uma decisão pode mudar o rumo de várias vidas...

Não sei exatamente do que ela está se referindo, mas fica claro para

mim que dona Tereza tem uma ferida aberta no peito. Seria por uma situação vivida por ela mesmo? Seria pelo seu Jeremias? Sua filha e seu genro? Todos eles?

— Infelizmente, eu não posso garantir que nunca vai acontecer nada, dona Tereza. — Aproximo-me dela devagar e busco sua mão molhada para segurar. — A única coisa que eu posso garantir é que vou amar o seu neto com todo meu coração, ele é um homem maravilhoso.

— Eu baixei a guarda quando André me disse que você tinha insistido *pra* ele continuar vindo almoçar nos domingos, mesmo você ficando com Joel em casa. — Ela me encara, e coloca a sua outra mão por cima da minha. — Mostrou que é uma boa pessoa, o que pude confirmar pessoalmente hoje. Batalhadora como nós, é visível o quanto gosta do meu neto e do Joel também. Eu queria estar radiante de felicidade por constatar essa união tão cheia de luz, mas ainda não consigo... é complicado *pra* mim, me desculpa.

— Não precisa se desculpar, dona Tereza. Eu entendo, de verdade, o seu lado. — Sinto meus olhos lacrimejarem, o coração fica mais acelerado no peito. — Já estou muito agradecida por ter nos convidado *pra* almoçar, por ter conversado comigo.

— Estou tentando melhorar, Jeremias me ajuda muito a enfrentar as sombras do passado *pra* não deixar interferir no presente. — Dona Tereza suspira e me puxa para um abraço. — Vocês são muito bem-vindos aqui todo domingo a partir de agora.

Quando a abraço de volta, as lágrimas não se seguram mais e caem pelo meu rosto. Um gesto simples se transforma em um mar de significados.

Ela vai tentar superar seus medos.

Ela vai nos apoiar.

CAPÍTULO 33

André



Saber que minha vó está fazendo planos com Gabi para o próximo domingo me deixa com as batidas aceleradas no peito. Do corredor, escuto a conversa animada delas sobre testar coxinhas com sabores da África. Dona Tereza se prontificou a ajudar e revelar o segredo das suas raízes. Era só para eu pegar mais papelão no quartinho da bagunça e voltar para a sala, mas não resisti sondá-las quando escutei umas risadas.

— Que alegria te ver com essa cara de apaixonado, *nha minino* — meu avô fala baixo e para ao meu lado.

Estamos os dois agora bisbilhotando conversa alheia. Sorrio para ele, sentindo que essa paixão já passou para outro patamar. Eu sei que está sendo rápido, mas não posso controlar a intensidade de todos os sentimentos que Gabriele me causa.

— Ela é ótima, *né*, vô?

— Incrível como eu tinha pensado que era. — Ele toca no meu ombro de forma carinhosa. — E sua vó também já percebeu. Você está formando uma linda família, *nha minino*.

Família.

Consigo perfeitamente me imaginar com Gabi daqui 30 anos, brincando com os netos e nos curtindo como hoje. Nossa cumplicidade e química são tão grandes que não vejo como isso pode se perder com o tempo.

Já me peguei pensando também que amaria ter um filho biológico

com ela. Sei que é difícil por causa da endometriose, no entanto, seria maravilhoso compartilhar mais essa dádiva ao seu lado. Quem sabe também adotamos mais uma criança, além do Joel.

Sorrio de novo, balançando a cabeça. Estou mesmo de quatro, fico imaginando cenários como se já fossem certos para o nosso futuro.

Volto para a sala com o vô Jeremias antes que as duas percebam que estamos bisbilhotando e faço mais máscaras com meu garoto. Ele está amando a brincadeira, criou quatro e não quer parar.

Quando escurece e a noite chega mal posso acreditar que passou tanto tempo sem eu ficar pensando desesperadamente nos problemas que tem me rodeado. Estava precisando disso.

— Ramon viu o carro estacionado ali na frente e mandou mensagem nos chamando pra ir ver a Sosô na final de uma batalha de dança que está acontecendo no barracão. Quer ir, linda? — pergunto, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — A Rô também *tá* aí.

Ao contar que Gabi e Joel estão comigo, meu amigo praticamente implorou para que fôssemos lá. Apesar de ter estranhado no começo, ele agora aceita bem meu relacionamento e sempre conversa comigo perguntando deles.

— Eu quero, eu quero! — o menino se apressa a responder, animado.

— Vamos, sim — ela concorda, rindo para Joel. — Mas não vamos demorar, porque você já abusou hoje ficando tanto tempo fora de casa, mocinho.

— Ah, que pena que vocês já vão — dona Tereza lamenta, arrancando um novo sorriso dos meus lábios. — Pensei que emendariam o jantar também.

— Semana que vem a gente volta, *tá* bom, vó?

— Vou ficar esperando ansiosamente.

Porra!

Saber que as duas pessoas mais importantes na minha vida estão comigo em todas as situações, mesmo que seja difícil dar alguns passos, é muito gratificante.

O apoio dos meus avós deixa a minha felicidade ainda mais genuína.



— Foi demais, Sosô! — Joel elogia, com a boca cheia de cachorro-quente.

— Obrigada, Joelzinho! — Ela o abraça pelo ombro e se senta ao seu lado mais uma vez.

Para o desespero da Gabriele, os dois só se desgrudaram quando a sobrinha dos meus amigos subiu no palco para dançar. É muito engraçado ver como a loira tem ciúme dele.

— Daqui a pouco a Gabi vai ter um infarto — Ramon comenta baixo, cutucando meu braço.

Dou a última mordida no meu cachorro-quente e sorrio junto com ele. Apesar de tentar disfarçar conversando o tempo todo com a Rô, é nítido pelas suas feições que está se remoendo por dentro. Não quero nem ver como vai ser quando esse menino quiser ir para as baladas — o que não vai demorar muito para acontecer pela sua idade.

Está sendo uma noite muito agradável, assim como o dia que passei nos meus avós. A competição encerrou as apresentações agora há pouco e estamos apenas aguardando a divulgação do resultado. É muito gostoso

conviver com o pessoal da comunidade, desde a formatura dos Jovens Aprendizizes eu não tinha vindo mais aqui no barracão.

— Rô, essa é *pra* lembrar os velhos tempos! — a apresentadora da batalha fala no microfone e coloca um remix do samba-enredo que levou a Imperador de Heliópolis pela primeira vez ao Grupo de Acesso no Carnaval.

É como entrar em um túnel do tempo. Automaticamente a maioria dos mais velhos que estão na quadra abandonam as cadeiras e começam a se remexer. Meu corpo também corresponde à melodia, que mistura samba e as batidas do funk. O tema do nosso desfile daquele ano foi homenagear as melodias que ditam o ritmo nas comunidades do Brasil. Por morar pertinho do barracão, eu sempre participei das atividades da escola desde criança.

Na adolescência, comecei a desfilar também junto com a Rô e o Ramon, e não paramos mais. A Roseli, inclusive, é uma das melhores passistas da Imperador na Comissão de Frente. Desde que vencemos e subimos, todo ano misturamos os dois ritmos.

— Vem, vamos dançar! — Ramon chama e me puxa para o centro da quadra.

Olho para Gabi e ela me incentiva com a cabeça, animada para saber o que vamos aprontar. Chego ao ápice da música, quando o funk entra e surpreende todo mundo.

Os passinhos dos bailes dos anos 1990 ditam a coreografia e começamos a flexionar a perna esquerda para cima e para baixo, acrescentando um movimento para frente e para trás com os pés, que nos levam a andar para um lado e depois para o outro em perfeita sincronia. O quadril e as mãos acompanham a mesma batida se mexendo sem parar. Repetimos dez vezes e trocamos a perna.

Assim que essa sequência termina, as mulheres ficam de costas e se inclinam para frente, requebrando sete vezes; e os homens agacham e levantam esticando os braços o mesmo período.

Volto a encarar Gabi e percebo minha loira até boquiaberta. Ela não pisca e nem desvia os lindos olhos azuis de mim. Sorrio para ela e me preparo para a melhor parte, quando termina o funk e volta para o samba.

Movimento os pés agilmente no novo ritmo enquanto o refrão é anunciado. Depois pulo e agacho mais uma vez, colocando a mão na cabeça como se estivesse com um chapéu.

Que delícia é dançar! Tinha me esquecido como pode ser relaxante. A letra vai para a última estrofe e Rô dá seu show particular sambando no meio de um círculo formado por nós. Ao final, somos ovacionados por todos os presentes na quadra. Vira uma bagunça de gritos, assobios e palmas.

— Caramba, vocês arrasaram! — Joel elogia Ramon, Rô e eu quando voltamos suados para onde estão. — Assim que minha perna melhorar, você precisa me ensinar isso aí, tio André!

— Se Deus quiser, viremos participar do Carnaval ano que vem!

O garotinho grita de alegria, mas paro de prestar atenção nele quando noto Gabriele me fitando descaradamente de cima a baixo. Meu pau sente no mesmo instante o poder do seu desejo.

— Saber dançar foi golpe baixo demais — ela quase sussurra, de tão baixa que sua voz sai. — Vai ter troco você quase tirar meu coração do peito.

Sorrio abertamente, mal podendo esperá-la me dar o troco.



Termino de colocar a última louça no escorredor e seco a mão no pano de prato. Chegamos há cerca de meia hora em casa. Eu tomei um banho rápido porque estava encharcado de suor e depois fiz um lanche para o Joel antes dele ir dormir. O garoto, no ápice da fase de crescimento, foi o único

que quis comer mesmo com a sessão de cachorro-quente e refrigerante que fizemos no barracão.

Desligo tudo na cozinha e sigo para o quarto, onde Gabi ficou tomando banho. Só de pensar que amanhã é segunda-feira, e toda essa alegria vai se dissipar ao cair de novo na realidade, dá um desânimo enorme. Abro a porta e vejo que as luzes estão apagadas e só há a claridade do abajur para iluminar o espaço.

— Gabi? — chamo, estranhando a escuridão e o silêncio.

— Senta na cama! — A voz vem do banheiro, incisiva e sensual.

Dou dois passos e me jogo no colchão sem questionar. Meu coração acelera sem nem saber do que se trata. O desânimo que estava querendo me dominar dá lugar à ansiedade e à expectativa. Quando penso que já está agitado o suficiente, Gabriele sai do breu do banheiro vestindo apenas uma lingerie vermelha muito sexy e scarpin preto.

Porra!

Finco os dedos no lençol, salivando e sentindo a caixa torácica ser socada pelas minhas batidas fortes. Ela está... está... deslumbrante.

— Eu não tive a sorte de conviver com uma escola de samba pertinho de casa como você, o lado de Heliópolis que eu vim era mais parado. — Ela caminha lentamente até a porta e a tranca, virando-se para mim em seguida. A cada passo que ela dá na minha direção, não consigo decidir para qual local olhar primeiro. — Mas eu tive a sorte de conhecer a filha da Gina que é dançarina profissional. Ela me ensinou uns passos, sabe?!

Gabi para na minha frente e fico boquiaberto, encarando-a de cima a baixo como fez comigo no barracão. A adrenalina é tão grande que nem consigo dizer nada. Desde o dia que as cólicas começaram, não tivemos mais nenhuma relação sexual. Estar com ela assim tão perto, tão linda, tão gostosa... é para tirar a sanidade de qualquer um.

— É ruim ficar sem fala e com o coração irrefreável, né? — A maldita provocadora ri e se inclina para frente, colocando seus seios redondos e pequenos bem na linha do meu rosto. — Foi exatamente assim que você me deixou mais cedo, garotão.

Não tinha reparado que havia um celular na sua mão até ele ser acionado em uma música envolvente. Assim que as batidas provocativas alcançam meu ouvido, Gabi dá uns passos para trás e deixa o aparelho na escrivaninha.

O que vem a seguir é a coisa mais excitante que já vivi com uma mulher. Talvez seja tão especial por ser com uma que tem preenchido totalmente meu coração. Ela vira de costas e começa a se remexer acompanhando a melodia. Seu quadril e suas pernas estão ritmados enquanto as mãos sobem e descem por caminhos diferentes. A direita vai da cintura até o cabelo e a esquerda da bunda para a coxa.

De repente ela flexiona as pernas e desce rebolando gostoso até o chão. Mordo os lábios e arrumo meu pau na calça ao avistar de forma tão privilegiada a sua bunda e o seu corpo esguio. Ele está tão duro que é capaz de estourar o zíper daqui a pouco.

Quando sobe mais uma vez, a loira se vira para mim e volta a repetir o movimento. Mas desta vez as pernas se fecham e abrem ao máximo me dando a visão perfeita da sua boceta.

Put a que pariu...

— Gabi! — a voz sai em sussurro, rouca, carregada de tesão.

Ela apenas sorri e volta a caminhar até onde estou como uma felina que sabe muito bem o que está causando no seu macho. Ao alcançar a cama, ela encaixa uma das pernas bem no meio das minhas, no vão pequeno que há no colchão, e leva as mãos no cabelo, requebrando a milímetros de distância.

Logo em seguida, para acabar de me matar de vez, se senta de costas no meu colo e começa a se esfregar no meu pau. Solto um gemido baixo e

não resisto a segurar sua cintura, apertando a carne macia com vontade. Ajudo a forçar o movimento, fazendo a fricção ficar ainda maior.

Ela se inclina para trás e me dá acesso ao seu corpo. Enquanto uma das suas mãos acaricia o meu cabelo, a outra pega uma mão minha e direciona a carícia pelo umbigo, os seios, o pescoço e sua boca.

Essa mulher só pode estar querendo me matar. Sem aviso prévio, abocanha meu dedo indicador e chupa como se estivesse com o meu pau na sua boca quente. Aperto sua cintura com a outra mão, ainda mais forte.

Quando estou ficando fora de mim de tanto tesão, Gabi se levanta e se inclina para frente deixando sua bunda empinada na minha cara. Dou um tapa e apalpo, sentindo a excitação tomar conta de cada célula do meu corpo.

Que mulher gostosa, meu Deus!

A melodia chega ao refrão e a loira, agora de frente, volta a se sentar no meu colo. Nossos olhos são fisgados um pelo outro, o sorriso nos nossos lábios comprova que muito mais do que desejo, o que torna isso bem melhor é o sentimento forte que nos liga.

— Dei o troco à altura, André? — ela murmura, segurando minha nuca e levando meu rosto até os seus seios no ritmo da batida.

O seu movimento de quadril quando volta a descer, friccionando meu pau por cima da bermuda, faz os gemidos aumentarem. De nós dois.

— *Porra!* — Aperto sua bunda de novo, marcando meus dedos na pele. — Estou à beira de um infarto.

Ela sorri e me empurra para me deitar na cama. Ter a visão do seu corpo se esfregando no meu nesse ângulo é magnífico.

— Linda, vem aqui dançar na minha cara — peço, quase implorando. — Me deixa lambuzar de você.

— Depois, agora... — Ela suspira e se deita sobre mim, capturando meu lábio inferior em uma mordida sexy. — Agora eu preciso muito de você lá dentro. Estou com saudade.

— Tem certeza de que está bem *pra* penetração? — Seguro seu rosto e devolvo a mordida, beijando-a em seguida. Amo beijar a Gabi. — A gente pode ficar no sexo oral, sem nenhum problema.

Foi muito bom ter ido ao médico com ela para entender mais sobre a doença. A endometriose é mais complexa do que eu tinha imaginado. Espero que o medicamento que vai começar a tomar ajude a evitar que novas crises apareçam.

— Já estou bem melhor, quero você dentro de mim. Se doer, eu aviso.

— Jura que avisa? — Encaro seu oceano azul para ter certeza de que está bem para fazer isso. — Tem que ser bom *pra* nós dois, não quero você sentindo dor.

— Eu juro que aviso! — Gabi apoia o cotovelo no meu peito e faz um sinal da cruz na boca.

Com a afirmativa, não perco tempo e a pego de surpresa movendo seu corpo para baixo do meu. Sorrio com seu gritinho de susto e de êxtase. Desço a mão para conferir se está lubrificada o suficiente e arrepio ao notar sua boca morder minha orelha.

— Estou encharcada, é só você vir, André! — sussurra, me levando à completa loucura.

Eu preciso mesmo entrar nela porque já não estou aguentando mais. Desisto de conferir e abaixo minha bermuda com a cueca, afastando a calcinha para o lado. Estou tão sedento de Gabriele que nem há tempo de tirar a roupa.

Meu pau desliza facilmente pela sua abertura, é tão gostoso que solto mais um gemido de satisfação. Também estava morrendo de saudade dessa

nossa conexão corporal.

— Que delícia, linda! — elogio, puxando o sutiã para o lado e abocanhando seu seio esquerdo.

— Acho que vou fazer *lap dance* mais vezes — ela diz, arranhando as minhas costas. — Estou adorando essa pegada de desespero, de fome. Mais do que já temos naturalmente.

— Todo dia, pode fazer — murmuro na sua pele, dando atenção ao outro seio. — Será um prazer morrer de tesão com você diariamente.

Hoje está diferente. Sempre é muito bom estar dentro dela, no entanto, há alguma ligação mais forte desta vez. Ao mesmo tempo que estamos sedentos de desejo, há uma vibração de energia saindo de nós, que parece nos ligar ainda mais intimamente.

Gabi enlaça a perna com o salto alto na minha cintura, cruzando-as nas minhas costas, e força nosso corpo ficar bem grudado. Penetro fundo e rápido, sentindo o suor descer pela minha testa.

Beijo sua boca macia, sem parar os movimentos, e quando o ar falta aos nossos pulmões afasto-me do seu rosto o suficiente para encará-la de novo. A música no celular continua no fundo, porém, só consigo prestar atenção no som que sai da sua boca entreaberta.

Por um segundo, tudo parece passar em câmera lenta à minha volta, uma sensação de paz vai tomando meu corpo quando noto-a gemer e se inclinar para frente, pronta para se entregar ao orgasmo.

Meu coração acelera em uma batida nova, e as palavras se formam representando da melhor forma possível tudo que Gabriele tem significado na minha vida.

— Eu te amo! — Surpreendo-me quando a frase sai dos nossos lábios em sincronia, exatamente no mesmo instante que o gozo nos toma por completo.

Suados e com a adrenalina ainda em alta, arremeto mais uma vez e encosto minha testa na sua. Ambos sorrimos, satisfeitos, e ficamos em silêncio por um instante, trocando o mesmo ar, enquanto aguardamos nosso corpo se recuperar.

Consigo escutar as batidas fortes do seu coração, assim como imagino que ela também possa ouvir as minhas.

Há momentos que nada mais precisa ser dito, só sentido.

CAPÍTULO 34

Gabriele



Seco o suor do rosto com a toalha pendurada no meu ombro e observo as bochechas vermelhas pelo esforço no espelho do elevador. Esta semana voltei a pegar firme na atividade física e tenho ido treinar todos os dias à academia do prédio, por pelo menos uma hora. O médico disse que é fundamental para que o remédio tenha um efeito melhor e diminua as crises.

Tenho levado a sério essa regra porque tentar não me estressar está difícil. Graças ao advogado do André que ficou em cima, a polícia entrou em contato conosco para contar que identificou, nas imagens de segurança de um estabelecimento comercial na esquina da minha antiga casa, Vicente rondando a área dez minutos antes de eu sair para o fisioterapeuta no dia do assalto.

Foi possível confirmar o macacão de serviços gerais, o boné e a pulseira de couro que Joel reconheceu. Na verdade, tivemos sorte. O homem entrou no espaço e tirou o boné para arrumá-lo no cabelo por breves segundos enquanto achou que estava fora da mira das câmeras da rua. Por ser fichado em outros crimes, foi fácil a identificação.

Com certeza ele bisbilhotou o local por outras vezes, senão não teria como saber meus horários, mas infelizmente isso ainda não foi possível comprovar. O problema é que Vicente foi chamado para prestar depoimento e não foi encontrado. O seu sumiço é o que mais me preocupa, tenho medo desse silêncio.

Para ajudar a piorar a situação, Carter teve uma recaída no quadro segunda-feira e ficou internado até ontem à tarde. Com isso e a questão da paternidade que segue duvidosa, André ficou muito tenso e acabei ficando

junto.

Saio do elevador assim que chega ao andar e apresso o passo. Mesmo sabendo da segurança do condomínio, não gosto de deixar Joel sozinho aqui enquanto estou na academia. A neurose ficou ainda maior desde a conversa com a polícia.

— Oi, amor, chegou cedo. — Estranho ver André sentado no sofá com um rapaz ao abrir a porta da sala.

Ele disse de manhã que se atrasaria hoje porque tinha duas reuniões no período da noite com investidores que querem comprar franquias da Edutec no exterior.

— Linda, eu passei aqui rapidinho entre uma reunião e outra *pra* falar com o Lorenzo. — Meu namorado se levanta e vem ao meu encontro me dar um selinho. — Esse é o responsável pela TI, que te falei.

— Ah, sim, claro! — Estico a mão na sua direção. — Muito prazer, Lorenzo. Sou a Gabriele.

— O prazer é meu, Gabriele. Já ouvi falar muito de você.

Sorrio, olhando para André que sorri de volta. Fico feliz em saber que naquele ninho de cobras ele conheceu outra pessoa que pode chamar de amigo.

— Onde está Joel? — Olho para os lados, preocupada com meu menino.

— Ele está estudando inglês no quarto, pedi *pra* ficar lá enquanto falava com o Lorenzo.

— Aconteceu alguma coisa? — questiono, ao perceber os dois com cara de tensos.

— Depois de dias tentando descobrir, finalmente tivemos uma pista

de onde Beatriz pode se hospedar quando vem ao Brasil, já que não tem custos disso no seu cartão. — Meu namorado passa a mão no cabelo e volta a se sentar.

— Tenho um irmão que trabalha em uma imobiliária de alto padrão aqui em São Paulo que, coincidentemente, atende a alguns dos investimentos que descobrimos estar no nome do Oliver — Lorenzo explica e me sento também, prestando atenção na conversa. — Meu irmão me ligou, saindo do expediente, *pra* confirmar que um dos apartamentos foi colocado *pra* avaliação recentemente apesar de ter sido adquirido há anos pela família. Parece que o dono, vulgo Oliver, está morando lá.

— Morando só se for agora, *né*? — pergunto, franzindo o cenho. — Não estava nos Estados Unidos antes?

— Pois é, se está morando, faz pouco tempo. Com certeza, não faz anos — Lorenzo comenta.

— Vocês acham que era Beatriz que estava usando antes e agora querem comercializar? Por que, de repente?

— Faz sentido ser Beatriz. Meu irmão disse que não é tão rápido vender ou alugar um apartamento daquele nível, em um dos bairros com o preço mais caro do metro quadrado na cidade. — Lorenzo e André se entreolham e fico com um aperto no peito. — Pode demorar alguns meses *pra* realmente efetivar.

— Meses que Carter nem vai chegar a ter... — meu namorado completa a frase, mais baixo. — A casa enorme do meu amigo com certeza ficará para o filho no testamento.

Meu Deus! O homem nem morreu ainda e já estão fazendo esse tipo de plano para ficar com seus bens?

— Nossa, gente! Pode ser pior do que imaginamos, então.

Coloco a mão na boca e fico calada, refletindo sobre as

possibilidades. Não aguentei e contei esta semana para André sobre minha teoria de que Beatriz vem encontrar o verdadeiro pai do Oliver, quando me disse que Lorenzo descobriu que ela não tem contato com sua família. Natural do interior do estado e de pais fazendeiros, a ex-modelo cortou relações desde que ascendeu na carreira.

— A ganância é *foda*! — André se levanta e começa a andar próximo ao sofá. — Ter vários imóveis no nome do filho, ser sócia de um ateliê famoso nos Estados Unidos e receber uma pensão mais do que generosa, mesmo nunca tendo se casado e após a idade exigida pela lei, pode não ser o suficiente.

— Você sondou com o Carter se ela entrou em contato? — Lorenzo indaga.

— Sim, ontem quando fui com ele em casa, após a alta no hospital. — Meu namorado suspira, cansado. — Carter disse que ela sempre liga *pra* saber do seu estado de saúde e que viria no final do mês visitá-lo. Oliver também nunca foi tão prestativo como agora, coitado, está feliz com a preocupação do “filho”.

São dois abutres, isso sim! Que raiva de gente que se aproveita da sensibilidade dos outros para se dar bem. Quem vê, pensa que está vindo dos Estados Unidos exclusivamente para saber do ex.

— O senhor Carter é tão inteligente e bem-sucedido, não me conformo de não ter suspeitado dessa mulher lá trás.

— O Carter é um homem muito digno, Lorenzo — André fala, o semblante ficando mais leve ao pensar no amigo. — A gente não sabe como aconteceu. Ela pode ter feito direitinho de uma forma que não houve suspeitas. Se teve alguma situação plausível, Carter não iria fugir das suas responsabilidades. Sem contar que não tem ninguém *pra* dividir sua fortuna, os dois são os mais próximos de família *pra* ele, logo, fica mais sensível com isso.

— É complicado julgar mesmo, concordo com o André. Ainda mais

um homem tão rico e solitário.

— Bom, o que nos cabe então é ficar de olho na Beatriz até o final do mês. Podemos ficar de tocaia no apartamento que o Oliver está e ver se ela vai *pra* lá mesmo e com quem — Lorenzo sugere, esfregando as mãos na calça. — É um caminho *pra* desvendar esse quebra-cabeça.

— E como exatamente faremos isso? — pergunto, curiosa.

— Vou hackear a câmera de segurança do prédio e ficar monitorando — ele diz, como se fosse algo simples. Estou chocada em como é possível saber sobre alguém com ajuda da tecnologia. — Conseguir imagens antigas é mais complexo e demorado, porém, a partir do momento que eu hackear, vou poder acompanhar os próximos dias.

— Não gostaria de tomar essas medidas extremas, mas eu sei que temos pouco tempo para descobrir a verdade — André admite, cabisbaixo. — Carter está cada dia mais debilitado, daqui a pouco os remédios não vão ajudar. Ele merece a verdade!

O quadro está tão instável que os médicos disseram que se André quiser fazer a viagem com Carter deve ser o mais rápido possível. Como não foi recomendado sair do país, estou ajudando-o procurar algo aqui perto que seja divertido.

Para a minha surpresa, o amigo do meu namorado insistiu para que Joel e eu também fôssemos. Fiquei honrada com o convite, pois, Carter é um homem incrível. Gostaria de tê-lo conhecido antes.

— Por falar em tempo... — Levanto e pego a mão do André, entrelaçando nossos dedos. — Descobri uma cidadezinha perto da capital, montanhosa e calma, que vai receber um festival de balão no final de semana, como você disse que ele gosta. Também encontrei uma pousada que vai ter festa das frutas vermelhas no mesmo dia. Você comentou que Carter é fissurado em morango.

— Que legal, está perfeito. Será que tem vaga ainda na pousada?

Tenho medo de adiar e...

— Entendo, amor. — Aperto sua mão com carinho, sabendo exatamente do seu medo. — Não é uma pousada luxuosa, no entanto, é bem bonita e bem avaliada. Baixei o aplicativo no celular e vi que tem vaga, sim.

— O Carter não se importa com luxo, tenho certeza de que não irá ligar por isso. — André deixa um beijo na minha testa e me abraça. — Você se importaria de reservar *pra* mim, amor, por favor?

— Claro, farei isso hoje ainda.

Abraçar esse homem é a mesma coisa que tocar o paraíso. Parece que nada mais importa, só nós dois. É tão leve, tão gostoso. Apesar da correria e dos dias complicados, nossa relação só tem se fortalecido.

Principalmente, depois que conheci os seus avós no domingo e nos declaramos um para o outro. Aliás, se der certo viajar no final de semana, vou sentir falta de ir almoçar com a dona Tereza e o seu Jeremias.

Sinto que ainda temos um belo caminho para trilhar, juntos.

— Agora eu preciso ir, a próxima reunião vai começar daqui a pouco em um restaurante perto da Edutec.

— Também tenho que ir — Lorenzo emenda a fala do André. — Tenho muito trabalho se quiser dar andamento nessa investigação.

— Nossa, nem te ofereci nada. — Afasto-me do André e toco o ombro do rapaz. — Me desculpe! Você precisa voltar outro dia com calma *pra* experimentar minhas coxinhas.

— Coxinhas? Com certeza eu volto, hein?! Amo!

— Está combinado! — Sorrio e aperto sua mão. — Quando as coisas melhorarem, você vem jantar com a gente.

Espero que esse dia chegue logo.

O que eu mais queria agora é ficar em paz. Sem Vicente em nossas vidas e com Carter sabendo a verdade.

Será que é pedir demais?

CAPÍTULO 35

André



Estaciono o carro na frente de uma fachada amarela com detalhes em madeira e rodeada de flores. Abro a porta e inspiro fundo o ar gostoso das montanhas, sorrindo ao observar a linda paisagem ao meu redor. Nossa, que lugar incrível! Totalmente diferente da barulheira e do céu cinzento da capital.

— Caramba, é bonito, *né?*! — Joel para ao meu lado, boquiaberto.

— Estava pensando exatamente isso! — Abraço seu ombro e trago seu corpo para perto de mim.

— Só de respirar natureza a gente já se sente melhor. — Carter desce do carro e estica os braços, contemplativo como nós.

— Eu nunca saí de São Paulo antes, não sabia que tinha lugares tão lindos assim perto da gente.

As palavras inocentes do Joel fazem os adultos se entreolharem com pesar no semblante. Sempre que ele diz algo assim parece que meu coração vai se desfazer em vários pedaços.

Eu tive meus pais arrancados de mim ainda muito jovem, pais carinhosos e que me amavam. Mas a realidade dele é ainda pior. Quem deveria protegê-lo e criar boas memórias, só o feriu.

— A gente vai viajar muito ainda — Gabi anuncia, aproximando-se e bagunçando o cabelo do menino. — No que depender de mim, o mundo será pequeno *pra* nós, Joel.

Com um sorriso exuberante nos lábios e uma expressão animada de “oba”, ele sai do meu abraço e corre para ela. Carter e eu ficamos feito bobos apreciando a relação deles que é capaz de juntar cada pedacinho que o passado do garoto tenta quebrar.

Recompostos, pegamos nossas malas no carro e seguimos até a recepção. É uma pena que tive um imprevisto na Edutec de manhã e só estamos chegando ao final da tarde. Minha intenção era aproveitar pelo menos o final de semana inteiro, mas agora só resta a noite de sábado e amanhã o quanto pudermos.

— Bem-vindos à Pousada Cerejeiras! — uma loira bonita cumprimenta, simpática, assim que entramos. — Sou Mag, é um prazer recebê-los aqui. São da família que avisou que iria se atrasar, né?

Adoro essa palavra para descrever nossa relação. Com certeza, considero essas três pessoas como família: Gabi, minha mulher; Joel como um filho e Carter como um pai.

— Somos, sim! — apresso-me em concordar, sem corrigi-la, e apresento cada um. — Estamos animados *pra* nos divertir um pouco e aproveitar a festa das frutas vermelhas.

— Ai, que bom! — Ela sai de trás do balcão e vem apertar nossas mãos, ainda mais empolgada. — É a nossa primeira festa aqui na pousada. Estamos ansiosos *pra* que dê tudo certo. Recentemente, fizemos algumas mudanças para trazer ainda mais conforto e lazer aos hóspedes.

— A pousada é linda, fiquei encantada com as flores e os detalhes da decoração! — Gabi elogia, olhando ao redor, deslumbrada.

— Obrigada, Gabriele! Deixe dona Margarida te ouvir falando das flores, não desgruda de você o resto do final de semana — Mag comenta, divertida.

— Mãe, terminamos de colocar as mesas lá fora. — Uma menina

ruiva de óculos entra na sala e interrompe a conversa. Ao seu lado, está um homem alto e sorridente. — Ah, desculpe-me. Não reparei que estava atendendo.

— Tudo bem, querida. — Mag coloca a mão no ombro da garota e olha na nossa direção. — Essa é Liz, minha filha, pessoal. E esse é o meu marido, Sabathiel.

Cumprimentamo-nos e vou cada vez gostando mais desta escolha para a viagem, enquanto eles contam um pouco sobre a pousada.

— Acho que querem descansar antes da festa, né?! Vamos, eu acompanho vocês até os quartos. — Sabathiel pega as malas da mão da Gabi e do Joel, tomando a dianteira por um corredor. — Está tudo uma delícia, viu?! Nossa, eu nunca vou me acostumar em como as comidas da Terra são divinas!

Viro para o lado e sorrio para minha namorada com o comentário do homem. Ele parece uma pessoa engraçada e gente boa. Enquanto caminhamos até a área dos quartos, Sabathiel vai mostrando cada espaço que passamos.

— Somos simples e bem familiares, mas fazemos tudo com muito amor por aqui!

— Não poderia ser mais perfeito, obrigado! — Carter agradece e fico com um aperto no peito, um misto de tristeza com gratidão.

Amor é tudo que meu amigo precisa nesta que pode ser a última viagem da sua vida. Apesar das circunstâncias, fico feliz de fazer parte deste momento com ele.



O gramado da pousada está repleto de gente de fora a fora. Para uma primeira festa, deu mais do que certo. Decorado de vermelho e verde, e com luzes penduradas nas árvores, o ambiente ficou gostoso e aconchegante. A música ao vivo no fundo e a lua gigante no céu são a cereja no bolo.

A noite está perfeita!

Dou uma garfada na torta de morango com framboesa que estou comendo e coloco na boca da Gabi. Apesar de estar divina, como Sabathiel bem avisou, minha namorada mal está saboreando. Mastiga pesado, rápido, seus olhos fixos no outro lado da área verde.

— Acho que você não está gostando tanto da festa como eu. — Gargalho, provocando-a.

— Gente, e a tal da Maísa? Ele já esqueceu a coitada? — pergunta, passando a mão no cabelo. — Esse garoto não pode ver um rabo de saia que fica todo faceiro. Foi a sobrinha da Rô e agora a Liz. Olha lá o jeito que ele está rindo *pra* ela!

Sorrio ainda mais ao notar sua cara de indignação. É muito engraçado ver a Gabi com ciúme do Joel — e isso tem se tornado cada vez mais comum.

— Ele é adolescente, amor, está descobrindo as coisas. Vai me dizer que com 13 anos você não flertava também?!

— Eu... é... eu... — Gabi bufa e cruza os braços, parecendo uma criança birrenta. — Eu queria que meu filho não tivesse olhos para outras mulheres, só *pra* mim. Daqui a pouco vai começar a sair e nem vai mais ligar *pra* essa velha aqui.

Adoro quando ela solta espontaneamente que ele é seu filho. É exatamente o que é diante do tanto que essa mulher ama aquele menino. No dia que me contou que ele a chamou de mãe durante o sono, foi lindo ver seu rosto tão emocionado.

— Nossa, que drama, meu Deus! — Dou mais uma garfada na torta e coloco na sua boca. — Toma um docinho *pra* ficar feliz, linda.

Ela come, mas continua falando do Joel com a boca cheia e me fazendo rir. Sou muito grato por encontrar alguém que me deixe tão leve, que me faça rir, que seja tão linda, mesmo cheia de ciúme bobo de um garoto que a ama da mesma forma.

— Meu Deus, nunca comi morangos tão deliciosos! — Carter se aproxima de nós com um prato cheio de doces diversos usando a fruta.

— Cultivamos lá perto de casa morangos, framboesas, amoras e mirtilos — dona Margarida, a mãe da Mag, comenta. Só então reparo que os dois estavam juntos. Sabathiel já tinha contado que a área era grande e que moravam em uma casa nos fundos. — A região montanhosa e o clima mais fresco trazem condições ideais para se desenvolverem.

— São muito mais saborosos do que os que compramos lá na capital — digo, comendo um pedaço da torta.

— É porque são orgânicos e frescos! — a senhora simpática explica. — Colhemos hoje cedinho para a produção dos doces.

Carter e Margarida continuam andando e falando sobre o modo de plantio e as vantagens dos alimentos orgânicos. Só me dou conta que Gabi não está mais ao meu lado quando me viro falando com ela e não tenho retorno.

Volto a sorrir ao perceber que está descaradamente puxando assunto com Mag só para ficar perto de onde Joel está e, quem sabe, ouvir o que ele e a Liz estão falando.

— Ela foi lá ouvir a conversa, *né*? — Sabathiel para ao meu lado, também se divertindo.

— Com certeza foi! — Aumento a risada.

— A Mag tenta disfarçar, mas também não está sabendo lidar com a Liz mudando tão rápido — ele comenta e fico com uma sensação gostosa no peito de estar falando sobre isso. Uma conversa de pais. — Quando eu cheguei aqui, ela era uma nerd tímida, que gostava mais de computadores e códigos do que de pessoas. Agora floresceu tanto. Minha garotinha.

— Desculpe-me perguntar, mas... ela não...

— Não, não sou o pai biológico — confirma, sorrindo para mim. Posso ver em seus olhos que isso não faz a mínima diferença para ele. — É filha de coração.

Conto que Joel também não é meu filho e que Carter é meu chefe. Ele mal pode acreditar que não somos uma família de sangue e que conheço Gabi há pouco tempo. O pulsar no meu coração só me faz ter certeza de que isso é o que menos importa.

Sinto-os tanto como parte de mim, que basta.

— Nunca me canso de aprender sobre o amor humano, é tão intrigante. Tão bonito! — Ele parece refletir sozinho, olhando para o céu. — Temos sorte de poder vivenciar algo tão forte e genuíno aqui.

— Temos mesmo — concordo, observando com admiração Gabriele e Joel do outro lado do gramado.

Quando meus olhos alcançam Carter, feliz e sorrindo para a dona Margarida como há muito tempo não via, preciso engolir em seco para conseguir respirar naturalmente.

Ele também podia viver tanta coisa ainda. Queria que pudesse viver tudo que acabou deixando para trás.



— Tem certeza de que vocês não querem ir sozinhos? — Gabi pergunta pela terceira vez, levando em seguida uma xícara de café quente aos lábios.

Seus lábios doces e macios, que fiz questão de devorar com carinho, cuidado e devoção a noite toda depois que sua crise de ciúmes passou. Ainda preciso agradecer a Carter pela ideia brilhante de ficar em um quarto com o Joel.

— Claro que tenho, vocês dois deixam a viagem ainda melhor — meu amigo diz, com sinceridade, e faz os olhos da minha namorada brilharem com uma emoção diferente.

Ela gosta muito dele. E é recíproco. Se tivessem tempo... se pudessem... com certeza essa relação iria se fortalecer ainda mais.

— Aí que bom, porque estou tãooooooooo animado para andar de balão! — Joel rouba a cena, radiante de felicidade. — Ei, Liz, nós vamos lá ver o festival. Você vai também? — questiona, animado ao fitar a garota passar pelo refeitório perto da nossa mesa.

— Não vou poder — ela responde, tristonha. — Meus pais estão muito ocupados colocando tudo no lugar de novo. Não tem quem me levar, é longe *pra* ir sozinha.

— Ela pode ir com a gente, mãe? — Joel olha para Gabi, esperançoso. — Por favor!

Mãe.

Ele a chamou de mãe pela segunda vez e, ao que parece, nem reparou. Foi natural como a luz do sol que toca essas montanhas neste domingo bonito. Troco um olhar com Carter e ele sorri para mim, agradecido de alguma forma por acompanhar este momento.

Gabi, minha linda Gabi, está petrificada no lugar. Parece que não há

nada mais a sua volta sem ser o garotinho que ama demais. Se eu ficar em silêncio, bem silencioso, creio que seja possível escutar o alvoroço do seu coração.

— É... po... po... pode. — Tenta respirar, percebendo que ele não se deu conta do que disse. — Se a Mag deixar, pode sim.

— Oba! — Joel se levanta rapidamente e dá um beijo estralado na bochecha dela. — Vamos lá falar com a sua mãe, Liz.

Os dois somem de mãos dadas na direção da cozinha e seguro a mão da Gabriele, que parece estar tremendo em cima da mesa.

— Ele... disse mesmo? Acordado?

— Disse, amor — confirmo, entrelaçando nossos dedos. — Joel te chamou de mãe. Acordado.

Uma lágrima escorre pelo seu rosto e o sorriso mais lindo que já vi, desde que a conheço, desponta do seu rosto.

— Nunca na minha vida vou esquecer esta viagem! Não poderia ser mais perfeito.



Faz quase meia hora que estamos a quilômetros de distância do chão. A paisagem aqui de cima é surreal. Tão linda, tão exuberante, que eu não disse quase nenhuma palavra desde que saímos da terra firme.

O único barulho que ouvimos é do vento, o guia mostrando os pontos da cidade e alguns comentários animados da Liz e do Joel. Gabi está de olho neles, morrendo de medo de se empolgarem com algo e caírem aqui de cima.

Viro para o lado por um instante para constatar se Carter está do mesmo jeito que se encontrava há um minuto. Eu estou fascinado, mas o semblante dele denota algo ainda maior, mais forte.

Ele parece em paz, calmo demais.

— Obrigado — afirma de repente, pegando-me no flagra o observando.

— Pelo quê? — digo baixo, preso na sinceridade do seu olhar.

— Por ser um bom amigo. Por se preocupar de verdade comigo. Por me trazer nesta viagem.

— Carter, não é nada...

— Seus pais, com certeza, estão muito orgulhosos de você aqui de cima.

Seu elogio me pega desprevenido e faz meu peito comprimir. A respiração acelera, as mãos se mexem na calça jeans que estou usando para secar o suor que se acumula — mesmo que esteja muito, muito frio agora.

— Se eu morrer amanhã, saiba que este fim de semana fez valer a pena. Poucas horas, mas que significaram muito — ele afirma e minha garganta se fecha. — Só me arrependo de não ter percebido antes, o quanto isso é crucial. Aproveitar bem os momentos, as pessoas que importam. Nem tudo é trabalho.

Outra vez sou tomado pela sensação de que Carter tem alguém no passado que poderia ter feito total diferença na sua vida. Alguém que deixou para trás e provavelmente nunca saberá o que ele sente de verdade. Não acho que seja a mãe do Oliver. Isso me lembra da minha busca pela verdade.

Preciso descobrir isso o quanto antes.

Como ele fica em silêncio de novo, e passa a venerar com bastante

concentração as luzes do sol que emanam à nossa volta, também decido me calar. Ele já se abriu hoje muito mais do que o normal.

Resta a mim rezar para que o relógio pare de correr.

Tic, tac. Necessito de mais tempo.

CAPÍTULO 36

Oliver



Passo pela porta do escritório como um foguete, quase arrancando os fios do meu cabelo.

— A vontade que eu tenho é de enfiar um soco no meio da cara daquele preto *filho da puta!* — vocifero, andando raivoso até a janela. Escuto ao fundo a porta ser fechada. — Foi brincar de casinha no final de semana com o velho e chega aqui se achando o rei do pedaço. Nojo! Eu tenho nojo de conviver no mesmo ambiente que aquele ser desprezível.

Carter contou durante uma das minhas visitas forçadas a ele, todo dia de manhã, que iria viajar com o pretinho. Além de ter que aguentar sua cara radiante logo cedo, ainda chego aqui e esbarro com o CEO temporário oferecendo sorrisos para todo lado.

Dentre tantos diretores decentes, é claro que o imbecil tinha que nomear logo o mais repugnante para o cargo. Ele sempre dificulta as coisas para o nosso lado, que raiva!

— Fala baixo, Oliver — Tarso pede, preocupado.

— Já disse que você precisa ter paciência, Oliver — Benício acrescenta, com a sua calma costumeira que me dá nos nervos.

Eu já estou de saco cheio dessa merda! Cansado de ficar batendo cartão nesta empresa chata, de fingir que gosto do idiota do Carter e de ouvir “tenha paciência” de todos à minha volta.

Paciência o *caralho!* Estou perdendo tempo nesse joguinho lento que

poderia ter sido resolvido há anos. Se tivessem me ouvido antes, o velho babão já estava na cova. É tão fácil hoje em dia armar um acidente repentino, um assalto que dá errado, pagar a porcaria de um assassino para resolver o problema.

Rápido, eficiente.

A essa altura eu deveria ter uma herança milionária e estar investindo em dólar em empresas americanas que podem aumentar ainda mais meu patrimônio. Deveria estar gastando minha fortuna em passeios caros e jantares sofisticados nos Estados Unidos, sem me preocupar com nada.

“Não está na hora, Oliver.”

“Carter tem influência no meio que não vamos ter fácil, a empresa tem potencial pra crescer mais e depois só colhemos o lucro.”

“Aproveite sua vida enquanto isso, vamos aguardar o tempo certo.”

“A suprema arte da guerra é derrotar o inimigo sem lutar.”

Estou me *fodendo* para tudo isso. Para mim já chega de esperar e receber migalhas da minha pensão e dos acertos intermediados pelo Benício e o Tarso há anos à custa da Edutec.

De publicidade a aluguel de prédios comerciais para as escolas, pegamos uma comissão boa pelo caminho. Tudo por fora, sem chamar atenção. No começo até que conseguimos um bom retorno, mas de uns tempos para cá Carter parou de dar muito crédito para a opinião dos dois e não deu para acionar os contatos lucrativos.

— Vamos fazer as coisas do meu jeito a partir de agora. — Algo no tom da minha voz os faz arregalarem os olhos na minha direção. — Todo mundo precisa de mim para esse plano dar certo, ou é do meu jeito ou *tô* fora.

— Não seja imaturo, garoto — Tarso reclama, movimentando a mão para frente de forma frenética. — Se você der um passo em falso, tudo que fizemos vai por água abaixo.

— Tudo que fizemos? — Quase gargalho diante da sua audácia. — Você é só um peão descartável. Coloque-se no seu lugar insignificante.

Silêncio.

Por um minuto inteiro, nenhum dos dois fala nada, mas posso notar os semblantes *putos* com minha rebeldia. Aguento cara feia a vida inteira e nunca dei a mínima! Tenho certeza de que minha mãe se arrepende todo dia de não ter tido um filho mais obediente aos seus propósitos.

Ela insistiu para eu me aproximar do Carter desde que eu fiz 12 anos, achava que estava mais do que na hora de criamos um laço afetivo para manter o plano intacto. Embora o seu teatro quando eu nasci tenha sido eficiente, é sempre bom manter as arestas aparadas. O problema é que nunca gostei de seguir ordens. Bati o pé e fui enrolando até que, finalmente, o velho chegou ao ponto que mais desejava e minha presença foi de fato necessária para colocar um fim nisto.

Pena que os planos não deram certo logo de cara.

Cheguei aqui e ao invés do Benício, que era o mais provável de todos para ser indicado a CEO temporário, o pretinho incompetente assumiu como chefe. Fiquei tão cego de raiva que a minha vontade era despejar tudo que penso sobre ele e colocá-lo no seu lugar.

“Tenha calma, você não pode dar uma má impressão para o Carter. Finja que apoia suas escolhas, que é um homem decente. Vamos pensar em algo para mudar isso o quanto antes.”

Blá-blá-blá... a mesma ladainha de sempre. Ter calma e planejar com tempo não adiantaram *porra* nenhuma.

Acionamos o plano B, porém, até nisso o imbecil do André tem dado uma sorte dos infernos. Criamos diversos conflitos para provar sua incompetência diante de um cargo tão importante e ele converteu todas. Inclusive, nossa tentativa de atrapalhar o passeio do final de semana não foi

eficaz. Nem mesmo a armação do vazamento de dados causou o efeito que precisávamos. Por fim, tivemos que pagar o Douglas que já era um aliado para levar a culpa.

Acredito que devemos ser mais radicais desta vez, aquele favelado pensa que me engana. Ele também tem um plano! Está se aproveitando do Carter para garantir uma boquinha da minha herança. Nem *fodendo* eu vou sujar o dinheiro que é meu com André.

— Temos que tirá-lo da jogada para que nossa estratégia volte aos eixos. — Sigo até a cadeira e me sento, apoiando a cabeça na minha mão flexionada na mesa. — Vamos contatar aquele Vicente, que você descobriu que é o pai do menino de rua que o falso samaritano está abrigando.

Uma coisa eu tenho que elogiar nessa quadrilha: somos bem informados. Benício é fissurado em buscar os mínimos detalhes de cada coisa para nos dar vantagem.

— Não, Oliver! — A sua voz se eleva apenas um pouco. — O cara não é confiável, não o conhecemos. É arriscado demais, um bandido.

— Bandido com bandido se entende, fica tranquilo — ironizo, levantando a sobrancelha e dando um sorriso sarcástico.

Como sempre, quando lhe convém, meu comentário ácido é ignorado.

— Temos que seguir nosso objetivo inicial, o Carter não vai aguentar muito mais e tudo...

— Não vai adiantar *porra* nenhuma esse *caralho* de objetivo, Benício, se o velho inventar de deixar o André como CEO. Você já pensou nisso? Pensou que pode ser exatamente o que o pretinho está querendo garantir? — Bato na mesa, irritado com essa mania de fazer as coisas devagar. — André como CEO não vai nos dar brecha para aproveitar o dinheiro da Edutec. Ficaremos à mercê das suas vontades.

— O que você está pensando em fazer? — Tarso já entendeu meu

ponto e agora está começando a me dar razão.

Não me passa despercebido o olhar mortal que Benício dirige a ele por causa disso.

— De acordo com as informações que colhemos, Vicente tem, entre outros, passagens por denúncias de racismo e homofobia. Ele deve *tá puto* que o filho está nas mãos do pretinho, aposto nisso! — afirmo, com convicção. — Vamos dar uma alegria ao pobre homem que anda desesperado por dinheiro, cheio de dívidas perigosas. Pagamos ele para sequestrar o garoto, mas na hora de pegar o resgate ele não devolve a criança e ainda mete uma bala no meio do peito do pretinho. Boomm! — Faço um gesto de explosão com a mão. — Simples assim, sem esperar semanas que não temos, o problema é resolvido.

— Muito bom, Oliver! — Tarso elogia, entusiasmado. — Isso vai matar dois coelhos com uma cajadada só. Se André morrer, Carter pode piorar ainda mais rápido e nos agradecer com sua partida de uma vez.

Porra, seria perfeito!

Fico empolgado falando com o diretor de comunicação sobre a nova jogada, mas Benício se isola de nós e para pensativo perto da janela. Levanto-me e vou atrás dele, decidido.

— A Beatriz também não vai concordar, for... — Apressa-se em tentar me convencer do contrário.

— Que se *foda*, eu não preciso que ninguém concorde. Eu vou fazer! Não queria essa merda, fui arrastado *pra* esse teatro e agora perdi o resto da paciência que estava estocada.

— Esse Vicente não é confiável, ele pode ficar nos chantageando depois — Benício avalia, uma linha na sua testa comprovando sua tensão. — Será um problema sério no futuro. Sujar as mãos dessa forma sempre deixa brechas, temos que ser mais inteligentes. Sempre fomos muito espertos, não...

— O problema do futuro, você resolve no futuro. Tenho certeza de que será capaz.

Sem querer mais ouvir desculpas, viro de costas e saio da sala, deixando os dois para trás. Um sorriso glorioso desponta nos meus lábios ao saber que, desta semana, o pretinho com certeza não passa.

CAPÍTULO 37

Gabriele



Mastigo minha salada sem conseguir tirar os olhos do Joel. Desde que voltamos da viagem, no domingo, eu ando em uma espécie de encantamento, repetindo a palavra “mãe”, que ele deixou escapar, na minha mente. Foi ainda melhor que da primeira vez, ele estava acordado e falou consciente.

Como não quero forçar nada nem parecer pressioná-lo, achei melhor não tocar no assunto. Porém, no fundo, meu coração esperançoso está há quatro dias aguardando-o comentar o acontecido.

— Está gostoso o jantar? — pergunto, puxando conversa.

— Está uma delícia, como sempre — elogia, olhando para o prato e dando uma garfada na comida.

Pode ser paranoia minha, mas tive a impressão, mais de uma vez esta semana, que Joel quer falar alguma coisa e acaba desistindo na última hora.

— Assim que você terminar, já troca de roupa que o André avisou que deve sair da Edutec cerca de meia hora. — Pego o copo de suco e tomo um gole do líquido, reparando nos seus olhos que evitam os meus, enquanto acena com a cabeça. — Ele lançará por lá mesmo para não ficar tarde de ir ao tatuador.

Meu namorado conseguiu horário agora à noite com um amigo dele de infância que tem um estúdio renomado de tattoo próximo ao Centro. Devido à empolgação do Joel com a ideia dele sendo concretizada, iremos todos acompanhá-los para prestigiar o momento.

Tem sido assim todos os dias, quando não é aqui em casa, acabamos fazendo algo juntos na casa dele. Seja para assistir a filmes, jogar Uno ou apenas conversar, sinto que André tem buscado aproveitar cada minuto com Carter antes que seja tarde. Joel e eu desfrutamos com alegria as oportunidades de conhecê-lo melhor.

Sem nova resposta do meu menino, ficamos em um silêncio agonizante por cerca de cinco minutos. A quietude da sala de jantar vai fazendo meu peito ficar apertado, as mãos suando no garfo.

Que droga! Por que eu estou tão nervosa?

Incomodada com minha reação, desisto de comer o resto da comida e preparo-me para me levantar e levar o prato à pia.

— Tia Gabi, eu posso te perguntar uma coisa? — A mão suave do Joel no meu braço faz uma emoção repentina dominar os meus olhos.

Volto a me sentar, dando total atenção a ele.

— Cla... claro que pode. — Tento me controlar, ciente de que ele pode dizer qualquer coisa e não o que tanto espero. — O que houve?

Silêncio de novo. Joel parece envergonhado, com medo. Demora alguns segundos para criar coragem.

— Eu... tenho pensado... esses dias. — Fita as suas mãos na mesa, engolindo em seco antes de voltar a falar: — Quando a juíza disse guarda temporária, tinha um prazo? Eu já estou melhor do acidente, tenho ficado com medo de ter que voltar para o abrigo. Eu não que... não quero sair de perto de você e do tio André.

Realmente Joel está bem melhor, tirou até as muletas na semana passada. A fisioterapia e o psicólogo continuam, mas será até quando? Será que meu prazo com ele está atrelado apenas a questões médicas?

Não quero que o garoto pense que eu planejo um dia devolvê-lo. Não

posso deixá-lo imaginar essa possibilidade.

— Meu amor, eu não queria te dizer nada antes porque tenho medo de não dar certo e frustrar você, mas desde que consegui a guarda provisória, meu coração pede *pra* entrar com um pedido de adoção. — Busco sua mão em cima da mesa e faço carinho nos dedos compridos. Seu semblante se ilumina. — Eu já falei com o advogado sobre isso, falei com a Rô que é assistente social. Ambos me disseram que era bom esperar e mostrar a juíza como nos demos bem durante o período da guarda. Assim que fosse possível realmente dar andamento, eu iria conversar com você, saber se quer isso. Da minha parte, saiba que...

— É claro que eu quero, eu vou amar ser seu filho. É tudo que eu mais quero — declara, afoito, atropelando as palavras e meu coração que salta desgovernado.

— Aqui dentro — aponto para o meu peito — você já é meu filho, Joel. Eu te amo tanto, tanto, que não consigo mais imaginar minha vida sem você.

— E você, a minha mãe — pronuncia, deixando uma lágrima escorrer dos seus olhos. Os meus também se entregam à emoção. — Sonho com isso desde que você levava coxinha para mim lá perto do sinal. Eu fico tentando me policiar, mas anda cada vez mais difícil não te chamar de mãe. Eu falei consciente no dia da cama, no passeio do final de semana... toda hora eu quero trocar o tia Gabi, por mãe.

Um soluço me escapa e preciso respirar fundo para não perder o ar. Aperto sua mão, chorando e sorrindo sem parar.

— Joel, você não faz ideia, você não imagina, meu amor, o tamanho da minha alegria quando me chamou de mãe — confesso, levando minha mão até seu rosto para enxugar as lágrimas que descem mais desenfreadas. — Não precisa se policiar, nunca! É a melhor coisa que você poderia me dizer.

— Ah, mãe. — Ele suspira e eu o puxo para meus braços, apertando-o forte contra meu coração.

Para que ouça as batidas, para que tenha certeza do que sinto por ele.

— Meu filho, independente da justiça, dos empecilhos que possam acontecer, eu nunca... — Paro de abraçá-lo e seguro seu queixo, forçando-o a olhar nos meus olhos. — Eu nunca vou desistir de você. Mesmo que tenha que esperar você fazer 18 anos *pra* tê-lo definitivamente em minha vida.

— Você promete que não vai desistir de mim? — questiona, com a voz embargada.

— Eu juro, Joel!

Juro do fundo da minha alma, com todas as batidas do meu coração. Joel é meu filho e nunca ninguém vai conseguir provar o contrário.



Observo, sorrindo, a âncora que Joel colocou no peito e ostenta com orgulho. Quem vê sua animação, chega a pensar que é verdadeira. Anderson, o amigo do André, graças a Deus tem várias tatuagens temporárias infantis — daquelas que colamos com água e pressionamos com o dedo para marcar a pele. Pelo jeito, está acostumado com essa situação.

Já estava entrando em desespero do tanto que implorou para ter um desenho como do meu namorado e seu amigo.

— Negão, ficou fera a ideia de vocês. — O tatuador admira o trabalho feito por ele e seu colega.

Chego mais perto para ver e constato que o resultado ficou realmente bonito. Há uma corda transpassando o metal e uma leve ondulação que representa o mar embaixo. Em cada extremidade pontiaguda foi inserido de forma discreta as iniciais A e C. É uma tatuagem pequena, simples, mas com

um significado incrível bem acima do coração.

A âncora proporciona firmeza ao navio e ajuda o marinheiro nas águas turbulentas. A amizade deles é isso, não vai afundar mesmo que a vida traga a tempestade.

— *Pô, cara, eu adorei! Você gostou, Carter?* — André se vira para o amigo, que está parado em frente ao espelho.

— Ficou incrível, obrigado por mais isso!

A voz embargada, o brilho nos olhos e o sorriso no seu rosto não têm preço. Eu não conhecia o Carter antes, mas é palpável que tudo que tem vivido esses dias é intenso e especial para ele.

Conversamos mais um pouco e nos despedimos antes que fique tarde. Carter segue com o motorista que veio o acompanhando e eu vou com meus meninos para nosso carro.

— O tio Anderson te chamou várias vezes de “negão”. — Joel toca no assunto quando o veículo está em movimento. — É certo falar assim? Eu *tava* lendo esta semana que algumas expressões são racistas, como criado-mudo, mulata, cor do pecado e denegrir. Pareceu meio ofensivo te tratar dessa forma.

Além de comprar livros para mim, também adquiri recentemente novos exemplares para a idade do Joel. A convivência com André me fez acordar para uma realidade triste que grita urgente por informação para não se repetir nas gerações futuras.

— Nos conhecemos desde a infância. — André parece animado de explicar isso a ele. — Nesse caso, o Anderson me trata como “negão” de forma carinhosa. Tudo depende de como é dito, em que contexto é usado. A mesma palavra pode receber sentidos diferentes.

— Então, se te chamar de preto também não seria ruim, dependendo do contexto?

— Não, às vezes a Gabi me chama de “meu preto”. Eu amo! — Coloco a mão na sua perna, sorrindo, e ajeito-me no banco para prestar atenção na conversa. — É bem diferente de estar na rua, por exemplo, e começar uma discussão que alguém fale “esse preto vagabundo” ou “olha o negão favelado”.

— Entendi — Joel concorda, pensativo.

— Aproveitando o assunto — comento, afoita por mais conhecimento —, eu li esses dias na internet um artigo abordando a questão preto x negro x afrodescendente. Como era a forma correta de falar. Confesso que fiquei confusa e sem saber o jeito certo. Desde nova, eu sempre me referi como negro.

— Não há um consenso mesmo. Nos últimos anos, especialmente para a juventude, o termo preto foi ressignificado por acreditarem que nos representa melhor. — André ajeita o espelho retrovisor interno para ver bem Joel no banco traseiro. — Há uma corrente que acredita que a origem da palavra negro vem de “nigro”, que seria inimigo. Porém, alguns historiadores creem que seja do latim “nigrum”, para escuro. Com relação ao afrodescendente, uns apoiam como forma global de comunicação, outros entendem como simples eufemismo ou moda e há ainda os que são contra, pois enxergam a questão como fuga da estigmatização negro/preto, que acreditam que deva ser mantido e valorizado.

— Eu estava reparando que os livros que eu comprei todos utilizam negro.

— A literatura se baseia em sua maioria neste termo mesmo, Gabi, por enquanto. O Movimento Negro, por décadas, ensinou para as pessoas — André aponta para o seu peito —, e eu sou uma delas, a se declararem negras com orgulho. Para quem é mais velho, a máxima “negro é raça, preto é cor” é lei.

— No inglês, preto é black, né? — Joel comenta, curioso. — Em um dos livros que eu li, dizia que nos Estados Unidos se usa só esse termo.

— É verdade! Falar “nigger” nos Estados Unidos é uma ofensa sem tamanho. — Coço a cabeça, tão intrigada com as informações que quero me aprofundar assim que puder. — A questão é realmente complexa. Eu, André, fico mais preocupado com o contexto que a palavra é dita, independente de qual seja.

Seguimos discutindo o assunto até meu namorado parar em um posto e garantir a gasolina para o trabalho amanhã. Enquanto ele abastece, desço com Joel para comprar uma garrafa de água na conveniência.

— Eu posso ir ao banheiro? Estou apertado.

Olho para o André sendo atendido pelo frentista, para a fila de pessoas aguardando o caixa e a placa do banheiro, que fica bem na ponta do posto. Um vento bate no meu rosto e a minha espinha gela de repente.

Credo, que sensação...

— Eu vou rapidinho, prometo! — Sua voz suplicante me tira do devaneio. — Já sou mocinho, mãe.

Mãe. Essa palavra ainda vai me desmontar muitas e muitas vezes.

— Vai rapidinho, *tá*, amor?! — Bagunço um pouco seu cabelo. — Volta direto para o carro, se eu ainda estiver pagando a água.

— *Tá* bom. Traz uma balinha *pra* mim.

Sorrio e sigo na direção da porta da conveniência. Depois de quase cinco minutos, finalmente, consigo sair com as compras.

— Cadê o Joel? — Meu coração acelera e fica apertado ao perceber que ele não está no banco traseiro.

André larga o celular que estava olhando enquanto me esperava e lança um olhar desesperado na minha direção.

— Eu pensei que ele estava com você, amor.

Minha boca seca imediatamente, tremores começam a surgir impiedosos pelo meu corpo.

Meu Deus, meu filho! Não. Não. Não. Não. Não.

Jogo tudo que eu comprei no chão e saio correndo na direção do banheiro. Percebo que André vem atrás pelo barulho alto do seu sapato no chão.

— Joel! — grito, aflita, entrando no espaço sem me importar nenhum pouco por ser mulher. — Meu amor, cadê você? Filho? Filho? Filho?

A cada tom que minha voz aumenta sem vê-lo, um pedaço de mim vai se destruindo. Queima. Lateja. Rasga.

Eu não... eu não vou conseguir sobreviver a isso.

CAPÍTULO 38

André



Filho... Filho... Filho...

A cada grito que Gabi dá procurando por Joel parece que estou recebendo uma facada certa no peito. Seu desespero é dilacerante e traz à tona um passado que não consigo jamais esquecer.

Paro no meio do banheiro, as pernas travadas pelas cenas que dominam minha mente. Inesperadamente, eu tenho sete anos de novo e estou na praça clamando aos meus pais que voltem, misturando voz e lágrimas em uma súplica que não é atendida.

E se meu garoto também não voltar? E se aconteceu alguma coisa muito grave com ele?

Começo sentir meu coração acelerar e o ar não chegar aos pulmões. Preocupado que tenha uma crise, justo na hora que Gabriele mais precisa de mim, dou uma respirada bem fundo e obrigo meus pés saírem do lugar.

Agora não, André. Por favor, agora não!

Quando abro a boca para pedir a ela que se acalme, que vamos encontrá-lo do lado de fora — preciso acreditar nisso desesperadamente —, o celular vibra no bolso da minha calça. O tremor é sutil, mas me traz uma sensação tão ruim, que reverbera pela minha pele de forma instantânea.

— Alô! — atendo, com calafrio, o número desconhecido que toca na tela.

Gabi, como se sentisse o mesmo que eu, corre até onde estou, aflita. Coloco o telefone no viva-voz para que possa escutar.

— Não vou desperdiçar meu tempo falando mais do que o necessário com você, seu macaco! — Embora eu não conheça sua voz, tenho certeza de que se trata do Vicente. Aquele *filho da puta* sequestrou o Joel. — Você tem até amanhã ao meio-dia para me trazer R\$300 mil no endereço que vou te mandar por mensagem. Nem sonhe em acionar a polícia, eu vou saber. Se fizer gracinha, nunca mais verá o moleque.

Escutamos murmúrios e barulho de alguém se mexendo, como se Joel estivesse amordaçado e amarrado.

— O que você fez com meu filho? — Gabi grita, com ódio e tristeza juntos. — Não ouse tocar em um fio de cabelo dele, seu monstro desgraçado!

— Cala a boca, sua piranha! — Vicente grita de volta e faz meu sangue ebulir. — Você é uma vergonha.

— Joel está bem? Você o machucou? — brado e fecho o punho com força, louco para dar um soco no meio da cara desse idiota.

— Amanhã, meio-dia, R\$300 mil, sem polícia, ou já era Joel *pro* macaco e a piranha. Venha sozinho!

Tu, tu, tu. O *filho da puta* não diz mais nada, não responde as nossas perguntas agoniadas.

— Nós vamos resgatá-lo, meu amor! — Puxo seu corpo para o meu, sufocando seus soluços no meu peito. O abraço é um alento a nós dois. Meu coração não quer parar, está mais acelerado do que nunca. — Eu juro que vamos.

— É... tu... tudo... cul... culpa... mi... minha. — Gabi chora ainda mais, perdida. — Eu não devia deixar *ele* vir sozinho no banheiro. Isso nunca iria acontecer se...

— Não é sua culpa! — afirmo, categórico. — *Pra* conseguir pegar o Joel hoje, com certeza ele estava nos seguindo há um tempo. Estava esperando o melhor momento *pra* agir.

Será que é desde o assalto? Será que é recente?

Como nunca ligou para o filho, a minha esperança é que ele esteja fazendo isso exclusivamente pelo dinheiro. O assalto na casa da Gabi já foi um indício de que pudesse estar encrencado.

— Como vamos reunir R\$300 mil tão rápido? — Sua voz ainda é vacilante, as lágrimas não cessam. — Eu tenho muito pouco guardado, ele é um bandido frio. E se machucar o Joel só *pra* nos afetar? Meu filho, meu menino... não posso...

— Eu tenho, amor, dinheiro em espécie que guardo desde que entrei na Edutec. — Também possuo investimentos diversos na cidade, mas isso não teria como juntar o valor necessário tão rápido. — Se precisar, gasto até o último centavo *pra* trazer Joel de volta.

Eu queria oferecer à Gabi o investimento para entrarmos juntos no negócio do *food truck*, ficaria muito feliz em poder contribuir para o seu maior sonho. Sorte que esperei um pouco, tive medo de não gostar da minha proposta por sermos um casal recente.

Se eu não tivesse o dinheiro...

— Ah, André! — Ela me aperta forte, quase fundindo nossos corpos. — Muito obrigado por ser tão incrível. Eu prometo, assim que eu puder, vou te pagando de volta.

— Para com isso, eu não quero! — Acaricio sua bochecha, secando um pouco das lágrimas. — Dinheiro não é nada, Gabi. Eu amo o Joel, jamais vou permitir que fique nas mãos daquele desgraçado.

Um sorriso fraco nos seus lábios, seguido de um “eu te amo” sussurrado, traz a força que eu precisava para ficar calmo e tentar resolver

isso da melhor forma.

— Será que é seguro encontrá-lo sem avisar a polícia? — ela pergunta o que estou matutando na minha cabeça. — Tenho medo de desobedecer e ele descontar no meu menino. Tenho medo de não nos resguardar e... acontecer alguma... coisa.

Esse é um sério problema. Não consigo confiar 100% na polícia, talvez eles enrolem com o caso e seja tarde demais. Será que Vicente quer algo a mais do que dinheiro? Será que não entregaria o menino mesmo com o resgate?

A dúvida é insuportável. Também estou morrendo de medo e o pior é que não posso contar para os meus avós nem para o Carter. Eles não aguentariam a pressão dessa realidade tanto emocional, como fisicamente. Será ainda pior envolvê-los.

Mas tem o Ramon! Meu amigo é esperto, tenho certeza de que pode nos ajudar a pensar com clareza.

O futuro do Joel depende de nós.



Já se passaram treze horas.

Nossa mente não para, o coração não desacelera desde que Joel saiu de perto de nós. Ninguém pregou o olho a noite inteira. Ficamos na sala, sentados uma parte do tempo em silêncio e outra discutindo o que poderia acontecer. Ramon veio imediatamente assim que liguei contando o que houve.

Pensamos muito na possibilidade de chamar a polícia, mas a frase “*eu vou saber*” que Vicente disse nos deixou com ainda mais medo. Ramon

pontuou que pode não ser blefe, ele pode muito bem ter contatos lá dentro.

Resgatar Joel em segurança é nossa prioridade número um, não podemos vacilar. Depois que estiver conosco novamente, a luta será com a justiça no que tange a guarda temporária. Gabi chorou por quase duas horas seguidas — sem pausa — quando se lembrou do que a juíza disse após o assalto na sua antiga casa.

“Se realmente foi o senhor Vicente e ele tentar alguma outra coisa contra o filho, Joel será enviado de volta para o abrigo.”

De volta.

Isso está me atormentando, não consigo imaginar meus dias sem aquele menino. Se para mim é horrível, para minha namorada deve ser torturante. Não temos como ignorar o acontecido e não reportar à polícia e à juíza. Seria ainda mais perigoso para Joel não ter um respaldo na sua proteção.

Balanço a cabeça, tentando não pensar nisso agora. Precisamos de foco e atenção para resolver um problema de cada vez. Olho para Gabi no banco do carona, os olhos perdidos fitando o nada pela janela. Estamos indo para o local combinado com Vicente.

Daqui meia hora tudo pode acontecer.

Falei com o gerente do meu banco e ele conseguiu me atender antes da abertura oficial da agência. Por sorte, tenho uma conta Premium e bom relacionamento com eles. O prazo para solicitar grandes quantias costuma ser bem maior. Não sei se estou aliviado de ter conseguido sacar ou ainda mais aflito por estar diante do desconhecido. Não gostei da área escolhida para fazer a troca. É muito afastada do Centro, tenho medo de que Vicente possa estar armando alguma.

Depositei todas as minhas fichas de que a única coisa que importa para ele é dinheiro. Mas e se tiver algo a mais?

Gabi, Ramon e eu pesquisamos o local pelas imagens de satélite do Google Maps para montar uma estratégia. De tanto que insisti, acabei concordando que ela e meu amigo me acompanhem. Eles vão descer do carro metros antes e ficar escondidos para filmar tudo pelo celular.

O ponto de encontro é perto de um terreno baldio cheio de lixo, também de um prédio abandonado. Olhamos as imagens ontem à noite e hoje de manhã. Não é muito movimentado nesse canto.

Iremos usar as imagens capturadas para denunciar o sequestro à polícia logo em seguida. Juntando com os indícios do assalto, esperamos que seja mais do que suficiente para prendê-lo de uma vez.

Continuo dirigindo em silêncio até chegar ao local que eles precisam descer. Gabi se remexe no banco, desconfortável, ao perceber o carro parar.

— Vai dar tudo certo, *né*, amor? — A pergunta vem baixa, receosa.

— Vai sim, linda! — Não sei se consegui ser tão confiante como gostaria. — Mas não se esqueça do que combinamos. Se tiver mais gente lá e ele fizer alguma gracinha, não saia de onde estiver. Tente ficar naquele ponto do prédio abandonado que vimos pelo Maps, filme tudo que puder. Não saia do lugar por nada, até que eu esteja com Joel voltando em direção ao carro. Quando eu o pegar, vocês dão a volta por aquela área que também avaliamos e me esperem do outro lado do quarteirão. *Tá bom?*

— *Tá... tá bom.*

— Você promete *pra* mim que não fará nada imprudente, nem deixará Gabi fazer, enquanto eu não estiver com Joel, Ramon? — Engulo em seco, fitando seus olhos. — Independente do que acontecer?

— Conta comigo, irmão — ele garante.

Dou um beijo demorado na testa da Gabi e murmuro “vai ficar tudo bem” para ela e para mim. Preciso acreditar nisso. Assim que eles descem e começam a colocar nosso plano em ação, eu viro a esquina e sigo para onde

Vicente está me esperando.

Minhas mãos estão suando no volante, as batidas do coração ecoando na garganta.

Avisto um carro preto parado do lado de uma pilha de lixo e estaciono na frente. Apanho a bolsa com o dinheiro no banco traseiro e abro a porta inspirando e expirando fundo. Tomo o cuidado para demorar um pouco, dando tempo da Gabi e do Ramon chegarem aonde precisam.

— Sabia que viria pontualmente, obedecendo todas as minhas exigências. — Vicente sai do veículo e ironiza, tragando um cigarro. Reconheço seu corpo esguio e a cara fechada das imagens que a polícia conseguiu resgatar no dia do assalto. — Vocês são assim, fracassados, nascidos *pra* servir.

Ignoro seu comentário, não vale a pena retrucar nada que esse maluco fala. Não quando meu menino deve estar naquele carro.

— Onde está Joel? — exijo saber. — Quero vê-lo antes de te dar o dinheiro.

— Ele pensa que manda em alguma coisa aqui! — Vicente vira a cabeça e ri para o homem que está na direção do veículo. — Sabe, depois desse tempo todo, eu ainda me espanto em como vocês se sentem no direito de argumentar. São um monte de macaco *filho da puta* que acham que podem tomar o nosso lugar. Quando vi que a guarda do Joel tinha ficado com aquela loirinha, eu estava radiante que poderia pegar dinheiro fácil dela. Foi começar a sondá-la *pra* te ver entrando e saindo o tempo todo da casa, todo santo dia. Fiquei *puto*, como ela podia expor o menino a gente como você?

Do que ele está falando? É mais doente do que tinha imaginado. Pisco, tentando focar no que realmente importa.

— Onde está o Joel? — pergunto de novo, mais alto, e sou ignorado.

— Destruí a casa da sua namoradinha piranha *pra* punir sua burrice,

pra punir Joel e, para o meu espanto, o macaco salvador quis dar uma de herói. Você precisa dessa afirmação, não é? — Seu sorriso diabólico me deixa com calafrios. — Você precisa tentar ser o herói alguma vez, quer se mostrar útil usando aquela burra e o meu filho. Saiba de uma coisa pela última vez: vocês são lixo, escória da humanidade. Graças a Deus, a oportunidade perfeita *pra* acabar com esse teatro chegou. Estou fazendo um favor de tirar dinheiro limpo das suas mãos encardidas. Você não merece ter essa fortuna, não merece ter nada. Eu nunca — pronuncia devagar, enfático — vou permitir que Joel se misture com gente como você. Nem mesmo sendo tão imprestável, ele merece essa convivência.

O restante da cena parece se desenvolver em câmera lenta diante dos meus olhos. Quando percebo que ele tira uma arma com silenciador da blusa, já é tarde demais. Não tenho tempo de gritar, nem de reagir.

Meu peito queima, dilacera. Parece que uma cascata de sangue jorra para fora de mim.

Solto a bolsa com o dinheiro no chão e percebo minhas pernas fraquejarem, o corpo cedendo à dor que se espalha por todo canto. Caio com tudo, incapaz de permanecer firme.

Meus pais, meus avós, Carter, meus amigos, Gabi, Joel... um a um vai passando na minha mente de forma frenética, em um emaranhado de imagens desconexas.

Escuto barulho de sapato no chão de areia batida e uma risada forte, contente com o estrago feito.

— Cada vez que um de vocês se vai, me sinto mais revigorante! Boa estadia no inferno.

Vicente pega a bolsa de dinheiro e aponta a arma de novo na minha direção. Nesse ângulo, ele me parece ainda mais perturbador, louco. Tento falar, me mexer, no entanto, não consigo fazer nada. A dor é grande demais.

Eu vou morrer. Meu Deus, eu vou morrer.

Ele chega a engatilhar a arma, mas algum barulho desvia sua atenção de mim por um breve segundo.

— Vamos sair logo daqui, Vicente! — Escuto alguém bradar, deve ser o homem na direção do veículo. — Esse macaco já era.

Por um milagre, ele recua e desiste de atirar. Porém, antes de ir, chuta com força minha costela na altura que sangra sem parar. Tudo à minha volta fica escuro.

Sem forças, fecho os olhos mesmo sabendo que pode ser a última vez.

CAPÍTULO 39

Gabriele



Se não fosse Ramon pressionando sua mão contra minha boca neste exato segundo, eu já teria gritado. Teria expulsado o bolo que está tapando minha garganta e me privando de conseguir respirar. Se não fosse Ramon prendendo meu corpo com seus braços, eu já estaria lá embaixo. Independente do que pudesse acontecer comigo, eu estaria lá socando a cara do Vicente com toda minha raiva. Com toda minha dor.

Ele não... Meu Deus! Soluço, tentando jogar ar aos pulmões. Ele não pode ter matado o André. Meu André, meu amor. Ele não pode ter nos enganado e sequer trazido Joel para a troca.

Não consigo entender por que ele atirou. O dinheiro estava todo lá, Vicente nem conferiu. Não era dinheiro o que sempre quis? Não entendo. Não estou entendendo nada!

— Se a gente descer lá agora, ele vai matar nós três — Ramon sussurra no meu ouvido e sei que também está por um fio pela voz trêmula. — Não pare de filmar, temos que prender esse *filho da puta*.

Não dá para ouvir nada aqui de cima do que eles estão falando, mas o ângulo é perfeito para dar zoom e pegar o desgraçado em ação. Meu coração parece que está se desfazendo em um milhão de pedaços ao observar, sem poder fazer nada, meu namorado caído em uma poça de sangue.

Se não bastasse cravar uma bala no seu peito, Vicente se aproxima sorrindo do André e apanha a mochila com o dinheiro. Minha cabeça fica zozna e os olhos embaçados ao perceber que ele vai atirar mais uma vez.

Atônita, faço a única coisa que consigo com o corpo e a boca bloqueadas. Impulsiono a perna para frente e chuto um pedaço de concreto do prédio abandonado, tentando fazer barulho e chamar a atenção dele para outro ponto.

— Não, Gabi! — Ramon me puxa para trás, posso sentir seu coração acelerado nas minhas costas. — André pediu *pra* eu proteger você, não faça isso.

Mais lágrimas escorrem pelo meu rosto. E quem vai protegê-lo? Não posso aceitar esse fim, não posso!

— Vamos sair logo daqui, Vicente! — O grito do homem no carro nos faz parar e ficar ainda mais silenciosos.

Fecho os olhos, implorando para que ele não atire de novo. Se já está desesperador presenciar o estrago de um tiro, mais um com certeza André não vai aguentar. Eu nem sei se ele ainda está respirando.

O som do pneu passando apressado pelo chão de terra batida me faz abrir os olhos. Ramon me solta e corre para a ponta do prédio, observando se podemos descer.

— Chama uma ambulância agora, Gabi!

Mal tenho tempo de raciocinar o seu pedido aflito, ele toma impulso e pula de uma altura de cerca de três metros. Desesperada, apresso o passo até a beirada e consigo vê-lo dando uma cambalhota no chão e se levantando em seguida. Ramon praticamente voa até onde meu namorado está e começa a rasgar a blusa para estancar o sangue.

Senhor, este dia está surreal.

Tremendo, desligo a câmera que ainda estava filmando e ligo para o atendimento de emergência. Minha voz sai entrecortada, tanto pelo choro como pelo esforço de descer correndo pelos escombros do prédio abandonado.

— Muito sangue... pelo amor de Deus... venha logo! — suplico, alcançando a rua e correndo ainda mais rápido para vê-lo de perto.

Assim que alcanço o corpo desacordado e ensopado de vermelho, jogo-me de joelhos no chão e pego as mãos frias do André. Coloco o celular no viva-voz para o médico falar com Ramon.

Eu não tenho condições de raciocinar vendo essa cena. Foi uma providência divina ter trazido Ramon junto. Se... se eu... estivesse sozinha...

— Meu amor, por favor, aguenta firme — imploro ao seu corpo, apertando mais forte a sua mão. — A gente não pode ficar sem você. Eu, sua vó, seu vô, o Joel, o Carter, o Ramon, a Rô, todos os seus amigos... nós precisamos da sua alegria, André. Por favor, por favor, fica aqui!

— Ele ainda está com pulso. Porém, a bala não saiu e André perdeu muito sangue antes que eu conseguisse conter a hemorragia — Ramon explica ao médico, que faz várias perguntas pelo telefone.

— Continue pressionando o local, a ajuda está a três minutos de vocês.

Pulso, bala, sangue...

Três minutos.

180 segundos.

Uma eternidade para esperar.



Olho fixamente para um prego solitário na parede branca. Estou

olhando há tanto tempo que perdi a noção de tudo ao meu redor. Só meu corpo reage com tremores, lágrimas e dor. Uma dor no peito tão forte que é como se meu coração estivesse sendo esmagado por duas mãos revoltadas.

De todos os cenários que eu imaginei para este dia, nada poderia ser mais desolador.

Faz três horas que viemos com André para o hospital e até agora não tivemos nenhuma notícia. Devido à gravidade do trauma, achamos melhor avisar os seus avós antes que eles vissem pela televisão. Resultado: dona Tereza teve um pico de pressão ao chegar aqui e foi hospitalizada.

Tentamos poupar Carter, no entanto, a cobertura da imprensa mencionando que o CEO de uma das maiores empresas de educação do país foi baleado, chegou aos seus ouvidos. Ainda não sei como, se pedi para a enfermeira que trabalha na sua casa não o deixar ver o noticiário de forma alguma.

O coitado teve uma falta de ar grave e precisou ser levado às pressas para os médicos que acompanham seu quadro.

Ramon foi à delegacia entregar as imagens que filmamos e acabou ouvindo um sermão pela nossa imprudência. Sorte que a Rô já tinha acionado a juíza e o Conselho Tutelar para avisar do sequestro e buscar ajuda. A pressão de três lados acelerou o processo. Agora eles estão com uma ordem de prisão contra Vicente e procurando Joel.

Não quero pensar nos desdobramentos do envolvimento da juíza neste momento.

Não posso cogitar no que Joel está passando agora.

Não consigo respirar se imaginar por um segundo sequer que meu amor não irá sobreviver.

— Toma um pouco de água, Gabi. — Dou um pequeno salto na cadeira, assustada com a voz tão próxima. Ramon se senta ao meu lado e me

entrega uma garrafinha aberta. — Desculpa, não queria te assustar. Tenta se acalmar, vai dar tudo certo.

— Estou com tanto... tanto... medo — confesso baixinho, tremendo ao segurar a garrafa.

— Se você não tivesse chutado o bloco do prédio, Vicente teria terminado o serviço. André tem uma chance por sua causa!

— Se você não tivesse ido junto, eu nunca iria conseguir fazer o que você fez — digo, fitando-o. Não sei como depois de tantas, mas novas lágrimas começam a sair desenfreadas. — Eu fiquei paralisada com tanto sangue. Eu nem saberia como ajudar.

— Fizemos nosso melhor, fizemos o que podíamos *pra* salvar André. Agora temos que ter fé, mesmo que tudo pareça o caos. — Meu coração se agita com suas palavras, respiro fundo para tentar me acalmar. — A Rô ficou na delegacia, ela está acompanhando de perto o caso e vai nos manter informados. Passei no quarto da tia Tereza e o tio Jeremias disse que deram um sedativo para ficar calma. Liguei *pra* enfermeira do Carter também e a mulher vai informar se ele piorar. Nos resta esperar e rezar. Nós podemos fazer uma oração juntos, se você quiser.

— Eu adoraria — digo, com dificuldade pela emoção. — Obrigada... por tudo, Ramon.

Eu não esperava que ele fosse meu porto seguro hoje, mas sou muito grata por ter alguém ao meu lado.

Quando tudo começou a dar errado, eu liguei para o meu pai buscando alento de alguma forma. A única coisa que recebi foi um sintoma muito por Joel. Ele disse que ia tentar liberação do trabalho e viria me encontrar assim que desse.

Já se passaram três horas, e nada.

Meu irmão, que já andava sumido desde que seu José foi em casa

conhecer meu namorado, continua sem dar as caras. Nem uma chamada sequer para saber como estou.

— Eu cheguei a julgar você por um minuto quando André disse que estavam namorando. — Ramon me tira dos devaneios, fazendo-me olhar para ele. — Um pensamento idiota, de que talvez você não merecesse meu amigo. Estava tão errado, posso ver claramente como você o ama, como ama a sua família e faria tudo por ela.

— Eu os amo demais — confirmo, enxugando o rosto. — Como se nada que eu vivi antes fizesse sentido diante do que os dois representam.

— Você não vai perdê-los. — Seu sorriso caloroso faz meu peito esquentar de esperança. — Milagres existem.

Ramon pega minha mão e abaixa a cabeça, iniciando uma oração. Fecho os olhos e repito suas palavras, confiante de que ainda tenho um futuro inteiro pela frente com as duas outras partes de mim.



O médico que atendeu ao caso, assim que chegamos, passa pela porta da recepção e Ramon e eu nos levantamos da cadeira imediatamente. Nem o esperamos chegar até nós, a pressa é tanta por notícias que quase corremos ao seu encontro.

— Como ele está? — pergunto, afoita. — Ele vai sobreviver? Por que demorou tanto?

Ao todo, já foram cerca de cinco horas e meia de espera angustiantes.

— Tivemos que fazer uma cirurgia complexa com transfusão de sangue — o homem franzino explica calmamente. — A bala perfurou o pulmão e se alojou em um local complicado. Demorou para conseguir retirar

o projétil com segurança.

— Meu Deus! — exclamo e me apoio no braço estendido do Ramon para continuar em pé. — E isso é bom? É ruim?

— A bala entrou bem no meio de uma tatuagem que ele tem acima do coração. Foi uma sorte imensa não ter atingido nenhuma artéria crucial. — Tatuagem acima do coração? Será a de âncora que fez com Carter? — Colocamos o paciente em coma induzido e estamos observando.

— O que significa coma induzido? — Ramon pergunta.

— O coma induzido é uma sedação profunda que é feita para ajudar na recuperação. Pode demorar algumas horas ou até alguns dias, dependendo da reação do organismo.

— O estado dele é grave ainda?

— É grave, sim, porém, o quadro está estável no momento. Vamos continuar dando nosso melhor para o senhor André se recuperar totalmente.

Eu ouço a conversa, mas minha mente está elétrica com a frase dita antes.

“A bala entrou bem no meio de uma tatuagem que ele tem acima do coração.”

Será que a imagem da âncora foi um amuleto? Que coincidência atingir logo o pulmão, o órgão que está matando Carter. Apesar de o médico dizer que o estado ainda é grave, sou tomada por uma paz esquisita de que, realmente, ele vai ficar bom.

Não sei explicar. Eu só sinto, como se recebesse uma dose crucial de energia no organismo.

“Milagres existem.”

Eu posso estar recebendo o meu neste momento. Se não for pedir demais, Deus, por favor, me concede mais um para salvar meu filho também.

CAPÍTULO 40

André



— Você vai ficar bem, meu amor. Eu tenho certeza de que vai! Te amo, aguenta firme.

Sua voz suave. Um carinho nos meus dedos.

Quero falar, quero retribuir.

Está ficando muito escur...



— Não chora aqui, Tereza, o *nha minino* vai sentir sua tristeza!

— Tem tanto tubo, Jeremias, já faz três dias. Não vou aguentar perder *ele* também. Não vou aguentar.

Três dias?

O que está acontecendo...



— Está ficando difícil, irmão. — Barulho de choro, nariz fungando.

— Você precisa acordar. Eu que tanto fiquei preocupado com a Gabi no dia do tiro, agora ela está sendo a força de todos nós. Não desgruda do lado dos seus avós, uma fé tão intensa que não sei de onde ela tirou, apesar de tudo. Estamos sentindo sua falta.

Tiro? Não lemb...



— Eu te amo, eu te amo, eu te amo. Não se esquece disso!

Pele, calor.

Ela.

Minha Gabi...



Há uma multidão de gente por todo lado segurando cartazes. As pessoas estão falando alto, não dá para escutar nada do que mamãe diz.

Será que vai ter teatro de novo?

Sorrio, animado, e começo a observar para ver se encontro o palco. Semana passada aconteceu uma festinha aqui na praça e teve apresentação de fantoches. Foi muito legal! Ganhei até uma maçã do amor da barraquinha do senhor Zé Milico. Eu queria ficar até acabar, só que mamãe disse que é perigoso. Parece que alguns adultos bebem muito e podem arrumar briga.

Papai me pega no colo pela cintura e me coloca sentado em um banco. Fica parado ao meu lado, abraçando a mamãe. Os dois olham a

multidão e eu continuo tentando encontrar onde está o palco.

— Fernando organizou tudo perfeitamente, mais uma vez, e em pouquíssimo tempo.

— O movimento está crescendo, meu amor!

“Justiça para João Pedro;”

“Preto unido, preto vivo!”

“Ele era apenas uma criança.”

Olho para os cartazes nas mãos das pessoas e não consigo entender. Abro a boca para perguntar ao papai que tipo de teatro é este, mas de repente, tudo acontece muito rápido.

As pessoas começam a empurrar as outras e o falatório se transforma em gritaria. Alguém bate no meu braço e sem querer eu solto o balão que estava segurando. Olho para cima com os olhos marejados, acompanhando o amarelo se perder no céu escuro.

— André! André! Meu filho!

Viro a cabeça para a frente e mamãe já não está mais ao meu lado. Nem ela nem o papai. Tento achá-los e só consigo ver a mão da mamãe para o alto. Ela está gritando meu nome e sendo empurrada para cada vez mais longe.

Os policiais vêm ajudar, eles entraram na praça. Espera! Por que estão brigando com as pessoas segurando os cartazes?

Papai me ensinou que se acontecer alguma coisa eu não devo sair do meu lugar enquanto não for seguro.

— Mamãe! — grito de volta, não conseguindo controlar o choro. — Papai!

Não o encontro em lugar nenhum. A gritaria ao redor aumenta, tem fumaça agora atrapalhando enxergar direito. Escuto barulho de tiro. Desta vez não está longe como costumo ouvir lá de casa.

Está perto, perto demais. Vovô sempre diz que tiro é perigoso. *Papai do céu, me ajuda, por favor!*

Assustado, me levanto no banco para tentar ver melhor. Mal estico meu corpo, alguém acaba me empurrando e, desequilibrado, caio de costas na grama. Sorte que é baixinho, não dói muito. Esfrego a mão na cabeça e noto que o carrinho não está mais comigo.

No mesmo instante que o enxergo, alguns centímetros à frente, uma menina passa correndo e o esmaga em vários pedaços. Choro ainda mais. Estou com medo, muito medo. Meu coração está acelerado no peito, parece que vai saltar para fora.

Sinto um gosto ruim de sangue na minha boca. Passo o dedo e vejo a mancha vermelha na pele. Quero sair correndo para a mamãe dar um beijinho e sarar, mas a voz suave do meu herói continua na minha cabeça, me lembrando que não devo fazer nada enquanto não for seguro.

Quero que ele tenha orgulho de mim, que saiba que eu aprendi direitinho o que me ensinou. Arrasto na grama e me apoio atrás do banco. Não vejo mais as pessoas com cartazes. Encapuzados, tem muitos encapuzados por todo lado. Se não posso ir atrás deles, tenho que ajudá-los a me achar de novo.

— Mamãe! — grito com toda a força dos meus pulmões. — Papai!

Continuo gritando, e secando as lágrimas que não param de descer, até perder a voz.

Até meu coração ficar fraco e não ter mais energia para bater tão rápido.

Pi, pi, pi, pi. Tum, tum.

Pi, pi, pi, pi. Tum, tum, tum, tum.

[illegible]

— Olha o medidor cardíaco dele!

— É uma taquicardia. Chame o doutor, agora!

CAPÍTULO 41

Vicente



Abro a porta do quarto bruscamente e solto a vasilha que está na minha mão. A falta de luminosidade e o cheiro ruim de lugar fechado logo tomam meus sentidos, junto com o barulho do alumínio no chão. Tive que cobrir as janelas do cômodo e do banheiro ao lado com tapume. Mesmo sendo altas e pequenas, vai saber o que esse garoto pode aprontar.

Percebo que o pão que trouxe de manhã continua intacto e o copo de água também nem foi mexido.

— Escuta aqui, Joel, eu *tô me fodendo pra* sua burrice — grito na direção da cama, onde ele se encontra encolhido no canto. O patético se contrai ainda mais, está morrendo de medo de mim. — Não quer comer, não coma. Se você definhar aí, não sentirei nenhum remorso.

Ontem tive que dar uma surra bem dada nele. Talvez não tenha se levantado porque posso ter fraturado uma de suas costelas. Nem me importo, foi merecido! O menino estava chorando e implorando que eu o soltasse, pediu para deixá-lo viver com o macaco e a piranha em paz. Teve a audácia de dizer que eles eram a sua família.

Fraco, fraco, fraco.

Porra, por pouco eu não espanquei esse infeliz até a morte. Que desperdício de DNA. Joel não puxou em nada a mim, nem uma célula do corpo. Todo seu sentimentalismo e babaquice veio da Rosa.

Maldita hora que eu me envolvi com aquela mulher. Já era velho de guerra, *porra*. Fui me encantar com um rabo de saia novo e só me fodi. A

essa altura, eu deveria ter um aliado do meu sangue no grupo, alguém que fosse meu braço direito em tudo. Ao invés disso, tive que esconder quem sou por todo esse tempo para evitar que desse com a língua nos dentes.

Joel sempre ficava receoso perto de mim, não importava o quanto eu tentasse fazê-lo virar um homem de verdade, ele só me decepcionava. Cansado de comer à vontade, mas ter dor de cabeça, dei logo um fim na Rosa. Pensei que o problema era a sua influência na criação do menino.

Minha finada mulher — que o inferno a tenha! — nunca usou nenhum tipo de droga. O seu único e perigoso vício foi se apaixonar por mim. Quando Joel tinha cerca de sete anos, embebedei sua mãe para ficar mais fácil de lidar e entupi o nariz dela de pó misturado com adrenalina.

A substância aumenta os batimentos cardíacos e a frequência respiratória, potencializando os efeitos da cocaína. Dito e feito: menos de duas horas depois ela estava morta no sofá. Joguei a mulher em um beco qualquer e deixei a polícia taxá-la de viciada.

Foi fácil matá-la, porém, continuei com um sério problema dentro de casa. Só não vou dizer que me arrependo de não ter dado cabo no menino antes, porque ele acabou de me render uma quantia generosa de dinheiro que pagou minhas dívidas e ainda me possibilitou investir no grupo.

Bato a porta do quarto e tranco a fechadura com a chave que não sai do meu bolso. Hoje faz sete dias que o peguei assustado no posto de gasolina e o trouxe para cá. Está à mercê das minhas vontades, sem prazo para voltar a ver a luz do dia.

Ainda não sei o que fazer com esse menino. Será que dá tempo de reverter sua fraqueza?

Passo a mão no cabelo e apresso o passo até meu escritório. Este galpão tem sido um refúgio há anos. É antigo, mas bem espaçoso. Fica fora da capital, no entanto, ainda perto o suficiente para agirmos. Está dentro da propriedade rural de um dos nossos membros fundadores, longe dos olhares de qualquer um.

Além do quartinho e do banheiro, tem uma cozinha, área para as reuniões, um espaço para guardar os carros e um cômodo que depositamos os utensílios que precisamos para entrar em ação.

Sento-me na cadeira e puxo o computador para continuar fazendo minhas pesquisas sobre as redondezas do próximo local que iremos atacar. Será uma tarefa das grandes, talvez a maior do ano. Daqui algumas horas, teremos uma reunião geral para fechar todos os detalhes.

Fico concentrado avaliando ruas e rotas até que o barulho do meu celular ecoa pelo silêncio do ambiente. Reviro os olhos ao perceber que é o riquinho mimado.

— O que você quer, *porra*? — brado, sem paciência.

Oliver só conseguiu me encontrar porque alguém do lado dele sabe fazer as pesquisas direito. O rapaz foi atrás de mim no endereço antigo que mantenho na capital e um parceiro meu o viu. Tom fica de olho em quem me procura e avisa, caso seja interessante.

O riquinho nem se intimidou para dizer que queria oferecer dinheiro para eu recuperar meu filho e realizar um favor a ele. Tom sabe reconhecer quem não presta, então, logo soube que Oliver era da nossa laia.

Nós nos encontramos no início da semana passada com uma motivação maravilhosa no meu bolso para fazer tudo dar certo. Mal completaram três dias vigiando a família feliz, e consegui colocar o plano em andamento.

— Ele não morreu! — Bufa, tentando ser intimidante. Coitado! Precisa comer muito angu. — Acabei de ficar sabendo pela mídia que os médicos tiraram a sedação do André por causa de uma aceleração no coração que ele teve no início da tarde. Mesmo tendo um pico de estresse no organismo, o *filho da puta* reagiu bem e está estável agora. *Tá* em tudo quanto é lugar essa merda.

Que sorte do *caralho*. Não devia ter ouvido o Carlos por causa de um barulhinho de pedra caindo. Quando tive a chance, eu devia ter atirado para estourar os miolos daquele desgraçado.

— Você prometeu matá-lo! — Oliver aumenta a voz, fazendo meu semblante se fechar. — Eu te paguei para matá-lo, não para deixar uma ferida de bala no peito.

— Escuta aqui, seu riquinho mimado de uma figa — aviso, bem sério. — Abaixa a *porra* da sua voz *pra* falar comigo, você não faz ideia de quem sou de verdade. O que sou capaz de fazer com quem entra no meu caminho.

Silêncio. Quase posso escutar o som da sua garganta subindo e descendo com dificuldade.

— Estou começando a ficar preocupado. A imprensa não para de cobrir o caso, eu pensei que seria só no primeiro dia, até me aproveitei disso, mas agora faz uma semana de manchetes e manchetes diárias. Acho que é por causa do drama na Edutec, dois *CEOs* morrendo. — O diabo sabe para quem aparece. Oliver abaixa o tom expressivamente. Encosto na cadeira, fingindo que estou interessado na sua aflição. — Com esse novo quadro do André, a pressão para procurar e penalizar o culpado pode aumentar. Se... se você for pego, tudo que eu aguentei até agora terá sido em vão.

— Estou me lixando para os seus dramas pessoais, Oliver! — cuspo as palavras, ajeitando o telefone no ouvido. — O que me importa é saber que não serei preso de novo e que você vai me dar mais R\$50 mil.

— E... eu? Mais... mais dinheiro? Você nem cumpriu o nosso trato.

— Você que sabe. Espalhar quem foi o verdadeiro mandante da tentativa de assassinato é moleza para mim. Não pense que sou burro, tenho minhas provas.

— Seu... seu... — A raiva é palpável mesmo pelo aparelho.

— Eu sei, eu sou *foda*. — Gargalho, levantando-me da cadeira. —

Acho bom o dinheiro estar separado amanhã cedo. Carlos entrará em contato *pra* pegar. Você não vai querer me ter como inimigo, Oliver.

Sorrio ainda mais quando ele bate o telefone na minha cara.

Preferia que o macaco tivesse morrido, porém, por ora me conformo em ter o traste do Joel de volta nas minhas mãos e um riquinho mimado e medroso à disposição para extorquir quando quiser.



Observo com orgulho as dezenas de cabeças que me fitam com atenção enquanto termino de explicar nosso plano de ação para o próximo ataque. *Porra*, não tem o que me faça mais feliz na vida que isso.

Fui criado pelo meu avô, um militar linha dura, e minha vó, uma esposa submissa e do lar como todas deveriam ser. Desde criança, tive uma criação dos verdadeiros valores que precisam nortear um ser humano.

Os dois morreram quando ainda era adolescente, mas eu já tinha aprendido tudo que precisava. Conheci as pessoas certas e encontrei meu propósito, ajudando na criação do grupo há 26 anos. Começamos de forma muito tímida e com poucos membros aqui na capital. Os ataques não eram organizados, agíamos mais no impulso do que com estratégia. Corremos muito risco pelo caminho.

Hoje em dia, não. Quase duas mil pessoas estão engajadas na causa pelo país. Possuímos armas de ponta, disfarces convincentes, respaldo de gente poderosa. Há dezenas de galpões, como o meu, espalhados por aí, com outros líderes cuidando dos seus setores. Para entrar tem que provar que merece, só com indicação. Temos policiais no meio, grandes empresários, políticos, advogados, médicos...

Para não dar bandeira, nunca usamos a mesma equipe para as tarefas.

Geralmente são divididas entre 20 a 100 membros, dependendo da missão.

Acreditamos na supremacia branca e a aniquilação das arestas podres da sociedade. Não toleramos negros, gays, lésbicas e toda aquela *porra* de nome que inventam a cada dia para as aberrações. Não suportamos feministas e os pseudointelectuais com discurso de diversidade.

Nosso trabalho é manchar a imagem deles ainda mais e acabar com um por um. Costumamos agir com maior frequência em protestos, nos infiltrando no meio das manifestações pacíficas para promover vandalismo, queimar carros e jogar bombas caseiras. Incitamos a polícia a agir e a mídia a dar visibilidade. Quando o caos se forma, no meio da bagunça, matamos todos que temos oportunidade.

Além dos protestos, também agimos de madrugada em áreas mais afastadas atacando boates segmentadas para esse público e locais que sabemos que há concentração dos macacos.

Com o apoio dos políticos que já são membros, estamos tentando levar o nosso ideal para mais gente. Eles estão sendo fundamentais para espalhar a mensagem de forma sutil para a grande massa e dar respaldo jurídico com leis que valorizam nossa causa.

Se eu não tivesse sido pego por descuido com tráfico de drogas, estaríamos ainda mais avançados no setor da capital. Foi um vacilo meu, perdemos anos importantes. Sem mim, isso não funciona direito.

— Não é perigoso a gente participar de um protesto daqui cinco dias com você na mira da polícia, por causa daquele preto metido a empresário?

— É, verdade. A mídia está muito em cima. A polícia pode estar cavando a fundo. E se nos descobrirem?

— Eu acho prudente adiarmos, por enquanto.

— Não vamos adiar *porra* nenhuma! — falo alto para calar a boca dos três medrosos. — São quase três décadas de trabalho, até hoje nunca

fomos pegos. Não vai ser agora. Podem ter certeza!

Ninguém diz mais nem um pio. Termino a reunião cerca de meia hora depois com cem membros motivados e prontos para a guerra.

— Posso falar um minuto com você? — Olho sua aparência desgrenhada de cima a baixo. Olheiras profundas, cabelo bagunçado, roupas amassadas.

— Um caminhão passou em cima de você? — brinco, fechando minha pasta e guardando dentro da gaveta na mesa. — Se for *pra* dizer que “é prudente adiarmos” nem perca seu tempo.

— É, sério, *porra*. Preciso falar uma coisa importante.

Observo seu semblante desesperado e, só porque ele está comigo praticamente desde o começo, decido ouvi-lo sem mandá-lo tomar no cu antes.

— Fala logo, *tô* cheio de coisas para resolver ainda.

— Aqui não, tem muita gente perto.

Bufo e puxo seu braço para o canto do galpão, próximo do quarto que Joel está.

— Que merda aconteceu, Tiago?

Ele fica em silêncio, olhando para todos os lados como se tivesse um fantasma à espreita.

— Desembucha, *porra*! — exijo, perdendo a paciência.

— É... — Engole em seco, mexendo na beirada da camisa. — Eu descobri essa semana que o cara que você atirou e estava com seu filho é o novo namorado da minha irmã.

— O quê? — Mexo a cabeça, tentando entender direito. — A piranha chata é sua irmã? Aquela que Joel não para de implorar *pra* ver?

— Meu pai tinha contado que a Gabriele estava namorando um negro e eu soube que tinha ficado com a guarda de um menino de rua, mas nunca me passou pela cabeça que era o seu filho. — Seu rosto está pálido, as mãos não param de mexer de um lado para o outro. — Eu vi a matéria na televisão sobre ele e o velho me disse que era o tal André da Gabi. Cara, eu *tô* com medo de dar merda.

— Para de ser fraco, *caralho*! Medo do quê?

— Do meu pai, Vicente. O homem está fissurado em procurar minha mãe, ele acha que não consegue apoiar Gabriele como ela precisa porque não superou o que a Doralice fez com ele. — Passo a mão no cabelo, atento na conversa. — *Porra*! Ontem eu o peguei chorando porque não tinha conseguido ir ao hospital até agora. Eu queria dar uma pausa do movimento, esperar a poeira baixar. Se os pontos forem ligados, eu *tô* muito ferrado.

— Você não vai dar pausa *porra* nenhuma, é um dos soldados mais leais que eu tenho. Preciso de você! — Coloco a mão no seu ombro, apertando-o com a firmeza necessária para um alerta doloroso. — Além do mais, não esqueça que você tem uma dívida eterna comigo.

— E se meu pai for a fundo nisso de procurar a Doralice ou o Fernando? E se ele descobrir alguma coisa que vai expor a mim, você, o grupo?

— Não tem como seu pai descobrir nada, isso faz 25 anos. Se você esqueceu, sua mãe virou cinzas e o macaco *tá* enterrado debaixo da terra como o insignificante que é. Naquela época, a imprensa não noticiava os crimes nas favelas, não — lembro-o, ajeitando sua postura. — Vá fazer sua barba, pentear esse cabelo e focar na sua missão. Se, na pior das hipóteses, o velho insistir nisso e achar alguma pista, o que acho impossível, o crime prescreveu faz tempo.

Nossos soldados entram no movimento por um motivo, fazem um

juramento. Eu não permito que eles se desviem da causa de forma alguma. É lealdade ou morte.

CAPÍTULO 42

André



Pisco, tentando me concentrar na conversa que Gabi e meus avós têm com o médico. O homem franzino está explicando o que pode ter acontecido comigo durante o coma induzido, mas minha mente só quer pensar na lembrança esquisita do dia da morte dos meus pais. Foi diferente dessa vez, eu vi coisas que nunca tinha visto. Será que eu inventei aquilo? Foi uma ilusão da minha cabeça?

— Como foi possível ele ter uma taquicardia sedado? Não é perigoso?
— vó Tereza questiona, preocupada.

— A taquicardia nada mais é do que a aceleração dos batimentos cardíacos acima de 100 bpm. Pode ser algo corriqueiro, promovido por estresse ou ansiedade, como também pode significar algo mais sério. Estamos fazendo novos exames para averiguar isso. — O médico olha para mim e coloca a mão no meu ombro. — André nos contou que tinha consciência de algumas coisas durante os seis dias que ficou desacordado. Ele ouviu conversas de todos vocês, do Ramon, também teve uma lembrança dos pais que morreram. Essa última, provavelmente, foi a causadora do pico de adrenalina no organismo.

— É normal durante o coma induzido escutar conversas e ter essas reações no corpo? — Gabi pergunta, não deixando de segurar minha mão desde a hora que entrou no quarto.

Só agora foi permitido que os familiares me vissem, embora o episódio da taquicardia tenha acontecido no começo da tarde. Depois de tirar os sedativos, o corpo demora um tempo para voltar ao normal.

— O cérebro é magnífico e ainda uma caixinha de surpresas para nós, médicos. Alguns pacientes permanecem conscientes por períodos, mesmo sedados, outros não se lembram de nada. — Se eu não me engano, senti a Gabi duas vezes, Ramon uma vez e meus avós também uma. — Quanto as reações, elas são comuns, sim, principalmente, movimentos involuntários do corpo e aceleração do coração.

— A lembrança dos meus pais foi... esquisita. — Mexo na boca para juntar saliva. Ela está seca desde que retomei os sentidos. — Minha mente pode ter adicionado novos elementos?

— Como eu disse, o cérebro é muito complexo. Pode ser isso, ou pode ser que você se lembrou realmente de algo novo.

Meu Deus! Será?

Se o que eu vi foi verdade, não estávamos na praça para ver um teatro como imaginei minha vida inteira. Meus pais estavam participando de um protesto.

Alfredo já tinha mencionado comigo que o transtorno de estresse pós-traumático pode bloquear algumas das minhas lembranças. Eu era muito novo também, é difícil o cérebro assimilar todos os detalhes.

— Ele está bem mesmo, doutor? — vó Tereza volta a indagar, mudando de assunto. Não me passa despercebido sua voz alterada, parece nervosa. — Acabou que o senhor tirou *ele* do coma por causa da aceleração, isso não vai trazer problemas?

— Nós já íamos mesmo retirar a sedação, os exames estavam mostrando uma melhora significativa no quadro. — O médico sorri para ela, paciente. — Quando André acordou, conseguimos tirar a ventilação mecânica sem complicações. É um ótimo sinal! A cirurgia de reparação da perfuração no pulmão deu certo, ele está respirando sozinho de novo. Foi muita sorte o projétil não ter causado grandes estragos.

Passo a mão esquerda no coração instintivamente, recordando-me de

o médico dizer que a bala atingiu a tatuagem que eu tenho acima do peito. É a que fiz com Carter, meu amuleto.

Meus olhos se encontram com os da Gabi, marejados, e posso perceber que ela sabe que estou pensando no meu amigo.

— Te amo — ela sussurra e eu sussurro de volta, enquanto o médico continua falando sobre observação pelas próximas horas.

Assim que o efeito da sedação saiu do meu corpo, a primeira coisa que eu perguntei foi do Joel. Os enfermeiros tentaram não me deixar mais agitado, esquivando-se do questionamento, mas no fim fui vencido pelo cansaço e o médico me disse que a polícia ainda está à procura do meu menino.

Fitando as olheiras profundas e a aparência mais magra da minha namorada, meu peito se aperta ao imaginar quanto sofrimento ela tem passado nos últimos dias por mim, por ele, por toda a situação.

— Vou deixá-los com André por mais alguns minutos, no entanto, em breve ele precisará voltar para o repouso.

— *Tá bom, muito obrigado, doutor* — meu vô agradece.

Acompanho com o olhar o médico sair pela porta e, mesmo sabendo que meus avós estão morrendo de saudade, não consigo evitar a pergunta que se forma na minha boca.

— Quem é Fernando? — Observo com atenção as expressões assustadas dos dois.

Dona Tereza mal se mexe, como se estivesse com medo de respirar, e o seu Jeremias passa a mão no cabelo, nervoso.

— Eu sei que vocês sabem de algo que eu ainda não compreendi direito — digo baixo, com calma. — A vida inteira achei que sabiam, mas agora está mais do que claro. As novas lembranças que vieram com o coma...

eu estava... aquele dia era um protesto?!

— Filho, por favor, não é hora de você ficar pensando nisso. — Minha vó se aproxima da cama e fica passando a mão pelo meu rosto, meu braço. Estão trêmulas, suando. — O seu coração vai acelerar de novo, você precisa descansar!

— Vó, por favor, eu só quero a verdade. Quero conversar numa boa. — Afasto-me do toque da Gabi pela primeira vez e pego as mãos dela com as minhas. — A senhora sabia que no dia que meus pais morrerem eles foram participar de um protesto? Eu vi os cartazes, ouvi um diálogo sobre esse Fernando ter organizado a manifestação.

— André, não... — suplica, chorando, e quase desisto de insistir de tanta dor que enxergo nos seus olhos.

— Tereza, temos que contar logo para o *nha minino* — vô Jeremias intervém. — Ele merece saber.

— Não, não, não... — Gabi acaricia as costas dela de forma carinhosa para mostrar que está presente.

Eu amo tanto essa mulher.

— Ele precisa, sim, já passou da hora.

— O que aconteceu, vô? — peço, aflito pela verdade. — Por favor, me conte tudo.

— Seus pais eram ativistas do movimento negro — começa a contar e não consigo conter a emoção que me toma. — Eles faziam parte de um grupo liderado pelo Fernando, que começou em Heliópolis, mas estava atendendo toda a região organizando manifestações, palestras e ações sociais. Quando aconteceu o incidente na praça já fazia cerca de um ano que eram bem participativos na causa.

— João Pedro... eu vi faixas com esse nome — comento a lembrança

nova que apareceu durante o coma.

— Era um garotinho de onze anos. Foi comprar leite no mercado para a mãe e se assustou com a polícia o cercando. Saiu correndo e morreu com um tiro nas costas.

— Meu Deus! — Coloco a mão na boca, chocado.

Apesar de tantos casos, eu nunca vou me acostumar em como os negros são vítimas de assassinato por nada. Só por irem comprar leite.

— Apesar de não ter sido noticiado na época, foram cerca de trinta mortes aquele dia, inclusive, do Fernando.

— O que aconteceu *pra* começar a confusão? — A imagens das pessoas encapuzadas que eu não tinha visto antes também estão me incomodando demais. — Eu lembro que foi bem de repente. Em um minuto estava tudo bem, no outro o caos.

— A polícia declarou que só reagiu porque começaram com vandalismo, jogaram bomba caseira e partiram *pra* cima — meu avô conta, com pesar. — Isso nunca tinha acontecido, as manifestações ali na região sempre foram pacíficas.

Alguma coisa dentro de mim não concorda com essa versão. Há algo que não se encaixa.

— Eu me lembro da vó Tereza brava com a mamãe quando estávamos nos despedindo *pra* voltar para casa. Vocês não os apoiavam serem ativistas?

Escuto um soluço que corta meu coração. Não estou querendo machucar minha vó, só preciso entender tudo que aconteceu.

— Não é nem questão de apoiar ou não — ele explica, o tom mais triste. — É claro que ficávamos orgulhosos de ter uma filha que se preocupava com o outro, mas também não tínhamos como negar a triste

realidade que vivíamos. Que ainda vivemos depois de 25 anos. Sua vó... — Ele engole em seco, baixa o olhar. — Antes de a gente se conhecer, a Tereza sofreu muito na vida com o racismo. Ela foi mantida em cárcere privado, para trabalhar sem receber nada, por quase dez anos. Era abusada frequentemente, espancada. Conheceu o pior lado de quem nos odeia pela cor da nossa pele. A gente tinha medo da nossa filha se tornar um alvo de racistas e da própria polícia por estar na linha de frente, queríamos protegê-la.

— Vó... — Minhas mãos estão tremendo, minha vista tão embaçada que mal consigo enxergá-la. — Vem aqui, vem aqui...

Desesperado para abraçá-la, mexo na cama e sinto um puxão na pele no acesso do soro. Acho que escapou do lugar, não me importo agora.

— Fica parado, vai se machucar! — ela adverte, mesmo em prantos. Mesmo exposta dessa forma.

— Eu te amo, eu não queria te machucar, me desculpa. — Abraço-a forte, tão forte que não quero me desgrudar. Seu coração está acelerado, como o meu que começa a apitar mais alto no monitor cardíaco. — Eu precisava da verdade, mas entendo de coração porque me escondeu isso, porque sempre quis me afastar de problemas.

— Desde que você foi morar com a gente, eu desenvolvi um pavor ainda maior de tudo isso. Um dos motivos de ter demorado *pra* aceitar a Gabi foi o medo de te expor aos racistas. — Minha vó olha para trás e a observa com um sorriso fraco. — Nunca foi a pessoa em si, e sim o que ela poderia trazer junto. Sei que esse pensamento é errado, só que ele me barra o tempo todo.

Ainda não contei a ninguém o que Vicente me disse antes de atirar. Aquele ódio... não era só o dinheiro. O pai biológico do Joel tem nojo de pessoas como eu. Nunca vou permitir que alguém assim fique com uma pessoa tão cheia de luz como meu menino. Não vou descansar até tê-lo em meus braços de novo.

E para sempre. Não sei como fazer para resgatá-lo, como convencer a

juíza depois disso tudo. Só sei que não irei desistir.

— O que me preocupa não é o grito dos maus, é o silêncio dos bons — repito uma das frases célebres de Martin Luther King. — Eu te compreendo e jamais iria te culpar, vó, porém, mais do que nunca, eu sinto uma chama acesa no meu peito. A senhora não faz ideia de como estou orgulhoso dos meus pais. Eles não morreram em vão, por acaso em uma praça. Eles morreram por uma causa nobre. Isso faz toda diferença!

Sinto que não serei mais o mesmo André depois de hoje. No meu peito bate um coração mais forte, mais determinado a fazer a diferença no mundo assim como os meus pais tentaram.

É provável que o racismo não deixe de existir durante o resto da minha vida, dos meus filhos, netos e até tataranetos. Mas esse fato não me exime da responsabilidade de lutar para mudar essa realidade.

CAPÍTULO 43

Gabriele



Olho para André sentado ao meu lado no carro e mal posso acreditar que ele teve alta hoje e está fora de perigo. Entrelaço nossos dedos e encosto minha cabeça no seu ombro, inspirando fundo em agradecimento por um dos meus milagres terem sido atendidos.

Mesmo confiante de que iria se recuperar, foram dias difíceis e esgotantes.

Agora falta ter o meu filho de volta. Meu coração está tão apertado, tão pequenininho, que às vezes tenho a impressão de que não vai conseguir bombear sangue suficiente para me manter em pé.

— Nós vamos encontrá-lo, amor — André afirma, lendo meus pensamentos.

Ele sempre tem esse poder de saber o que estou sentindo sem que eu precise externar em palavras. Balanço a cabeça em concordância e aperto mais firme nossas mãos unidas.

Eu quero continuar tendo fé de que tudo vai terminar bem, mas a cada vez que o sol se põe e mais um dia chega ao fim, meu desespero começa a ganhar a luta contra a esperança. Faz onze dias que o perdemos.

Onze dias sem a alegria do Joel perto de mim e a certeza de que Vicente é um monstro. Tudo que eu mais quero é que seja resgatado com segurança, independente do que pode acontecer com a guarda.

O que está me deixando mais animada é que a Rô tem um contato no

Ministério Público por causa do trabalho no Conselho Tutelar que, por consequência, é muito amiga do delegado responsável pelo caso do Joel. Ela contou sobre nossas suspeitas do Vicente ter fontes dentro da corporação e conseguiu uma equipe de confiança para apurar o sequestro à parte. Com a pressão da mídia, o delegado quer é resolver de uma vez.

A principal linha de investigação dos últimos quatro dias, desde que André acordou do coma, está seguindo pistas sobre o carro usado por Vicente durante a tentativa de homicídio. Ele foi encontrado abandonado após a imprensa noticiar que tínhamos imagens do momento do crime, porém, a polícia acredita que pode descobrir o trajeto que o veículo fez no dia pelas câmeras de segurança da cidade — antes deles imaginarem que foram filmados.

A notícia ruim é que aquela região do ponto de encontro tem pouquíssimas câmeras e carro preto é bem popular, o que aumenta consideravelmente o trabalho de tentar achar por qual caminho seguiram.

— Enquanto você fala com o Lorenzo, eu vou dar um pulinho na farmácia, *tá*, irmão? — Ramon fez questão de vir dirigindo. — Preciso de um red bull urgente.

Nem tenho como agradecê-lo por tudo que vem fazendo por nós. Ramon praticamente viveu no hospital com a gente. Foi um apoio muito importante para os avós do meu namorado e para mim.

— Por que você não vai *pra* casa descansar, cara? Gabi pode me levar no Carter assim que terminar a conversa com o Lorenzo.

— Não! — responde, de prontidão. — Ela *tá* muito abalada ainda, estou aqui por vocês, irmão. *Tô* acostumado com o corre.

Se dependesse do André, agora estaríamos na direção da casa do Carter. Ele está desesperado para se encontrar com o amigo. O seu quadro clínico piorou muito nos últimos dias, teve que ser intubado e nem consegue falar.

Só estamos fazendo essa parada porque Lorenzo disse que descobriu algo muito importante e que precisa nos ver urgente. Assim que chegamos em casa, não passa nem cinco minutos e a portaria avisa que ele está subindo.

— Que bom te ver, André! — afirma, animado, quando meu namorado atende a porta. — Está se sentindo bem?

É uma pergunta simples, no entanto, complexa para quem sabe tudo que esse homem viveu no dia, durante o coma e depois que acordou. Ainda fico emocionada ao me lembrar da conversa que teve com dona Tereza e seu Jeremias sobre a verdade da morte dos pais.

— Estou sim, obrigado. Mais motivado do que nunca — ele responde, abraçando-o. — O que aconteceu *pra* me ligar afoito daquele jeito?

— Não vão acreditar no que eu descobri! — Lorenzo me abraça também e nos direciono para se sentar no sofá. — Enquanto você estava sedado, a Beatriz chegou ao Brasil como prevíamos e ficou hospedada no apartamento que o Oliver está. A única pessoa que aparece lá, fora os dois, é o Benício. Anteontem ele chegou por volta das 22 horas e só saiu de manhã. Detalhe importante: Oliver não voltou para casa.

— Ele ficou sozinho com a ex-mulher do Carter no apartamento? — André parece não acreditar no que ouviu.

— Fiquei chocado também, cara. Eu estava achando estranho ele aparecer lá com Oliver várias vezes, mesmo sabendo que não se desgrudam na empresa. — Meu Deus! Será que Benício é o pai do Oliver? Isso seria possível? — Desde que comecei a monitorar a câmera do prédio, não tinha ido lá nenhuma vez. Só começou quando a Beatriz chegou.

— Quantos anos Benício tem? — pergunto, incapaz de deixar de ligar os pontos.

— Cinquenta e um — meu namorado responde e arqueia a sobrancelha quando percebe a conta que estou fazendo. — Ele... ele... poderia, *né*?

— Oliver tem 25 anos, seria totalmente plausível. — Passo a mão no cabelo, sentindo uma pontada de dor de cabeça. Carter não merece isso. Coitado! — Mas se realmente for verdade nossa suposição, o Benício é um ator *filho da puta*. Passou esses anos todos escondendo uma armação.

— Eu não tenho certeza de que ele é o pai, mas não tenho dúvidas de que há alguma coisa entre Benício e Beatriz — Lorenzo compartilha, apoiando os braços no joelho. — Eu fiquei ontem o dia inteiro com a pulga atrás da orelha e invadi o sistema de RH da Edutec. Adivinha quem tira férias religiosamente em dezembro, justo o mês que a mãe do Oliver não vem ao Brasil?

— Benício — André e eu respondemos juntos.

— Rastreei as compras dele e constatei gastos com passagem de avião para os Estados Unidos nos últimos três anos. Ele também tem negócios lá no nome dele. Não deu tempo de averiguar mais coisas, por enquanto.

— *Porra*, que merda! — Meu namorado se levanta, transtornado, e começa a andar de um lado para o outro.

— Na sua ausência, ele assumiu como CEO e anda pelos corredores como se fosse o dono de tudo lá — Lorenzo conta, bravo. — Oliver e Tarso estão rindo à toa, mesmo com vocês hospitalizados.

— Ainda estou chocada com a frieza de uma pessoa pensar e manter um plano tão macabro por todo esse tempo — comento, me encostando no sofá.

Eu nunca tinha visto de tão perto antes o quanto há maldade no ser humano. Isso me apavora, me preocupa demais. Quantos outros Vicente, Benício, Oliver... existem por aí?

— Carter começou a estruturar a Edutec aos 18 anos, com a herança deixada pelos pais. A primeira escola foi fundada nos Estados Unidos, quando ele tinha 23. — André se senta novamente e pega um pedaço de

papel e um lápis que estavam jogados na mesinha de centro para fazer anotações. Engulo em seco, tentando não pensar agora no fato desses materiais serem do meu filho que não está aqui. — Se não me falha a memória, ele veio para o Brasil com 35 anos, o Benício já teria 21. Quando eu entrei na Edutec, o infeliz era funcionário. Não sei quando e como se conheceram, Carter nunca foi de falar muito sobre sua vida pessoal, nem de seus supostos amigos. É possível... merda... é possível que tenham se conhecido nessa época.

O barulho do telefone interrompe nossa conversa. Prendo a respiração ao perceber que é a enfermeira responsável pelo tratamento do Carter em casa. André pediu que ela o mantivesse atualizado de qualquer mudança no quadro.

— Alô! — ele atende, cauteloso, posso perceber o medo em cada letra pronunciada.

Silêncio. Lorenzo e eu ficamos parados observando o rosto do meu namorado mudar de desesperado com o que descobrimos para triste. Muito triste.

— Não... sim... meu Deus! Tô indo agora. — As frases são curtas, dolorosas.

— O que houve, amor? — indago, mesmo sabendo a resposta.

— Ele piorou ainda mais. — Corta meu coração vê-lo tão destruído. — A enfermeira aconselhou que a gente se despeça antes que não dê mais tempo. Como eu vou contar isso para o meu amigo?

Levanto-me de onde estou e me sento ao seu lado, abraçando-o pela cintura.

Também não sei a resposta para essa pergunta, mas tenho certeza de que a verdade — por mais que doa — é melhor do que acreditar em uma ilusão. Se eu tivesse construído um legado como do Carter, não teria paz se morresse e deixasse tudo nas mãos de bandidos.

CAPÍTULO 44

André



Como? Como? Como?

Toco a campainha da casa do Carter com o coração acelerado. Minha mente tem se questionado várias vezes, desde que Lorenzo contou o que descobriu, como eu vou dizer a verdade para o meu amigo.

Benício e Beatriz próximos demais.

Oliver pode não ser o seu filho.

O mundo parece estar de cabeça para baixo, tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo que me deixa zozinho.

— Boa tarde, senhor André e senhora Gabriele!

— Boa tarde, Janete! — respondemos juntos.

A empregada que meu amigo mantém para os afazeres domésticos da casa há anos tem praticamente morado aqui nos últimos dias para auxiliar a equipe do *home care*. Por sorte, ele tem recursos financeiros suficientes para manter seu tratamento de alta complexidade em casa, como prefere.

— Fiquem à vontade, estão lá no quarto do senhor Carter. — A mulher abre espaço e nos deixa entrar, indicando o corredor. — O senhor Emanuel também está aqui.

Emanuel é o advogado particular do meu amigo. Que eu saiba eles não mantêm laços de amizade além do contato profissional. Por que será que

veio?

Chego ao quarto e a imagem do seu corpo, cheio de fios e aparelhos, me faz dar um passo para trás. Caramba! Durante o período que fiquei internado, Carter parece ter se transformado em outra pessoa. Uma versão muito mais magra e pálida. Não estava preparado para uma cena tão agonizante. Gabi passa a mão nas minhas costas e para ao meu lado, incentivando-me a entrar de novo.

— Vem, estou com você! — ela sussurra.

Meus olhos varrem todo o quarto. A janela está aberta pela metade para deixar a luminosidade natural invadir o ambiente e Honey permanece deitada ao lado da cama hospitalar como se vigiasse seu dono. A enfermeira responsável e o advogado estão parados ao lado do meu amigo e há duas outras mulheres no fundo com uniforme de enfermagem.

— Co... — Inspiro fundo, tomando fôlego. — Como ele está?

— Os níveis de oxigênio no sangue ficaram muito baixos, causando falta de ar e insuficiência cardíaca — a enfermeira explica e eu me aproximo, pegando a mão do meu amigo. Seus olhos procuram os meus e posso sentir pela intensidade que me encara como está feliz por eu estar bem. — Agora Carter está consciente *pra* vê-los. Esse quadro e a caneta vão ajudar na comunicação.

A enfermeira deixa os itens na mão do Carter e se retira com as outras duas técnicas. Acho que já estão se comunicando assim nos últimos dias.

— Eu vou sair também *pra* conversarem um pouco a sós, daqui a pouco eu volto — o advogado avisa.

Aceno com a cabeça, mas à medida que o silêncio vai tomando conta do quarto sinto-me claustrofóbico. Como se fosse eu com falta de ar.

— Se você quiser, eu posso sair também, amor.

— Não, Gabi! — Pego seu braço com a mão livre e viro o rosto na sua direção.

A dor no meu semblante é suficiente para ela não dizer mais nada e apenas ficar ali parada ao meu lado.

Como? Como? Como?

Não sei ao certo quanto tempo passa na quietude. Encaro meu amigo, e ele me encara de volta como se soubesse que estou em um dilema. Percebo o mexer no quadro que a enfermeira deixou na sua mão e escrever algo. Troco o peso de uma perna para outra, ansioso, e fico aguardando Carter me mostrar.

Verdade sempre.

Meus olhos se enchem de lágrimas assim que assimilam as duas palavras. Abaixo a cabeça por um segundo, tentando acalmar a emoção e criar coragem.

— Eu preciso falar uma coisa que irá te machucar muito — começo a dizer com a voz baixa, rouca pela garganta tampada.

Com medo de desistir no meio do caminho, aperto mais firme sua mão e falo tudo de uma vez. Conto o que tenho passado na Edutec desde que assumi como *CEO*, o que Lorenzo escutou no terraço, nossa investigação pessoal e, por fim, a descoberta de ontem sobre Benício não sair do apartamento que Beatriz está.

Meu peito se contrai quase à exaustão quando percebo uma lágrima solitária escorrer no rosto do meu amigo assim que digo a última frase e fico em silêncio de novo.

Nunca tinha visto Carter chorar antes, nem mesmo ao assumir que tinha câncer.

— Eu ainda não sei o que isso significa — confesso, também

deixando lágrimas molharem meu rosto. — Não sei se Oliver é seu filho ou não, qual a real ligação do Benício com Beatriz... mas eu precisava te contar. Me desculpa por isso, daria tudo *pra* não te fazer sofrer ainda mais.

Novamente observo seus dedos escrevendo devagar no quadro e fico aguardando.

Obrigado pela verdade.

Devia ter ouvido intuição.

Desconfiei do Oliver, mas meu coração solitário queria pertencer a alguém desesperadamente.

Eu tive meus avós para me dar amor quando meus pais se foram. Carter não teve ninguém. Com 18 anos, aprendeu na marra a se virar sozinho. Eu entendo, entendo totalmente seu lado.

— Ah, meu amigo! — Agacho-me perto da cama e abraço seu corpo magro mesmo de mal jeito. — Você tem uma grande parte do meu coração. Pode parecer bobagem ou coincidência, mas eu acredito no destino. Nossa tatuagem me salvou e sempre vai ser um elo físico que nos ligará independente do que aconteça.

Noto uma mão fria alcançar meu cabelo e, lentamente, fazer um carinho nos fios grossos. Apoio a cabeça na cama e fecho os olhos, permitindo-me sentir.

Sentir nossa amizade.

Sentir a energia boa que nos rodeia.

Sentir saudade.



Depois de uma despedida intensa, Carter escreveu pedindo para eu chamar o advogado. Agora estou ouvindo o que ele diz, quase boquiaberto.

— Parte da herança *pra* mim, a Gabi e o Joel? — confirmo o que acabou de falar, sem acreditar. — Não, eu não quero o dinheiro do Carter. Não é isso que me importa.

— Eu também não posso aceitar, meu Deus! Não posso... — Gabi completa, nervosa.

Meu amigo volta a escrever e vira o quadro para nós dois.

Por favor, estou pedindo que aceitem!

André amigo verdadeiro.

Gabi sonho.

Joel futuro.

— Carter, mas é muito dinheiro! — Minha namorada passa a mão no cabelo, incomodada. — Você nem me conhece direito, não é certo isso.

Nós o aguardamos apagar o texto anterior e escrever outro mais rápido, desta vez.

Conheço suficiente.

Você é boa.

Aceite! Quero ver seu food truck funcionando de onde estiver.

Se eu já era fã do Carter, neste momento, ele ganhou toda minha admiração. Não tenho palavras para explicar o que estou sentindo com seu gesto.

— Meu Deus... Nem sei o que dizer. — Gabi pega a mão dele e oferece um sorriso emocionado. — Obrigada.

— Obrigado, meu amigo! Obrigado, de coração.

— André, além disso, Carter pediu pra fazer uma cláusula que proíbe

que você seja demitido e que te deixa como CEO até Oliver completar 30 anos e ser mais maduro para assumir a empresa — Emanuel avisa, me entregando um papel.

Mudança de planos! Conte a ele.

Leio o que Carter escreve e repito ao advogado tudo que contei sobre Oliver. Mal termino de falar, meu amigo já tem um novo quadro apontado para nós.

Exija DNA.

Se não fizer, ele perde direito a tudo e Beatriz também, porque não fomos casados.

Coloca Edutec para André.

— Como assim, Edutec *pra* mim? — Pisco, atônito. — Toda Edutec *pra* mim?

A única resposta que vem no quadro volta a me deixar com os olhos marejados.

Não conheço ninguém melhor para administrar meu legado.

— Vou providenciar tudo agora mesmo para mudar o testamento e requisitar o exame de DNA. A parte legal...

O advogado continua explicando o que vai fazer, mas não presto mais atenção. Meus olhos são fisgados pelo movimento sutil dos lábios do meu amigo, mesmo com todos os aparelhos médicos tentando atrapalhar.

É um sorriso. Carter está sorrindo para mim.

Uma energia revigorante invade minhas veias e se expande por todo corpo. Apesar de tudo, sei que agora ele está em paz.

CAPÍTULO 45

Benício



“Dê ao homem um peixe e ele se alimentará por um dia. Ensine o homem a pescar e ele se alimentará por toda a vida.” Leio a frase do quadro, pendurado em destaque no meu escritório, com um sorriso nos lábios.

Quando eu era pequeno, meu pai adorava me levar para pescar. Sempre que tinha folga do trabalho pesado na fazenda, íamos em uma lagoa nas redondezas do terreno e passávamos horas em busca dos maiores peixes.

Todas às vezes era o mesmo ritual: ele repetia este provérbio chinês para mim, ensinava a escolher as melhores iscas, definia o lugar mais apropriado e me fazia esperar.

As pessoas se surpreenderiam se soubessem como a pescaria pode ser uma aula e tanto para a vida.

Eu cresci e não consegui mais me ver morando no interior, porém, jamais esqueci os ensinamentos do meu finado pai: paciência e planejamento se tornaram meu lema. Desenvolvi uma importante habilidade de vislumbrar onde encontrar os peixes mais valiosos e ter toda calma do mundo para fisgá-los.

Carter Brown é o maior que cruzou o meu caminho até hoje e estou prestes a, finalmente, puxá-lo para a superfície e devorá-lo no jantar.

Quando o conheci, fazia só três anos que ele tinha se mudado dos Estados Unidos para o Brasil, tentando espaço para implantar suas escolas. Eu havia saído da faculdade de Administração há pouco tempo e consegui um emprego na Edutec bem no período que começava a crescer

exponencialmente. Ambiente perfeito! Foi a primeira coisa que pensei ao perceber que tinha tirado a sorte grande. Se eu investisse tempo e paciência no velho sonhador, poderia ser dono de um império gigante em alguns anos.

Para ser exato, foram 27 anos.

Não me arrependo de nenhum momento deles. De uma sede e duas filiais, passamos a maior referência para o ensino de tecnologia no Brasil. Com sua influência e carisma, Carter construiu uma empresa milionária para mim. Fez o trabalho duro, enquanto eu ganhava o meu dinheiro e aguardava a hora certa de puxar a vara.

Levanto-me da cadeira e vou até o frigobar da sala pegar um vinho para comemorar. Apanho a garrafa de Cabernet Sauvignon, que comprei especialmente para celebrar minha vitória, e viro o líquido com delicadeza na taça, tomando um minuto para apreciar o cheiro bom da safra de 2002 antes de degustar.

Acho que desta semana o velho não passa e toda a sua herança será dividida entre Oliver e Beatriz. Meu filho e minha mulher.

Conheci Beatriz aos oito anos, quando meus pais foram trabalhar na fazenda dos pais dela. Ela era uma garotinha linda de seis, que eu sabia que tinha sido moldada para mim. O tempo passou e nos envolvemos a adolescência inteira. Eu odiava o campo e não via a hora de me mudar para a capital, minha garota também não suportava pensar na hipótese de herdar o legado caipira da sua família.

Era um negócio pequeno demais para a nossa grandeza.

Por ela ser menor de idade, eu vim primeiro e preparei nosso terreno para recebê-la assim que completasse 18. Eu consegui fazer faculdade e Beatriz arrumou um trabalho como modelo que nos ajudou a pagar as contas até a grande virada.

Na época que eu conheci Carter, ele estava radiante de alegria porque havia conhecido uma mulher que considerava ser o grande amor da sua vida.

O homem vivia suspirando pelos cantos pela pobretona que tinha vindo do Nordeste tentar a sorte na capital. Eu já estava planejando como atrair-lo para o meu anzol quando o próprio Carter criou sua isca perfeita.

O idiota me confessou que seu maior sonho era ter uma família de novo, que achava que um filho iria aplacar o vazio que os pais tinham deixado nele. *Porra!* Eu quase soltei fogos naquele dia, era o plano perfeito.

Contei para Beatriz minha ideia e ela nem pensou duas vezes em aceitar. Nos damos tão bem por isso, nossa ambição de crescer é muito maior do que qualquer pudor. Meu primeiro trabalho foi afastar a pobretona do Carter e lhe causar uma desilusão tão grande que o deixaria vulnerável para o nosso objetivo.

Esse passo foi mais fácil do que tirar doce da boca de criança. A mulher era tão simples que, bastou eu descobrir os dados e umas fotos da sua família no Piauí, para ela se desesperar com a ameaça de prejudicá-los se não fizesse exatamente o que eu mandasse. Não demorou nem dois dias para a medrosa estar em um ônibus de volta para o buraco que saiu.

Bebo mais um gole do saboroso vinho e sigo caminhando até a janela, onde os raios de sol da tarde já estão se preparando para trazer a escuridão. Se meu pai estivesse vivo, talvez não ficasse orgulhoso do meu plano, mas com certeza teria que admitir que sou o melhor pescador que já conheceu.

Quando Carter percebeu que seu amor tinha sumido sem dar explicações, eu o convenci que não valia a pena correr atrás de quem não dava valor na pessoa maravilhosa que ele era. Começamos a sair todas as noites juntos após o expediente para beber e fumar.

Se não fosse por minha influência — que, aliás, odeio fumar —, o CEO da Edutec provavelmente nunca teria colocado um cigarro na boca. Afinal, o vício veio após sua desilusão e minha sutil influência, no auge dos seus 38 anos.

Em uma dessas noites de farra, uma modelo bonita e simpática planejadamente entrou em jogo para aliviar um pouco do sofrimento do velho

que estava se tornando cada vez mais fechado e na dele.

Beatriz foi se infiltrando na vida do Carter aos poucos, sem nenhum tipo de pressão para não o assustar, durante meses. Eles saíam, ficavam e depois cada um seguia o seu caminho. Instruí minha mulher sempre deixar bem claro que a carreira de modelo era muito importante para ela, que amava esse trabalho.

Com esse discurso em mente e uma noite empolgante sem camisinha, não foi difícil fazer o velho cair na nossa armadilha. Eu sabia que ele não ia aceitar fácil qualquer desculpa, então, planejei tudo nos mínimos detalhes.

Geralmente os dois jantavam e iam para motéis, mas no dia da cartada final, Beatriz o convidou para comer na sua casa — que no caso era nossa, sem ele sonhar com isso — a fim de demonstrar que estava ficando interessada mais do que apenas para sexo.

Ela tirou a camisinha da carteira dele sem que percebesse e depois do jantar, quando o clima começou a esquentar, o próprio Carter não resistiu a deixar rolar *puto* por ter esquecido a proteção. Como havíamos combinado, Beatriz fez um pequeno drama afirmando que não podia nem sonhar em ficar grávida, que aquilo iria acabar com a carreira dela.

“Vou deixar colocar só a cabecinha, depois você tira!”

Gargalho na sala vazia, ouvindo o eco ressoar no meu ouvido. Isso que dá um velho babão se envolver com uma novinha gostosa. Fica burro, não raciocina direito. Nunca, em hipótese alguma, essa ideia de colocar só a cabecinha funciona para nós. Eles se deixaram levar e, mesmo que no ápice Carter tenha gozado fora, já tínhamos um cenário plausível para uma gravidez indesejada. O resto do trabalho meu esperma fez com prazer.

Ao descobrir que aquela noite tinha gerado uma criança, Beatriz começou um teatro impecável e dramático afirmando que iria abortar o bebê pensando na sua carreira. Eu tinha certeza de que isso faria Carter se tornar o pai do ano, o homem mais compreensivo do mundo.

E assim foi. Ele ficou tão preocupado em fazer minha mulher mudar de ideia, que jamais cogitou que tinha sido enganado. Para o deixar ainda mais envolvido com a criança pequena, nós provocamos um parto prematuro para Beatriz ter uma falsa depressão pós-parto e ganhar de vez sua pena.

O resto da história são 25 anos de uma mesada generosa para a modelo que desistiu dos seus sonhos e uma pensão ainda mais gorda para o filho que nunca conseguiu criar um vínculo verdadeiro.

O barulho do meu celular quebra o silêncio gostoso das lembranças. Volto para a mesa e apresso-me para atender ao perceber que a ligação é de uma das aliadas mais antigas.

— Oi, Janete! Novidades?

A empregada do Carter não caiu de paraquedas na vida dele. Quem indicou e teve uma espiã dentro da sua casa esses anos todos foi eu.

— Senhor Benício, tive que esperar todo mundo ir embora *pra* conseguir falar sem levantar suspeitas. — Sua voz está mais agitada do que o normal. — O advogado esteve aqui e ficou um tempão no quarto do Carter com o André e a Gabriele. Comecei a estranhar a demora e inventei que ia levar um café para eles. Antes de bater na porta, escutei o neguinho quase gritar de tão assustado falando algo como “toda Edutec para mim” e depois o advogado disse que iria refazer o testamento.

— Como assim, refazer o testamento? — Meu sangue ferve, jogo a taça de qualquer jeito na mesa e o resto do vinho respinga na minha camisa clara.

A essa altura, depois de tudo, não é possível que esteja acontecendo uma mudança justo agora que estou tão perto. Ainda mais uma mudança que favoreça o metido a inteligente do André.

Nunca gostei da liberdade que Carter deu para ele na empresa. Preto não pode subir no salto que se sente o rei do pedaço. Não aqui, não no meu território!

— Não deu para escutar direito, tem muita gente na casa e fiquei com medo de chamar at...

— Benício, você não vai acreditar que *porra* de ligação acabei de receber! — Oliver entra furioso no escritório e bate a porta.

Desligo o telefone sem dizer nada e olho na sua direção. Eu não estou acreditando nisso. Eu me nego a acreditar que depois de um plano de 27 anos, tudo desmorone tão perto da superfície.

— Aquele imbecil do Emanuel ligou para o nosso advogado, dizendo que Carter exige um exame de DNA para validar o testamento. — Fecho os punhos ao lado do corpo, tentando controlar a ebulição efervescente que inunda meu corpo a cada palavra. — Ele disse que é urgente e essencial para a minha parte da herança! Que *caralho* está acontecendo?

— Ele descobriu.

Um, dois, três. Respiro e expiro fundo, mantendo a calma. Quando o peixe escapa do anzol, não adianta ficar nervoso que vai espantá-lo ainda mais.

Preciso pensar. Necessito urgentemente de calma.

— Como ele descobriu? — Oliver grita a plenos pulmões, esparramando os papéis que estavam em cima da minha mesa. — Aquele velho idiota não vai estragar minha vida. Não vai mesmo!

Fito-o descontrolado e fúria cintila dos meus olhos.

A culpa disso tudo é desse mimado. Enquanto conseguimos mantê-lo longe, tudo fluiu muito bem. Foi só o inserir no plano que as coisas saíram do curso dessa forma. Oliver não é nada parecido comigo, se não tivesse feito DNA anos atrás para confirmar que a cabecinha não fecundou esse garoto, eu diria que não é meu.

Imediatista demais, quer tudo para ontem.

Quando fez doze anos, contamos a verdade para ele, porque precisaríamos da sua participação para tudo dar certo, e o menino já queria que Carter morresse para ficar com a herança. Nem ficou abalado com as informações. No quesito ambição, jamais vou reclamar do seu gene.

Como Beatriz e eu sabíamos que as coisas poderiam sair do controle, caso ele viesse ao Brasil, enrolamos o máximo que foi possível.

Aposto que durante sua breve estadia por aqui deu com a língua dos dentes em algum momento chamando atenção para nós.

Ahh... que inferno!

— Eu vou pedir uma licença, dizendo que tive um problema familiar, e acompanharei por meio do Tarso e nossos aliados o que de fato está acontecendo e quanto Carter sabe. Se descobriu de você, é quase certeza de que sabe de mim. Você e sua mãe voltarão para os Estados Unidos imediatamente — conto meu plano, aproximando-me dele. — No momento, o que podemos fazer é adiar esse exame de DNA o máximo que der até Carter morrer. Tem como ele deixar material para ser feito mesmo com sua morte, mas depois nós avaliamos com calma como resolver isso. Manda o advogado dizer ao Emanuel que você precisou averiguar um problema em uma das suas empresas de lá. Era urgente.

— Não, eu não vou sair daqui e deixar tudo para aquele pretinho metido a sabe-tudo! — vocifera, estufando o peito.

— Você vai fazer o que estou mandando, Oliver! — Pego seu braço e aperto com força. — No momento, além da decepção comigo, sua mãe e você, Carter não tem nada legalmente para nos incriminar. Mas você sabe que tem muito mais do que uma herança em jogo. Temos que agir com a cabeça fria, longe dos problemas.

Aquele Vicente é um dos percalços recentes mais alarmantes. Se for encontrado e abrir o bico, nossa vida pode se complicar de uma forma que

não terá como consertar.

Oliver devia ter me ouvido... Inspiro fundo mais uma vez, passando a mão no rosto.

Calma, Benício! Calma!

Eu nunca gostei de agir como Vicente, mas não quer dizer que também não seja um assassino. Meu modus operandi é mais requintado, mais inteligente para evitar ser pego.

Preciso descobrir o mais rápido possível o quanto de informação Carter sabe. Se começarem a cavar fundo demais, podem chegar ao meu plano B para o dono da Edutec criar uma empresa promissora para mim, sem demorar muito para sumir da minha vida.

A experiência de anos em uma fazenda me fez aprender de perto a lidar com a terra. Ao descobrir como Carter ama morangos, achei que seria uma boa ideia dar uma forcinha a mais para o cigarro alcançar meu objetivo.

O consumo contínuo e em excesso de agrotóxicos pode causar câncer, sendo os mais comuns de mama, cerebral e pulmonar. Manipular os morangos que Janete levava para a casa dele toda semana garantiram que o CEO da Edutec esteja à beira da morte.

Um crime praticamente perfeito, pois não é possível notar a existência de resíduos irregulares pela aparência ou sabor dos alimentos. Os médicos jamais iam desconfiar disso com uma ficha de fumante nas mãos.

Não iam até agora... Talvez as coisas saiam muito fora do controle.

Preciso restabelecer o domínio da situação e garantir que meu peixe não fuja do anzol.

CAPÍTULO 46

Gabriele



Encosto na sacada e fico olhando a esmo para o horizonte à minha frente. O silêncio faz as batidas do meu coração parecerem ainda mais altas. Estou com uma angústia diferente hoje, que me recuso a pensar o motivo senão irei surtar.

Um novo dia está chegando ao fim com o mundo caindo aos nossos pés. Não tivemos nenhuma novidade sobre Joel, Carter piorou desde que saímos da sua casa ontem e, para ajudar, Benício e Oliver sumiram.

Lorenzo conseguiu descobrir que duas passagens de avião foram compradas para Beatriz e seu filho, em um voo que saiu esta manhã em direção aos Estados Unidos. Não faço ideia do que estão planejando, mas com certeza, não é coisa boa. Depois de anos enganando Carter, não irão desistir fácil. Devem ter se afastado para atrasar o exame de DNA e pensar nos próximos passos com calma.

Tenho nojo daqueles três, tanto quanto tenho do doente do Vicente.

— Eu queria fechar os olhos e depois abrir sabendo que isso tudo foi um pesadelo! — André me abraça pelas costas e apoia a sua cabeça no meu ombro. — Queria acordar beijando você, rir no café da manhã com Joel e ir para a Edutec com meu amigo para um dia produtivo de trabalho.

— Eu também queria que fosse só um pesadelo, amor — falo baixo, deixando uma lágrima escorrer dos meus olhos.

Queria que a vida voltasse ao normal ao lado deles. Não consigo me concentrar em nada. Se não fosse Gina me socorrer, teria deixado o complexo

de saúde na mão. Coxinha é a última das minhas preocupações.

Ficamos quietos observando tudo, e nada, ao mesmo tempo. A única coisa boa dessa loucura que tem nos arrebatado é que tivemos certeza de que o amor que nasceu entre nós dois é forte e muito verdadeiro.

Há dias que sou a fortaleza do André, e há dias que ele me leva nos braços. Temos enfrentado os desafios juntos e fortalecido nossa união. O que vivi com esse homem em poucos meses, não chega aos pés de mais de dez anos de relacionamento com Sérgio.

Permanecemos abraçados e em silêncio por cerca de vinte minutos até que o som do celular no meu bolso começa a reverberar no ambiente. Pego o aparelho, afoita, qualquer ligação acende o desespero da esperança em mim.

— Oi, Rô! — Coloco o telefone no viva-voz para André também escutar. — Alguma novidade?

— Tem uma pista, Gabi! Tem uma pista! — ela quase grita, de tão eufórica.

— Meu Deus, jura?! — Coloco a mão trêmula na boca, ainda assimilando a notícia.

— Que pista? O que houve? — André sorri para mim e apoia a mão no meu ombro.

— A equipe achou ontem o trajeto do carro, usado no dia da tentativa de homicídio, pelas câmeras de segurança nas ruas. Só não falaram nada porque o veículo saiu da capital e tinham perdido o rastro. — Filho da mãe! Por isso, estava demorando tanto para encontrar uma pista do Vicente. — Eles fizeram uma análise das cidades próximas e buscaram apoio das autoridades locais para ajudar, visto a repercussão nacional do caso. Agora há pouco identificaram que o carro entrou em uma estrada rural de Santo André naquele dia. Também o viram saindo horas depois, quando foi descartado. Essa estrada dá para uma área de plantação de eucaliptos. Analisando as imagens nos outros dias, estranharam a quantidade de carros que entram e

saem de lá. Na época de colheita o proprietário precisa avisar a prefeitura, não devia ter tanto movimento. A polícia daqui conseguiu autorização e foi averiguar o perímetro.

— Será que meu Joel está lá? — Começo a andar em direção à sala, louca para sair correndo daqui. — Será que vão achá-lo?

— Eu não sei, Gabi, mas é a pista mais plausível de todos esses dias.

— Estamos indo para delegacia encontrar você agora mesmo. — André alcança o aparador e pega a chave do carro, já abrindo a porta.

Por favor, Deus, eu imploro para que nos permita encontrar meu filho sã e salvo.

Eu aguento que essa angústia persistente no meu peito seja qualquer coisa, menos algo relacionado a ele.



1 hora e 52 minutos.

Faz exatas 1 hora e 52 minutos que eu ando de um lado para o outro na recepção da delegacia com as mãos suando frio, as unhas roídas e o coração batendo na garganta de tão ansioso.

— Toma essa água, amor. — André para ao meu lado e deixa o copo na minha mão. — Eu sei que é difícil controlar a emoção, mas estou preocupado que você passe mal. Quero que esteja bem quando o nosso garotinho chegar.

Quando chegar... Ele está chegando.

Meu Deus! Pego o copo de água e tento segurá-lo sem tremer demais.

O meu rosto está uma bagunça de lágrimas e sorrisos.

Ainda não sei quase nada do que aconteceu, mas fomos informados pela Rô que Joel estava em um galpão isolado na área averiguada e foi resgatado pela polícia. Estão trazendo meu menino para cá.

A alegria de vê-lo daqui a pouco afasta a raiva por não terem encontrado o traste do Vicente.

Puxo o ar para os pulmões, tentando controlar minha respiração irregular, e assim que levanto o copo para beber o líquido, meu peito explode em um milhão de cores.

É instantâneo, imediato, vivo. Sinto como se estivesse em câmera lenta por fora, e no máximo de velocidade por dentro.

Vejo uma viatura estacionar e o seu cabelo castanho aparecer na porta. Músculos se contraem e expandem em mim freneticamente. Ele vira a cabeça e nossos olhos se encontram.

Reconhecimento.

Meus lábios se abrem ao máximo, estampando meu rosto com a mais genuína felicidade, e os dele correspondem aos meus. Esqueço como respirar, como andar, como falar. Mal consigo enxergar com os soluços que escapam da minha boca e reverberam nos meus olhos.

— Mãe! — Joel grita, desviando dos policiais.

— F.i.l.h.o! — clamo por ele, pronunciando cada letra como se minha vida dependesse disso. — Meu filho! Meu filho!

O copo cai no chão e esparrama gotículas de água na minha calça. O sangue começa a bombear tão rápido que parece prestes a cruzar a linha de chegada da maior competição do mundo.

Corro.

Não penso em nada, nem em ninguém além do garotinho que também começa a correr na minha direção. Estico os braços para frente, sedenta para alcançá-lo logo, e quando, enfim, nos chocamos um com o outro eu descubro que nunca tinha entendido o significado de sublime até este segundo.

Amor, gratidão, euforia... vários sentimentos me tomam por completo, fazendo minha alma e meu corpo se sentirem unidos de novo depois de tanto medo.

Joel voltou. Joel voltou para nós.

Abraço sua cintura e o ergo para cima, esquecendo que somos quase do mesmo tamanho. Rodamos, rimos e choramos, em meio ao êxtase.

Seus braços enlaçam meu pescoço e o aperto firme me faz ter ainda mais certeza de que eu moverei céus e terra para nunca perder esse toque. Não importa quando, como ou o que eu precisarei fazer para tê-lo na minha vida.

— Filho, eu te amo tanto, tanto, tanto. — Coloco-o no chão e pego seu rosto, fazendo-o olhar para mim. — Estou tão feliz que está aqui, que está vivo.

— Saber que viveria este momento me deu forças *pra* aguentar, mãe. — Joel coloca suas mãos sobre as minhas e acaricia os dedos. — Eu também te amo muito!

Beijo seu rosto todo e abraço-o mais forte, empurrando para longe, por um instante, os hematomas e as marcas de sangue que me trazem para a realidade do horror que deve ter passado.

— Meu menino. — A voz embargada do André atrás de mim me faz largá-lo para matar a saudade de outra pessoa que o ama tanto quanto eu.

Entrei em uma nova dimensão quando reconheci seu cabelo castanho saindo da viatura que nem me dei conta do tempo. Pareceu uma eternidade,

embora deva ter se passado poucos segundos desde que corri.

— Pai! — Ele pula no seu colo e meu coração se desmancha de vez. É a primeira vez que diz essa palavra. — Eu fiquei com tanto medo de não ter uma chance de te dizer isso... Você é um verdadeiro pai.

— E você um filho para mim! — Meu namorado o embala nos braços, comovido. — Um filho incrível que merece todo amor e carinho do mundo. Eu te amo, Joel. Meu menino.

Ah, meu Deus! Acho que vou ter um infarto de tanta emoção.

Não sei quem está chorando mais: eu, André ou o Joel.

Minha família é linda. A mais linda de todas!



Eu queria continuar na bolha de felicidade do meu reencontro familiar, mas a realidade ainda é dura. Assim que os policiais nos tiraram da porta da delegacia, porque curiosos começaram a se aglomerar, descobri por que Joel foi trazido direto para cá ao invés de um hospital para tratar seus ferimentos.

Meu filho se tornou testemunha de um homem que é ainda mais abominável do que eu pensava.

— Eu que pedi *pra* vir direto para cá, mãe, as coisas que eu ouvi... — Ele aperta minha mão forte e engole em seco. Seus olhos ficam cheios de lágrimas e aproximo-me para enxugá-las. — Tenho que...

— Delegado, no galpão que encontramos o garoto havia dezenas de carros com placas frias igual ao veículo preto usado na tentativa de homicídio — o policial responsável pela operação de resgate interrompe o que Joel ia

me dizer. — Tinha cadeiras, lousa, um mapa da cidade inteira. Era um QG perfeito *pra* bolar os ataques.

— Ataques? — Rô faz a pergunta que se formou na minha boca. — O que exatamente vocês encontraram?

O policial troca um olhar com o delegado, que observa com atenção todos os presentes na sua sala.

— Essa ainda é uma informação sigilosa, só vou dizer a vocês, porque a Alessandra confia muito na Roseli e sei do desespero que passaram esses dias — o homem afirma, sério, referindo-se à amiga da Rô que trabalha no Ministério Público e nos ajudou. — Joel contou aos policiais que os resgataram que ouviu, durante todos esses dias, o Vicente receber várias pessoas no galpão para planejar um ataque durante a manifestação que está acontecendo na Avenida Paulista hoje.

— A manifestação “Vidas negras importam”? — André questiona, nervoso.

Pisco, sem entender direito o rumo da conversa. O que está acontecendo?

— Sim, essa mesmo. Já acionamos a Polícia Militar e enviamos agentes para ficar de olho em tudo — o delegado volta a explicar. — Quando encontraram o galpão, não tinha ninguém lá. Joel estava trancado em um quartinho, solitário. Vicente devia achar o lugar muito seguro para deixar sua vítima dessa forma. Foi muita sorte tê-lo achado justo hoje. Pudemos retirá-lo em segurança e ainda evitar uma tragédia. Em tese, seu pessoal está nessa manifestação e queremos pegá-los.

— O que exatamente ele quer fazer durante a manifestação? — O olhar de dor que Joel se dirige a mim faz a angústia que senti o dia inteiro voltar com tudo.

— Delegado, eu gostaria de falar com eles antes do depoimento. — Sua voz é baixa, quase sussurrada. — Eu preciso dizer aos dois primeiro. Por

favor!

Coloco a mão no peito, estranhando a fisgada que vem forte. Seja lá o que for, não é bom.

Para ser sincera, sinto que é devastador.

CAPÍTULO 47

André



Mal pude aproveitar a sensação incrível de ser chamado de pai pelo Joel e já fui arrastado para um mar de lembranças dolorosas. Desde que o delegado disse que Vicente vai atacar a Avenida Paulista, no meio da manifestação “Vidas negras importam”, eu não paro de pensar nos homens encapuzados da minha lembrança no coma.

Caminho com Gabi e Joel até uma sala reservada sentindo meu coração retumbar por todo corpo. A angústia que minha namorada está se queixando desde manhã me domina por inteiro.

O que... O que isso significa, meu Deus?

— Você tem no máximo vinte minutos, tudo bem, Joel? — O policial que nos acompanhou abre a porta e nos permite entrar. — Precisamos colher seu depoimento oficial e a juíza já mandou uma assistente social *pra* te levar de volta ao abrigo.

Apoio a mão nas costas da Gabriele ao notar um soluço escapar dos seus lábios. Sei que para ela é muito mais importante nosso menino ter sido resgatado com segurança, mas isso não significa que não doa ter que se afastar dele por um tempo.

— Tudo bem — o garotinho concorda, cabisbaixo.

Assim que somos deixados a sós, minha namorada volta a abraçá-lo e garante que vai trazê-lo de volta para nós.

— A juíza disse que se Vicente fizesse mais alguma coisa contra

você, teria que voltar para o abrigo. Mas saiba que eu nunca vou desistir de conseguir sua guarda de novo, meu filho. — Ela o beija e seca as lágrimas que descem pelo rosto do menino. — Eu juro!

— Nós já falamos com o advogado e estamos vendo a melhor forma de provar que não tivemos culpa no sequestro para entrar com o pedido de adoção — explico, acariciando seu cabelo.

— Estou triste, claro, mas não me preocupo com isso, porque sei que vão lutar por mim. — Joel se afasta dos braços da Gabi e dá um passo para trás. — O que está me matando agora é saber que Vicente está lá fora machucando pessoas e que os seus segredos também podem machucar muito vocês dois.

— Nos machucar? Como assim?

Nosso menino começa a chorar e andar em círculos, nervoso. Ajudo-o a se sentar e fico do lado dele, apertando firme sua mão.

— Seja o que for, meu filho, nós estamos aqui juntos e vamos enfrentar juntos.

— Sempre juntos! — Gabi se senta do outro lado e pega a sua mão. — Pode nos contar qualquer coisa, Joel.

Ele ainda demora um momento para criar coragem de começar a falar. Quando o faz, sua voz é carregada de dor e emoção.

— Eu acho que vocês merecem a verdade, e quero que saibam por alguém que os ama demais. — O garotinho suspira e aperta mais forte sua mão na minha. Gabi acena, atenta ao que tem a dizer. Percebo pelo seu semblante que está com medo assim como eu. — Durante todos esses dias que estive no galpão, eu fiquei trancado em um quartinho sem contato com ninguém, além do Vicente. Apesar de não dar para ver outras pessoas, eu podia ouvi-las. Algumas vezes de forma picada por estarem longe, outras eu conseguia saber tudo que diziam por ficarem perto do quarto.

— Foi assim que você soube do ataque na manifestação de hoje? — instigo, notando que está ficando inseguro novamente.

— Sim! Às vezes Vicente conversa com um ou outro que aparecia lá ou pelo telefone. Mas o dia que eu ouvi mais foram quando surgiram muitas vozes diferentes. — Joel abaixa a cabeça, afastando nossas mãos para puxar o seu cabelo. — Nesse dia, antes do pessoal chegar, Vicente estava furioso ao telefone... Ele... Ele...

— O que ele falou ao telefone, meu amor? — Gabi se inclina para frente e o abraça pelos ombros.

— Ele estava bravo, com... com... o Oliver.

— Oliver, o filho do Carter? — pergunto, levantando-me de repente da cadeira.

Sou tomado por uma crise de ânsia antes mesmo de ouvir o resto da conversa. Isso só... isso só pode significar uma coisa.

— Eu acho que sim. — Joel me encara com os olhos marejados. — Ele ligou para brigar por alguma coisa, acho que por você não ter morrido, e daí o Vicente ficou muito bravo, xingou *ele* e ainda disse que queria mais R\$50 mil para não dizer quem foi o verdadeiro mandante da tentativa de assassinato.

Filho da puta! O desgraçado tentou me matar para não atrapalhar seus planos na Edutec. Fecho o punho ao lado do corpo, com ainda mais ódio daqueles abutres.

Se chegaram a esse ponto comigo, eu tenho certeza de que sujaram suas mãos antes. Eles não agiram esses anos todos apenas como espectadores de uma mentira que não poderia incriminá-los.

— Meu Deus! — Gabriele coloca a mão na boca, chocada. — Eles são ainda piores. Muito piores!

— O Vicente tem provas, pai! — Joel chama minha atenção. — Ele disse que tinha como provar que foi o Oliver que pagou o crime.

— Agora, mais do que nunca, temos que achar esse verme para colocar Oliver, Benício e Beatriz contra a parede também! — Esfrego o rosto, ainda incrédulo em como são tão baixos. O tempo todo os lobos estavam ao nosso lado. — Eles não agiriam no impulso comigo depois de anos. Esse tipo de prática deve ser comum, não há mais escrúpulo nenhum naquele grupo.

— Nesse mesmo dia, depois que o falatório começou a dispersar, eu ouvi mais uma conversa do Vicente. Sob... sobre... a... Gabi.

Diante da sua palidez e boca trêmula, eu volto a me sentar ao lado do Joel e passo a mão nas suas costas.

— Qual era o assunto? — questiono, tentando manter a calma com as novas informações borbulhando dentro de mim.

Algo me diz que ainda tem mais tempestade vindo.

— Eu sinto muito, mãe. — Joel vira para ela aos prantos. — Sinto muito de verdade. Eu queria que não fosse real, que fosse uma imaginação da minha mente cansada de ser largado naquele quarto.

— Por que você sente muito? — Gabi seca as lágrimas do menino para tentar acalmá-lo, mas seus próprios dedos estão trêmulos.

— Vicente levou um cara para conversar com ele bem perto do quarto, depois da reunião sobre a invasão no protesto. Era... — Prendo a respiração, aflito com toda tensão que está rodeando a sala. — Era... o seu irmão.

— Quem? — Quase não escuto sua voz, está baixa, muito baixa.

Gabriele parece em choque, o corpo trava no lugar.

— Tiago. — Saio da cadeira e me agacho na frente dela. — Eu tenho

certeza de que é ele porque o assunto da conversa foi seu irmão ter descoberto, naquele dia pela TV, que o homem baleado por Vicente era o mesmo que estava namorando você.

— Por.... por qu... por que... ele estava lá? Co... com... como conhe... conhece Vi... Vicente? — Gabi tapa o rosto, balançando-se de um lado para o outro. — Meu Deus, isso não está acontecendo. Não pode estar acontecendo!

— É melhor não contar o resto! — Joel toca meu braço, chorando ainda mais. — Tenho medo... medo dela não aguentar.

Não sei o que fazer. Senhor! Se... se o que tem a dizer é tão chocante, eu não...

— Por favor! Por favor, me conta, meu amor. — Gabi interrompe meus pensamentos, implorando ao nosso menino que fale a verdade. — O que Tiago estava fazendo lá?

Silêncio.

Por um momento, ficamos os três congelados quase sem respirar. Ver o pavor nos olhos do Joel me deixa com a garganta tampada.

Ele está com medo da dor que pode causar. Quero pegá-lo no colo, dizer que vai ficar tudo bem, só que a verdade é que nem eu sei mais se vai ficar tudo bem.

— Eu sinto muito, muito, muito — ele frisa de novo, inspirando bem fundo antes de continuar: — Tiago foi pedir a Vicente para se afastar um pouco do movimento até a poeira baixar. Ele estava com medo do tio José investigar o passado. Seu irmão contou que o pai estava desesperado por não conseguir te apoiar, devido aos traumas que sofreu com Doralice. Ele queria achar a sua mãe, queria resolver isso para ficar numa boa com você e o André.

— Me... meu ir... irmão fazia parte desse grupo de monstros do Vicente? — O soluço da Gabi entra em mim rasgando o peito.

Put a que pariu! Abraço sua cintura e tento ajudá-la a permanecer firme, mas se eu estou em choque, não consigo imaginar o turbilhão dentro dela.

Por isso o homem nunca fez questão de me conhecer. É um racista como Vicente.

— Vicente disse que não ia perder um dos seus soldados mais leais por causa de medo. — A constatação faz Gabriele se desmanchar de vez, o corpo fica mole nos meus braços. Sua decepção reverbera em cada centímetro da sala. — Foi aí que... aí que seu irmão relembrou algo que me fez escorregar pela parede fria do quarto e chorar a noite inteira por você, mãe. Os dois conversaram sobre seu pai não poder procurar por Doralice porque ela... — Nos entreolhamos e percebo que o vendaval vem agora. — Ela está morta.

Ah, não! Isso não.

— Não! Não! Não! — Gabi grita e se agarra a mim como se estivesse se afogando em alto mar. — Não pode... meu Deus! Não!

Trago seu rosto para o meu peito e a aninho no meu calor para tentar amenizar nem que seja 1% do seu sofrimento.

Se eu pudesse, se eu tivesse o poder de fazer passar... Faria neste instante. Porém, como vivi essa dor na pele, sei muito bem que essas cinco letras tem um poder de desmoronar tudo à nossa volta.

Temos que viver o luto, não adianta.

— Nós estamos aqui por você, amor! — sussurro no seu ouvido. — Shhh! Calma. Respira.

Joel e eu a abraçamos forte e ficamos calados até os seus soluços agoniantes se transformarem em uma respiração entrecortada e ombros trêmulos.

— Eles falaram... co... como? — É ela quem quebra a quietude.

— Tem certeza, amor? — pergunto, tocando com delicadeza seu rosto.

Tenho medo de que entre em colapso com tantas informações ao mesmo tempo.

— Verdade, sempre — responde o que Carter me disse ontem.

Aceno com a cabeça, ciente de que também prefiro a verdade.

— Vicente disse que ela virou cinzas e o Fernando foi “enterrado debaixo da terra como o insignificante que é”. — Joel faz aspas com os dedos, repetindo a frase que ouviu.

— Fernando? — Estranho o nome que apareceu durante meu coma.

Havia um Fernando no grupo que meus pais faziam parte, ele tinha organizado o protesto aquele dia.

— O homem que Doralice estava saindo se chamava Fernando. Eles comentaram algo sobre a favela não virar notícia e o crime ter 25 anos.

25 anos.

Assim que assimila a data, meu cérebro rebobina diversas cenas e falas como em um filme na minha cabeça.

Aniversário de sete anos.

Placas, gritos, protesto.

Encapuzados, polícia, caos.

Tiro!

“Eu não gosto de negros... O cara com quem sua mãe fugiu era dessa cor.”

“Apesar de não ter sido noticiado na época, foram cerca de 30 mortes aquele dia, inclusive, do Fernando.”

— Você está pensando o mesmo que eu? — Gabi toca meu ombro, tremendo ainda mais que antes. — Fernando... aquele Fernando?

— Era o grupo de ódio do Vicente. — Meu ouvido zuni e repete o barulho dos tiros em looping. — Esses *filhos da puta* destruíram nossa família.

Falar em voz alta é como estilhaçar um espelho em mim e permitir que milhares de partículas afiadas me rasguem em cada parte do corpo.

T.u.d.o d.ó.i.

Gabi e eu.

Meus pais.

Sua mãe.

Nosso passado se entrelaça da forma mais dolorosa que poderia.

CAPÍTULO 48

Gabriele



Eu não sei qual sentimento é mais forte. Se é a tristeza profunda de descobrir que minha mãe está morta há anos ou se é a decepção borbulhante ao saber que meu irmão está envolvido nesse crime e nas atrocidades cometidas por Vicente.

Tiago pode ter matado os pais do André.

Meu Deus! Coloco a mão na altura do coração e aperto a pele na esperança de conseguir fazê-lo doer menos — uma tarefa impossível diante da intensidade das emoções que me tomam e das perguntas que rondam a minha cabeça.

O que de fato aconteceu? Como? Por quê? E se isso mudar o que André sente?

Sua mente deve estar tão perturbada quanto a minha, o luto da sua perda criando nuances. Ele achou que tinha sido uma confusão sem sentido, depois descobriu que era um protesto com confronto policial e agora sabe que existe um grupo de ódio exterminando negros há décadas.

— Joel, você precisa vir com a gente! — O policial abre a porta e interrompe nosso momento. — Conseguimos prender cinco elementos na manifestação, eles estão sendo trazidos *pra* cá. Queremos saber mais coisas que ouviu para pressioná-los. Graças ao seu alerta, garantimos que ninguém se ferisse.

— Só cinco? — meu filho pergunta, alarmado. — Pelo que ouvi eles conversando, eram cerca de cem infiltrados no protesto. Vocês prenderam

Vicente, pelo menos?

— Não — o policial responde, pesaroso. — Mas estamos fazendo nosso melhor para encontrá-lo.

— Como eram os caras que vocês pegaram? Tinha algum por volta de 40 anos, cabelos castanhos?

— Todos os elementos pegos são jovens, no máximo uns 28 anos.

Merda, merda, merda! Pegaram os membros recentes, os espertos fugiram.

Dou um soco na mesa à minha frente, necessitando colocar para fora de alguma forma a explosão que está prestes a acontecer dentro de mim. Mal consigo controlar a respiração entrecortada, os dedos ardendo pelo contato não chegam nem perto de me fazer esquecer o que queima no meu peito.

Vicente e Tiago. Eles não podem sair impunes, não podem conseguir fugir. Eu não vou permitir que desgracem mais famílias, que tentem importunar meu filho novamente no futuro.

— Que *porra*! — A voz estrondosa do delegado paralisa o movimento do André vindo na minha direção. — Quem vazou para a imprensa? Esses vermes vão encobrir os rastros se souberem que estamos na cola!

— Eu não sei, delegado. Fizemos tudo no sigilo.

Os sons estão vindo da sala ao lado. Entreolho meu namorado e saímos junto com Joel e o outro policial para entender o que está acontecendo.

— Como eles estão noticiando sobre o grupo de ódio, então? Sabem que Joel foi resgatado e tem até vídeo da Gabriele na porta da delegacia com o garoto!

Assim que avisto a figura altiva do delegado, noto também que a televisão está ligada no noticiário da noite. Em destaque na tela, aparece um vídeo filmado por celular do momento que reencontro Joel e o abraço chorando.

“Joel Sales foi resgatado hoje de um galpão abandonado em Santo André. Houve um reencontro emocionante entre ele e Gabriele Santana, namorada do CEO da Edutec, André Ribeiro. O adolescente de 13 anos estava sob a guarda dela antes de ser sequestrado.

Fontes alegam que o local onde foi encontrado era usado para orquestrar diversos ataques de ódio, como a tentativa frustrada pela polícia na Avenida Paulista agora há pouco.

O próprio garoto alertou os policiais dos planos do pai, que segue foragido. Nossa equipe apurou que o grupo está espalhado por várias partes do país e que pode existir há quase três décadas.

Pelo que se sabe até agora, os integrantes são extremistas, homofóbicos e pregam a supremacia branca, assim como os históricos movimentos Ku Klux Klan, neonazistas e skinheads.”

— Temos que sair daqui, eu tenho certeza de que meu irmão voltou pra casa. Ele pode estar armando de fugir antes que seja relacionado aos crimes — sussurro no ouvido do André. — Ainda não há provas contra ele. Joel nem chegou a contar para os policiais o que ouviu, só para nós.

— Será que é seguro irmos sozinhos? — Seu olhar é cheio de preocupação. — E se Tiago estiver armado?

— Se levarmos a polícia, ele pode nunca confessar o que fez com minha mãe, explicar o que houve no dia que seus pais morreram. Ele não vai querer se complicar por algo ocorrido há tantos anos, sem ter nada que prove. Quero pegá-lo de surpresa, de irmão para irmão. Vamos gravar toda conversa — conto meu plano, sedenta por justiça. — Eu não vou deixá-lo ficar impune. Não vou!

— Tudo bem — André concorda e pega minha mão, entrelaçando

nossos dedos. — Independente do que a gente ouvir lá, não vai mudar nada entre nós, tá bom? Somos vítimas aqui, ninguém tem culpa pelo que aconteceu.

— Tá... — Balanço a cabeça, percebendo meus olhos novamente se encherem de lágrimas. — Eu te amo!

— Eu também te amo.

Quando me despeço do Joel, conto a ele o que pretendemos fazer e peço que ainda não fale nada sobre Tiago. Deixo a delegacia com duas promessas: meu menino vai voltar para casa o mais rápido possível e descobriremos como esse maldito grupo começou a agir.



Bato à porta da casa do meu pai com tanta força que tenho a sensação de que posso quebrar a madeira. Meu coração clama por respostas e meu punho formiga querendo punir os responsáveis.

— Já vai! — seu José grita incomodado e se assusta ao perceber que André e eu estamos aqui. — Gabriele? O que houve, minha filha?

— Cadê o Tiago? — devolvo a pergunta, impaciente.

Meu peito sobe e desce, não estou conseguindo controlar a adrenalina que impulsiona meu organismo.

— Ele está no quarto, chegou da rua agora há pouco e foi tomar um banho.

Não espero mais respostas. Pego a mão do André e cruzo o corredor praticamente correndo. Escuto meu pai falando algo atrás de mim, confuso com meu rompante, mas a única coisa que me interessa agora é olhar nos

olhos do meu irmão e descobrir a verdade.

— Ei! O que é isso? — Ele se vira assustado com a porta sendo aberta bruscamente.

Seu cabelo está molhado e a toalha ainda permanece apoiada no seu ombro. Noto uma mochila aberta em cima da cama com roupas jogadas em cima dela.

— Vai para algum lugar, maninho? — ironizo, bufando ao constatar que estava certa.

Ele ia fugir, assim como Vicente e os outros membros devem ter feito.

— O que você está fazendo aqui com... com... esse mac... cara? — Noto a dificuldade que ele tem para não o insultar na minha frente e levantar suspeitas.

— Esse cara é André, meu namorado. A casa também é minha e eu trago quem eu quiser. — Puxo o corpo dele mais perto e entrelaço nossos dedos.

Estou suando frio, algo totalmente contrastante com o fogo que arde dentro de mim.

— Não estou com tempo para discutir com você agora, Gabriele — responde, ríspido. — Me dá licença que tenho mais o que fazer.

— Tipo fugir *pra* encontrar Vicente e seus amiguinhos assassinos?

Palidez. O sangue de Tiago parece fugir do seu rosto. Ele me encara boquiaberto e sem conseguir falar.

— Eu sei de tudo, seu desgraçado! — brado, largando a mão do meu namorado e me aproximando dele. — Como você pôde?

— O que está acontecendo aqui? — Meu pai, que até então estava parado na porta tentando entender nossa interação, intervém. — O que você sabe? Que história é essa de amiguinhos assassinos?

— Vamos ouvir do Tiago! — Viro para o meu irmão, faiscando de raiva. — Vamos ouvir dele como a Doralice e o namorado dela, Fernando, foram mortos, há anos.

Posso ver sua pupila dilatando e o peito subir e descer, assim como o meu. A diferença é que o motivo dele é medo, e o meu é determinação. Não saio daqui sem respostas.

— Nem pense nisso, que eu alcanço você antes de dar um passo! — André avisa, percebendo seu olhar para a mochila.

Deve ter uma arma ali. A arma que usa nas manifestações.

Ando até a cama e não demoro para encontrá-la escondida em um dos bolsos laterais. Pego o objeto pesado com uma de suas camisetas, para não deixar minhas digitais, e aponto na sua direção.

— Meu Deus do céu! — Seu José se espanta, dando um passo para trás. — Por que você tem uma arma, Tiago? Para de apontar isso para o seu irmão, Gabriele!

— Toma cuidado com isso, Gabriele! — Tiago avisa, levantando as mãos para frente. — Está carregada, você pode machucar alguém.

— Machucar igual os inocentes que você mata com essa ideologia idiota de supremacia e homofobia? — grito, aproximando-me dele de novo. — Quando é alguém apontando *pra* você não tem graça, né? Mamãe ficou com medo quando você a matou?

— Eu não a matei! — Ele também perde a paciência e esbraveja. — Ela não devia... não tinha que estar lá... não queria que morresse, só que Doralice descobriu demais.

— Foi Vicente que a matou? — questiono, chegando ainda mais perto com a arma apontada para ele. — Você acha que porque não deu o disparo não é culpado? Saiba que ocultar a morte da própria mãe esses anos todos, nos fazer acreditar que ela fugiu e nunca mais quis saber da família, é a personificação da culpa. Estar em um protesto pacífico no bairro vizinho ao nosso não é bem uma fuga para mim. Ela nunca cogitou nos abandonar, *né?*

Por fora estou me fazendo de durona e de furiosa porque sei que estou prestes a obter sua confissão do que realmente aconteceu. O celular está gravando tudo no meu bolso.

Por dentro, meu coração sangra de dor pela minha mãe, pelos pais do André, por todos os inocentes e por ter me enganado com meu irmão.

— A mãe conheceu aquele preto maldito na igreja, quando ele estava organizando um projeto social com as crianças no salão da paróquia. De repente, ficaram inseparáveis e começaram a fazer tudo juntos — Tiago esbraveja, com total desprezo. — Ela não quis admitir *pra* mim, mas eu sabia que estava tendo um caso, mesmo nunca tendo conseguido um flagra.

— Você não tem certeza de que ela me traiu, Tiago? — A voz fraca do meu pai ressoa no quarto. Seu rosto está tomado de lágrimas. — Você disse que tinha certeza, que tinha pegado os dois. O que eu falei... o que eu fiz por isso...

— Eu não precisei ver os finalmente para saber, pai! — ele retruca, esfregando o rosto. — Eu via os olhares que trocavam, o macaco *filho da puta* estava enfeitiçando Doralice. Ela pediu o divórcio *pra* ficar com ele, *porra!* Não seja cego.

Nunca soube quase nada da minha mãe ou de como estava o casamento naquela época. Era um assunto proibido. Fico atônita, tentando assimilar a discussão dos dois.

— Sua mãe queria o divórcio muito antes da Gabriele nascer — seu José conta, encostando no batente da porta. Noto seu corpo fraco, desacreditado. — Eu que sempre insistia *pra* ficar, fazia promessas que não

conseguia cumprir e voltava a decepcioná-la. A gente era muito novo quando teve você, eu era imaturo. Apesar de amar Doralice mais que tudo na vida, eu tenho consciência que fui um péssimo marido por muitos anos. Bebia demais, não queria saber de trabalhar, tinha crises e crises de ciúme bobo. Depois que sua irmã nasceu, eu vi que era uma segunda chance de reconquistá-la, eu comecei a ficar um homem sério, mas daí o amor dela já tinha ido embora.

— O que aconteceu na última vez que ela pediu o divórcio? — indago, espantando as lágrimas que tentam embaçar minha vista.

— Nós discutimos feio, muito feio. — Meu pai não esconde seu choro e tristeza. — Eu a acusei de ter me traído, ameacei tirar você dela *pra* sempre se me abandonasse. Ela falou que não tinha feito nada, mas que queria uma chance de ser feliz e não iria mais aceitar viver daquela forma. Doralice garantiu que lutaria pelos filhos na justiça.

— Ela disse isso e você acreditou que simplesmente iria fugir e nunca mais daria notícias? — A pergunta sai em um fio de voz, o bolo na minha garganta quase impede as palavras.

Em nenhum momento minha mãe pensou em desistir de mim. Ela não traiu meu pai e quis ficar com outro homem abolindo sua antiga família.

— Eu... eu... estava tão devastado de perdê-la que não pensei em mais nada.

Respiro fundo para não cair no chão. Sinto meu estômago embrulhar e a tontura querer me dominar. Ainda não... ainda não posso me render.

— O que você fez com a minha mãe, Tiago? — Estico o braço e aponto a arma na direção do seu peito. — Se eu fosse você não mentiria *pra* mim, não faz ideia do tamanho da raiva que eu estou sentindo neste momento.

A confissão do meu pai o deixou um pouco abalado. Reparo nas suas mãos que não param de mexer no cabelo, o olhar perdido. Não que justifique nada do que ele fez, mas talvez Tiago estivesse cego achando realmente que

Doralice iria nos abandonar para ficar com o Fernando.

— Eu comecei a ver o pai ficar transtornado dentro de casa, bebendo sem parar por causa dela, e achei que se eu sumisse com o Fernando tudo voltaria ao normal... Que nossa família ficaria bem. Estava com raiva, no ápice da adolescência, e conheci uns caras que prometeram me ajudar.

— Uns caras que faziam parte do grupo do Vicente?

— Sim — ele assume, sem tentar negar. — O Vicente tinha começado o grupo fazia pouco tempo, ainda tinham poucos membros e não era exigente *pra* entrar como agora. Gostei dos ideais deles, eu tinha ódio do Fernando e queria que toda aquela raça pagasse... acabou acontecendo. Eu sabia que o cara era militante e que estava organizando o movimento pela morte do João Pedro. Dedurei a manifestação para o grupo e acabei achando a forma perfeita de me vingar. — Nunca imaginei que eu pudesse ser tão forte. Estou tirando energia não sei de onde para continuar essa confissão sem vomitar ou desmaiar de horror. — Eu nunca pensei que a mãe estaria lá, ela devia ter ficado em casa com você, enquanto o pai trabalhava. Ao invés disso, te deixou com a amiga vizinha e foi para outro bairro levantar placa de repúdio.

Troco um olhar de compaixão com André, ciente pelo seu pranto que essa parte da conversa está o matando por dentro. É oficial: seus pais foram mortos pelo grupo do Vicente por puro ódio racial.

— Quem você matou aquele dia? — questiono, querendo acabar logo com isso.

Não sei até quando terei estômago para aguentar olhar para a sua cara.

— Eu aproveitei a confusão criada pelo grupo na manifestação e fui direto no Fernando, ele eu matei com minhas próprias mãos. A Doralice viu que estava apanhando e correu para socorrê-lo, foi aí que reconheceu meus olhos mesmo encapuzado e com uma bandana tapando a maior parte do rosto. Eu entrei em pânico... — Uma lágrima solitária escorre do seu rosto e a minha vontade é largar essa arma e esmurrar sua cara. — O Vicente percebeu

que tinha alguma coisa errada e eu contei que era a minha mãe. Ele me convenceu de que ela poderia nos colocar na cadeia, que eu tinha feito um juramento e era hora de provar minha lealdade. Era ela ou eu, Gabi. Seguindo as suas ordens, fui *pra* nossa casa e peguei as roupas dela para parecer que tinha fugido. Depois, eu fui encontrar com Vicente onde nos reuníamos pra organizar as invasões e vi... vi o latão com as cinzas.

— Ahhhhh, meu Deus! — Meu pai se ajoelha no chão, soluçando sem parar. — Você os deixou matarem a sua mãe. A sua mãe!

Ao contrário de mais cedo, quando Joel contou e a dor dominou meus sentidos, agora eu estou com muita raiva. Raiva por existir gente tão baixa no mundo, por terem coragem de matar outro ser humano por tão pouco.

— Eu não me arrependo do Fernando, mas do resto... eu tenho pesadelos até hoje com a mamãe me reconhecendo, assustada.

— Pesadelos serão os menores dos seus problemas, Tiago. — Chego tão perto dele que nossa respiração pesada se mistura. O cano da arma afunda no seu peito.

— Você vai atirar em mim, Gabriele?

Encaro o fundo dos seus olhos com total indiferença. Esse não é meu irmão, nunca mais vai ser.

— Com a fúria que corre no meu sangue neste instante, eu seria capaz de fazer isso. Eu estou morrendo de vontade de apertar o gatilho. Mas sabe por que não vou atirar? — digo e me afasto, abaixando a arma. Só Deus sabe a força sobre-humana que estou fazendo para ser superior aos seus atos. — Porque eu não sou igual a você, nunca serei igual a você que usa a raiva como escape para a violência. Minha ira será usada para fazer justiça, vou buscar um jeito de fazer a diferença no meio do caos que você criou. No dia que levou Vicente e seu grupo para aquela praça, você não matou só a nossa mãe e o Fernando, também matou os pais do André. Eu nunca te perdorei por isso. Eles estavam lá para apoiar uma criança assassinada injustamente. Daqui, você vai direto para a cadeia, Tiago. E eu juro por tudo que é mais

sagrado que você vai pagar por esses inocentes.

Se eu já estava com vontade antes de lutar contra o preconceito, pelo que vivi com André e o que aprendi com ele nas últimas semanas, agora levo como uma missão de vida.

O que meu irmão e Vicente destruíram com ódio, eu farei renascer de alguma forma com amor.

CAPÍTULO 49

André



Quando você ler isto, eu não estarei mais aqui. Sinto que esta noite será minha partida. Meu corpo está muito cansado e minha alma clama por alento, mas não fique preocupado, não estou triste ou com medo.

Eu estou em paz!

Apesar das lamentáveis descobertas recentes, sinto-me feliz porque você se recuperou do tiro, porque Joel foi resgatado em segurança hoje e porque sei que Gabriele está ao seu lado. Passar mais tempo com sua família nos últimos dias renovou minha energia interior e me fez lembrar como é importante valorizar os pequenos momentos.

Claro que se eu pudesse mudar o passado, faria algumas coisas diferentes. Eu teria ido atrás do meu grande amor, por exemplo. Teria dividido melhor o tempo entre empresa e vida pessoal. Teria escutado minha intuição sobre Oliver. Teria ficado atento a quem estava ao meu lado... Enfim, muitas coisas eu poderia ter feito diferente.

Só que agora não adianta lamentar e foi por isso que resolvi escrever esta carta.

Eu sei que você não vai deixá-los vencer — e eu não quero que deixe —, mas não permita que a raiva ou a tristeza sejam o seu norte nem no caso da Edutec, nem do seu passado. Não vale a pena!

Quando estiver no meu lugar, vai se arrepender se tiver deixado esses sentimentos te dominarem. Não tem como a mágoa coexistir com o amor. Lute pela justiça e siga em frente dando o seu melhor. Tenho certeza de que

você ainda fará grandes coisas.

Ame, sorria, dance, cante, pule, grite... viva o hoje! Nunca se esqueça que amanhã talvez não venha.

*Do seu amigo,
Carter Brown.*



Eu já li este pedaço de papel umas trinta vezes nas últimas duas horas. O pressentimento do Carter estava certo: ele morreu às 3h44 dessa madrugada. Esfrego a mão no rosto para tirar o acúmulo de lágrimas e abaixo a cabeça, respirando fundo.

É uma porrada atrás da outra. Mal consigo assimilar uma situação e uma nova ainda pior aparece. Estou cansado, fraco, triste, com raiva...

“Eu sei que você não vai deixá-los vencer — e eu não quero que deixe —, mas não permita que a raiva ou a tristeza sejam o seu norte...”

Eu estava na delegacia com Gabi quando recebi a notícia. Após conseguir a confissão do Tiago, acionamos a polícia e fomos com o pai dela acompanhar o interrogatório dos membros do grupo de ódio.

Foi difícil esperar quase vinte minutos a chegada da viatura sem arrebeitar o irmão da minha namorada pelo que fez à própria família e à minha. Liguei para o 190 contando os segundos até baterem na porta.

Sorte que Tiago nem cogitou em fugir com três pessoas segurando a fúria na sua frente. Não sei o que teria feito se ele tentasse alguma gracinha.

Nesse tempo torturante, também quis achar o Vicente e matá-lo eu mesmo para garantir que nunca mais fará mal a nenhum inocente. Tive

vontade de jogar Benício, Oliver e Beatriz em uma prisão perpétua por tentarem me matar e roubar a fortuna do Carter.

Sentimentos ruins são como areia movediça: nos sugam em um buraco escuro e perigoso.

Meu amigo parece que sabia o que eu estava sentindo, suas palavras são como um soco no meu estômago, um alerta que não posso ignorar. Gabi poderia ter atirado, eu sei que ela teve vontade diante de todas as atrocidades que ouviu, mas foi muito maior do que sua raiva.

Ela está certa, nós não somos como eles. Nunca seremos como eles.

O que precisamos fazer agora é manter a cabeça no lugar para garantir que paguem por seus crimes, sem nos destruir ainda mais pelo caminho. Tiago já está detido. A gravação foi uma surpresa para ele e acabou abrindo o bico para tentar amenizar sua pena.

Vicente é o próximo da mira. Segundo o irmão da Gabi, é uma orientação do grupo se refugiar nos demais setores quando estão na mira da polícia. Fiquei chocado ao saber que são cerca de duas mil pessoas matando a minha gente pelo país. Ele acha que Vicente pode procurar abrigo na capital de Alagoas, porque um dos seus grandes amigos no movimento é o líder de lá. Afastado o suficiente para baixar a poeira.

O ruim é que Tiago não sabe a localização do galpão em Maceió, o que pode nos fazer perder um tempo precioso.

Escuto barulho no banheiro e me levanto apressado da cama para verificar se está tudo bem. Viemos tomar um banho rápido em casa antes de ir ao velório.

— De novo, amor? — Inclino-me para frente e seguro seu cabelo ao perceber que Gabi está vomitando. — Nossa, precisamos procurar o médico para ver isso.

Ainda na casa do seu pai, Gabriele vomitou assim que a polícia

chegou. Pode ser pelas fortes emoções das últimas horas, mas também pode ser algo mais grave.

— Deve ser o estresse, tomara que uma nova crise não esteja vindo. — Ela dá descarga e se levanta. — Eu troquei o remédio recentemente também, às vezes causam enjoo.

— Por que você não se deita um pouco para descansar? — sugiro, acariciando seu rosto pálido. — Não quero te ver ruim como da última vez. Eu vou ao velório e nos encontramos no enterro mais tarde.

— De jeito nenhum! — ela discorda de prontidão. — Estou bem, é só um mal-estar. Ficarei ao seu lado o tempo todo, amor.

São esses gestos que me fazem amá-la ainda mais. Ambos estamos passando por uma tempestade, enfrentando nossos demônios, no entanto, em nenhum momento soltamos as mãos. Somos a fortaleza um do outro.

É disso que Carter falava na carta.

Nada no mundo vale a nossa felicidade.



Nunca vi um enterro tão cheio: de faxineiros aos mais renomados empresários de São Paulo.

Centenas de pessoas vieram prestar sua homenagem ao meu amigo. É claro que algumas delas só se aproximaram do Carter por interesse, mas tinha também muita gente que realmente gosta e admira a pessoa que ele foi.

Benício, Beatriz e Oliver não deram as caras, graças a Deus! Por mais que esteja tentando manter a cabeça fria, não sei o que faria se chegassem aqui como se nada tivesse acontecido.

A cerimônia acabou já faz uns vinte minutos. Esperei a multidão se dispersar para ter um último momento a sós com meu amigo.

— Olhe por nós aí de cima. — Deposito uma rosa branca na terra recém-posta, que agora está levemente úmida com minhas lágrimas. — Obrigado por ser o melhor amigo que eu poderia ter. Eu não vou perder meu norte! Gabi, Joel e eu nunca iremos nos esquecer de você, Carter.

É uma pena que meu menino não tenha conseguido vir. Chegamos a pedir autorização para a juíza, mas foi negado pela exposição excessiva dele na mídia recentemente. O vídeo do reencontro com a Gabi na porta da delegacia tem milhares de acessos nas redes sociais.

Este, aliás, é um fato que poderemos usar a nosso favor para tê-lo definitivamente em breve. O advogado comentou mais cedo, quando avisou que o pedido não foi aceito, que o apoio popular pode ajudar a obter a adoção do Joel.

Uma boa notícia, enfim. Espero que dê certo e essa conquista seja o prelúdio de um novo tempo para nós.

— Adeus, meu amigo. — Apanho um punhado da terra e a aperto entre meus dedos, como se dessa forma conseguisse tocar Carter. — Prometo que farei meu melhor na Edutec e que vou viver intensamente a minha vida por nós dois.

Silêncio.

É tão ruim não ter uma resposta inteligente dele. Empurro o bolo na minha garganta e deixo cair mais um pranto antes de me levantar. Gabi e Lorenzo estão logo atrás de mim e colocam as mãos no meu ombro assim que me aproximo.

— Nós vamos honrar a memória dele, André! — Lorenzo garante, determinado.

Balanço a cabeça, concordando, mas no fundo sinto um aperto incômodo.

Mesmo que tenha dado tempo de mudar o testamento e Carter tenha deixado material para exigir o exame de DNA, Benício, Oliver e Beatriz podem sair ilesos.

Tenho medo de nunca conseguir provar legalmente nada contra eles.

CAPÍTULO 50

Gabriele



Volto para a cozinha com um gosto horrível na boca, mesmo depois de escovar os dentes duas vezes. O remédio novo está judiando do meu estômago. Tenho vomitado todos os dias desde a morte do Carter, há uma semana.

— Gabriele Santana, você precisa ir ao médico! — Gina chama a minha atenção assim que me vê retornando. Devo estar com uma cara péssima. Além da náusea, ando inchada e desanimada. — Está enrolando demais, daqui a pouco vêm aquelas crises fortes que te derrubam.

Sorte que André tem ficado fora até tarde para resolver centenas de problemas jurídicos da Edutec. Se ele presenciasse mais vômitos, com certeza, já estaríamos na porta do médico.

— Eu vou marcar, prometo! — Faço sinal da cruz na minha boca e me sento de novo na bancada para terminar de passar os salgados na água gelada. — Evito trazer mais preocupações do que já temos, mas realmente estou começando a ficar receosa.

— Tem que ir, não dá *pra* brincar com coisa séria!

Minha amiga tem me ajudado muito com o trabalho do complexo de saúde nessa fase difícil de adaptação após tantas mudanças. Ela vem diariamente auxiliar no preparo dos pedidos que só tem aumentado. Assinei o contrato para a criação da linha dos congelados e, assim que as questões jurídicas forem resolvidas e a reforma do espaço da dona Marisa terminar, iremos colocar em prática.

Eu deveria estar muito animada com essa novidade, e o fato de o Carter acreditar em mim e deixar no testamento dinheiro para o meu sonhado *food truck*, mas a verdade é que enquanto Joel não voltar para casa, o louco do Vicente for preso e o trio ambicioso não pagar pelo que fez não conseguirei seguir a vida normalmente.

Sete dias se passaram e tudo ainda está uma bagunça sem resolução.

Entrei com a papelada do pedido de adoção como o advogado instruiu, porém, terei que ter paciência. Os trâmites legais são lentos e burocráticos demais. Estou rezando para a viralização do vídeo realmente ser um ponto a favor na causa. Morro de saudade do meu filho e não podemos visitá-lo ainda.

Quanto a Benício, Lorenzo descobriu que ele também embarcou para os Estados Unidos logo depois do enterro. Os três estão lá armando algo que ainda não desvendamos para driblar a decisão do exame de DNA.

A única coisa que me conforta é que houve um clamor nacional de repúdio aos atos do grupo de ódio. Movimentos negros de todo Brasil se mobilizaram em passeatas para cobrar que a justiça puna os culpados, contando com a participação de milhares de cidadãos.

A mídia também tem feito a cobertura diária do caso, não deixando o fato cair em esquecimento. Devido à delação do Tiago, muitos membros da capital conseguiram ser detidos e há uma equipe sigilosa atuando em Maceió para descobrir o paradeiro do Vicente.

— Falando em tratamento e coisa séria, seu José ainda não aceitou conversar com o psicólogo? — minha amiga pergunta, enquanto coloca o recheio na massa.

Deixei-a fazendo isso hoje porque o cheiro dos cogumelos shiitakes estavam piorando minha ânsia. Passo as unidades prontas na farinha de rosca e a encaro com pesar.

— Depois que desabafou comigo logo que Tiago foi preso, ele não

quis conversar com mais ninguém. Abandonou o trabalho e se trancou em casa.

Não come, não bebe, não diz uma palavra. Está definhando em um poço de arrependimento.

— Nossa, Gabi! Ele deve estar se sentindo muito culpado por tudo.

Meu pai ficou destruído por constatar que contribuiu para Tiago se tornar um assassino. Segundo me disse, sempre foi muito ciumento e, ao descobrir a suposta traição, perdeu a cabeça de vez e passou semanas fazendo os piores xingamentos possíveis ao “amante” da sua mulher. Inclusive, xingamentos raciais.

Isso me fez refletir muito sobre o poder das palavras dos pais sobre os filhos. São uma arma poderosa — para o bem e para o mal.

Mesmo que tenha sido “na hora da raiva”, como me falou, a fúria dele instigou Tiago a procurar ajuda para exterminar o problema, jamais imaginando as proporções que essa atitude iria tomar. Meu irmão criou uma bola de neve que culminou na morte da nossa própria mãe por medo de ser pego.

Eu sei que em momentos de pânico agimos sem pensar, que somos tomados pelo desespero, mas a esse ponto? Eu nunca vou perdoá-lo pelo que fez e muito menos por escolher continuar no meio daqueles monstros por tantos anos.

Tiago passou a infância vendo meus pais brigarem e quis se apegar na fase do seu José tentando ser um marido melhor para a família não se perder, contudo, nada justifica seus atos. Eu, André, Joel, milhares de crianças... tiveram infâncias difíceis e nem por isso fomos para o caminho errado.

— Se ele não aceitar ajuda, vai entrar em uma depressão profunda muito em breve — comento, cabisbaixa.

Estou tentando ser solidária, mas no fundo fiquei muito decepcionada

com suas atitudes. Tudo poderia ter sido diferente se meu pai não pressionasse a minha mãe em um casamento falido. Tudo seria diferente se tivesse investigado a suposta traição ao invés de acreditar em um adolescente.

Eu acho que Doralice nunca chegou a ficar com Fernando intimamente. Acredito que estava tentando se separar para, aí sim, viver algo novo com o rapaz.

Uma pena os dois serem mortos por buscarem ajudar o próximo e ser feliz.



Assim que terminamos os salgados e estamos lavando a louça, o meu celular começa a tocar desesperadamente na mesa da sala. Seco as mãos no pano de prato e corro para atender. Ainda tenho a esperança de boas notícias sempre que o aparelho toca.

— Liga a TV agora! — André mal me espera atender e fala, esbaforido. — Vicente *tá* no plantão de notícias.

Afoita, pego o aparelho da televisão com as mãos trêmulas e aperto os botões, desesperada para encontrar o canal. Em um primeiro momento, não entendo direito o que está acontecendo, pois as imagens são de um repórter dentro do helicóptero.

— Não entendi, o que aconteceu? — Noto que Gina sai da cozinha e vem para o meu lado, também atenta às imagens.

— Estava em um almoço com franqueados da Edutec e de repente os clientes do restaurante começaram a gritar e comemorar olhando para a televisão — André explica, sua voz alterada pela adrenalina. — Um deles me reconheceu e me chamou *pra* ver. Está acontecendo uma perseguição a um carro usado por Vicente neste momento. A denúncia veio de um posto de

gasolina que ele parou cerca de meia hora atrás. Acionaram a polícia e a imprensa, acharam o desgraçado. Ele estava fugindo de Maceió, deve ter descoberto que foi dedurado.

Ai, meu Deus! Sorrio, choro, passo a mão no rosto sem acreditar no que estou vendo e ouvindo.

— Ele vai ser pego, amor?! — É uma pergunta e uma confirmação ao mesmo tempo.

— Não tem como fugir, Gabi. A polícia está armando um cerco para fechá-lo em instantes.

Escuto o que o repórter está dizendo e fico ainda mais agradecida pela notícia do grupo de ódio ter sido espalhada por todo Brasil. Vicente não é burro e tinha escolhido uma fuga pelo trecho mais isolado do estado. Sorte que alguém no posto o reconheceu.

André não desliga e ficamos, mesmo à distância, acompanhando as cenas que parecem de um filme de aventura. O carro dele está mais à frente e há pelo menos uma dezena de veículos da polícia em perseguição.

O barulho das sirenes e do helicóptero vão fazendo meu coração bater acelerado na expectativa do grande momento.

— O que ele está fazendo? — questiono, tensa, soltando a respiração que nem tinha percebido que prendi.

— *Porra*, ele vai entrar na mata! — André grita e escuto ao fundo várias pessoas bradando atrás dele no restaurante.

O Vicente é muito esperto, que merda! Percebendo que seria encurralado, deu um jeito de ganhar tempo.

— Eu não acredito! Ele não pode escapar! — minha amiga também reclama, brava.

Agacho com a Gina ao lado da televisão e seguramos a tela como se o gesto fosse ajudar a polícia não o perder de vista. Observando a estrada de terra à frente, fico ainda mais nervosa ao perceber que daqui a pouco ele pode se embrenhar entre as árvores e não conseguiremos mais ver nada.

— Por que eles não atiram nos pneus? Tem que fazer alguma coisa!

— Não pode atirar, é uma....

Como se escutassem minha súplica, assim que André responde, dois policiais começam a atirar nos pneus traseiros mesmo que não seja indicado. Acredito que, diante do clamor nacional pela prisão do homem, não iam correr o risco de perdê-lo ao vivo.

Ao invés de diminuir a velocidade, Vicente joga o carro com tudo em uma curva e o veículo perde a estabilidade. Aproximo-me ainda mais da televisão, em um silêncio total, ao vê-lo capotar três vezes antes de se chocar com uma árvore.

Estrondo.

Clarão.

Fogo.

Meu peito sobe e desce, desgovernado como o carro.

— Ele... ele... — A voz do André quase não sai pelo choro embargado.

A primeira coisa que me vem à cabeça, ao ter certeza de que é impossível sobreviver a um acidente como esse, é que Joel está seguro para sempre. Está livre!

Nenhum inocente será mais encurralado nas mãos de Vicente.



Desde que André chegou do trabalho, há uma hora, estamos sentados no sofá da sala acompanhando os desdobramentos do acidente sem acreditar na ironia do destino. A reportagem especial do noticiário mostra que a explosão aconteceu na Serra da Barriga, localizada no município de União dos Palmares, no leste alagoano.

A área abriga o solo em que Ganga Zumba e Zumbi reuniram cerca de 20 mil homens, mulheres e crianças para criar a maior resistência negra do Brasil durante a escravidão: o Quilombo dos Palmares.

— Ele matou tantos negros por nada, por puro ódio gratuito, e acabou morto na terra que lutou por quase 100 anos contra à tirania dos brancos colonizadores, salvando milhares de africanos — André comenta, boquiaberto, e aceno com a cabeça, sem nem piscar, encarando a televisão.

Meu Deus, isso foi tão representativo que nem tenho palavras.

Ficamos imersos assistindo à cobertura da morte do Vicente até o interfone tocar e avisar que Lorenzo está na portaria.

— O que será que houve? Ele costuma ligar. — Abaixo o volume da TV.

— Acabou a bateria do meu celular. — André pega o aparelho do bolso e só então se dá conta que está desligado.

Não demora nada e a campainha do apartamento reverbera pela sala. Deve ser urgente para ele vir praticamente correndo.

— Boa noite! — Meu namorado abre a porta e o seu amigo já entra, todo vermelho pelo esforço.

— Estou tentando te ligar desesperado, mandei mensagens...

— Estava concentrando no acidente do Vicente, desculpa, nem vi que tinha acabado a bateria do celular.

— Tenho uma excelente notícia, vocês não vão acreditar! — Lorenzo comemora, sorrindo, e André e eu nos entreolhamos ansiosos. — Hoje deve ser um dia abençoado por Deus para todos os *filhos da puta* se ferrarem.

— Fala, homem! — instigo, tocando seu ombro. — Eu não tenho mais coração *pra* suspense, não.

— No dia do enterro do Carter, eu disse a vocês que iríamos honrar a memória dele e levei isso muito a sério. Faz uma semana que eu estou revirando a vida do Oliver, do Benício e da Beatriz para tentar descobrir alguma coisa que os faça pagar pelo golpe que deram. — Lorenzo atropela as palavras, afoito para contar tudo de uma vez. — Agora pouco eu confirmei que esses idiotas sonégam impostos nos Estados Unidos.

— Mas isso não é nada perto de tudo que fizeram. — Dou de ombros, não entendendo a empolgação.

— Aqui no Brasil pode não ser nada, Gabi, mas nos Estados Unidos é um crime levado muito a sério! — Lorenzo amplia o sorriso, como se tivesse descoberto a energia elétrica. — Duvido que se deram conta da seriedade disso, estão acostumados com a palhaçada que é aqui no nosso país.

— Al Capone, um dos mais famosos chefões da máfia americana, não conseguia ser preso de jeito nenhum, sempre se safava, mas o pegaram por enganar a Receita — André complementa, sorrindo junto com o amigo.

— Tem vários exemplos, até de artistas! — Lorenzo enumera, sentando-se no sofá. — O ator de Blade, que atuou em mais de 50 filmes, foi sentenciado em 2010 a três anos de prisão por evasão de impostos entre 1999 e 2001.

— Vocês estão querendo dizer que eles podem ser presos no sistema

presidiário americano, que é mil vezes mais sério que o nosso? Todos eles?
— Começo a rir também ao perceber quão foda foi a descoberta.

— Sim, senhora! — o especialista em tecnologia afirma, eufórico. — Com o dinheiro que roubavam do Carter todo mês, seja na pensão e com certeza outras falcatuas que ainda não sabemos, aqueles *filhos da puta* investiram em vários negócios por lá durante anos. Cada empresa no nome de um para não dar bandeira. Os americanos adoram usar casos de exemplo. Uma família de estrangeiros querendo dar de espertos, com certeza, não irão pegar uma pena branda e ainda ficarão falidos com as multas que serão obrigados a pagar.

— Como vamos fazer para denunciá-los? Vai demorar *pra* serem presos? — questiono, querendo para ontem que tudo seja resolvido.

— Eu tenho um amigo que trabalha na Microsoft dos Estados Unidos, que tem um amigo que é policial — Lorenzo responde, mostrando que pensou em tudo antes de vir aqui. — O cara vai nos ajudar a fazer a denúncia e desenrolar o caso. Esse meu amigo também tem um contato na imprensa e pensei que, assim que estiver em julgamento, podemos deixar escapar uma matéria para espalhar a merda no ventilador com gosto e acelerar as coisas. Eles estão pensando que vão se dar bem, vão conseguir se safar e tentar reverter a exigência do DNA, quando o pegamos de surpresa sem tempo para reação.

— Sem prestígio, sem dinheiro e presos! É o final perfeito para esses desgraçados ambiciosos — André comemora, com os olhos marejados. — Enquanto eles estão na cadeia, teremos tempo de sobra para ir ainda mais a fundo nessa história e descobrir o que exatamente eles fizeram contra o Carter. Tentar provar que pagaram para me matar. Tenho a impressão de que o buraco pode ser mais fundo.

— Com certeza iremos, e você pode contar comigo! — Lorenzo garante e os dois se abraçam, emocionados.

Fico extremamente feliz em constatar que meu amor encontrou um novo amigo verdadeiro em quem pode confiar e que as coisas começaram a

entrar nos eixos, enfim. Olho para o teto e sorrio, agradecida por uma mãozinha extra no céu.

Para fechar com chave de ouro, só falta ter meu filho nos meus braços.

CAPÍTULO 51

André



Deixo um beijo na testa da Gabi e a abraço, trazendo sua cabeça para o meu peito, enquanto esperamos o médico nos chamar. Outras pacientes ficam olhando, curiosas, e reparo que a grande maioria está sozinha.

— Infelizmente, nem todo mundo tem a sorte que eu tive de encontrar um parceiro maravilhoso como você — ela murmura e faz meu coração acelerar. — Obrigada por largar tudo e vir comigo de novo.

— Meu amor é prioridade na minha vida, sempre! — sussurro em resposta e seu riso de satisfação faz cócegas na minha pele mesmo por cima do terno.

Vimos ontem verificar o motivo do seu mal-estar e o médico solicitou alguns exames. Não esperava uma nova ligação ainda hoje, mas ele pediu para retornar. Cancelei todas as reuniões da parte da tarde e fiz questão de acompanhá-la.

Fiquei muito preocupado quando Gabi me disse que vomitou a semana inteira. Tenho medo das crises de endometriose voltarem. Se minhas contas estão certas, faz pouco mais de um mês que teve a última. Já basta tudo que passamos mentalmente desde então, ela não precisa disso justo quando a tempestade começa a diminuir em nossas vidas.

Parece que um peso de 100kg saiu das nossas costas por saber que Vicente não é mais uma ameaça, vários membros do grupo de ódio estão sendo presos e o trio ambicioso está prestes a pagar.

— Senhorita Gabriele Santana — a secretária chama e nos faz dirigir

a atenção para a recepção. — Pode entrar, por favor.

— Senhorita por pouco tempo — afirmo só para ela ouvir e Gabi me observa, divertida.

Seguimos de mãos dadas até o consultório e estranho o sorriso enorme estampado no rosto do médico que cuida do seu tratamento. Pensei que teríamos algum problema à vista pelo imediatismo em retornar, no entanto, não é o que seu semblante demonstra.

— Aconteceu alguma coisa, doutor? — Gabi pergunta, receosa, assim que nos sentamos.

— Aconteceu sim, uma surpresa incrível! — Seu sorriso se amplia e noto as mãos da minha namorada começarem a suar na minha palma. — Desconfiei ontem, mas preferi não te dar esperanças sem ter certeza.

— Ah, meu Deus! — Ela começa a chorar de repente e fico confuso sem entender direito o que houve. — Ah, meu Deus!

— Calma, linda. — Puxo novamente sua cabeça para o meu peito e afago seu cabelo loiro. — Não chora. O que aconteceu?

Gabriele se afasta de mim o suficiente para segurar o meu queixo com uma mão e encarar meus olhos com sua imensidão azul. Fico com um aperto no peito por ver a vermelhidão em volta, mas ao mesmo tempo, algo no seu sorriso ouriça todos os pelos do meu corpo.

Ela nunca me olhou dessa forma tão intensa antes. Meu coração dispara quando pega a minha mão e deposita na sua barriga. Abaixo o olhar para o contraste das nossas peles prestes a explodir de felicidade.

Porra, não acredito!

Ela... ela... ela...

— Vamos ter mais um filho! — Gabi confirma o que meu coração já

entendeu pela velocidade surreal que começa a bater. — Eu estou grávida.

Arrasto a cadeira para o lado e me ajoelho no chão, inclinando o corpo na direção da sua barriga que ainda está lisinha. Acaricio o local e beijo repetidas vezes misturando lágrimas com o mais genuíno dos sorrisos.

Nós nos abraçamos, trêmulos, a alegria irradiando de cada poro dos nossos corpos.

— Depois que o Joel me chamou de pai, esse é o momento mais feliz da minha vida, meu amor. — Infilto a mão na sua nuca e puxo seu rosto próximo ao meu, beijando seus lábios na frente do médico. — Eu te amo tanto. Obrigado por me dar tamanha felicidade.

— Eu quase não posso acreditar nesse milagre — ela confessa, com a respiração entrecortada. — Eu sempre quis tanto um filho, e agora... agora eu tenho dois. Um de coração e um do amor da minha vida.

— Parabéns aos papais! — o médico interrompe nosso momento e só não fico chateado porque ele parece tão contente como nós. — Estou muito feliz por você conseguir depois de tantos anos de tentativa, Gabriele.

— Co... como foi possível, doutor? Já tentamos tantas coisas.

A contragosto, me afasto da minha mulher e volto a me sentar na cadeira. A mão, entretanto, permanece junto com a dela vigiando a barriga.

— Com a crise que aconteceu após o seu divórcio, iniciamos o uso de contraceptivos que são comuns no tratamento da endometriose. Esse que está tomando é outro tipo de medicamento, o dienogeste não previne a gravidez. O bebê tem quase seis semanas, bate com a troca. — Olho para Gabi, cúmplice, ao lembrar que a data também bate com o show de lap dance. — Não imaginei, porém, que seria possível uma gravidez. Foi uma surpresa e tanto ao ver o resultado do exame de sangue.

Nem tenho como colocar em palavras como estou honrado por fazer parte desse desejo tão antigo dela.

— É preciso algum cuidado especial? — pergunto, preocupado.

— Vamos acompanhar de perto cada fase para garantir que tudo fique bem — ele explica, cauteloso. — Acreditava-se antes que, após confirmada a gestação, ela transcorria normalmente. Alguns estudos atuais, porém, apontam que a endometriose pode aumentar chances de aborto e parto prematuro, por exemplo. Mas não vamos pensar nisso agora, hoje é dia só de comemorar!

— Nosso bebê vai nascer saudável, se Deus quiser. — Gabi aumenta a pressão das nossas mãos na sua barriga, confiante.

— Vai sim, meu amor! — Balanço a cabeça, concordando, e abro um sorriso para ela.

Essa criança é nosso milagre, o arco-íris despontando no céu depois de uma longa tempestade.

Tenho certeza de que vai ficar tudo bem.



Estou em um estado de admiração completa encarando a barriga nua da Gabi. Voltei para o trabalho depois da consulta contando os minutos para chegar em casa à noite e poder curti-la com calma. Deitado na cama, acaricio a pele macia e converso com meu bebê como se já pudesse me ouvir.

— A vó Tereza e o vô Jeremias quase soltaram fogos de artifício de tão felizes que ficaram com a notícia — conto, animado, deixando um beijo na altura do umbigo. — Tenho certeza de que irão mimar muito você. Se bem que no quesito mimo, vai ter um páreo duro também com a tia Rô, o tio Ramon, a tia Gina e o tio Lorenzo.

— Tem o tio Carter também, que vai te mimar lá do céu sendo uma estrelinha brilhante e protetora — Gabi acrescenta, passando a mão na barriga. — Além dele, você ainda vai contar com as estrelinhas dos seus avós por parte do papai e a vovó por parte da mamãe.

Engulo em seco, emocionado com a lembrança dos nossos entes queridos que, infelizmente, não podem participar deste momento tão importante conosco.

— Ainda não conseguimos falar com o seu irmãozinho Joel, mas saiba que ele vai te amar demais. É um menino muito doce e inteligente. — Volto a conversar para não deixar a tristeza ganhar espaço. — Por enquanto, é só ele que você tem de irmão, mas prevejo um time de futebol de salão em breve.

— Ah, é? — Gabi sorri, apoiando o peso do corpo nos cotovelos para me enxergar melhor. — Não fui informada disso, não.

— Eu bem queria um de futebol de campo, sabe, bebê, mas acho que sua mãe pode ficar um pouco doida com onze crianças correndo pela casa, mais o Sheik e a Honey.

Trouxe o akita do Carter para o apartamento, não consigo imaginar doá-lo sabendo o tanto que meu amigo amava aquele animal.

— Cinco parece perfeito. — Gabriele busca meu olhar e levanta a mão para acariciar meu rosto.

Talvez não seja possível ter mais filhos biológicos, mas o coração é enorme para adotar os demais. Depois de conhecer de perto a realidade do Joel, fiquei com muita vontade de oferecer um lar para outras crianças que passam o mesmo que ele.

— Eu tenho uma ideia para colocar esse plano perfeito em ação. — Subo em cima do seu corpo com cuidado e coloco uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — Em primeiro lugar, você esquece que um dia pensou ser minha vizinha. Não vamos nem morar mais aqui. A gente escolhe uma casa

linda e com espaço para nossos filhos e cachorros se esbaldarem. Ah, claro, com isolamento acústico de ponta. — Gabi sorri com a menção e seus olhos azuis me fitam em expectativa. — Você se torna senhora Ribeiro, nos mudamos para lá antes do bebê nascer e, se Deus quiser, com a papelada do Joel assinada. O que você acha? Aceita ser minha *pra* sempre, Gabriele?

— Sim! Sim! Sim! Eu já sou sua, cada parte de mim — ela responde, com a voz embargada, puxando meu corpo mais próximo do dela. — Nada poderia me deixar mais realizada do que construir uma família com você.

Encosto nossos lábios e a explosão do primeiro dia volta a acontecer mais uma vez. É sempre assim, a energia indescritível que percorre meu sangue se repete de novo, e de novo.

Isso é tão único, tão especial.

Poucos meses atrás, eu jamais poderia imaginar que minha vida iria mudar drasticamente por causa de um esbarrão e um copo de café.

Entre lágrimas, ambição, ódio e verdades dolorosas, sobreviveu mais forte do que nunca o amor.

EPÍLOGO

Gabriele



1 ano e dois meses depois

Eu tinha onze anos quando vi a moça bonita na capa da revista e decidi que queria ser como ela. Foram precisas duas décadas para o desejo sair do papel e virar realidade. Olho para o veículo à minha frente, que chama a atenção entre os demais, e não consigo controlar o frenesi que pulsa em mim. As lágrimas vêm junto com um riso de pura satisfação. Nem nos meus melhores sonhos, eu imaginei algo tão grandioso como isso.

— Que orgulho de você, amor! — André para ao meu lado e admira comigo a obra de arte.

O carro estampa de fora a fora um grafite feito por jovens que frequentam o barracão da escola de samba Imperador de Heliópolis. A imagem colorida enaltece vários rostos diferentes para mostrar a diversidade do nosso povo.

“**Conhexinha food truck**” foi o nome que escolhi para o projeto que visa levar os clientes a provarem o sabor das melhores coxinhas e, de quebra, adquirirem conhecimento.

— Espero que a ideia dê certo e as pessoas se engajem — comento, buscando sua mão para entrelaçar nossos dedos.

— Eu não tenho nenhuma dúvida que fará a diferença na vida de muita gente!

Hoje é a nossa inauguração durante um famoso festival de música paulista. Confesso que estou animada e receosa na mesma medida.

Com o dinheiro que Carter deixou para mim na herança, investi em um carro bem maior do que a kombi que pretendia e pude colocar em prática um anseio que cresceu desde que descobri sobre o grupo de ódio do Vicente.

Eu queria algo tangível que ajudasse a mudar essa realidade e me lembrei dos ensinamentos do pai do André sobre o poder do conhecimento. Aproveitando o apelo da coxinha no gosto popular, criei um aplicativo para o negócio que oferece aos clientes de descontos a conteúdo exclusivo.

Até ano passado, eu não sabia muita coisa por pura falta de informação. Se 20 pessoas que frequentarem o *food truck* por dia aceitarem se cadastrar, já serão 20 pessoas a mais no mundo entendendo a importância do respeito.

Passei a gravidez inteira planejando os textos, vídeos e fotos com uma equipe especializada no assunto. Vamos oferecer uma plataforma multimídia que será abastecida frequentemente sobre racismo, homofobia, transfobia, gordofobia, intolerância religiosa e tantos outros temas importantes que precisam de mais visibilidade.

O aplicativo incentiva os clientes a compartilharem esse conhecimento nas redes sociais e ampliar ainda mais a rede de receptores. Instalamos wi-fi grátis no *food truck* para que consigam explorar o material enquanto comem.

Aos mais tradicionais, também colocamos uma minibiblioteca desses assuntos, acoplada na parte detrás do veículo. O cliente é livre para pegar um livro, desde que se comprometa a repassá-lo a outra pessoa assim que terminar a leitura.

Do lado dessa estante, adicionei ainda um quadro removível onde as pessoas que nos visitarem serão convidadas a escrever uma mensagem para a humanidade. Espero que muito em breve eu tenha tantos quadros que possa fazer uma exposição com eles.

— Gabriele, a organização avisou que vai liberar para o público entrar

— Túlio, um dos meus funcionários, chega animado para contar.

Seremos em três para garantir coxinhas fresquinhas e saborosas. Eu no atendimento ao público, Túlio no caixa e Samantha na fritadeira. Fiz questão de mostrar a diversidade de dentro para fora contratando um negro e uma trans.

— Ai, meu Deus, *tá* na hora! — Balanço os braços para frente, ansiosa.

— Arrasa, meu amor! — André sorri e deixa um beijo na minha testa. — Meus avós não vão conseguir vir por causa da idade, mas Gina, Rô, Francine, Ramon e Lorenzo estão a caminho com as crianças.

— Francine? — Franço a testa, intrigada.

— A Rô vai te contar melhor quando chegar, mas, finalmente, abriu o jogo para a família e assumiu o namoro.

— Até que enfim! Que notícia maravilhosa — comemoro, feliz pelo seu relacionamento com a amiga do Ministério Público que nos ajudou a recuperar Joel em segurança.

— Estou muito feliz também, ela merece. Passou tanto tempo com medo de falar e acabou que todo mundo aceitou numa boa — André explica e pega o celular que está vibrando no bolso. — Falando no diabo, eles devem estar chegando. Assim que a tropa entrar, vou deixar os panfletos com eles e vamos distribuir para o público.

— Vocês são os melhores, obrigada!

Espero que a iniciativa dê certo para que eu possa expandir franquias em todo país e quem sabe até no exterior. A ideia é que, com o tempo, o aplicativo se transforme em um projeto ainda maior com cursos, palestras e eventos espalhados pelo país.

Antes, o meu desejo era fazer do *food truck* a minha renda. Agora, é

infinitamente maior que isso.

É a minha missão.



— Mãe, corre aqui *pra* ver. O quadro lotou de mensagens! — Tiro o avental e saio do veículo, com pressa.

O festival acabou faz cerca de vinte minutos e o público está se dispersando para ir embora.

— Uau! — comemoro, emocionada, assim que avisto o resultado. — Que lindo!

Paz, igualdade, amor, respeito, empatia, luz... o quadro está repleto de mensagens positivas. Abraço Joel pelos ombros e nos aproximamos para ler melhor.

— Esse aqui foi eu quem colocou! — Ele aponta para a palavra “lar” e meu coração salta no peito. — Eu desejo que todas as pessoas do mundo tenham um lugar feliz para viver como eu.

— Amém, meu amor!

Graças a Deus, a adoção do Joel foi concretizada quando eu estava no sexto mês de gestação. Já não estava aguentando mais passar os dias sem conviver com meu garotinho perspicaz e inteligente. O vídeo que viralizou e a falta de interesse na adoção de adolescentes foram fatores cruciais que me ajudaram a conseguir de forma rápida uma resposta.

No seu novo registro civil, consta o nome Joel Santana Ribeiro. Nosso filho!

— Ihhh, olha lá, Vitória. A mamãe e o irmão estão comemorando sem nós.

Viro para o lado e a cena aquece ainda mais meu peito. André segura nossa bebê de sete meses na parte da frente do corpo com a ajuda de um sling. Se ele não fosse tão bonito e perfeito, eu até brigaria pela menina não ter um traço sequer meu. É a cara dele! Suas pernas e braços gordinhos se remexem animados na nossa direção.

Joel, como sempre, corre para o lado dela imediatamente. Eles têm uma ligação linda e muito carinhosa. Não vejo a hora de aumentar a criançada em casa.

— Jamais, o irmão nunca esquece a Vi! *Né, Vi?* — fala, com a voz infantil me fazendo sorrir.

Escolhemos Vitória pela representatividade do nome, tanto na questão da endometriose como por tudo que passamos para chegar até aqui. Minha pequena é a esperança de dias ainda mais cheios de alegria para a minha família.

Apesar de nascer prematura, a gravidez transcorreu sem grandes percalços. O que me ajudou a evitar estresse e possíveis problemas foi o fato de a adoção estar correndo bem e do trio ser preso nos Estados Unidos.

Benício, Oliver e Beatriz foram sentenciados a quatro anos de prisão por sonegação fiscal e uma multa milionária em dólar. Lorenzo estava certo quando disse que eles gostam de dar exemplo, pois não aceitaram nenhuma proposta feita pelo advogado, nem a de transferência para cumprir a pena no país de origem.

Por aqui, continuamos investigando mais sobre o que exatamente fizeram contra Carter. Ainda não encontramos provas que os incriminem, mas não vamos desistir. André está focado, inclusive, em descobrir quem é a mulher por quem seu amigo foi apaixonado. Ele faz questão de conhecê-la e compartilhar uma parte da herança com ela também.

— Foi um sucesso, linda, não disse?! — Meu marido estica o braço e acaricia meu rosto cansado de quatro horas de trabalho intenso.

— *Né?! Ainda estou perplexa!* Depois da tradicional coxinha de frango e a de frango com catupiry, as mais vendidas foram as da linha que fiz com a vó Tereza — compartilho, cheia de empolgação. — O pessoal amou o sabor da África!

A recepção foi infinitamente maior do que eu esperava para o primeiro dia de funcionamento. Minhas bochechas estão até doendo do tanto que sorri e conversei a tarde inteira com centenas de pessoas. Tivemos 412 cadastros no aplicativo.

412! Minha vontade é pular e gritar de euforia.

— Parabéns, estamos muito, muito, muito orgulhosos.

— Nada disso seria possível se você não estivesse comigo e apoiasse os meus sonhos. — Passo a mão no seu cabelo, aconchegando-me perto dele e das crianças. — Te amo! Amo demais vocês.

O tempo só tem feito nosso amor transbordar. Dizer “sim” e me casar com André foi a melhor escolha que já fiz na minha vida.

Com ela, eu ganhei a família que sempre ansiei ter.

BÔNUS 1

André



4 anos depois

— Até mais, Celso! — cumprimento o funcionário da guarita. — Tenha um bom plantão.

— Obrigado, senhor André. Ótimo final de semana com a família! Mande os meus parabéns para o Joel.

— Pode deixar, mando sim! — respondo, com um aceno animado e sigo até o carro.

Faz cinco anos que estou como *CEO* da Edutec e jamais deixei de ser gentil com todos os funcionários como fazia antes. Na verdade, estreitamos ainda mais os laços por aqui, depois que assumi de vez, e quem se sentia incomodado saiu. Alguns pediram demissão, outros como Tarso eu fiz questão de não manter por perto.

Acho que meu amigo está orgulhoso no céu pelo trabalho realizado.

Nesse tempo, com Lorenzo como meu vice-presidente, aumentamos 53% das unidades e criamos o Instituto Carter Brown para capacitação de jovens e adultos de baixa renda nas áreas mais pobres do Brasil. Hoje em dia, além do que fazíamos com os Jovens Aprendizes, oferecemos uma gama ainda maior de cursos gratuitos em parceria com outros centros educacionais.

Também implantamos um programa de diversidade para garantir que todas as filiais, franquias e o Instituto tenham funcionários negros, da comunidade LGBTQ+, deficientes e idosos. E não somente em cargos como faxineira e recepcionista, mas, especialmente, em vagas de gerência e

direção. Fiz questão de reformular nosso estatuto para que ninguém ganhe mais do que ninguém na mesma função por causa de sexo, cor da pele ou idade.

Entro no carro e coloco a pasta e a revista que estava segurando no banco do carona. Como um bom marido babão, passei hoje cedo na banca, assim que saiu a edição, e mostrei para Deus e o mundo a reportagem que fizeram com Gabriele.

Minha mulher também cresceu muito nestes últimos anos, conseguindo ampliar seu *food truck* para todos os estados. O aplicativo foi um sucesso tão grande que ganhou novos horizontes. Além de ser usado no seu negócio, o conteúdo é replicado em portais de notícias famosos, programas de rádio e até de TV.

O mais incrível de tudo é ver a sementinha plantada saindo da fase da informação e passando para a fase da ação.

Ela organizou uma associação beneficente de *food trucks* que está levando eventos culturais para os quatro cantos do Brasil. Parte da renda é revertida a projetos sociais previamente cadastrados nas cidades contempladas.

Temos trabalhado juntos também para reunir um grupo de empresários brasileiros, dos mais diversos tipos e portes, a fim de assinar um termo de compromisso com a diversidade. O objetivo é incentivá-los a usar o modelo da Edutec e da **Conhexinha** nos seus negócios. O complexo de saúde que Gabi trabalha até hoje foi o primeiro a aderir.

A última iniciativa que implantei, usando a herança que Carter deixou para mim, foi criar um fundo de auxílio para famílias que tiveram entes queridos mortos injustamente em manifestações ou confrontos policiais. O dinheiro é repassado por meio de uma ONG que também está recebendo denúncias sobre qualquer informação a respeito desses crimes.

Meu maior desejo é que todos os dois mil membros do grupo de ódio do Vicente, e outras centenas de pessoas que devem estar espalhados por aí,

se sentindo intocáveis, paguem pelo que semeiam.

Gabi e eu seguiremos firmes, lutando por justiça e trabalhando para levar mais respeito à humanidade. Como bem disse o sábio Nelson Mandela, se alguns podem aprender odiar, podemos ensinar outros tantos a amar.



Adoro quando a casa está cheia de falatório e gente para todo lado. Estamos comemorando a aprovação do Joel na universidade federal de Direito. Meu menino é só orgulho! Escolheu essa profissão porque deseja ajudar crianças que sofreram descaso na infância como ele.

Gabriele está radiante também, mas ainda não se conformou que o filho completou 18 anos, vai se mudar e tem uma namorada. O seu ciúme sempre me garante boas gargalhadas.

— Eles podiam se desgrudar um pouco, *né?* — reclama comigo, enquanto coloca mais coxinhas na mesa. — Amanhã cedo já viaja e nem deu atenção *pra* mãe.

— Meu amor, Joel passou a semana inteira grudado na sua asa.

— Pois hoje é um novo dia, tinha que ficar comigo as últimas horas também.

Deixo um beijo na sua carranca brava e saio rindo com três copos de suco nas mãos. Entrego um para Vitória e os outros dois para seus irmãos mais velhos. Carol e Emerson são gêmeos de oito anos que chegaram à nossa família ano passado.

— Obrigado, papai — eles agradecem e fazem meu coração pulsar ainda mais pleno.

Não importa quantas vezes já tenha ouvido a palavra, é sempre uma emoção diferente ser chamado dessa forma. Eu não fazia ideia antes de como a paternidade seria crucial na minha vida.

Gosto tanto que já estamos na fila para mais uma adoção. Desta vez, nosso foco é um menino negro de onze anos com Síndrome de Down. Gabi e eu não vemos a hora da papelada ser liberada.

Abaixo para fazer um carinho no pelo da Honey e do Sheik e atravesso o jardim para perguntar se o seu José quer alguma coisa. Como sempre, está sentado no banco que instalamos perto da piscina, isolado. Ele veio morar com a gente há alguns anos, mas é como se nunca estivesse aqui.

— O senhor está com fome? Posso trazer um pratinho de salgado.

— Não estou, obrigado.

Não sinto mais que o pai da minha mulher tenha antipatia comigo por causa da cor. O seu problema é a tristeza profunda e a culpa que o assolam desde que descobriu a verdade do seu passado e recebeu a notícia da morte do Tiago.

Foi logo depois da inauguração do primeiro *food truck* da Gabi. A polícia conseguiu prender figurões que faziam parte do grupo de ódio e o pessoal não perdoou o delator, não. Ele ficou preso por meses junto com negros e acabou morto pela sua própria gente.

— Se precisar, é só chamar. — Dou um tapinha no seu ombro e recebo um “tá” fraco como resposta.

Atravesso o jardim de volta com o coração ainda mais agradecido por ter ouvido Carter e por ter tido tantas pessoas especiais no meu caminho garantindo que nunca desviasse do meu norte.

Todas estão aqui hoje e são muito presentes na minha vida. Além da Gabi e dos meus filhos, posso contar com meus avós, o Ramon, a Rô, o Lorenzo, a Gina e, mais recentemente, a Francine e a Rosana.

Rosana foi a mulher por quem Carter foi apaixonado quando veio morar no Brasil. Depois de muita investigação do Lorenzo e conversas com funcionários que tinham trabalhado no início da Edutec, consegui achá-la no Piauí.

Foi um encontro emocionante, como se por meio dela eu pudesse encerrar um ciclo importante da vida do Carter. Convidei-a para cuidar do Instituto comigo em São Paulo e ela topou na mesma hora. Separada e com filhos criados, nada a impedia de honrar a memória do único homem que amou de verdade. Temos nos tornado grandes amigos, desde então.

A raiva que eu senti, ao descobrir que foi por culpa da ambição do Benício que os dois não puderam ficar juntos, me fez jogar pesado na busca por respostas. Estávamos há anos tentando achar algo para incriminá-los e não encontramos nada.

Agi pelo jeito torto.

Primeiro, eu paguei um informante dentro da cadeia para ameaçar Carlos, o braço direito do Vicente que tinha sido preso e nunca abriu o bico. É claro que eu não iria fazer nada que prejudicasse alguém, mas ele não sabia disso. Lorenzo levantou a ficha do homem e encontrou a família dele escondida em uma cidadezinha do interior. Mandamos fotos e um pedido nada sutil para que nos desse o que queríamos, se não...

Pouco tempo depois, eu tinha uma imagem de celular da conversa entre Oliver e Vicente armando minha morte.

Assim que isso foi resolvido, peguei o avião e fui aos Estados Unidos na cadeia feminina que Beatriz foi detida. O contato na polícia que o amigo do Lorenzo tem conseguiu que eu tivesse cinco minutos de conversa com ela.

Para pegar o peixe grande, às vezes, você precisa abrir mão dos pequenos que fismam a isca. Foi um papo curto e grosso para mostrar a prova contra o seu filho e para fazer uma proposta.

Eu disse que nunca iria desistir de acabar com eles, então, era a hora dela fazer uma escolha que iria poupá-la de afundar com o amante. Sugeri que abrisse o jogo e denunciasse Benício, em troca disso, iria receber uma boa quantia em dinheiro para sumir do mapa assim que sua pena acabasse.

Mexer com gente ambiciosa é *foda*. Não há escrúpulos quando o que está em jogo é o seu bem próprio. Beatriz nem chegou a titubear. Falida após tantos processos, aceitou minha proposta e contou tudo que Benício fez para chegar a COO da Edutec — de fraudes com prestadores de serviços da empresa a assassinato.

Por um instante, eu pensei que fosse perder meu norte quando a mulher confessou que Carter foi envenenado e que Janete ajudou entregando morangos com excesso de agrotóxicos todos esses anos.

Porra, foi... devastador.

Respirei fundo e corri atrás para colocar Benício e Oliver atrás das grades. Graças ao material que Carter deixou estocado para garantir a mudança no testamento, conseguimos provar por meio do exame de colinesterase o seu grau de exposição a produtos tóxicos.

Juntando isso ao depoimento da Beatriz e da Janete, que apavorada confirmou o crime, meu amigo recebeu a justiça merecida. Benício foi preso por homicídio qualificado e Oliver por tentativa de homicídio a mim. Ambos por motivo torpe, o que agrava a pena.

Desde que terminaram de cumprir a sentença nos Estados Unidos, pai e filho estão largados na prisão aqui do Brasil sem recursos e com a imagem destruída pela mídia.

— Pai, vai lá dar uns beijinhos na mãe *pra* ela melhorar o bico pelo amor de Deus! — Joel me tira dos devaneios ao chegar me cutucando, divertido.

— Os beijinhos que ela quer são os seus. — Bato nas suas costas, dando de ombros, e rindo. — Estou sendo ignorado desde cedo de tão

apreensiva que está por não te ter mais em casa a partir de amanhã. Acho bom você ligar todos os dias, viu, rapaz, senão eu e seus irmãos iremos surtar aqui.

— Pode deixar, vou quebrar esse galho *pra* vocês. — Sua gargalhada reverbera no meu peito e alcança meu coração ao perceber o olhar carinhoso procurando Gabi. — Sabe, eu brinco, mas também não consigo ficar sem isso. Vou morrer de saudade, pai.

— “Voe por todo mar e volte aqui” — canto um trequinho da música do Jota Quest, emocionado. — Agora você está ganhando suas asas, mas nunca se esqueça das suas raízes. Eu e sua mãe sempre, sempre, meu filho, estaremos de braços abertos *pra* você.

— Obrigado por não desistirem de mim e me darem tanto amor. — Ele me abraça e faz as lágrimas escorrerem no meu rosto. — Eu com certeza não seria o que sou hoje se não fosse por vocês.

— Nós também não seríamos os mesmos sem você, Joel. — Acaricio seu cabelo e o aperto mais firme nos meus braços. — Se tem alguém para agradecer, esse alguém sou eu.

O André de cinco anos atrás era um homem bom, honesto e trabalhador, mas era também incompleto. Quando atropelou aquele garotinho assustado, o que parecia ser o pior pesadelo de todos, acabou se tornando o melhor dos sonhos.

Apesar de toda dor que enfrentamos para chegar até aqui, cada segundo valeu a pena.

A felicidade pousou e fez morada de vez no meu peito, tanto por causa da família linda que eu construí, como por saber que estou fazendo a diferença como meus pais tentaram um dia.

BÔNUS 2

Gabriele



2 anos e três meses depois

Olho meu reflexo no espelho e tenho orgulho da Gabriele que vejo: uma mulher forte de 37 anos, empresária de sucesso, esposa e mãe de cinco filhos. Sorrio para mim mesma e termino de passar o batom vermelho que escolhi para comemorar minhas Bodas de Lã.

Dizem por aí que nenhum casal escapa da crise dos sete. Pela primeira experiência, tenho que concordar que não foi nada agradável, contudo, com André não consigo imaginar como é possível esfriar algo que nunca perdeu a combustão.

Claro que, como todo mundo que passa tanto tempo com alguém, nós temos os momentos de brigas e desentendimentos, porém, nunca foi significativo o suficiente para durar mais do que poucas horas.

Acredito que os desafios que enfrentamos juntos no começo do relacionamento fortaleceram tanto o nosso amor, que agora o resto fica pequeno demais para estragar o que construímos.

Ao invés de ser um empecilho, nossa rotina nos une ainda mais.

Gostamos de trabalhar bastante, o que naturalmente traz também o cansaço. Ao chegar em casa, nos deparamos com um parque de diversões espalhado pelo chão e barulheira de criança. Por muitas vezes, mal conseguimos ter uma noite de sono tranquilo na semana.

A diferença é que fazemos o que amamos e o resultado do nosso esforço compensa qualquer olheira. Nossa família foi uma escolha desejada e

muito amada. Ficar com os filhos e entrar na farra é a melhor parte.

Apesar da correria, em nenhum momento a chama se apagou entre nós. Seja no toque sutil, no olhar ou na cama, há um ímã poderoso que nos magnetiza um para o outro.

Isso me faz ter certeza de que sete é apenas um número, que espero ser multiplicado por muitos anos que ainda virão pela frente.

Saio do banheiro arrumada e estranho o quarto vazio e silencioso. Logo um sorriso bobo nasce nos meus lábios ao avistar um copo de café e um bilhete na escrivaninha próxima à cama.

Todo aniversário de casamento, meu marido deixa em algum momento do dia um copo de café para mim a fim de recordar como nos conhecemos.

Desdobro o bilhete com o coração batendo acelerado. Sim, ele ainda tem esse poder sobre mim até hoje.

Gabi,

Enquanto remarmos juntos o barco, somos capazes de enfrentar qualquer correnteza. Te espero na praia para a nossa celebração.

Te amo hoje e sempre.

Eu já tinha achado o máximo viajar para o Nordeste a sós com meu marido por três dias, mas pelo jeito ele tem mais surpresas em mente. Tomo um gole do café para acalmar meu peito agitado e saio apressada do quarto. Estamos hospedados em um hotel lindo de frente para o mar.

Não demora nada para seu corpo alto e musculoso ganhar toda minha atenção. Arfo, salivando com a imagem. André está de tirar o fôlego usando bermuda e uma regata brancas, com as ondas batendo nos seus pés descalços. As tatuagens pelo seu corpo o deixam ainda mais sexy.

Eu tenho muita sorte, meu Deus.

— Você está linda, meu amor — ele elogia, quando me aproximo e me entrega um rosa que escondia nas costas. — Feliz sete anos!

— Feliz sete anos tentando achar defeito em você e falhando miseravelmente. — Subo a mão devagar pelo seu braço até alcançar a veia do pescoço. — Meu homem. Meu amigo. Meu parceiro.

O olhar penetrante que recebo em resposta só me faz amá-lo ainda mais. Chego bem perto da sua boca levemente entreaberta sentindo nossa respiração quente se misturar.

— *Porra*, desse jeito eu vou desistir do veleiro e comemorar na encosta da praia mesmo — André sussurra na minha boca, pegando minha cintura com suas mãos fortes.

— Veleiro? — pergunto, animada. — Nós vamos passear agora à noite?

— Vamos dormir, linda, atracados em uma praia deserta, sob a luz das estrelas e debaixo de águas cristalinas.

— Ah, meu Deus! — Quase dou um pulinho de empolgação. — Não acredito.

Fiquei tão fissurada ao ver meu marido que nem reparei na embarcação charmosa logo à minha frente. É daquele modelo clássico, feito de madeira.

— O senhor Sinésio vai nos deixar na praia, a cerca de uma hora daqui, e irá retornar em uma lancha com seu filho — conta e se aproxima do meu ouvido. — Não quero nada nem ninguém nos atrapalhando. Você é toda minha até amanhã depois do almoço, loira.

Engulo em seco, antecipando o frenesi só por imaginar o quanto iremos aproveitar.

— Como eu tinha dito: marido perfeito! — Mordo os lábios e o encaro, cheia de desejo.

— É melhor a gente ir logo! — Ele respira fundo e pega minha mão, acenando para um homem que acredito ser o tal Sinésio.

Assim que embarcamos, sou tomada novamente pela surpresa ao ver uma mesa, posta à luz de velas, próximo à proa. Há um balde com vinho, pétalas de rosa espalhadas nos bancos e um porta-retrato do dia do nosso casamento.

Emocionada, caminho até lá e pego a foto relembrando com saudosismo dos votos feitos na Pousada Cerejeiras, da Mag e do Sabathiel. Foi uma cerimônia pequena e maravilhosa, ainda mais pela barriguinha linda que eu ostentava.

— Gratidão é uma palavra pequena demais para agradecer a dádiva que é ter você comigo — declaro, com a voz embargada.

Abraço André e ele arqueja baixinho quando o aperto mais forte para o consumir no calor dos meus braços. As batidas erráticas do seu coração, que se misturam às minhas, se torna a melodia mais linda que já ouvi.



Jantamos rindo e relembrando os melhores momentos dos nossos sete anos juntos durante o trajeto até a praia deserta que André escolheu. O barulho gostoso das ondas batendo no casco do veleiro, o céu maravilhoso que resolveu nos agraciar esta noite e a companhia incrível faz com que o sorriso não saia do meu rosto.

Estou radiante, inebriada de tanto amor.

— Quer dar um mergulho? — Inspiro mais pesado quando dedos habilidosos contornam o decote do meu vestido em uma súplica tentadora. — Você aproveita e tira sua roupa agora para colocar só amanhã. Te quero nua para o desfrute dos meus olhos o tempo inteiro.

Encaro sua íris castanha e labaredas de fogo parecem cintilar em volta. Sempre me surpreendo como, só com o olhar, temos a capacidade de criar essa conexão única, que me excita e me emociona ao mesmo tempo.

— Só se você também ficar nu *pra* mim até amanhã, sendo meu banquete preferido da nossa festa — digo, fitando-o descaradamente dos pés à cabeça.

— Nem precisava pedir, linda.

André se afasta apenas um passo para trás e quase me deixa sem conseguir respirar quando arranca a regata e a bermuda, levando a cueca junto. Por mais que o tenha visto assim por centenas de vezes, ainda me pego admirada.

Meu marido é um espetáculo de homem, tanto por fora como por dentro.

— Deixa que eu tiro o seu vestido — avisa, provocando um turbilhão no meu peito.

Ao contrário da tempestuosidade que tirou a sua roupa, comigo o processo é sensual. Ele se agacha e começa a subir os dedos pela minha panturrilha, fazendo tanto sua pele como a leveza do tecido ouriçarem meus pelos.

André captura meu olhar e contorna cada uma das minhas curvas lentamente, entreabrindo meus lábios e causando murmúrios sem sentido. Oh... como ele é bom nisso, Senhor...

— Eu poderia gozar só por te ver assim — confessa, com a voz rouca. — Amo como você responde a mim tão instintivamente, como se entrega,

Gabriele.

— Seu toque, seu cheiro, seu olhar... me desarma inteira. Não resisto a você, amor.

Algo na frase o faz ficar mais selvagem, mais sedento. Os dedos delicados dão lugar a um aperto firme que se afunda na minha pele. A calcinha some como em um passe de mágica e logo ele me ataca, decidido e sem vacilar.

— An... dré — gemo alto seu nome ao sentir sua boca macia alcançar meu ponto sensível.

Apoio uma das mãos na beirada do veleiro para conseguir me manter em pé e a outra uso para segurar o vestido embolado na minha cintura.

— A sua boceta rosada e melada me deixa sem conseguir raciocinar, mulher — ele rosna, cheirando-me com furor. — Eu... eu me sinto descontrolado na melhor definição da palavra.

Meu marido levanta uma das minhas pernas até o seu ombro e enfia sua língua grande dentro de mim. Contorço meu corpo, esfregando-me nele em busca de alívio, e todo seu rosto me ataca com prazer.

Acho que não existe no mundo homem que chupe melhor do que esse. Ele faz com vontade, usando tudo de si para me tirar do eixo.

Jogo a cabeça para trás e finco minha unha na madeira do veleiro. Quero infiltrar meus dedos no seu cabelo e fundi-lo ainda mais em mim, mas tenho medo de me mexer, perder o equilíbrio e estragar a grandiosidade deste momento.

Sou venerada, cheirada, engolida, tocada de todas as formas. Depois de se esbaldar, meu marido dá o golpe final atingindo meu clitóris.

André é guloso, intenso, o rei da velocidade. Meu coração dá golpes poderosos contra a caixa torácica.

— Am... amo... amor... — Rebolo mais rápido, arqueando o quadril para frente.

Percebendo que estou prestes a gozar, André capricha ainda e literalmente me come com sua boca. Choramingo em desespero, completamente entregue.

— Esquece o mergulho, por enquanto. — Pisco, atônita com a imagem da sua boca lambuzada na altura dos meus olhos. — Preciso de você sentada no meu pau, engolindo-o com essa boceta gostosa.

Mal tenho tempo de me recompor e sou tomada nos seus braços. André enlaça minhas pernas na sua cintura e me leva até a parte mais alta do casco, que tem um espaço perfeito para me deitar.

Assim que a madeira fria toca minhas costas, ele tira meu vestido, morde meu queixo e mergulha sua língua atrevida e impaciente nos meus lábios. Adoro beijá-lo com o gosto da minha excitação impregnada nele.

Arranho minha unha nas suas costas largas e o trago mais para frente, molhada de novo sem nenhum esforço. Duelamos em um confronto de mãos ávidas, peles com suor buscando uma à outra.

Cada milímetro venerado me causa um arrepio ainda maior. Somos fogo e doçura. Perigo e fascinação.

— Olha o que você faz comigo. — André se afasta quando não conseguimos mais respirar e aperta o pau completamente duro nas mãos. A ponta do dedo espalha o líquido pré-ejaculatório pela glândula me fazendo lamber os beijos. Quero chupá-lo, quero me acabar nele. — Eu sei que você quer, eu ia amar, mas agora tenho urgência da sua boceta quente. A noite só está começando, linda.

Sorrindo, safada, troco nossas posições e o deixo deitado de frente para mim. Subo no seu colo e pego o seu membro rijo para esfregar a cabecinha na minha entrada que suplica por engoli-lo.

— E olha o que você faz comigo! Nem me recuperei do outro orgasmo e já estou ensopada te querendo de novo.

— *Caralho*, Gabriele!

Em uma arremetida, ele entra deslizando. Fundo.

André bate na minha bunda, inclina o corpo para abocanhar meu seio e não é nenhum um pouco delicado ao me comer com força ao som de sussurros entrecortados. Quando já estou perdida em sensações, arfo, deixando escapar um gemido mais alto, e apoio as duas mãos no seu peito para poder cavalgar no meu macho. Nossa química é tão avassaladora que me sinto como uma fêmea no cio.

Desço devagar, quico rápido, rebolo usando todo meu quadril. Repito os movimentos com ainda mais tesão ao ver de camarote meu homem rendido ao prazer, com a boca entreaberta, os olhos arregalados, as mãos desesperadas sem saber ao certo onde tocar.

— Me preenche, amor — sussurro no seu ouvido e mordisco a orelha, aumentando a intensidade da minha sentada.

— Eu queria poder fazer um quadro deste momento. — Sua voz sai baixa, carregada de luxúria. — Quando estamos chegando ao ápice juntos, você se torna a imagem mais linda do mundo com o rosto corado, os cabelos revoltos e os lábios inchados. Eu te amo, Gabriele.

A declaração me faz tremer sobre ele. Volto a buscar sua boca e, enquanto nos perdemos em um orgasmo alucinante, uma lágrima solitária escorre do meu rosto trazendo uma verdade incontestável.

Nada será páreo para nós. Nunca.

Nenhum preconceito, nenhuma perda, nenhum ódio.

É impossível destruir um amor tão extraordinário quanto o nosso.

Fim

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu quero agradecer de coração a você que chegou até aqui. Nenhum livro faz sentido sem leitores. Agradeço a Deus pelo dom da vida e à minha família maravilhosa que sempre me apoia: meu marido Ednelson; meus filhos, Arthur e Matheus; meu pai, José Batista; minha mãe, Lúcia; e minha irmã, Pollyana.

Também agradeço a Danielle Barreto, minha beta e amiga maravilhosa que sempre deixa as histórias melhores; a Barbara Pinheiro, minha revisora linda, que desta vez não matei com prazos loucos; e às autoras que tanto amo do grupo CLAV.

Obrigada também ao Celso Ronald, professor que gentilmente cedeu seu tempo para me explicar com riqueza de detalhes o processo do racismo no Brasil, e o advogado Marcelo Campos, meu tio, por sempre esclarecer minhas dúvidas.

Agradeço ainda o carinho das leitoras incríveis que fazem parte do grupo Lindezas da Ari no WhatsApp e no Facebook; e as que me acompanham pelo Instagram e no Wattpad. Obrigada por serem as melhores leitoras que um escritor poderia ter.

Termino este livro com o coração quentinho por ter aprendido tanto com André e Gabriele. Prove foi um ensinamento para mim também sobre o racismo e como precisamos agir para mudar essa realidade.

Embora a gente tente fingir que não, o preconceito racial ainda é muito presente no nosso dia a dia - seja em um olhar atravessado ou em organizações que pregam a supremacia branca. Parece exagero da minha parte, mas acredite, elas existem até piores do que foi retratado no livro.

Espero que a leitura tenha tocado você de alguma forma a refletir mais sobre isso.

CROSSOVER

Se você gostou da participação de Sabathiel, Mag e Liz neste enredo, pode conhecer a história deles no conto Cupido estagiário.



SINOPSE

Santo Antônio não estava mais aguentando ser colocado na geladeira, no copo de cachaça ou ficar virado para a parede. Desesperado com o número elevado de pessoas fazendo simpatias para conseguir um amor — e na criatividade espantosa dos humanos —, ele organiza um concurso e convoca os anjos do céu para serem seus estagiários, durante um mês.

Animado com a possibilidade de ter um pedido realizado, caso vencer, Sabathiel aceita o desafio e é enviado para uma cidade do interior de São Paulo. Lá, ele conhece Liz, uma garotinha esperta que cria um aplicativo para encontrar o par perfeito e o faz disparar no ranking do cupidômetro.

Entre uma missão e outra, muitos copos de café e conversas animadas, a última coisa que o anjo esperava era se encantar pela mãe da sua nova ajudante e ele mesmo experimentar, pela primeira vez, este sentimento tão intenso que os humanos buscam incansavelmente.

SOBRE A AUTORA

Meu nome é Arianne Fonseca, mas pode me chamar de Ari. Moro em Taubaté (SP), com dois filhos e o marido. Tenho 31 anos, sou formada em Jornalismo e pós-graduada em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais. Apaixonada por livros desde criança, decidi em 2017 criar minhas próprias histórias no Wattpad e não parei mais.

Livros

- Infinito enquanto dure
- Não te darei meu coração
- Transcendente – Pra você guardei o amor
- Antes da última respiração
- Inspire | Série Sentidos 1
- Veja | Série Sentidos 2
- Ouça | Série Sentidos 3
- Prove | Série Sentidos 4

Contos

- Não tenha medo
- Sem ar
- Minha lista de desejos
- Cupido estagiário

Saiba mais

www.autoraarianefonseca.com.br

www.instagram.com/arianefonseca

www.wattpad.com/arifonseca